



*alejandro* JODOROWSKI  
PSICOMAGIA

  
DEVIR LIVRARIA

PSICOMAGIA

 DEVIR LIVRARIA

Fantasia

Jodorowsky

## PSICOMAGIA

*Psicomagia* é o documento mais completo sobre a evolução da obra criativa e terapêutica de Alejandro Jodorowsky e inclui a versão integral do texto que [fundamenta a compreensão] da psicomagia. O autor mostra o caminho que percorreu até chegar a ela, desde seus primeiros atos poéticos e teatrais até o aprendizado sobre o controle do mundo onírico. Essas etapas imprescindíveis, acrescidas do conhecimento que os mestres, curandeiros e xamãs lhe transmitiram, estão na origem de suas técnicas de cura, conhecidas como psicomagia e psicogenealogia. O livro também traz ao leitor uma entrevista recente com Jodorowsky na qual ele fala sobre a morte, o destino, as religiões, a clonagem humana, a maneira como ele vê o futuro da humanidade ou a necessidade da abertura da mente. O volume contém um curso com exercícios nos quais o autor demonstra como nossa criatividade pode ser desenvolvida e utilizada para nos libertar dos condicionamentos e idéias preconcebidas, e ainda um apêndice com doze casos psiquiátricos reais, cujos pacientes foram curados pelos atos de psicomagia prescritos.

## CRÉDITOS

Copyright © 2009 Alejandro Jodorowsky  
Título Original Psicomagia  
Coordenação Editorial Douglas Quinta Reis  
Tradução Sueli Farah  
Ilustração da Capa Benson Shin  
Preparação Douglas Quinta Reis  
Editoração Eletrônica Tino Chagas  
Revisão das Provas Douglas Quinta Reis

DEV333032

1ª Edição : publicado em junho/2009

ISBN 978-85-7532-378-6

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Jodorowski, Alejandro, 1929-\_\_\_\_\_

Psicomagia / Alejandro Jodorowsky; [tradução Sueli Farah]. – São Paulo: Devir, 2009.

Título original: Psicomagia.

1. Ciências ocultas 2. Cura 3. Magia 4. Magia – Uso terapêutico I. Título.

09-05361

CDD-133

---

Índice opara catálogo sistemático

1. Psicomagia : Parapsicologia 133

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9610 de 19/02/1998. É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meios existentes ou que venham a ser criados no futuro sem autorização prévia, por escrito, da editora.

Todos os direitos desta edição reservados a

**Brasil**  
Rua Teodureto Souto 624  
Cambuci  
CEP 01539-000 – São Paulo – SP  
Fone: (0xx) 11 2127-8787  
Fax: (0xx) 11 2127-8758  
E-mail: rpgnovo@devir.com.br

**DEVIR LIVRARIA**

**Portugal**  
Pólo Industrial Brejos de Carreteiros  
Armazém 4, Escritório 2  
Olhos de Água  
2950-554 – Palmela  
Fone: 212-139445  
Fax: 212-139449  
email: devir@devir.pt

visite nosso site: [www.devir.com](http://www.devir.com)

“Há livros que logo se tornam imprescindíveis pela sua capacidade de sacudir a poeira das idéias reinantes e de abrir horizontes. Os textos aqui reunidos têm essa qualidade: a de abordar velhos problemas sob uma perspectiva jamais concebida como possível.”

El Mundo

## Sumário

### Prólogo

Alejandro Jodorowsky 09

### Psicomagia. Esboços de uma terapia pânica

Nota preliminar (Gilles Farcet) 17

O ato poético 25

O ato teatral 39

O ato onírico 63

O ato mágico 89

O ato psicomágico 119

Alguns atos psicomágicos 131

Breve epistolário psicomágico 139

A imaginação no poder 165

### Lições para mutantes

Nota preliminar (Javier Esteban) 169

Chaves da alma 173

A estrela da vida 193

Ponte invisível 203

Visões 217

A arte de curar	229
Entender a vida	239
<b>Curso rápido de criatividade</b>	
Introdução	247
Exercícios de imaginação	255
Técnicas de imaginação	271
Aplicações terapêuticas	275
<b>Apêndice. A psicomagia: poesia aplicada ao tratamento da loucura</b>	
Martín Bakero	279
<b>Sobre o autor</b>	295

## Prólogo

Os vários anos em que vivi na capital mexicana deram-me a oportunidade de estudar os métodos daqueles a quem é costume dar o nome de “bruxos” ou “curandeiros”. Existem legiões deles. Cada bairro tem o seu. Em pleno coração da cidade, vê-se o grande mercado de Sonora, no qual se vende exclusivamente artigos mágicos: velas coloridas, peixes dissecados em forma de diabo, imagens de santos, plantas medicinais, sabonetes benzidos, tarôs, amuletos, esculturas em gesso da Virgem de Guadalupe em forma de esqueleto, etc. Em recintos escondidos na sombra, mulheres com um triângulo pintado na testa espargem água benta com maços de ervas para limpar o corpo e a aura daqueles que as procuram... Os médicos profissionais, filhos diletos da academia, abominam essas práticas. Para eles, a medicina é uma ciência. Fazendo força para não serem diferentes dos outros, pretendem saber exatamente qual é o remédio ideal para cada doença. Querem que a medicina seja uma só, oficial, sem improvisações, aplicada a pacientes que são tratados apenas como corpos. Nenhum deles se propõe a curar a alma. Para os curandeiros, porém, a medicina é uma arte.

Para eles, é mais fácil compreender a linguagem onírica do que a racional. De certo ponto de vista, as doenças são sonhos, mensagens que revelam problemas não resolvidos. Os curandeiros desenvolvem técnicas pessoais muito criativas, cerimônias, feitiços, terapias estranhas tais como banhos de café com leite, infusões de parafusos enferrujados, compressas

de purê de batatas, pílulas de excremento animal ou ovos de traça. Uns são mais imaginativos ou talentosos que outros, mas, se consultados com fé, todos são úteis. Eles falam diretamente ao ser primitivo e supersticioso que cada cidadão tem dentro de si.

Vendo como esses terapeutas populares procediam, muitas vezes fazendo truques que passavam por milagres dignos de um grande prestidigitador, concebi a noção de “farsa sagrada”. Para que o extraordinário aconteça, é preciso que o doente, admitindo a existência do milagre, acredite firmemente que vai ficar curado. Para obter êxito, nos primeiros encontros, o bruxo se vê obrigado a empregar truques para que a pessoa se convença de que é o espírito que comanda a realidade material. Ofuscado pela farsa sagrada, o consulente pode então sofrer uma transformação interior que o leva a perceber o mundo mais com a intuição do que com a razão. Só então o verdadeiro milagre pode acontecer.

Naquela época, porém, eu me perguntava se, sem a farsa sagrada, essa terapia artística poderia curar uma pessoa descrente e, por outro lado, se um indivíduo cuja mente racional é predominante é sempre uma pessoa sem fé. A todo o momento o inconsciente ultrapassa os limites da nossa razão, seja através de sonhos ou de atos falhos. Se assim é, então será que não existe um modo de fazer com que nosso inconsciente atue voluntariamente como nosso aliado? Um incidente ocorrido num dos meus cursos de psicogenealogia apontou o caminho: no momento em que eu descrevia as causas da neurose do fracasso, um aluno, médico cirurgião, teve uma convulsão e caiu no chão com espasmos de dor. Parecia um ataque epilético. No meio do pânico geral, quando ninguém sabia o que fazer para ajudá-lo, me aproximei do afetado e, sem saber por que, com muito esforço, tirei a aliança de casamento do dedo anular da sua mão esquerda. Ele se acalmou na hora. Então eu percebi que, para o inconsciente, os objetos que trazemos conosco, assim como os que estão à nossa volta, fazem parte de sua linguagem. Assim como, ao colocar uma aliança, uma pessoa pode ficar presa, ao tirar essa mesma aliança, ela pode sentir alívio... Outra experiência foi muito reveladora: com seis meses de idade, meu filho Adán padecia de uma bronquite muito forte. Um amigo médico fitoterapeuta tinha lhe receitado umas gotas de óleo de essência de plantas. Valéria, minha ex-mulher e mãe de Adán, tinha que pingar trinta gotas em sua boca, três vezes ao dia. Pouco depois, ela começou a se queixar que o menino não melhorava. Eu disse a ela: “O que acontece é que você não acredita no remédio. Em que religião você foi criada?”. “Na católica, como toda mexicana!”. “Então vamos acrescentar fé a essas

gotas. Reze um pai-nosso toda vez que você der as gotas para ele”. Valéria assim o fez e Adán melhorou rapidamente.

Com muita prudência, comecei então, quando o consulente de tarô perguntava sobre a solução de um problema, a receitar atos do que eu passei a chamar de “psicomagia”. Por que não “magia”?

Para que a terapia primitiva funcione, o curandeiro, amparado pelo espírito supersticioso do paciente, deve cultivar um mistério, apresentar-se como detentor de poderes extra-humanos obtidos através de uma iniciação secreta que atrai aliados divinos e diabólicos que ajudam na cura. Os remédios que ele receita devem ser tomados sem que se conheça sua composição e os atos recomendados devem ser realizados sem que se saiba por quê. Em Psicomagia, ao invés da crença supersticiosa, nós precisamos da compreensão do consulente. Ele deve saber o por quê de cada uma de suas ações. De curandeiro, o psicomago passa a conselheiro: graças às suas receitas, o paciente se transforma em seu próprio curador.

Esta terapia não chegou para mim como uma iluminação repentina, mas foi se aperfeiçoando aos poucos, ao longo de muitos anos... No começo, parecia tão extravagante e tão pouco “científica” que só a pude experimentar com amigos e parentes... De vez em quando, eu fazia referência a ela em minhas conferências em Paris... Certa vez, recebi um convite do centro de estudos fundado pelo mestre espiritual Arnaud Desjardins. Informado a respeito de minhas buscas, ele me perguntou se eu poderia ajudar sua sogra, que padecia de um mal, um eczema na palma das mãos... Quando esta senhora me mostrou as mãos afetadas, tive a impressão de que o seu gesto parecia uma súplica, como se ela se sentisse excluída do casamento da filha. Diante da enferma, pedi ao Mestre e à sua esposa que cuspissem abundantemente sobre um monte de argila fresca, formando uma pasta que apliquei sobre o eczema. O mal desapareceu rapidamente.

Gilles Farcet, um jovem discípulo de Desjardins, seguindo o conselho do seu guia, procurou-me com o pretexto de uma entrevista para conhecer minhas estranhas teorias. Deste nosso encontro surgiu um pequeno livro em forma de biografia intitulado *A farsa sagrada*, que conquistou um bom número de leitores. Gilles, então, pediu-me uma explanação mais extensa de minhas ideias e, ao mesmo tempo, querendo comprovar seus efeitos, pediu-me um conselho de psicomagia para conseguir ser “um escritor profundamente espiritual”. Propus a ele que escrevesse um livro de entrevistas comigo que receberia o nome de *Psicomagia*, com o subtítulo *Esboços de uma terapia pânica*. Meu jovem amigo ficou em dúvida:

como não sabia nada sobre o tema, ele não se sentia em condições de me fazer perguntas interessantes. “É por isso mesmo que eu lhe receitei este ato. A ave do espírito tem que se libertar da jaula do racional. Para isso, nós temos que romper com a ordem lógica. Em vez de você me fazer perguntas e eu lhe dar respostas, eu antes vou lhe dar uma resposta e a sua pergunta vem depois... Quer dizer, o efeito virá antes da causa”, E assim o fizemos por dez horas seguidas, Farcet se sentou na minha frente com um gravador e eu fui dando respostas a perguntas que não existiam. Havia momentos em que meu jovem entrevistador chegava a dormir em cima do aparelho. Depois disso, Gilles separou o material de acordo com uma classificação e colocou perguntas para cada um dos segmentos. Como estava entrando num terreno desconhecido (ele dissera: “Não sei se a busca artística e a busca terapêutica são compatíveis”), ele redigiu as perguntas em um tom objetivo, e assim declarou: ‘Não sou um dos seus fiéis. Não escrevi este livro como aprendiz, e sim como amigo’. A isso se deve a saudável perplexidade que oponho às palavras dele, o que provoca o feliz efeito de o obrigar a fazer com que seu pensamento seja o mais claro possível”.

Quando, em Albin Michel, França, Marc de Smedt, o diretor da coleção *Espaços Livres*, aceitou publicar o livro, impôs a condição de que o título fosse mudado. “Ninguém conhece a palavra psicomagia. É melhor chamá-lo: *Le théâtre de la guérison, une thérapie panique*”.

O *Teatro da cura* surgiu em 1995. Despertou um interesse enorme. Recebi uma farta correspondência com solicitações de atos psicomágicos. Para desenvolver esta técnica, que até aquele momento fora praticada de modo exclusivamente intuitivo, decidi aceitar dois consulentes diários, de segunda a sexta, em sessões de uma hora e meia. Depois de conhecer suas árvores genealógicas — irmãos, pais, tios, avós e bisavós —, aconselhei atos mágicos que produziram resultados notáveis. Dessa maneira pude descobrir um certo número de leis que me permitiram ensinar esta arte a uma grande quantidade de alunos, muitos dos quais já eram terapeutas estabelecidos. Dei consultas particulares durante dois anos, no final dos quais comeci a escrever *A dança da realidade*. Gilles Farcet fez a sua carreira de escritor espiritual e hoje em dia é um nobre pai de família que conduz muitos espíritos desgarrados ao redil, árdua tarefa na qual colabora com Arnaud Desjardins.

Depois que a *Siruela* publicou *A dança da realidade* na Espanha, em 2001, graças às generosas entrevistas televisivas que Fernando Sánchez Drago fez comigo, a Psicomagia tornou-se conhecida do grande público.

Não faltaram entusiastas que, temerariamente, sem nunca terem feito uma atividade artística ou terapêutica honesta, tentaram praticá-la, oferecendo conselhos que, por incapacidade criativa, eram ingênuas imitações dos meus.

No ano de 2002, fiz uma conferência em Madri para um público de umas seiscentas pessoas de uma turma da universidade. Habilmente conduzidos pelo meu apresentador, o jovem professor Javier Esteban, os alunos me colocaram seus problemas e me pediram conselhos de psicomagia que dessem conta de dar uma solução para eles. No final do ato, Javier me presenteou com um exemplar do seu livro *Duermevela*, no qual descreve seus sonhos. (“Vou a uma loja onde milhares de enormes equipamentos de pesca estão à venda. O anzol chega à altura do meu joelho. O homem que me acompanha me ensina a pescar, mas diz que não é preciso nem vara, nem nada. Deixo tudo ali e atravessamos um bosque até chegar num rio. Os peixes saltam em nossas mãos.”) Considero que seus escritos têm um sentido de cura. Javier, por sua vez, expressa sua adesão às minhas idéias e me pede um encontro para poder me colocar as perguntas feitas pelos jovens, perguntas para as quais o atual sistema educacional não tem respostas. “Os alunos mudaram, mas, infelizmente, os professores ainda mantêm o mesmo padrão arcaico de pensamento”, ele me disse. Viaja a Paris e me interroga durante alguns dias. “Pense sem limitações, fale para os jovens mutantes”. E foi assim que nasceram a segunda e a terceira partes deste livro.

O apêndice, o testemunho de Martín Bakero, poeta e doutor em psicopatologia que assistiu um seminário meu em Santiago do Chile e depois viajou para Paris para aperfeiçoar sua compreensão sobre o meu trabalho, a ele cabe o mérito de ter aplicado a psicomagia na cura de doentes mentais. Graças a ele posso ter a esperança de que esta arte de curar seja empregada um dia como complemento à medicina oficial.

Alejandro Jodorowsky

Psicomagia, Esboços de uma terapia pânica  
(conversas com Gilles Farcet)

## Nota Preliminar

“Não sou um bêbado, mas também não sou um santo. Um feiticeiro não deveria ser um ‘santo’... Ele deveria descer tão baixo quanto um carrapato e subir tão alto quanto uma águia... Deve ser deus e diabo ao mesmo tempo. Ser um bom feiticeiro significa estar desabrigado no meio da tempestade. É viver a vida em todas as suas fases. Quer dizer ser um louco de vez em quando. Isso também é sagrado.”

Corzo Cojo  
(feiticeiro sioux da tribo lakota)

Certo dia, depois de uma longa temporada em sua biblioteca, tentando compreender o sentido profundo da psicomagia, perguntei a Alejandro Jodorowsky se ele pretendia prescrever um ato para mim. Ele me respondeu que o simples fato de construir este livro com ele já seria um ato suficientemente poderoso. Por que não?

Na verdade, Jodorowsky é ele próprio um ato psicomágico ambulante, um grande e definitivo personagem “pânico”, cujo contato provoca algumas fissuras na ordem de nosso universo aparentemente tão previsível.

Dramaturgo que, com seus cúmplices Arrabal e Topor, marcaram a história do teatro com o tão bem nomeado movimento “pânico”; realizador de filmes tão cultuados, como *El topo* ou *La montaña sagrada*, aos quais os norte-americanos — impagáveis — dedicam teses e ensaios competentes; escritor, roteirista de histórias em quadrinhos, nas quais se

deu ao luxo de trabalhar com nossos melhores desenhistas; pai atencioso de cinco filhos com os quais atualmente mantém uma matizada relação, Jodorowsky é hoje o tarólogo sem parâmetros cujas intuições têm deixado muita gente boquiaberta; é, acima de tudo, o frenético arlequim do Cabaré Místico<sup>1</sup> que, no momento em que o público parisiense não dá a menor importância a conferências, consegue lotar os auditórios através da melhor forma de publicidade: o boca-a-boca; mago internacional — interestelar, poderíamos dizer, sob a influência de Moebius — com ele têm se consultado estrelas do rock e artistas do mundo inteiro...

Este chileno de origem russa, radicado no México por muitos anos e agora enraizado na França, é um personagem que os romancistas de hoje, demasiadamente frios, não seriam capazes de criar, um ser que, sob todos os aspectos de sua multifacetada existência, sempre deu mais importância à imaginação do que ao poder.

Sua casa, uma sábia mistura de ordem e desordem, de organização e caos, é um espelho fiel do seu morador ou, simplesmente, da vida. Visitar este lugar repleto de livros, vídeos, brinquedos infantis, etc, é, por si só, uma experiência. Lá podemos topa com desenhistas como Moebius, Boucq ou Besse, assim como um gato ou uma mulher vinda de não se sabe onde e que parece estar cuidando da casa por um tempo... É um lugar poeticamente potente e de uma fabulosa concentração de energias que, no entanto, estão sob controle.

O que é preciso dizer é que trabalhar com um personagem pânico não é nada fácil. Isto porque, em primeiro lugar, Jodorowsky ignora planos, agendas e qualquer tipo de preliminares temporais que regem a vida dos terráqueos. Quando me propus a colocar no papel sua aventura psicomágica, compreendi que teria de me dedicar a esta tarefa em tempo integral. Com ele não há planos, prazos pré-determinados, encontros marcados: as coisas acontecem de momento. Tudo nele tem a propriedade da fulguração. Não que ele seja incapaz de se submeter a uma disciplina ou à observância de horários, muito pelo contrário; mas, no fim, aí reside um mistério: como este homem conseguia sair de nossos encontros de psicomagia para o trabalho de dirigir um filme com o título evocativo de *The rainbow thief* (*O ladrão do arco-íris*, 1990), uma filmagem de grande envergadura, domando monstros sagrados como Peter O'Toole, Omar

1. Há muitos anos, e sem nenhum alarde, todas as quartas-feiras, em Paris, Jodorowsky promove um evento, com uma conferência onde aborda questões terapêuticas. A entrada é livre e, semanalmente, o público é de quinhentas pessoas. Ao final de cada Cabaré Místico, alguns voluntários fazem uma coleta para o pagamento do aluguel da sala. Três dias antes da conferência, e sempre gratuitamente, Jodorowsky lê o Tarô para umas trinta pessoas. Estas, depois da leitura, como forma de pagamento, devem traçar com o indicador a palavra "obrigado" sobre as mãos de Alejandro.

Sharif ou Christopher Lee, impondo sua sensibilidade a produtores tão materialistas quanto inquietos e, por outro lado, não anotar nenhum dos seus próximos compromissos, aceitar em setembro uma conferência para março sem anotar o dia em uma agenda, razão pela qual, à medida que a data de sua intervenção se aproxima, as pessoas o procuram, com medo de que ele tenha se esquecido do compromisso e que desapareça em algum lugar do planeta?

Alejandro tem convicção de que a realidade é turbulenta e é por isso que ele é fascinante e cansativo e suas manifestações são sempre tão exageradas. Quando ele se vê diante de um público, rara é a vez que não o conduz ao limite. Este ser excepcional, tipicamente sul-americano, na intimidade, sabe ser a pessoa mais doce e humilde e, de repente, num abrir e fechar de olhos, pode se transformar numa ópera barroca semelhante a seus filmes, onde o grotesco compete com a seriedade e o obscuro com o sagrado. Jodorowsky está sempre no limite; dançando na fronteira sutil que separa a criação da provocação gratuita, a inovação do atentado selvagem ao bom gosto, a audácia da indecência... Moebius, o genial desenhista d'O Incal, familiarizado com seus métodos nos quinze anos de trabalho conjunto, vê nisto "a técnica que Alejandro usa para minar a resistência do universo..."

De qualquer maneira, com Jodorowsky, as coisas sempre acabam se arranjando, apesar dos colapsos nervosos que provoca em seus organizadores. Este homem tem uma capacidade única de revirar a realidade de tal modo que transforma uma situação de desastre em algo que se ajusta como uma luva.

Para ilustrar essa sua capacidade de provocar reviravoltas, operação para a qual convém estar preparado caso alguém se atreva a conviver com ele, mencionarei aqui uma anedota que retomaremos mais tarde, na pág. 92.

Nós tínhamos combinado de nos apresentar em uma feira na qual anualmente se encontram naturalistas, vendedores de banheiras borbulhantes, esotéricos de todo tipo, poetas da mãe natureza, editores e terapeutas alternativos... Teria sido um erro tático? O caso foi que, quando cheguei em Vincennes atrás do meu herói, encontrei-o totalmente absorto na elaboração do roteiro de uma historietta que ele não queria deixar para ir "à Manjerona", como dizia ele, para jogar conversa fora...

Eu insisti, alegando que nós éramos esperados lá e que não poderíamos faltar com nossa palavra até que, contra a vontade, Jodorowsky aceitou subir no meu carro, não sem repetir durante todo o trajeto: "Não estou sentindo, entende...? Acho que não temos nada que fazer lá na

'Manjerona'...". Quando chegamos ao local em questão, encontramos o pior: uma sala aberta aos quatro ventos, sem microfone nem cadeiras e uma centena de pessoas que, devido a um erro de programação, não tinham vindo para ouvir Jodorowsky, e sim o doutor Woestlandt, um simpático autor de *best-sellers* médico-esotéricos...

Enquanto eu me ardia, meu genial cúmplice, depois de captar com uma olhadela o tamanho da catástrofe, me repreendeu em tom fatalista: "Viu só? Bem que eu disse!" e, dando meia volta, foi simplesmente indo embora...

Minha companheira correu atrás dele, suplicando para que falasse, apesar de tudo. Sensível que é aos apelos femininos, Alejandro voltou sobre seus passos e me disse: "Está bem, essa gente quer ouvir o doutor Westphaler; *ok*, por que você não me apresenta como se fosse ele? Diga que o doutor Wissen-Wissen vai falar com eles..."

Se fosse hoje, talvez eu tivesse aceitado o desafio de boa vontade, mas naquela época eu ainda era fiel ao conceito tradicional de que o doutor Woestlandt é o doutor Woestlandt, Gilles é Gilles e Jodorowsky é Jodorowsky... Essa idéia sobre o que é real fazia com que fosse impossível para mim participar de numa farsa dessa envergadura. Assim sendo, improvisei algumas palavras simples para apresentar meu perigoso amigo, o qual, plantando-se diante do público desconcertado, começou a falar em tom conciliador: "Olhem, eu não sou o doutor Westphallus, mas isso é o de menos, a pessoa não tem importância. Imaginem que eu seja o doutor Wiesen-Wisen e me façam suas perguntas que eu responderei a todos como se fosse o doutor Wuf-Wuf..."

De início, todos pareciam atônitos, mas, rapidamente aderiram ao sortilégio e entraram no jogo de Jodorowsky, que, diante do meu olhar incrédulo, fez um sucesso estrondoso. Na hora da conversa, com uma voz melodiosa, convidou seus ouvintes improvisados a lhe apresentarem seus problemas, aproveitando, assim, a sorte que o destino lhes reservara: "Atenção, façam suas perguntas porque esta é a última vez que venho à 'Manjerona'..."

Depois de visitar o *stand* das edições *Dervy* para comprar o livro do doutor Woestlandt ("pelo menos eu fico sabendo quem é este doutor Woestlandt, não é?"), Alejandro entrou na cafeteria, onde, em poucos segundos, viu-se rodeado de admiradores, e continuou distribuindo conselhos e observações iluminadas, com uma amabilidade extraordinária.

E foi assim que aquela tarde, que tinha começado como um fiasco, terminou em apoteose.

Aqui também é preciso falar de sua incrível intuição: não é raro, ao ver uma pessoa pela primeira vez, Alejandro lhe dizer de chofre uma verdade que ela pensava ter perfeitamente escondida, deixando em seu interlocutor a tremenda impressão de estar diante de um mago onisciente.

Um amigo — que chamaremos Claude Salzmann — jamais se esquecerá dessa noite, quando, na saída de uma conferência que, por si só, tinha sido épica, ao nos sentarmos no terraço do café da Praça Saint Sulpice, Alejandro, de um só golpe, mas com delicadeza, esforçou-se em lhe fazer uma dessas revelações: "Escute, Salzmann, posso lhe dizer uma coisa? Você é amigo do meu amigo e por isso vou tomar a liberdade de dizer uma coisa para você, certo? Escute, Salzmann, quando eu olho para você, vejo um homem com uma natureza dupla: seu lábio superior é muito diferente de seu lábio inferior". (Olhei para Claude e, pela primeira vez, vi aquele traço notável em sua fisionomia.) "Seu lábio superior, que é muito fino, é o de um homem sério, espiritual, quase rígido, um lábio de asceta... Mas seu lábio inferior, que é grosso, carnudo, é o lábio de um homem sensual, amante do prazer... É isso: em você, Salzmann, essas duas naturezas coexistem e você precisa conciliá-las..." Embora aquilo parecesse uma obviedade, o comentário impressionou o meu amigo que, justamente naqueles dias, parecia ocupado como nunca em harmonizar essas duas inclinações tradicionalmente contraditórias, mas que, internamente, são complementares.

A quantas pessoas eu ouvi dizer que Alejandro, com uma única palavra e a partir de apenas uma carta do seu tarô ou da sua capacidade de observação, tinha mostrado o conflito que elas estavam enfrentando naquele momento, trazendo à luz um segredo obscuro da personalidade delas?

Um dia eu o visitei com uma amiga sobre a qual Alejandro nada sabia. Lembro-me de ter ficado totalmente perplexo ao ver como, sem que ela tivesse feito qualquer pergunta, depois de tirar as cartas, ele concentrar em duas frases o essencial da situação em que ela estava. Então não é estranho que este homem suscite paixão e devoção.

O rei Jodorowsky impera em sua corte, rodeado de um enxame de fiéis para os quais o Cabaré Místico é como uma verdadeira missa. Alguns, inclusive, que frequentam o ofício há muitos anos, acompanham com devoção as diversas peregrinações do mestre...

É preciso esclarecer que eu não faço parte desse rebanho. Nosso contato é, acima de tudo, um diálogo entre amigos. Essa é a razão pela qual acolho os comentários que às vezes ele me faz com uma perplexidade autêntica e ele, devido à amizade que temos, se obriga a expressar seus pensamentos de uma maneira mais precisa.

O brilho extraordinário que ele tem, e que sempre fascina, também pode provocar dúvidas e, inclusive, irritação: por mais exatas que sejam, muitas vezes suas agudas intuições podem parecer precipitadas. Depois de vê-lo entregue a suas terapias-relâmpago entre as cortinas do Cabaré, onde ele se orgulha de desfazer vários nós psicológicos antigos em uma só noite, com um simples olhar sobre a árvore genealógica, incrementado por uma pitada de “psicomagia”, o espectador de boa vontade que, ao mesmo tempo, conserva o seu bom senso crítico, não deixará de oscilar entre a admiração e o ceticismo, a estupefação e a dúvida. Admiração e estupefação, pois a atuação deste ator inigualável, seu poder de manter e dirigir a energia de quinhentas pessoas em uma sala e a feroz perspicácia de suas observações é de tirar o fôlego. Ceticismo e dúvida, por outro lado, pois essas noitadas cheias de risos e emoção, nas quais a miséria humana é colocada em cena com grande arrojo, onde complexos e traumas são trazidos à luz e tratados pelo “mestre” com uma sábia mistura de perspicácia, exagero e benevolência, são as premissas de um novo gênero, o do *reality-show* analítico-espiritual. A pessoa sai dali convencida e inquieta ao mesmo tempo, perguntando-se sobre o verdadeiro alcance e sobre os efeitos a longo prazo desse pastelão artístico-terapêutico.

Há algo de embrulhão e de curandeiro de feira neste visionário que se autodenomina “farsante sagrado”. Mas, no fim, essa faceta de “charlatão transcendente”, que é parte importante do personagem Jodorowsky, se coloca a serviço de uma rara energia de compaixão. De Alejandro, nós poderíamos dizer que é um *bodhisattva* regado à salsa latino-americana, uma salsa bem apimentada...

Ninguém consegue ser um farsante sagrado apenas pretendendo sê-lo, sob a desmesura e a aparente desenvoltura deste artista que se afasta de todos os cânones, existe um rigor estrito — um rigor muito especial, mas, no fim, rigor mesmo —, um potencial de criatividade inesgotável, uma profunda visão poética e, estou convencido, muita bondade.

Nosso homem, afinal, tem um coração puro. Mesmo sendo rei, Jodorowsky não abusa do poder quase absoluto que tem sobre a maioria dos súditos que tem. Sua Majestade é seu próprio bufão; nunca tem medo de colocar seus próprios ensinamentos em julgamento, com uma boa dose de humor. Embora não se esquive da homenagem de seus seguidores, também não demonstra a menor intenção de se transformar em um ídolo. Desinteressado por excelência — como eu mesmo testemunhei em diversas ocasiões —, Jodorowsky continua sendo, segundo meu ponto de vista, absolutamente lúcido, consciente, tanto de seus poderes quanto de

suas limitações. Ele teve a sorte de se aproximar de verdadeiros mestres — como o japonês Ejo Takata, que o marcou com o ferro quente do *zazen* — e, no entanto, nem por isso ele se restringe a ser um guru no sentido estrito e nobre da palavra; ele é, melhor dizendo, um gênio benevolente e intrigante com o qual se pode andar um pedaço do caminho.

— Trate de crescer um pouco — disse um dia Jodorowsky para a sua filha Eugênia de 21 anos.

Ao que esta lhe respondeu:

— E você, veja se encolhe um pouco!

O fato do próprio Jodorowsky citar com orgulho essa atilada resposta da filha diz muito sobre o personagem.

Servidor da verdade, mesmo que às vezes com um certo ar de farsante, saltimbanco descarado que não faz senão calar e se curvar perante os que são superiores a ele, Jodorowsky pertence, sob todos os aspectos, à raça dos loucos-sábios. Ainda que o *clown* místico possa provocar fascinação ou aversão imediatas — e às vezes as duas coisas ao mesmo tempo —, tem-se muito a ganhar conhecendo este homem em toda a sua riqueza interior.

Mesmo tendo publicado vários romances e uma infinidade de histórias em quadrinhos, Jodorowsky esperou a idade diamantina para escrever sobre o que considera mais importante. Pelo fio das nossas conversas, Alejandro me conduziu a uma viagem mágica com a arte de um Castaneda que tivesse feito teatro. A esta viagem, ele nos convida agora. Este livro tem tanto de autobiografia artístico-espiritual quanto de guia de uma nova terapia. Janela aberta para um mundo no qual a poesia surge travestida em tumulto, o teatro se transforma em sacrifício ritual e uma bruxa de verdade, armada de uma faca de cozinha, cura cânceres, transforma corações e alimenta os sonhos da noite, esta obra permanecerá, assim espero, como o rastro da passagem de um ser de uma estranha dimensão.

Gilles Farcet  
Paris, 1989-1993

## O Ato Poético

**S**uponho que o nascimento disto que você chama de *Psicomagia* tenha surgido de uma necessidade...

De fato, assim foi. Durante um período da minha vida cujo marco foi minha atividade como especialista em tarô, eu recebia, pelo menos, duas pessoas por dia para ler as cartas...

*Você fazia previsões do futuro?*

De modo algum! Eu não acredito na possibilidade real de pre-dizer o futuro, na medida em que, a partir do momento em que o futuro é visto, você o transforma ou cria. Ao predizer um acontecimento, a pessoa o provoca: é aquilo que em psicologia social é denominado "realização automática das predições". Eu tenho aqui um texto de Anne Ancelin Schutzenberger, professora da Universidade de Niza, que evoca precisamente esse fenômeno: "Se observamos atentamente o passado de um certo número de doentes graves de câncer, percebemos que muitas vezes estamos diante de pessoas que fizeram uma predição sobre si mesmas na infância, desenvolvendo inconscientemente, a partir delas ou de suas famílias, um

“roteiro de vida” que se relaciona com suas vidas e suas mortes, às vezes até indicando a data, o momento, o dia e a idade a partir da qual elas se vêem efetivamente nesta situação de moribundas. Por exemplo, aos 33 anos — a idade de Jesus Cristo — ou aos 45 — idade em que morreu o pai ou a mãe, ou quando o filho completou sete anos — porque essa foi a idade em que a pessoa ficou órfã. Esses são exemplos de uma espécie de realização automática das predições pessoais ou familiares”. Do mesmo modo, como assinalou Rosenthal, se um professor prevê que um mau estudante continuará assim, o mais certo é que tudo continue na mesma. Pelo contrário, quando o professor avalia que a criança é inteligente, embora tímida, e prediz que, apesar disso, ela progredirá, a criança começa a progredir... Essa é uma constatação surpreendente, mas que tem sido verificada em várias ocasiões, de modo a inspirar a maior desconfiança em relação àqueles que, sob o pretexto de possuir dons sobrenaturais, tomam a liberdade de fazer previsões de acontecimentos que o inconsciente do consultante traduzirá como um desejo pessoal, justificando assim sua submissão às ordens do vidente. O resultado disto é que o consultante assumirá a tarefa de realizar estas previsões, com consequências muitas vezes nefastas. Toda previsão é uma usurpação de poder na qual o vidente se compraz em predeterminar destinos, distorcendo assim o curso natural de uma vida...

*Mas por que este fenômeno há de ter necessariamente consequências nefastas? O que dizer então de videntes que predizem acontecimentos felizes, como prosperidade, fertilidade ou outras coisas benéficas?*

Isso implica poder e manipulação do mesmo modo. Além disso, eu estou absolutamente convencido que atrás da fachada de “vidente profissional” se esconde, com raras exceções, indivíduos desequilibrados, desonestos e delirantes. No fundo, somente as previsões de um santo de verdade poderiam ser dignas de confiança... É por isso que eu rejeito o exercício da vidência.

*Voltando às origens da Psicomagia e à sua atividade de tarólogo, no que consistia então essa sua prática?*

Eu via o tarô como um teste de projeção que me ajudava a perceber as necessidades da pessoa e me fazia compreender onde os problemas estavam. Como já se sabe, a mera atualização de uma dificuldade inconsciente ou pouco conhecida já indica um esboço de solução. Ao traba-

lhar comigo, as pessoas tomavam consciência de sua identidade, de suas dificuldades, do que motivava seus comportamentos. Eu as fazia viajar através de suas árvores genealógicas para mostrar a elas qual era a origem remota de alguns de seus desconfortos. No entanto, eu logo percebi que nenhuma cura seria possível sem uma ação concreta. Para que tivesse um efeito terapêutico, a consulta tinha que levar a uma ação criativa no âmbito do real. Para chegar a isso, tive que indicar a realização de um ou dois atos aos que me procuravam. A pessoa e eu tínhamos que conscientemente concordar com a fixação de um programa de ação muito específico. Foi isso que me levou à psicomagia.

*Uma década de prática nessa forma de terapia trouxe resultados convincentes. Como você a inventou?*

Uma coisa como esta não pode ser inventada, a gente a vê nascer através da gente mesmo e, no entanto, este nascimento tem raízes muito profundas.

*Antes de entrarmos em detalhes sobre a Psicomagia, de examinarmos suas relações com a psicanálise, de mencionar determinados atos ou de mergulhar nas cartas que os consultantes lhe escreveram, seria interessante remontarmos às raízes.*

→ A primeira coisa que me ajudou foi a poesia, o meu contato com poetas nos anos 50... Eu tive a sorte de nascer no Chile, embora pudesse ter nascido em qualquer outro lugar. Se não fosse pela guerra russo-nipônica, meus avós não teriam emigrado e eu certamente teria nascido na Rússia. Por outro lado, por que o navio no qual eles embarcaram os levou para o Chile? Eu costumo pensar que nós escolhemos nosso destino e que nada do que nos acontece é à revelia. Pois bem, se não existe acaso, tudo tem sentido. Para mim, meu encontro com a poesia justifica meu nascimento no Chile.

*No entanto, não se pode dizer que a poesia tenha sido exclusiva do Chile...*

Não, poetas existem em todos os lugares. Mas a vida poética, por outro lado, é um bem mais rarefeito. Em quantos países existe uma atmosfera realmente poética? Sem dúvida, a China antiga era uma terra de poesia. Mas eu penso que, nos anos 50, vivia-se poeticamente no Chile como em nenhum outro país do mundo.

*Você poderia explicar isso?*

A poesia estava impregnada em tudo: no ensino, na política, na vida cultural... Até mesmo o povo vivia imerso em poesia. Isso se devia ao temperamento natural dos chilenos e mais particularmente à influência de cinco dos nossos poetas, que se transformaram para mim numa espécie de arquétipos. Foram eles que originalmente modelaram minha existência. O mais conhecido deles era nada menos do que Pablo Neruda, um homem muito ativo politicamente, exuberante, com uma escrita prolífera e que, acima de tudo, vivia como um autêntico poeta.

*O que significa viver como um autêntico poeta?*

Em primeiro lugar, não conhecer o medo, atrever-se a dar, ter a audácia de viver, até certo ponto, sem medidas. Neruda construiu uma casa em forma de castelo e reuniu em torno de si um povo inteiro, foi senador, e quase chegou a ser presidente da república... entregou sua vida ao Partido Comunista, por idealismo, porque ele realmente desejava realizar uma revolução social, construir um mundo mais justo... E a sua poesia marcou a juventude chilena. No Chile, até os bêbados declamavam versos de Neruda, em plena atividade alcoólica. Todo mundo queria ser poeta, como ele. Não falo somente dos estudantes, mas dos operários, inclusive os bêbados que versejavam! Ele soube captar em seus textos toda aquela louca atmosfera do país.

Ouçã este poema que me vem à lembrança e que recitávamos em coro quando, estudantes universitários que éramos, nos embriagávamos com o patriótico vinho da nossa terra chilena:

Acontece que estou farto de meus pés e minhas unhas,  
de meu cabelo e minha sombra.  
Acontece que estou farto de ser homem.  
No entanto, seria um prazer  
surpreender um escrivão com um lírio cortado  
ou matar uma freira a orelhadas.  
Seria tão belo  
andar pelas ruas com um punhal verde  
e gritar até morrer de frio.

Fora Neruda, internacionalmente famoso, outros quatro poetas foram de capital importância. Vicente Huidobro vinha de um meio mais abastado, menos humilde que o de Neruda. Sua mãe conhecia todos os salões literários franceses e ele recebeu uma educação artística muito esmerada, sendo que sua poesia, de uma grande beleza formal, impregnou de elegância o país inteiro. Todos nós sonhávamos com a Europa, com a cultura... Huidobro nos deu uma grande lição de estética. Como exemplo, lerei para você este fragmento de uma conferência que o poeta fez em Madri, três anos antes do surgimento do manifesto surrealista:

Além do significado gramatical da linguagem, existe outro: um significado mágico, que é o único que nos interessa... O poeta cria fora do mundo que existe e que deveria existir... O valor da linguagem poética é diretamente proporcional ao seu distanciamento da linguagem falada... A linguagem se transforma num ritual de conjuração e se apresenta em sua luminosa nudez original, alheia a toda vestimenta inicial convencionalmente fixada de antemão... A poesia não é outra coisa senão o último horizonte, que é, por sua vez, o vértice onde todos os extremos se tocam, onde a contradição e a dúvida não existem. Ao chegar neste limite final, o encadeamento normal dos fenômenos rompe sua lógica e, do outro lado, onde as terras dos poetas começam, a cadeia se refaz numa nova lógica. O poeta estende sua mão para nos levar além do último horizonte, acima da ponta da pirâmide, nesse campo que se estende para além do espaço e do tempo, para lá da razão e da fantasia, mais além do espírito e da matéria... Em sua garganta existe um fogo que não se extingue.

Havia também uma mulher, Gabriela Mistral. Sua aparência era a de uma dama dura, austera, distante da poesia sensual. Ela ensinava nas escolas públicas, e esta professorinha conseguiu ser para nós um símbolo de paz. Ela nos ensinou sobre a exigência moral que a dor do mundo nos requer. Gabriela Mistral era uma espécie de guru, muito mística, uma figura da mãe universal para os chilenos. Ela falava de Deus, mas com uma fé tão rigorosa... Ouça estes trechos de sua "Oração da Mestra" (a mestra em questão era, certamente, a professorinha):

Senhor! Tu que ensinaste, perdoa que eu ensine e que seja chamada de mestra, nome que Tu tiveste na Terra... Mestre, faça com que a fé seja duradoura e o desencanto passageiro. Arranca de mim este impuro desejo de justiça que ainda me perturba, a mesquinha insinuação de protesto que sobe de mim quando sou ferida... Faz com que deprecie todo poder

que não seja puro, de toda pressão que não seja a de tua vontade ardente sobre minha vida... Dá-me simplicidade e dá-me profundidade; livra-me de ser complicada ou banal em minhas aulas cotidianas... Alivia-me a mão no castigo e suaviza-a no carinho.

O quarto chamava-se Pablo de Rokha. Ele também era um ser exuberante, uma espécie de boxeador da poesia em torno do qual corriam os mais disparatados boatos. Atribuía-lhe atentados anarquistas, fraudes... Na verdade, ele era um dadaísta expressionista que trouxe a provocação cultural para o Chile. Era turbulento, ofensivo, e tinha uma aura negra e terrível no meio literário. Estas frases soltas, que ressoam como metralhadoras, devem servir para dar uma idéia do seu ardor furibundo:

Incendeia o poema, decapita o poema... Escolhe um material qualquer, como se escolhem estrelas entre vermes... Quando Deus ainda era azul dentro do homem... Tu, tu estás lá no centro de Deus, como o sexo, bem lá dentro... O cadáver de Deus, furioso, uiva em minhas entranhas... Desferirei golpes na Eternidade com a culatra do meu revólver.

Finalmente, o quinto se chamava Nicanor Parra. Homem do povo, galgou os degraus da universidade, fez-se professor de uma grande escola e encarnou a figura do intelectual, do poeta inteligente. Apresentou-nos Wittgenstein, o círculo de Viena, o diário íntimo de Kafka. Tinha uma vida sexual muito latino-americana...

*E isto quer dizer o quê?*

Os latino-americanos são loucos por uma loira. De vez em quando, Parra ia à Suécia e voltava com uma sueca. Nós ficávamos fascinados quando o víamos com uma loira estonteante... Logo ele se divorciava, ia novamente à Suécia e retornava com uma nova beldade. Além de sua influência intelectual, trouxe também o humor para a poesia chilena; foi o primeiro a introduzir um elemento cômico. Ao criar a antipoesia, desdramatizou esta forma de arte. Eis aqui um trecho de *Advertência ao leitor*, de Parra:

Minha poesia pode perfeitamente não levar a lugar algum:

“São falsos os sorrisos deste livro!”, argumentam meus detratores

“Suas lágrimas são artificiais!”

“Estas páginas não trazem suspiros, mas bocejos”

“Esperneiam como um bebê chorão”

“O autor se comunica por espirros”

Conforme: convido-os a queimar seus navios,

Assim como os fenícios, pretendo estabelecer meu próprio alfabeto.

“Para que então amolar o público?”, perguntam os amigos leitores:

“Se o próprio autor desprestigia seus escritos,

O que deles se poderá esperar?”

Atenção, eu não desprestigio nada

Ou melhor dizendo, eu enalteço meu ponto de vista,

Vanglorio-me de minhas limitações

Coloco minhas criações nas nuvens.

Os pássaros de Aristófanes

Enterravam em suas próprias cabeças

Os cadáveres de seus pais.

(Cada pássaro era um verdadeiro cemitério volante)

Segundo meu modo de ver

Chegou a hora de atualizar este ritual

Eu enterro minhas penas na cabeça dos senhores leitores!

*Entendo que estas cinco personalidades marcaram muito o jovem que você era então...*

Eram vivos, vivos e lutadores! Eram os melhores inimigos do mundo, passavam o dia lutando, trocando insultos... Pablo de Rokha, por exemplo, publicou uma carta aberta a Vicente Huidobro na qual exclamava: “Estou começando a me cansar desta história, meu pequeno Vicentinho. Além disso, não sou um desses covardes que batem numa galinha que cacareja porque diz ter botado um ovo na Europa”. Sabe o que ele dizia de Neruda? “Pablo Neruda não é comunista, é nerudista — o último dos nerudistas, ou provavelmente o único...”

Estas pessoas se expunham, não tinham medo de viver a paixão delas. E nós abraçávamos a causa de um, depois de outro... Estávamos imersos na poesia da manhã até a noite, ela estava realmente no centro de nossas vidas. Estes cinco poetas constituíam para nós uma mandala alquímica: Neruda era a água; Parra, o ar; De Rokha, o fogo; Gabriela Mistral, a terra e no centro; Huidobro, a quintaessência. Queríamos ir além de nossos predecessores, e eles, por sua vez, já tinham antecipado nossas buscas.

*Como era isso?*

Todos os poetas realizavam atos. Huidobro dizia: "Por que cantar as rosas, poetas! Façam-nas desabrochar no poema"; Neruda seduz uma mulher do povo com a promessa de um presente maravilhoso e lhe dando um limão do tamanho de uma abóbora. Eles começavam a sair da literatura para participar dos atos da vida cotidiana com a postura estética e rebelde característica dos poetas.

*Então, você e seus amigos queriam ir mais além nesse caminho?*

Tive a sorte de ser da mesma geração do famoso poeta Enrique Lihn, já falecido. Um dia, junto com ele e outros companheiros, encontramos uma frase iluminadora de Marinetti num livro sobre o futurismo italiano: "A poesia é um ato". A partir desse momento, decidimos dar mais atenção ao ato poético do que à própria escrita. Durante três ou quatro anos, nos dedicamos a realizar atos poéticos. Passávamos o dia inteiro pensando neles.

*E o que eram esses atos?*

Por exemplo, Lihn e eu decidimos um dia caminhar em linha reta, sem nos desviar nunca. Caminhávamos por uma avenida e acabamos por nos deparar com uma árvore. Em vez de contorná-la, nós a escalamos para continuar nossa conversa; se um carro cruzava o nosso caminho, nós subíamos em cima dele e andávamos no teto... Diante de uma casa, tocávamos a campainha, entrávamos porta adentro e saíamos por onde fosse possível, às vezes pela janela. O importante era manter a linha reta sem considerar o obstáculo, como se ele não existisse.

*Isto devia trazer muitos problemas...*

De forma alguma, sabe por quê? Não se esqueça que o Chile era um país poético. Lembro de ter tocado a campainha de uma casa e ter explicado à senhora que éramos poetas em plena ação e que, portanto, tínhamos que atravessar a casa dela em linha reta. Ela entendeu perfeitamente e nos fez sair pela porta de trás. Essa travessia da cidade em linha reta foi para nós uma grande experiência, na medida em que conseguimos burlar todos os obstáculos. Aos poucos, fomos avançando para atos mais ousados. Eu estudava na faculdade de Psicologia. Um dia, quando estava de saco bem cheio, decidi realizar um ato para expressar meu tédio. Saí

da classe e fui tranquilamente urinar na frente da porta da sala do reitor. Com certeza, havia o risco de ser expulso sumariamente da universidade. Coisa mágica: ninguém me viu. Realizei meu ato e me retirei incrivelmente aliviado, em todos os sentidos da palavra. Outro dia, pusemos um monte de moedas em uma mala furada e saímos andando pelo centro da cidade: era incrível ver todo mundo se agachando atrás de nós: a rua cheia de corpos dobrados! Também resolvemos criar nossa própria cidade imaginária em paralelo à cidade real. Para tanto, tivemos que fazer várias inaugurações. Fomos ao pé de uma estátua, de um monumento célebre, e começamos uma cerimônia de inauguração, conforme a nossa fantasia. E foi assim que a Biblioteca Nacional se transformou numa espécie de café intelectual. Esse é, sem dúvida, o embrião do Cabaré Místico. O importante era dar nomes às coisas: ao dar-lhes nomes diferentes, nós tínhamos a impressão de que as transformávamos.

Também nos dedicamos a atos muito inocentes e não menos poderosos, como colocar uma bela concha na mão do cobrador que vinha recolher nossa passagem no ônibus... O homem ficava tão estupefato que seguia em frente sem dizer nada.

*Você tinha apenas vinte anos. Como sua família via todas essas excêntridades?*

Como você sabe, venho de uma família de imigrantes que passava oito horas por dia dentro de uma loja. Quando a poesia entrou desse jeito em minha vida, eles ficaram boquiabertos. Um dia, meus amigos e eu pegamos um manequim e o vestimos com as roupas de minha mãe e o deitamos como um cadáver, rodeado de candelabros, e começamos um velório na sala de casa. Como fazíamos teatro, nós dispúnhamos do material necessário e a impressão era avassaladora. Quando minha mãe chegou, viu que estava sendo velada! Todos os meus amigos lhe apresentaram suas condolências... Naturalmente isso foi um impacto para a minha família. Uma outra vez, nós enchemos a cama dos meus pais de minhocas.

*Mas isso é muito cruel, você devia ser um filho odioso...*

Eu amava meus pais, mas, com toda a loucura da minha juventude, queria obrigá-los a vencer seus limites. Estes atos os sacudiam, obrigavam-nos a se abrir. O que mais eles poderiam fazer diante do imprevisto? A vida é assim, entende? — totalmente imprevisível. Você acredita que o

dia vai ser de determinada maneira e, na verdade, pode ser que seja atropelado por um caminhão na esquina, que encontre uma antiga amante e a leve a um hotel para fazer amor ou que o teto caia sobre a sua cabeça no trabalho. O telefone pode tocar para dar a melhor ou a pior das notícias. Nossos atos de jovens poetas não faziam senão evidenciar isso, na contracorrente do mundo rígido dos meus pais. Abrir a cama e encontrar um ninho de minhocas é uma situação que simboliza cabalmente o que acontece todos, todos os dias.

Meu pai praticava a psicomagia sem saber: estava convencido de que quanto mais mercadorias tivesse mais venderia. Tinha que dar aos clientes uma imagem de abundância. Houve um tempo em que ele tinha atrás de si uma fileira de caixotes falsamente cheios de meias. Fazia com que uma ficasse para fora de um dos caixotes para dar a impressão de que estavam abarrotados, quando, na verdade, não tinha absolutamente nada dentro deles. Um dia em que a loja estava cheia de clientes, um dos meus amigos, bêbado, começou a abrir todos os caixotes e em seguida fez um poema no qual proclamava que meu pai era um homem excepcional, comparável aos grandes místicos: da mesma maneira que eles, vendia o puro vazio!

*Seu pai deve ter ficado furioso...*

Na verdade, não. Cada vez que um ato desse acontecia, minha família sofria um grande impacto, seguido de silêncio e de uma grande perplexidade. Estavam completamente passados e aquilo era tão extraordinário que eles pensavam estar sonhando acordados, como algo fora dos limites das suas existências habituais. Todos estes atos estavam impregnados de uma qualidade onírica, de loucura. Lembro que Lihn e eu fixamos objetivos estranhos: quando nos cansávamos da universidade, íamos a Valparaíso de trem, decididos a não voltar até que uma senhora de idade nos convidasse para tomar uma xícara de chá. Uma vez cumprido nosso objetivo, voltávamos triunfantes para a capital.

Um dia, acompanhados por um outro amigo, fui a um bom restaurante. Nós dois estávamos muito elegantes, bem vestidos e pedimos um bife acebolado. Quando fomos servidos, esfregamos o corpo inteiro com a carne, manchando nossa roupa. Uma vez concluída a operação, pedimos novamente o mesmo prato e repetimos o ato. Fizemos isso cinco ou seis vezes seguidas até que todo o restaurante entrou em pânico. Um ano depois, voltamos ao mesmo estabelecimento, mas o *maitre* nos avisou: "Nem pensem em fazer aquilo de novo, não permitirei que vocês entrem no restaurante". O ato tinha produzido um impacto tão grande sobre ele

que era como se o tempo não tivesse passado. Um ano havia transcorrido, mas para ele era como se aquilo tivesse acontecido na semana anterior.

*O que você disse me fez lembrar de algo que me aconteceu quando eu tinha quinze ou dezesseis anos. Eu estava lendo Dostoiévski e eu ficava fascinado com aqueles russos exaltados que passavam de repente do abatimento à euforia, que se inflamavam por uma causa, que rolavam no chão. Um dia eu disse aos meus amigos: para que continuar andando? O que aconteceria se todo mundo decidisse parar? Para onde estamos indo? E resolvemos nos jogar no chão e ficar no meio da rua, sem nos mexer. Os pedestres passavam por cima de nós, alguns faziam comentários. Se não me engano, era um ato poético...*

Claro que sim! E eu tenho certeza que nossos leitores, se pensarem um pouco, lembrarão de momentos parecidos de questionamento da realidade obrigatória. Certa vez, sujos e maltrapilhos, nós ficamos parados na frente de um banco para lembrar aos outros que sempre é possível uma crise econômica e que a miséria pode surgir a qualquer momento. Mas, mais uma vez, tudo isso acontecia no Chile, nesse país cativo de uma forma de loucura coletiva. Certamente não poderíamos ter chegado tão longe em outro contexto. A maioria dos burocratas chilenos vivia corretamente até as seis da tarde. Uma vez fora do escritório, embebedavam-se e mudavam de personalidade, quase de corpo. Abandonavam suas personalidades burocráticas para assumirem suas identidades mágicas. Havia festa por toda a parte, sem querer, o país inteiro era surrealista.

*O temperamento do chileno explica por si mesmo tal atmosfera?*

As pessoas ditas razoáveis, aquelas que acreditam na solidez deste mundo, não se prestam a atos loucos. Mas no Chile, a terra tremia a cada seis dias! O chão do país era, se é possível dizer assim, convulsivo. Isto fazia com que todo mundo ficasse submetido a um temor físico e existencial. Não habitávamos um mundo maciço, regido pela ordem burguesa supostamente bem fixada, e sim uma realidade trepidante. Nada ficava parado, tudo tremia! ... (*Risos*). Todos viviam precariamente, tanto no plano material quanto relacional. Nunca se sabia como uma festa poderia terminar: o casal que tinha casado às seis da tarde, às seis da manhã poderia ter seus móveis atirados pela janela pelos convidados... Claro que toda essa loucura angustiava os corações. O país era pobre, as classes sociais eram muito diferenciadas...

*Passadas várias décadas... Com a distância no tempo, como você vê hoje esses atos? Para além do pitoresco, o que eles ensinaram?*

Ensinaram a ousadia, o humor, uma aptidão para questionar os postulados medíocres da vida ordinária e um amor pelo ato gratuito. O que define o ato poético? Ele deve ser belo, estético e prescindir de qualquer justificação. Pode também trazer uma certa violência. O ato poético é um chamamento à realidade: produzir um enfrentamento da própria morte, do imprevisto, da nossa sombra, das minhocas que se revolvem dentro de nós. Esta vida que nós pretendemos lógica é, na realidade, louca, chocante, maravilhosa e cruel. Nosso comportamento, que pensamos ser lógico e consciente é, de fato, irracional, louco, contraditório. Se observarmos lucidamente nossa realidade, constataremos que é poética, ilógica, exuberante. Naqueles tempos eu era, sem dúvida, imaturo, um jovem destrambelhado e insolente; mas isso não anula o fato de que esse mesmo tempo me ensinou a perceber a loucura da criatividade da existência e a não me identificar com os limites dentro quais a maioria das pessoas se fecha até não agüentar mais e arrebentar.

*A poesia não respeita a ordem estereotipada do mundo...*

Não! A poesia é tão convulsiva quanto um tremor de terra! Ela denuncia as aparências, atravessa com sua espada a mentira e as convenções. Lembro que uma vez nós fomos à faculdade de Medicina e, com a cumplicidade de um amigo, roubamos o braço de um cadáver. Nós o escondemos dentro da manga do nosso abrigo e brincamos de dar a mão às pessoas, tocando-as com esta mão morta. Ninguém se atrevia a dizer que ela estava fria, sem vida, porque ninguém queria reconhecer a crua realidade de que aquele membro estava morto. Falando disso com você agora, me dou conta de que de certa maneira estou me confessando. Sei que tudo isso pode parecer fantasioso. Para nós, certamente era uma brincadeira, mas também um ato profundamente dramático! O ato criava outra realidade no seio da própria realidade ordinária. Isso nos permitia acessar outro nível, e estou convencido de que a porta de uma nova dimensão só se abre com atos novos.

*Concebido desta maneira, o ato não tem um valor purificador e terapêutico?*

Claro que sim! Se pensarmos bem, nossa história individual se constitui de palavras e atos. A maior parte do tempo as pessoas se contentam com pequenos atos inócuos, até que um dia “arrebentam” e, sem nenhum controle, vem a fúria e quebram tudo, insultam, se entregam à violência, chegam até mesmo ao crime... Se um criminoso em potencial conhecesse o ato poético, sublimaria seu gesto homicida colocando em cena um ato equivalente.

*Mas isso poderia levar a certos extremos não isentos de perigo...*

Efetivamente. A sociedade colocou barreiras para que o medo e sua expressão, a violência, não surjam a cada instante. Por isso, quando se realiza um ato diferente das ações ordinárias e codificadas, é importante fazê-lo conscientemente, medindo e aceitando as consequências de antemão. Realizar um ato é um processo consciente que aponta para a introdução voluntária de uma fratura na ordem mortal que perpetua a sociedade e não a manifestação compulsiva de uma rebelião cega. Convém não se identificar com o ato poético, não se deixar levar pelas energias que são liberadas. Breton, por exemplo, caiu na armadilha quando, levado pelo entusiasmo, declarou que o verdadeiro ato poético consistiria em sair na rua armado de um revólver disparando nas pessoas. Depois ele se arrependeu muito. E isso porque não houve quem praticasse esse ato! Mas esta declaração em si era o sinal de um arrebatamento. O ato poético permite expressar energias normalmente reprimidas ou adormecidas dentro de nós. O ato não consciente é uma porta aberta ao vandalismo, à violência. Quando as multidões se exaltam, quando as manifestações degeneram e as pessoas começam a incendiar automóveis ou a lançar pedras, isso também é uma liberação de energia reprimida e nem por isso essas manifestações merecem o qualificativo de atos poéticos.

*Vocês estavam conscientes disso, você e seus companheiros?*

Acabamos ficando, depois de observar alguns atos perigosos de pessoas arrebataadas... Meus amigos e eu ficamos tocados por estas experiências e isso fez com que nos questionássemos seriamente. Um *haikai* japonês nos deu uma chave: o aluno leva seu poema ao mestre no qual ele diz:

Uma borboleta:  
tiro-lhe as asas,  
eis um pimentão!

A resposta do professor foi imediata: “Não, não; isto não é assim, deixe-me corrigir o seu poema”:

Um pimentão:  
dou-lhe asas,  
eis uma borboleta!

A lição é clara: o ato poético deve sempre ser positivo, ir no sentido da construção e não da destruição...

*No entanto, muitas vezes é imprescindível destruir para poder construir depois...*

Sim, mas cuidado com a destruição como um fim em si mesma! O ato é ação e não reação vândala.

*Então como você qualificaria alguns dos atos comentados?*

Muitos deles não eram, efetivamente, senão reações ou, digamos, tentativas mais ou menos eficazes na direção de um ato digno deste nome. Por isso eu decidi fazer um exame de consciência. Compreendi claramente que, em vez de esvaziar todos os caixotes do meu pai, deveríamos ter chegado em procissão com um carregamento de meias, enchido aqueles caixotes todos, fazendo assim com que o seu sonho se tornasse realidade. Em vez de colocar minhocas na cama dos meus pais, deveríamos tê-la enchido de moedas de chocolate, envoltas em papel dourado. Em vez de simular o velório de minha mãe, poderíamos ter representado uma cena na qual ela pudesse se admirar em plena glória, como na assunção da Virgem. O choque causado pelo ato deve ser positivo.

*Depois dessa tomada de consciência vocês se sentiram culpados, experimentaram algum tipo de arrependimento?*

Não, e eu continuo dizendo que a culpa é inútil. O erro é permitido, desde que seja cometido uma única vez e dentro de uma busca sincera de conhecimento. Essa é a condição humana: o homem busca o conhecimento, e o que é o homem em busca de algo senão, por definição, um ser errático? O erro é parte integrante do caminho. Abandonamos essas experiências negativas, mas sem arrependimento algum. As portas do verdadeiro ato poético foram abertas para nós. Para fazer o omelete é preciso quebrar os ovos.

## O Ato Teatral

**J**á mencionamos a dimensão metafísica do ato, porém voltemos à questão artística. Se a poesia está presente em todo ato, então qual é o lugar da escrita? Vocês e seus amigos também escreviam, ou os atos que realizavam já os deixavam satisfeitos?

Lihn continuou escrevendo e chegou a ser um dos grandes poetas do país, tanto que hoje ninguém mais se lembra dos seus atos. Os chilenos se surpreenderiam se soubessem dos jogos nos quais o seu poeta nacional se envolvia na juventude. No que me diz respeito, abandonei a poesia propriamente dita para me dedicar ao teatro.

*Como foi essa passagem?*

O amor ao ato me levou à criação de objetos. Entre outros, alguns títeres pelos quais logo me apaixonei. Para mim, antes de tudo, o títere era uma figura metafísica. Eu ficava encantado em ver como um objeto fabricado por minhas próprias mãos podia estar além de mim. A partir do momento em que o títere ganhava vida na minha mão, o personagem começava a agir de uma maneira quase autônoma. Eu presenciava o desenvolvimento de uma personalidade desconhecida, como se o boneco usasse a minha voz e as minhas mãos para assumir uma identidade própria. Minha impressão era a de ser mais um servidor do que um criador. Eu chegava a sentir que era o boneco que me manipulava e dirigia! Esta

relação tão profunda com os títeres fez nascer em mim o desejo de ser um deles, ou seja, um ator de teatro.

*É sério que você acredita que um ator se parece com um títere? Isso me parece discutível...*

Seja como for, era assim que eu via o teatro e o ofício de comediante. Eu não gostava do teatro psicológico, empenhado em imitar a “realidade”. Para mim, o teatro chamado realista era uma expressão vulgar que, pretendendo mostrar alguma coisa do real, apenas recria a dimensão mais evidente e também a mais vazia e tosca do mundo tal como ele é percebido normalmente. O que em geral é chamado de “realidade” não é senão uma parte, um aspecto de uma ordem muito mais ampla. A mim me parecia — e ainda me parece — que o teatro autodenominado realista não leva em conta a dimensão inconsciente, onírica e mágica da realidade. Isso porque, insisto, a realidade não é racional, por mais que acreditemos que assim seja para nossa tranquilidade. Apesar das explicações racionais que, em geral, costumamos arranjar depois, o fato é que os comportamentos humanos são motivados por forças inconscientes. O próprio mundo não é homogêneo, mas um amálgama de forças misteriosas. Não reter mais que a aparência imediata da realidade é traí-la, é sucumbir à ilusão, mesmo que se disfarce de “realismo”. Detestando como detestava o teatro realista, comecei a repudiar o conceito de autoria. Não queria ver os comediantes repetindo um texto previamente escrito, preferia assistir um ato teatral que não tivesse nada a ver com a literatura. Disse a mim mesmo: “Por que uma obra tem que ter por base um texto dito teatral? Tudo pode ser interpretado e encenado. Eu poderia colocar em cena a notícia do dia, montar um drama maravilhoso a partir da primeira página de um jornal”. E assim foi que comecei a trabalhar e a experimentar uma liberdade cada vez maior. Como minha intenção não era imitar a realidade, eu podia me mover como quisesse, fazer os gestos mais extravagantes, uivar... Logo o cenário começou a me parecer uma limitação. Eu queria tirar o teatro do teatro. Imaginei, por exemplo, como seria um trabalho dentro de um ônibus. O público esperaria no ponto, tomaria o ônibus e percorreria a cidade. De repente, seria possível descer e entrar num bar, numa maternidade, num matadouro, em suma, entrar onde quer que estivesse acontecendo alguma coisa e recomeçar a marcha... Mais tarde outros retomaram essas experiências que eu fiz. Quando o meu espetáculo em cartaz acontecia num teatro, às vezes eu levava os espectadores aos porões, aos camarins, a um terraço. Mais tarde, me ocorreu a idéia de

que o teatro poderia ter apenas atores, sem espectadores. Foi então que organizei festivais nos quais todo mundo podia interpretar. E, por fim, pensei que era inútil interpretar um personagem. O ator, como pensei então, deve tentar interpretar o seu próprio mistério, exteriorizar aquilo que traz dentro de si. As pessoas não vão ao teatro para fugir de si mesmas, e sim para reativar o contato com o mistério que todos nós somos. O teatro me interessava menos como distração e mais como instrumento de autoconhecimento. Por isso, substituí a “representação” clássica pelo que dei o nome de “evento pânico”.

*O que é exatamente um “evento pânico”?*

Quanto a este ponto, devo me referir a um texto que publiquei em 1973 em um livro concebido por Fernando Arrabal e que recebeu o título de *Le panique*. Nele eu formulei o que é essencial deste meu processo e destas minhas concepções teatrais: “Para chegar à euforia pânica, a primeira coisa a fazer é livrar-se do teatro enquanto um edifício”. Do ponto de vista arquitetônico, tenha a forma que tiver, os teatros são concebidos para atores e espectadores; obedecem a uma lei primordial do jogo, que consiste em delimitar um espaço, quer dizer, isolar a cena da realidade e, por isso mesmo, impõem (principal fator antipânico) uma concepção *a priori* das relações do ator com o espaço. Antes de mais nada o ator deve estar a serviço do arquiteto e depois do autor. Os teatros impõem movimentos corporais, mesmo que, em geral, seja o gesto humano o que determina a arquitetura. Ao eliminar o espectador da festa pânica, automaticamente, o olhar fixo da poltrona para a interpretação é deslocado. O lugar onde “o evento” acontece é um espaço não delimitado, de tal maneira que não se sabe onde começa a cena e onde começa a realidade. A “companhia pânica” escolherá o lugar que melhor lhe pareça: um terreno baldio, um bosque, uma praça pública, um centro cirúrgico, uma piscina, uma casa em ruínas ou até mesmo um teatro tradicional, mas a todo volume: manifestações eufóricas na platéia, nos camarins, ou nos vestiários, transbordando pelos corredores, nos porões, no telhado, etc. O “evento” também pode acontecer num submarino, num avião, num trem expresso, num cemitério, numa maternidade, num matadouro, num asilo de velhos, numa gruta pré-histórica, num bar de homossexuais, num convento ou durante um velório. Posto que o “evento” é uma manifestação concreta, os problemas de espaço e de tempo não podem repercutir nele: o espaço tem medidas reais e não pode representar outro espaço — ele é o que é no próprio momento. Algo semelhante ocorre com o tempo: não se

pode figurar uma idade nele. O tempo decorrido corresponde exatamente à duração das ações realizadas naquele momento. O ex-ator se move dentro desse espaço objetivo, dentro deste tempo real. O ator é um homem que divide sua ação entre uma “pessoa” e um “personagem”. Antes do “pânico”, havia duas formas claras e precisas de escolas teatrais: numa, a pessoa-ator tinha que se fundir totalmente com o “personagem”, enganando a si mesmo e aos demais, com tal domínio que chegava a extraviar sua “pessoa” para tornar-se um outro, um personagem com limites mais concisos, fabricado a custa de definições. Na segunda escola, ensinava-se a atuar de uma maneira eclética, de modo que o ato era simultaneamente pessoa e personagem. Em momento algum a pessoa podia esquecer que estava atuando, podendo, inclusive, criticar o seu personagem durante a interpretação.

O ex-ator, o homem pânico, não atua numa representação e eliminou totalmente o personagem. No “evento”, este homem pânico tenta alcançar a pessoa que está sendo.

Os dramaturgos adoram isso: dentro de uma obra de teatro, representa-se outra. Muitas vezes acontece que sobre uma cena se monta outra cena na qual outros atores atuam diante dos primeiros.

O pânico entende que na vida cotidiana todos os “augustos” andam disfarçados, interpretando um personagem e que a missão do teatro é fazer com que o homem abandone a interpretação de um personagem diante de outros personagens, que, finalmente, o elimine e vá, aos poucos, se aproximando da pessoa.

É o caminho inverso das antigas escolas teatrais; em vez de ir da pessoa para o personagem — como pretendiam as ditas escolas —, o pânico tenta partir do personagem que se é (pela educação antipânica implantada pelos “augustos”) para a pessoa que trazemos escondida dentro de nós. Este “outro” que desperta na euforia pânica não é um fantoche feito de definições e de mentiras, e sim um ser menos limitado. A euforia do “evento” conduz à totalidade, à liberação das forças superiores, ao estado de graça.

Resumindo: o homem pânico não se esconde atrás de seus personagens, mas tenta encontrar seu modo de expressão real. Em vez de ser um exibicionista mentiroso, é um poeta em estado de transe. (Entendemos por poeta não o escritor de sobremesa, e sim o atleta criador.)

*Como você concretizou este programa-manifesto?*

Promovi a prática do ato teatral radical entre os espectadores-atores que interpretavam seus próprios dramas, explorando seus enigmas interiores. Para mim foi o começo de um teatro sagrado e quase terapêutico. Logo me dei conta de que, se em minha atividade teatral, eu tinha conseguido detonar as formas, o espaço, a relação ator-espectador, a questão do tempo, porém, ainda não tinha sido tocada. Eu ainda estava preso a essa idéia segundo a qual o espetáculo dever ser ensaiado e interpretado em múltiplas ocasiões. Na época em que os *happenings* começavam a surgir nos Estados Unidos, eu inventei, no México, o que chamei de “o evento pânico”. Ele consistia em montar um espetáculo que só podia ser visto uma vez. Era preciso introduzir coisas perecíveis: fumaça, frutas, gelatina, animais vivos... Era uma questão de realizar atos que nunca se repetiam. Em suma, eu queria um teatro que não tendesse para o fixo, para a morte, e sim que ele se voltasse para a sua própria especificidade: o instantâneo, o fugaz, o momento sempre único. Nessa medida, o teatro é semelhante à vida, na qual, segundo a citação de Heráclito, ninguém nunca se banha duas vezes no mesmo rio. Conceber assim o teatro era levá-lo ao extremo, ir ao paroxismo desta forma de arte. Através do *happening*, redescobri o ato teatral e o seu potencial terapêutico.

*Como você fazia isto? Quais eram os ingredientes desses happenings?*

Bom, eu escolhia um lugar, que podia ser qualquer um menos um teatro: a Escola de Belas Artes, um hospício, um sanatório, uma escola para pessoas com síndrome de Down... Escolhia lugares existentes e neles eu colocava a ação.

*E efetivamente as pessoas permitiam que você instalasse o evento pânico nesses lugares?*

Sim! Isso é que é maravilhoso no México! Não existe disciplina, toda sorte de coisa é permitida. Um dia nós montamos um grande balé num cemitério: foi um ato forte, a dança dos vivos entre os mortos... Logo, depois de escolhido o lugar, eu recorria a um grupo de pessoas que quisesse se expressar. Eu não me dirigia a atores de forma alguma, mas a pessoas dispostas a realizar um ato público e gratuito. Só assim as condições para o advento do efêmero poderiam estar presentes...

*O efêmero, tal como você o praticava, tinha, se não me engano, algo de grandioso: tinha todos os ingredientes de uma festa suntuosa. Como você conseguia os meios necessários para financiar estes acontecimentos?*

Sempre consegui o dinheiro. Para mim um evento pânico tinha que ser precisamente uma festa. Pois bem, quando a gente faz uma festa, não cobra as bebidas e as comidas que os convidados consomem. Eu sempre as conseguia: recebia dinheiro de direitos autorais, montava peças mais clássicas, muitas vezes com outro título... O fato é que, assim como Gurdjieff, nunca tive problemas financeiros, o que, vivendo como sempre vivi, é realmente um milagre! Além disso, eu acredito em milagres, ou melhor, na existência de uma lei: se minhas intenções são puras e eu faço o que tenho que fazer, o dinheiro chegará, de uma maneira ou de outra. Talvez eu nunca chegue a ser o que se entende por uma pessoa rica, mas dispori sempre dos meios financeiros necessários a cada momento. O que eu conseguia poupar, logo investia num *happening*. Eu perguntava para algum conhecido meu o que ele desejava expressar e eu então lhe proporcionava os meios para fazer o que ele desejava. Esta maneira de abordar o *happening* tinha então, portanto, um valor terapêutico. Era também uma maneira de continuar na linha dos atos poéticos dos quais falamos.

*Que ensinamentos seus happenings lhe trouxeram?*

Percebi que muita gente leva dentro de si um ato que as condições ordinárias não lhe permitem realizar. Porém, quando alguém lhe oferece a chance concreta de expressar publicamente e em circunstâncias favoráveis o ato adormecido dentro de si, raramente existe hesitação. Se eu perguntasse a você que ato você gostaria de realizar em público, estou certo que imediatamente lhe ocorreria uma resposta, e, se eu reunisse as condições propícias para a realização desse gesto, você ficaria encantado por poder participar do jogo.

*Bem...*

Vou lhe dar alguns exemplos: nos anos 60, eu tinha fundado um grupo pânico no México, não com atores e outros artistas, mas com pessoas entusiastas em busca de uma maneira autêntica de expressão, longe de qualquer conformismo. Quando consegui o pátio central da escola São Carlos, propus aos meus amigos que imaginassem o ato que queriam realizar, e eu conseguiria os meios para fazer aquilo. O célebre pintor Manuel Felguérez se juntou à manifestação pânica e resolveu executar publicamente uma galinha para confeccionar um quadro abstrato com as tripas e o sangue do animal, enquanto ao seu lado, sua esposa, vestida com um uniforme nazista, devorava uma dúzia de cochas de frango.

*Uma mostra de bom gosto... Realmente esquisito. Há mais algum?*

Uma centena deles! Uma moça quis dançar nua ao som de um ritmo africano enquanto um homem barbudo cobria seu corpo com creme de barbear. Outra quis aparecer como uma bailarina clássica, vestindo um tutu, mas sem a calça, e urinar enquanto interpretava a *Morte do Cisne*. Um estudante de arquitetura usou um manequim de vitrine e bateu nele com violência com um machado, no ventre e no sexo. Quando o manequim ficou destruído, tirou de dentro dele várias feiras de chouriço e centenas de bolinhas de gude. Outro estudante apareceu vestido de professor de matemática com uma grande mochila cheia de ovos. À medida que recitava suas fórmulas algébricas, quebrava ovos na testa, um atrás do outro. Outro chegou com uma bacia de metal branco e vários litros de leite. Em pé sobre a bacia, pôs-se a recitar um clássico poema do Dia das Mães, enquanto despejava os litros de leite na cabeça. Uma mulher de vasta cabeleira loura, vestida com meias pretas enfeitadas com pérolas na altura dos tornozelos, surgiu caminhando apoiada em muletas e gritando a plenos pulmões: "Sou inocente! Sou inocente!". Enquanto isso, tirava do decote pedaços de carne crua e os atirava sobre o público. Depois, ela se sentou numa cadeirinha de criança e fez com que um cabeleireiro lhe raspasse a cabeça. Diante dela havia um carro cheio de cabeças de bonecas de todos os tamanhos, sem olhos e sem cabelos. Depois de ter a cabeça raspada, a mulher começou a jogar as cabeças sobre o público berrando: "Sou eu! Sou eu!". Um rapaz vestindo um *smoking* empurrou para o meio do cenário uma banheira coberta com uma toalha. Pelo peso, podia-se ver que estava cheia. Saiu de cena e voltou trazendo nos braços uma mulher jovem vestida de noiva. Com a noiva no colo, começou a acariciar os seus seios, a púbis e as pernas e ficando cada vez mais excitado. Depois, ele a mergulhou no sangue. Em seguida, começou a esfregar nela uma cobra viva, enquanto ela cantava uma ária de ópera. Uma mulher extremamente atraente, com ares de vampira hollywoodiana, com um vestido longo e dourado colado ao corpo, surgiu em cena com uma grande tesoura na mão. Vários homens negros se arrastavam até ela, todos eles lhe oferecendo uma grande banana que ela cortava às gargalhadas...

*Esses exemplos bastam. Há quem veja nessas descrições barrocas um desfile de fantasmas... Você fala principalmente no valor terapêutico desses atos, mas será que tudo isso não corre o risco de passar por puro e simples exibicionismo?*

No México era proibido realizar em público um ato que tivesse conotações claramente sexuais. Como não me interessava qualquer problema com a justiça, até certo ponto, eu filtrava e descartava aquelas pessoas cujos atos pudessem ser vistos como atentados ao pudor. Por outro lado, sempre procurei me manter distante de qualquer envolvimento com drogas. Porém, eu repito que a censura só acontecia nesses casos: um bêbado um dia começou a devorar uma pomba viva em cena. Aquele ato produziu uma revolta geral, desmaios, artigos de protesto nos jornais, mas não puderam me prender, o que teria acontecido se fosse um escândalo sexual. Fora sexo, tudo era permitido.

*Você fala de um limite que era imposto de fora pela lei do país. O que você teria feito se não houvesse restrições?*

Nos Estados Unidos era comum, no ápice dos happenings, acontecerem orgias coletivas nas quais os participantes se entregavam a carícias, enquanto fumavam maconha. Fui convidado várias vezes para este tipo de festa em Nova Iorque e em outros lugares, mas sempre recusei o convite, pois logo entendi que essa via era um beco sem saída. No fim tudo isso acabava sendo simples pornografia. Pois bem, a pornografia não constrói nada, apenas destrói: sob a aparência de liberdade, o que na verdade ela nos coloca é uma nova forma de escravidão.

*Voltamos à história do pimentão e da borboleta... Se o ato é uma ação e não uma reação, em que pé fica o limite entre o fato de soltar os monstros adormecidos em nós, com o consequente risco de sermos devorados, e a realização consciente de um ato libertador?*

Aqui temos uma fronteira muito sutil e é aí justamente que mora o perigo desse tipo de prática. Logo descobri que havia pessoas que se aproximavam de mim para as quais a pornografia e o vandalismo eram atos. Não os encorajei a continuar porque a experiência adquirida durante os atos poéticos tinha me ensinado a dirigir somente coisas positivas. No entanto, o "positivo" é muito difícil, ou seja, aquilo que aponta para o sentido da vida e a sua expansão; negativo para mim é tudo aquilo cujo sentido aponta para a morte e a destruição na encenação dos "atos". O ato em si mesmo implica uma conexão com o obscuro e o violento, como o inconfessável e reprimido que a pessoa traz dentro de si. Por mais positivo que seja, todo ato traz consigo uma certa "negatividade".

O que importa é que, seja como for, essas energias destrutivas reprimidas que nos consomem por dentro precisam ser ventiladas através de uma forma de expressão transformadora. A alquimia do ato realizado transmuta as sombras em luz.

*Mas a sua responsabilidade é imensa! Você não corre o risco de brincar de aprendiz de feiticeiro?*

Agora não. Não estou imune aos riscos, porque o perigo faz parte da vida. Se a pessoa quer continuar encolhida em seu pequeno mundo, sem questionar como ele funciona, não vale a pena tentar um ato que implique numa forma de exposição. Melhor então é que ela fique em casa assistindo televisão... Mas minha proposta atual de trabalho está fundamentada numa vasta experiência, experiência esta que eu não tinha naquela época distante dos *happenings*. Além disso, eu não bancava de terapeuta. Em primeiro lugar estava o meu talento de artista e homem de teatro em busca de uma expressão total, mas também explorava essa forma de arte na qual eu via, por acréscimo, efeitos terapêuticos. É preciso colocar essas experiências no seu devido contexto. Dito isto, admito ter cometido alguns enganos naquele momento. Por exemplo, a pomba devorada publicamente, hoje me parece ter sido um erro de percurso, um ato puramente destrutivo. Mas eu não esperava por aquilo! Não me ocorreu que esse homem pudesse realizar algo semelhante, pois nunca me dissera que era aquela a sua intenção. Quando o vi chegar com aquele animal vivo, o impacto foi grande e eu me senti arrasado... Reconheço minha loucura dessa época. Mas, nós só nos tornamos sábios percorrendo nossa própria loucura.

*Já aconteceu de você sentir medo de alguma energia que tenha criado? Houve algum momento em que o evento pânico se transformou em puro e simples pânico?*

(Risos.) Houve situações limites, mas acho que sempre fui misteriosamente protegido. Fiquei muito impressionado quando vi Jerry Lewis tocar fogo no piano, no final dos seus concertos. Isso me inspirou a acender uma chama num piano, provocando um momento de pânico na sala. Uma vez, no Centro Americano de Paris, durante um evento que fez história, tinha um cesto cheio de cobras que eu ameaçava jogar sobre o público. Você pode imaginar o Apocalipse que foi aquilo? Mas na hora que eu me preparava para fazer isso, uma espécie de sexto sentido me

avisou do perigo. De repente, eu vi um pânico sem precedentes, com ataques cardíacos, pessoas pisoteadas ou derrubadas na corrida em direção à saída... Poderia ter sido uma verdadeira catástrofe...

*Você teria algum happening em especial que tenha tido para você um valor iniciático?*

Naquela época eu era jovem e muito afetado. Tinha, portanto, algumas admiradoras. Quatro delas quiseram colocar em cena uma estranha apresentação: no México é costume beber tequila com uma espécie de suco de tomate picante conhecido pelo nome de *sangrita*. Por causa disso, há sempre duas garrafas, uma de tequila e outra de *sangrita*. As mocinhas subiram em cena e me ofereceram uma garrafa de tequila, pedindo que eu bebesse. Depois de beber, veio um médico e tirou um pouco de sangue das duas. Esse sangue foi colocado num copo que me foi apresentado com as seguintes palavras: "Agora beba a *sangrita*. Tome a *sangrita* de suas discípulas"... Aquilo foi para mim um verdadeiro choque. Comecei a fazer um longo discurso sobre o pão, o vinho, a ceia, a última ceia de Cristo, e ao mesmo tempo dizia a mim mesmo que já que tinha sido tão ousado na organização de *happenings*, agora tinha que enfrentar as consequências dos meus próprios atos. Quando, finalmente, eu decidi beber o sangue, ele tinha coagulado! Na qualidade de criador do evento pânico, era impossível me esquivar: portanto, não bebi, mas comi o sangue das minhas seguidoras...

Além da extravagância e do escândalo de tais experiências, elas também tiveram um caráter iniciático. Elas obrigam você, mesmo que por um instante, ir além da atração e da repulsa, dos condicionamentos culturais, dos padrões de beleza e de feiúra...

Estas mulheres me puseram contra o muro, e eu tinha que abandonar os discursos e a estética pura. Foi um ensinamento. Admito que todos esses atos não eram sempre realizados com consciência e que aquele era um período experimental. No entanto, é entrando na jaula que se doma o tigre.

*Do ponto de vista artístico, essas práticas lhe deram uma reputação para lá de controversa...*

A polêmica foi considerável. Recebi muitas cartas cujo conteúdo beirava o insulto e a ameaça. O mundo do teatro mexicano se viu revolucionado. Do México, eu vim para Paris, onde aconteceu esse extraordinário *happening* do Centro Americano.

*Como sabemos, ele foi uma espécie de apoteose, de ato catártico e purificador. Você poderia nos contar alguma coisa sobre o episódio?*

Claro. Foi uma festa grandiosa, uma celebração onde as forças das trevas saíram da prisão para lutar à luz do dia contra as forças luminosas, um combate entre anjos e bestas, um ritual impregnado de sabedoria e de loucura... Este espetáculo pânico tinha sido minuciosamente preparado. Eu já tinha adquirido certa experiência e já não tateava no escuro: os riscos eram assumidos com pleno conhecimento de causa. Ao montar este acontecimento, eu estava consciente de que caminhava para uma morte, um rito de transição do qual eu só poderia sair destruído ou transformado... Para mim não se tratava de me entregar a uma diversão, uma simples masturbação intelectual diante de um público seletivo. Eu não tinha nada a ver com as elucubrações vanguardistas provenientes de cérebros atrofiados de alguns pseudoartistas autossuficientes! Naquela época, eu estava tão pouco preocupado com isto tudo quanto estou hoje, com esse meio horroroso da "espiritualidade", da opinião dessas pessoas sempre tão assustadas que buscam refúgio no nirvana de encomenda para evitar ter de se defrontar com as monstruosidades da vida, com a dimensão pânica do cotidiano... Não se tratava de montar um pequeno espetáculo simpático cuja audácia fosse aplaudida pela crítica da moda, e sim de me questionar completamente. Eu queria me expor, colocar em jogo a vida, a morte, a loucura, a sabedoria, realizar uma espécie de sacrifício ritual.

*E o que aconteceu?*

A primeira parte era baseada numa criação de Torpor, Arrabal e Alin-Yves Leyaouanc. Torpor tinha me dado quatro desenhos que eu encenei pela companhia de balé de Graciela Martinez, com figurinos de tecido branco, desenhados pelo próprio artista e com personagens recortados em madeira. O público assistiu o balé de Torpor se desenvolver lentamente sobre um fundo escuro, representando as etapas da iniciação de uma moça muito jovem: o primeiro par de meias, trazido por uma velha sem pernas numa carruagem; o primeiro par de sapatos; o primeiro sutiã (dois personagens tipo Chaplin levantavam uma nuvem de poeira, enquanto esperneavam se balançando sobre um enorme seio feito de gesso); o primeiro batom; as primeiras jóias...

Arrabal me entregou uma comédia de quatro páginas: a história de uma princesa apaixonada por um príncipe com cabeça de cão, que acabava traindo-o com um príncipe com cabeça de touro. Para esta cena, eu

tinha enchido o cenário com milhares de pintinhos, cujo piado produzia um ruído infernal. A princesa se masturbava com um corno de touro até que dele saísse um jorro de leite condensado. Concebi estas duas primeiras partes como integrantes do prólogo cômico-poético do "melodrama sacramental". Assistiram o evento alguns dos poetas mais célebres da geração *beat* norte-americana, como Allen Ginsberg e Lawrence Ferlinghetti. Este último ficou tão impressionado que me pediu uma descrição do melodrama sacramental, acompanhado de um breve prólogo explicativo para o seu *Light Journal*. Em vez de ouvir minhas lembranças de agora, para melhor ilustrar toda a loucura e a beleza desse evento pânico, lerei para você esse documento redigido no calor da hora e que foi publicado em São Francisco, em 1966.

O objetivo do teatro: provocar acidentes.

O teatro deveria ter por base aquilo que atualmente chamamos de "erros": acidentes fortuitos. Ao assumirmos a natureza efêmera do teatro, descobriremos aquilo que o distingue das demais artes, revelando, assim, sua verdadeira essência. Todas as outras artes deixam páginas escritas, gravações, telas, objetos: rastros concretos que o tempo apaga lentamente. O teatro, por sua vez, não deveria durar nem mesmo um dia da vida de um homem. Ele deveria nascer e morrer em seguida. Os únicos rastros que deixará ficarão gravados no interior dos seres humanos, provocando mudanças psicológicas. Se o objetivo das outras artes é criar obras, o do teatro é transformar os homens de modo direto: se o teatro não for uma ciência da vida, não conseguirá ser uma arte.

#### MELODRAMA SACRAMENTAL

Um evento pânico apresentado em 24 de maio de 1965  
no II Festival de Livre Expressão de Paris.

O espaço cênico foi despojado de todas as cordas, de todos os apetrechos, etc. Dito de outra forma, o cenário está desprovido de todas as futilidades: paredes nuas.

Tudo é pintado de branco, o chão, inclusive.

Um carro preto (em bom estado); os vidros estão quebrados de modo a permitir que objetos possam ser colocados dentro dele, utilizar este espaço como camarim, como lugar para descansar, etc.

Duas caixas brancas com objetos brancos colocados sobre elas.

Um balcão de açougue, um pequeno machado.

Um frasco com azeite fervendo sobre um fogareiro elétrico.

Quando a cortina se abre, uma grande quantidade de incenso é queimada no palco.

Todas as mulheres estão com os seios à mostra.

Deitadas no chão, duas delas estão inteiramente pintadas de branco.

Sobre o teto do carro preto, está outra mulher pintada de preto. Perto dela, há uma outra, pintada de rosa. Ambas trazem os pés dentro de uma pequena bacia de prata.

Uma mulher, trajando um vestido longo prateado e com um penteado em forma de meia lua, apóia-se sobre duas muletas. Uma máscara cobre-lhe o rosto inteiro, inclusive o nariz e a boca. Dois buracos no vestido fazem com que os bicos dos seios fiquem à mostra, o outro revela seu púbis. Ela porta um par de tesouras de prata.

Uma outra mulher está com um capuz de carrasco, grandes botas de couro e um cinturão grosso. Tem um chicote nas mãos. Seus seios estão cobertos por um xale preto.

Uma banda de rock: seis rapazes com os cabelos na altura dos ombros.

Ninguém pode ingerir drogas, com exceção dos músicos.

Uma rampa une o cenário à platéia. Os objetos e trajes usados no espetáculo serão jogados sobre o público.

A cortina se abre rápida e estrondosamente. A calmaria antes da tempestade.

Eu apareço vestindo um traje de plástico negro brilhante, calças largas de lixeiro, botas de borracha, luvas de couro, óculos de plástico, com lentes grossas.

Na cabeça, eu tenho um capacete branco de motoqueiro que parece um grande ovo.

Corto a garganta de dois gansos brancos. A música explode. O sangue borrija sobre as duas mulheres brancas. Transe. Danço com elas e bato nelas com os cadáveres. Som de morte. Sangue.

(Minha intenção era degolar as aves sobre o balcão de açougueiro, mas como estava em transe, uma força estranha me fez arrancar o pescoço deles como se fosse uma rolha de garrafa.)

Ainda com os pés na bacia, a mulher de rosa rebola enquanto, como uma escrava, a de preto começa a lambuzar o corpo dela com mel.

Despedaço os gansos sobre o balcão de açougueiro.

A mulher prateada abre e fecha as tesouras com violência. Ah, esse som metálico!

Ela passa as duas tesouras para as mulheres brancas e estas começam a recortar o plástico preto.

Meu traje fica destroçado. Perco minhas botas e minhas luvas. Estranhamente possuídas, as duas mulheres acabam arrancando meus trajes com as próprias mãos.

Meu corpo é então vestido com uma camisola feita com 10 kg de bifés costurados.

Aos gritos, as mulheres se lançam sobre a carne vermelha e a fazem em pedaços. Entregam os pedaços para a mulher prateada que, com uma enorme colher também prateada, calmamente, os vai colocando no azeite fervente. (A proximidade entre os corpos suados das mulheres e o fogareiro produz faíscas elétricas.)

Cada pedaço de carne frita é colocado sobre um prato branco. As mulheres oferecem os pratos para o público.

Eu continuo vestido com uma calça de couro preta. Um falo do mesmo material está dependurado perpendicularmente ao chão. Nos pulsos e tornozelos, trago braceletes de couro como uma homenagem a Maciste, o Hércules do povo italiano. Concentração. Caratê.

Pego o machado e recorto meu falo de couro em tiras sobre a mesa de açougueiro.

A mulher de preto, dominando perfeitamente o seu esqueleto, dança e movimenta os ossos como um títere, enquanto eu quebro os pratos brancos a marteladas.

As mulheres brancas dançam sem parar. Quando se cansam, assumem uma postura zen.

Aproximo-me de um quadro de metal. Lentamente, eu levanto o xale negro que cobre os seios do carrasco. Sua pele está pintada. Seus seios são fortes e sadios, seu corpo é poderoso.

Passo o quadro ao redor do meu pescoço e dou as costas para o público.

A mulher me dá uma chicotada. Com um batom, traço uma linha vermelha sobre seu seio direito.

Segunda chicotada. A linha começa no plexo solar e desce até a vagina dela.

(A primeira chicotada foi forte, mas não o bastante: precisava ser mais. O que eu procurava era um estado psicológico até então desconhecido. Eu precisava sangrar para transcender a mim mesmo, para romper com minha própria imagem. O segundo golpe me marcou instantaneamente.

te. Depois disso, o verdugo perdeu o controle, pois muitas vezes havia sonhado em chicotear um homem. Na terceira vez, já completamente excitada, ela me chicoteou com todas as suas forças. A ferida demorou semanas para cicatrizar.)

A mulher quer continuar batendo em mim e me empurra com toda a força. Com o chicote ao redor do pescoço, eu giro e caio no chão. (Eu bem que poderia ter quebrado as vértebras cervicais, mas naquele estado alterado de consciência em que me encontrava, o tempo era mais lento, parecendo um filme em câmera lenta, e, assim, consegui me levantar sem um arranhão.) Espeto-lhe os seios para acalmá-la. Calma.

A mulher negra me traz limões. Ah, essa cor amarela!

Disponho-os em círculos no chão. Ajoelho-me no centro.

Duro de medo, um cabeleireiro profissional se aproxima para cortar meus cabelos.

A mulher coberta de mel desce do teto do automóvel. Danço com ela.

A força onírica do desejo sexual. Sua meia-calça parece resumir toda a hipocrisia social. Tiro-as, sem mais. Elas deslizam sobre sua pele coberta de mel. Abelhas. O impacto do negror de seu púbis. A sujeição da mulher. Seus olhos semicerrados. Sua aceitação natural da nudez. Liberdade. Pureza. Ela se ajoelha a meus pés. Recolho meus cabelos cortados de cima do corpo dela, a partir do ventre.

Minha intenção é que seus pelos púbicos deem a impressão de que crescem como um bosque, invadindo todo o seu corpo. As mãos do cabeleireiro estão paralisadas pela ansiedade. O verdugo é quem termina de arranjar minha cabeça.

Alheias a tudo que está acontecendo, duas modelos de Catherine Harley estão apavoradas com a idéia de sujar seus caros vestidos de seda que foram alugados para esta ocasião. Num vai-e-vem contínuo, elas trazem 250 grandes pães ao palco.

Nesse momento, meu cérebro está em chamas. De dentro de um recipiente de prata, tiro quatro serpentes negras. Vou colando-as na cabeça com fita adesiva, mas logo cedo ao impulso de dispô-las sobre o peito como cruzeiros vivos. O suor me impede de fazer isso.

As serpentes ondulam em minhas mãos como águas-vivas. Bodas.

Vou atrás da mulher rosada com as serpentes. Ela se esconde no automóvel, como uma tartaruga na carapaça, dançando dentro dela como um peixe num aquário.

Assusto uma das modelos. Saltando para trás, ela deixa cair um pão.

Uma pessoa na platéia dá risada. Jogo o pão na cara dela. (Dias depois, durante uma recepção, uma mulher me diz que quando o pão voou em sua direção, ela sentiu-se em comunhão, como se eu lhe desse uma imensa hóstia que lhe entrava pela cabeça a dentro.)

Repentinamente, a lucidez: vejo o público sentado ali nas poltronas e as pessoas estão paralisadas, histéricas, excitadas, mas imóveis, sem participação corporal, aterradas pelo caos que está a ponto de engoli-las. Tenho que jogar as serpentes sobre elas para fazê-las explodir.

Detenho-me. Afasto o escândalo iminente de um pânico coletivo. Calma. A música é violenta. Os amplificadores estão a todo o volume.

Visto uma calça, uma camisa e sapatos cor de laranja. Fico da cor de um budista queimando vivo.

Saio e volto com uma cruz pesada feita com duas vigas de madeira. Sobre a cruz, um frango crucificado de cabeça para baixo, com dois cravos nas patas, como um cristo decapitado. Deixei-o apodrecendo uma semana. Sobre a cruz, dois sinais de trânsito sobrepostos: o de baixo, indicando sentido para cima; e o de baixo, proibindo a saída. Entrego a cruz para a mulher prateada. Trago outra. Dois sinais: novamente um abaixo, que indica saída para cima; e outro acima, que indica saída proibida.

Passo a cruz para uma das mulheres de branco. Trago uma terceira cruz. Entrego-a para a outra mulher de branco.

As duas mulheres cavalgam sobre as cruzes, transformando-as em imensos falos. Elas lutam entre si. Uma delas introduz a ponta da cruz através da janela do automóvel e simula os movimentos de um ato sexual com o automóvel.

Coloco o pote diante da cruz. O frango crucificado é sacudido sobre as cabeças dos espectadores. Largamos as cruzes.

Escolho o músico que tem os cabelos mais compridos. Levanto-o. Ele está mais tenso que uma múmia. Visto-o com um traje de papa. Envolve-o com uma estola.

As mulheres, de joelhos, abrem a boca e põem a língua para fora o mais que podem.

Surge um novo personagem: uma mulher vestida com um traje em forma de tubo, como uma lombriga erguida. Através do traje, quero dar a idéia de uma "forma papal" em decomposição. Um papa transformado em *camembert*.

Imitando os gestos de um sacerdote, o músico abre uma lata de fruta em calda. Ele coloca meio pêssego amarelo dentro da boca de cada uma das mulheres. Elas o engolem de uma só vez.

Hóstia em calda!

Uma mulher grávida aparece. Barriga de papelão. O papa se dá conta de que tem uma mão de gesso. Pega o machado e a faz em mil pedaços. Abre a barriga da mulher com uma talhadeira (tenho que evitar que ele a machuque de verdade).

Ele enfia as mãos na barriga dela, tirando válvulas eletrônicas dali de dentro. A mulher grita como se estivesse parindo. Levanta-se, tira do seio um bebê de vinil e bate com ele em cheio no peito do papa. A boneca cai no chão. A mulher se retira. Recolho o bebê. Abro seu ventre com um facão, extraindo dali de dentro um peixe vivo, agonizando em convulsões. A música para. Solo brutal de bateria.

O peixe continua se contorcendo: o baterista sacode umas garrafas de champanhe, fazendo-as explodir.

Ao ver a espuma cobrir-lhe o corpo inteiro, o papa tem um ataque de epilepsia. O peixe morre. A bateria se cala. Jogo o animal no talude e ele cai no meio da platéia. Presença da morte.

Todos saem de cena, menos eu.

Música judaica. Hino atroz. Lentidão.

Duas imensas mãos brancas jogam uma cabeça de boi em cima de mim. Pesa oito quilos. Sua brancura, sua umidade; seus olhos, sua língua...

Sinto o frio de seu contato em meus braços. Eu mesmo fico frio. Por um momento, me transformo nessa cabeça.

Sinto meu corpo: um cadáver sob a forma de uma cabeça de boi. Caio de joelhos. Quero gritar. Não consigo, porque a boca do boi está fechada. Enfio meus dedos em seus olhos. Meus dedos resvalam suas pupilas. Não sinto nada, apenas o meu dedo — um satélite sensível girando em torno de um planeta morto. Sinto-me como a cabeça do boi: cego. Faço força para enxergar.

Furo a língua com um buril; abro as mandíbulas. Arranco a língua. Volto a cabeça para cima em direção ao céu ao mesmo tempo em que levanto a minha com a boca aberta.

Solto um grito, não de mim, mas do cadáver. Mais uma vez, vejo o público que está imóvel, gélido, como a pele do boi morto. Todos nós somos cadáveres. Jogo a cabeça no meio da sala. Ela agora está no centro do círculo formado por nós.

Entra um rabino (as imensas mãos brancas eram dele).

Ele veste um manto negro, um chapéu negro e tem uma barba branca tipo Papai Noel. Ele anda como um Frankenstein. Fica em pé sobre uma

bacia de prata. Ele tira três litros de leite de uma maleta de couro. Derrama-os sobre o chapéu.

Esfrego minhas bochechas nas dele. Seu rosto é branco. Tomamos um banho de leite. Batizo.

Ele me puxa pelas orelhas e me dá um beijo apaixonado na boca. Suas mãos agarram minhas nádegas. O beijo dura vários minutos. Um tremor elétrico nos percorre o corpo. *Kaddish*.

Com um lápis preto, ele traça duas linhas do canto dos meus lábios até o queixo. Minha mandíbula fica parecida com a de um boneco ventríloquo. Ele está sentado sobre o balcão de açougueiro. Apoia uma das mãos sobre as minhas costas como se a quisesse fazer passar através dela, cortando a coluna vertebral e introduzindo seus dedos em minha caixa torácica, pressionando meus pulmões para forçá-los a gritar e rezar. Ele me obriga a me mexer. Sinto-me como uma máquina, como um robô. Angústia. Tenho que deixar de ser máquina.

Deslizo minha mão entre suas pernas. Abro sua braguilha. Introduzo minha mão e, com uma força inusitada, tiro dela uma pata de porco parecida com a imagem que eu tinha do falo do meu pai quando eu tinha cinco anos. Tiro minha outra mão que empunha um par de testículos de touro. Abro os braços em forma de cruz. O rabino grita como se estivesse sendo castrado. Parece morto.

A música judaica se torna mais forte e vai ficando mais melancólica.

Aparece um açougueiro vestindo um chapéu, um capote, com uma barba negra e com seu avental coberto de sangue.

Ele caminha na direção do rabino e começa uma autópsia: introduz suas mãos no manto dele e tira dali um enorme coração de boi. Cheiro de carne. Cravo o coração na cruz. Espalho pedaços de tripas. Prego-o.

O açougueiro sai. Aterrado, levanto o chapéu do rabino. Tiro dali um cérebro de boi. Arrebento-o sobre a minha cabeça.

Pego a cruz e a coloco perto do rabino. Tiro um cinto largo de plástico vermelho da maleta e amarro o homem na cruz que está coberta de tripas.

Ergo aquilo: madeira, carne, roupas, corpo, e largo tudo sobre o tálude, fazendo aquilo tudo escorregar em direção à platéia. (O peso total deve ser de 125 quilos, mas, apesar da violência do golpe, o homem não sentiu nada nem sofreu o menor arranhão).

Entram as mulheres brancas, negras, rosadas e prateada.

Ajoelham-se.

Esperam.

Entra um novo personagem: uma mulher coberta de cetim negro cortado em triângulos. Uma espécie de teia de aranha. Um bote salva-vidas de três metros de largura vem amarrado em sua roupa, parecendo uma vulva imensa. É de plástico, inflado de ar. O fundo da balsa é de plástico branco.

Símbolo: o hímen.

Dança. Ela me acena. Quando me aproximo, ela me empurra. Quando me afasto, ela me segue. Ela sobe em mim. A balsa me envolve totalmente. Pego o machado. Rasgo o fundo branco. Gritos. Rasgo a tela e me refugio na vagina. Fico entre suas pernas, escondido no cetim negro. De um saco escondido colado em seu ventre, tiro quarenta tartarugas vivas e as lanço sobre o público.

Elas parecem surgir daquela imensa vagina. Como pedras vivas, digamos.

Começo a nascer. Gritos de uma mulher que dá à luz. Caio no chão no meio do vidro das válvulas eletrônicas, dos cacos dos pratos, das plumas, do sangue, dos estalidos dos fogos de artifício (enquanto me raspavam a cabeça, acendi 36 rojões, um para cada ano de minha vida), poças de mel, pedaços de pêssegos, limões, pão, leite, carne, farrapos, lascas de madeira, pregos, suor: renasço neste mundo. Meus gritos se parecem com os de um bebê ou de um velho. O velho rabino, com grande esforço, dá pequenos saltos para a direita e para a esquerda, amarrado à cruz como um porco agonizando. Ele se liberta do cinto de plástico. Ele sai.

A mulher-mãe empurra a mulher negra para mim. Eu a levanto. Levo-a até o centro da cena, ela tem os braços abertos em forma de cruz. Um cadáver-cruz: a pintura negra sugere uma cremação: minha própria morte.

Ao me dar a vida, a mulher me lançou nos braços da morte. Manchado com a maquiagem de minha parceira, começo a ficar completamente negro. Meu rosto parece carbonizado.

As mulheres colocam vendas em nossos olhos. Estou amarrado a ela pela cintura, pelos braços, pelas pernas e pelo pescoço. Este cadáver osudo está incrustado em mim e eu estou incrustado nele. Parecemos dois siameses: como se fôssemos uma só pessoa. Lentamente, improvisamos uma dança. Deixamo-nos cair no chão. Os movimentos não são dela nem meus, mas de ambos ao mesmo tempo. Conseguimos controlá-los.

As mulheres brancas e a rosada nos salpicam com licor de menta, de groselha e limão. O líquido viscoso, verde, vermelho e amarelo nos cobre inteiramente, misturando-se com a poeira, formando uma espécie de barro.

Magma.

Lentamente, a cortina começa a baixar. Nossos corpos estão colados um no outro, como duas colunas. Queremos nos levantar, caímos.

Cai a cortina.

(Todos os elementos usados no melodrama sacramental foram jogados sobre o público: roupas, machados, recipientes, animais, pão, peças de automóvel, etc. O público cai sobre aquelas relíquias como aves de rapina. Não sobrou nada.)

*Não sei se lastimo ter perdido esse happening ou se me felicito por ter me livrado dele...*

Espere, a coisa toda não acaba aí! Enquanto o público disputava as tartarugas vivas, as vísceras, os bifés, os cabelos, etc, entrei novamente em cena e me dirigi ao público nos seguintes termos: "Geralmente pagamos caro por uma poltrona no teatro e recebemos pouco em troca. Hoje a entrada foi grátis, vocês não pagaram nada, mas receberam muito. É meia-noite. Para lhes apresentar a última parte do poema preciso de um par de horas para me preparar. Tomem um café e voltem às duas da manhã".

Todo mundo aplaudiu e abandonou a sala. Duas horas mais tarde, o teatro estava cheio outra vez. Então eu comecei a cerimônia que Alain-Yves Leyaouanc tinha me sugerido. Vestindo trajes dos anos 20, raspei o púbis de sua jovem esposa ao som de uma música sagrada. Ela havia colado alguns dominós sobre o seu corpo. Era um ato muito emocionante e o espírito com que era realizado gerava automaticamente uma atmosfera religiosa. Havia também uma réplica do *Pensador* de Rodin que despedaçávamos com um martelo. Jatos de nanquim saíam da cabeça do pensador. Depois disso, soltamos mil passarinhos na sala. No final do *happening* eu estava tão limpo que não seria capaz de sentir nem mesmo o pouso de um pássaro sobre a minha cabeça.

*Qual era o sentido dessa manifestação pública?*

Era como uma ordenação, o sacrifício ritual que foi ganhando forma ao longo de minha vida. Este *happening*, que passou para a história, encerrou uma etapa da minha vida. Saí dali esgotado, exangue e pensei muito naquilo tudo. Via-me sempre às voltas com o espectro daquela destruição tenebrosa e sentia, mais do que nunca, que o teatro tinha que caminhar no sentido da luz. No entanto, dizia sempre a mim mesmo: "Lembre-se sempre que a flor de lótus nasce do lodo". Temos que chafurdar no

lodo, tocar a morte e o barro para subir ao céu límpido. Desse momento em diante, minha preocupação foi a de promover um teatro positivo, luminoso e libertador. Percebi que tinha que mudar para uma forma radicalmente diferente e comecei a praticar o teatro-aconselhamento: se alguém, qualquer pessoa, desejasse fazer teatro, eu logo lhe transmitia a seguinte teoria: o teatro é uma força mágica, uma experiência pessoal não-transmissível. Não pertence aos atores, e sim a todo mundo. Basta uma decisão, um átimo de resolução para que a vida seja transformada por essa força. Já é hora do ser humano romper com os reflexos condicionados, os círculos hipnóticos e os autoconceitos equivocados. A literatura universal concede um lugar importante ao tema do "duplo" que, aos poucos, expulsa um homem de sua própria vida, apropriando-se de seus lugares preferidos, de suas amizades, de sua família, de seu trabalho, até transformá-lo num marginal e, inclusive, assassinando-o, conforme algumas versões desse mito universal. No que me diz respeito, acredito que somos o "duplo" e não o original.

*Quer dizer que nos identificamos com um personagem que não é senão uma caricatura da nossa identidade profunda?*

Exatamente. Nosso autoconceito...

*Em outras palavras, a ideia que fazemos de nós mesmos...*

Sim, nosso ego — pouco importa o nome que possamos dar a este elemento de alienação — não é mais do que uma cópia pálida, uma aproximação de nosso ser essencial. Nós nos identificamos com esse "duplo", que é tão irrisório quanto ilusório. Depois dele, surge "o Original". O amo do lugar volta a tomar para si o que lhe corresponde. Nesse momento, o eu limitado se sente perseguido, em perigo de morte, o que é totalmente correto. Isso porque o Original acabará por dissolver o "duplo". Enquanto humanos identificados com nosso "duplo", temos que compreender que o invasor não é senão nós mesmos, nossa natureza profunda. Nada nos pertence, tudo é do Original. Nossa única chance é que o Outro apareça e o elimine. Nós não padeceremos esse crime, participaremos dele. Trata-se de um sacrifício sagrado no qual a pessoa se entrega ao amo por inteiro, sem angústia...

*Em que medida o teatro pode ajudar uma pessoa a voltar ao "Original"? — para usar a sua própria expressão.*

Se vivemos aprisionados no que eu chamo de “nosso autoconceito”, a ideia que temos de nós mesmos, por que não adotar um ponto de vista totalmente diferente? Por exemplo, amanhã você será Rimbaud. Você acordará sendo Rimbaud, escovará os dentes, se vestirá como ele, pensará como ele, andará pela cidade como ele... Durante uma semana, 24 horas por dia, sem nenhuma testemunha senão você mesmo. Você será o poeta, agindo como outra pessoa com seus amigos e conhecidos, sem dar qualquer explicação. Você será um autor-espectador, produzindo você mesmo, não num teatro, mas na vida.

*Se eu estou entendendo bem, você explica essa teoria para seus consulentes e fixa um programa para eles...*

Assim é, de fato! Eu estabeleço um programa, um ato ou uma série de atos para realizar na vida durante um certo tempo: cinco horas, 12 horas, 24 horas... Um programa elaborado em função de sua dificuldade a fim de romper com o personagem com o qual você está identificado para ajudá-lo a restabelecer os laços com a sua natureza profunda. Fiz com que um ateu adotasse a personalidade de um santo durante várias semanas. Para uma mãe indiferente, receitei que ela devia imitar o amor maternal durante um século. Para um juiz, dei a tarefa de se disfarçar de vagabundo para mendigar diante de um restaurante. Ele tinha que tirar punhados de olhos de vidro de bonecas dos bolsos. Desse modo, eu criava um personagem para ser exercitado na vida cotidiana, para melhorá-la. Foi durante esse estágio que minha busca teatral foi ganhando uma dimensão terapêutica. De diretor, eu me transformei em conselheiro teatral, dando instruções às pessoas para que tomassem seus lugares enquanto personagens na comédia de suas existências.

*Confesso certo ceticismo quanto aos efeitos dessa terapia teatral, mesmo admitindo que ela é muito interessante. Como uma mãe indiferente poderia decidir assumir o personagem de uma mãe amorosa e, sobretudo, conseguir fazer isso ao longo de toda a sua existência?*

Em primeiro lugar, não se esqueça que todos os consulentes sofriam a obsessão do seu “duplo”. Se eles me procuravam, era justamente porque se sentiam mal com isso e pressentiam a natureza radicalmente distinta do Original neles. O processo se fundamentava, então, num desejo real de mudança. A mãe indiferente, por exemplo, sofria por não conseguir transmitir muito amor ao seu filho. Além do mais, eu acredito nas vir-

tudes da imitação, no bom sentido da palavra. Um santo segue a via da “imitação de Jesus Cristo”. Por que um ateu, farto de sua incredulidade, não poderia começar a imitar um santo?

*Por que não?— efetivamente. Pois bem, toda imitação desse tipo — que equivale ao que chamamos de ascese ou prática espiritual — realmente não é tão fácil de exercer no dia-a-dia...*

Concordo. Mas se a mãe fosse um pouco menos indiferente graças a esse processo e o ateu desse um passo em direção à santidade, isso, por si só, não seria maravilhoso?

## O Ato Onírico

*A interpretação dos sonhos ocupa um lugar preponderante na prática do artista/xamã/diretor teatral/clown místico na busca dessa outra forma de loucura que é a sabedoria?*

Sim, embora a interpretação dos sonhos seja uma prática tão velha quanto o mundo. Só que as formas de interpretação foram mudando ao longo do tempo, passando de uma forma simplista, que consistia em atribuir sistematicamente um significado simbólico concreto a tal ou qual imagem, até o conceito de Jung, segundo o qual não se trata de explicar o sonho, e sim de continuar vivendo-o, através da análise durante o estado de vigília, a fim de compreender o que ele indica. A etapa seguinte, que está além de qualquer interpretação, consiste em entrar no estado de sonho lúcido, no qual você sabe que está sonhando, conhecimento este que ajuda a trabalhar sobre o conteúdo do sonho.

*Essa prática veio a público graças a Carlos Castaneda...*

Ele a popularizou, mas não é o inventor dela. Na verdade, o primeiro livro consagrado ao sonho lúcido, que eu saiba, foi publicado na França: *Les rêves et les moyens de les diriger*, de Hervey de Saint-Denis. Já em 1867, este autor atinava com a essência da questão, como você poderá verificar por este fragmento que passarei a ler:

No sonho, como um reflexo da vida real, os fatos que aparentemente nele ocorrem, geralmente seguem, inclusive em sua incoerência, certas leis cronológicas que corresponde à seqüência normal de qualquer fato verdadeiro. Quero dizer que se, por exemplo, sonho que quebrei o braço, terei a impressão de que ele está numa tipóia, ou então terei maior cuidado em usá-lo, ou se sonho que as janelas de uma casa estão fechadas, me parecerá que a luz foi interceptada e que estou envolto na escuridão. Por isso, pensei que, se, em um sonho, eu fizer o gesto de tapar os olhos com a mão, a primeira impressão é de que a ilusão provocada é semelhante ao que aconteceria verdadeiramente se eu fizesse o mesmo gesto, estando acordado, quer dizer, faria desaparecer as imagens dos objetos que pareceriam estar diante de mim. Em seguida, eu me perguntei se, depois de provocar essa interrupção da visão, minha imaginação não poderia evocar mais facilmente os novos objetos nos quais eu tivesse colocado o meu pensamento. A experiência demonstrou que o raciocínio estava correto. Ao colocar da mão diante dos olhos no sonho, a visão de um campo que antes eu tinha inutilmente tentado eliminar com a força da imaginação, apagou-se momentaneamente e eu fiquei sem ver nada por um instante, exatamente como teria acontecido na vida real. Então eu evoquei vivamente à lembrança a conhecida aparição de monstros e, como por mágica, esta lembrança, agora colocada nitidamente em foco pelo meu pensamento, prontamente se desenhou de forma clara, brilhante e tumultuosa, sem que eu pudesse perceber como esta transição tinha se operado antes que eu despertasse... Se nós conseguirmos focar a vontade de forma determinada, de modo a conservar a força necessária durante o sonho para dirigir a trajetória da mente através do mundo das ilusões e das reminiscências (como o corpo é dirigido durante o dia através dos acontecimentos do mundo real), podemos deduzir que o exercício da faculdade de ter consciência de um sonho, aos poucos levará os que persistirem no esforço, a resultados concludentes. Em primeiro lugar, não só reconhecerão a ação da vontade consciente na direção de sonhos lúcidos e tranquilos, mas também logo descobrirão a influência desta mesma vontade nos sonhos incoerentes e apaixonados. Os sonhos incoerentes serão coordenados de modo notável sob esta influência; e, nos sonhos apaixonados, cheios de desejos tumultuosos ou pensamentos dolorosos, o resultado deste conhecimento e desta liberdade de espírito adquiridos terá a faculdade de afugentar as imagens desagradáveis e favorecer as ilusões felizes. O temor das visões desagradáveis diminuirá na medida em que se adquira consciência de sua iniquidade, e o desejo de ver aparecer imagens agradáveis será mais ativo quando se reconhece a capacidade que

temos para evocá-las; o desejo será imediatamente mais forte que o temor e, posto que a idéia dominante é a que faz aparecer as imagens, o sonho agradável prevalecerá. Pelo menos é esta a explicação teórica que encontro para explicar para mim mesmo um fenômeno que tenho experimentado de maneira constante.

Apasionante, não é mesmo? Não sei se Castaneda se inspirou neste livro, ou se, casualmente, suas descobertas coincidem com as do autor. O certo é que este texto do final do século XIX mostra com clareza o método que depois seria explicado por Carlos. Foi André Bretón que me recomendou a leitura deste texto.

*A experiência dos sonhos lúcidos já lhe era familiar ou você a teve depois dessa leitura?*

Eu tive a sorte de ter meu primeiro sonho lúcido aos dezessete anos. Nesse sonho eu estava em um cinema onde estava passando um desenho animado digno de Dalí. Imediatamente me vi sentado no centro da sala e soube que estava sonhando. Olhei para a saída, mas, como não passava de um adolescente e carecia de qualquer cultura espiritual ou psicanalítica, pensei: "Se eu passar por aquela porta, entrarei em outro mundo e morrerei". Fiquei em pânico! Minha única saída era acordar. Então eu fiz um esforço enorme para sair do sonho, até o momento em que senti que subia das profundezas em direção ao meu corpo, que parecia estar na superfície. Reintegrei-me ao meu envoltório e acordei. Essa foi a minha primeira experiência, que me pareceu francamente aterrorizante. A partir de então, comecei a me familiarizar com o sonho lúcido.

*Como se pode ter certeza de que é um sonho? Afinal, eu poderia decidir que agora estou sonhando enquanto estamos conversando...*

No começo eu fazia uma verificação. Eu apoiava as duas mãos no ar, como numa tábua invisível, e me erguia. Se eu subisse era porque estava sonhando. Então eu fazia um *looping*, e começava a trabalhar meu sonho. Posso ler para você um sonho lúcido que anotei no meu caderno amarelo, em 1970, e que foi especialmente importante para mim, já que foi nele que eu registrei pela primeira vez a técnica que descrevi:

Estou só numa casa desconhecida. Tudo me parece completamente real, mas, sem saber porque, já que nada me sugere isso, penso: "Talvez esteja sonhando... Sim, estou sonhando, posso voar...". Faço um esforço

e me apoio no ar com as palmas das mãos e me ergo para cima. Flutuo pela casa. “É um sonho!”, digo para mim mesmo. Decido aproveitar a oportunidade para aperfeiçoar meu voo e não apenas ficar me vendo voar, mas sentir que estou voando. Dou uma cambalhota, subo e desço. Fico satisfeito. Decido planar por toda a casa. Atravesso voando uma passagem e chego a um salão escuro. Vejo dois meninos de uns cinco anos num canto. Avanço na direção deles para vê-los melhor: não são crianças, e sim gnomos velhos, fracos e enrugados. Eles riem e se escondem. Parecem ser os espíritos da casa. Eles têm um ar inquietante. Eles me evitam. Desaparecem entre as sombras e riem de mim. Não me atrevo a ir atrás deles. O sonho me absorve, perco a lucidez... Viajo num ônibus sem motorista nem passageiros. Olho pela janela e vejo um bosque petrificado. Digo para mim mesmo: “Provavelmente é um sonho. Vou verificar”. Voo e saio do ônibus, atravessando o vidro e sigo planando pelo bosque. Perco a lucidez, de novo. Agora estou em um sótão diante de uma janela opaca. Não tardo a perceber que estou sonhando e digo a mim mesmo: “Com certeza estou num sonho”. Tento sair voando pela janela, mas não consigo. Tenho a impressão de que as paredes têm vários metros de espessura. No entanto, tenho que atravessá-las. Sinto que é impossível. Obrigo-me a tentar. Atravesso a parede sem dificuldade e saio para o espaço: lá fora há um céu azul no qual flutuo entre as nuvens. Enquanto me deixo levar por uma brisa suave, penso: “Tenho que aproveitar este sonho para ver o meu Deus interior...”. Imediatamente, sinto-me invadir por um profundo cansaço que, evidentemente, anuncia um grande medo. Dou explicações para mim mesmo: “É uma prova muito dura, ainda não estou preparado para esse encontro, deixarei isso para um outro dia”. Acordo. Por um lado estou contente por ter descoberto uma técnica para saber se estou sonhando, mas, por outro, fico irritado pela minha fraqueza e minha falta de coragem. Em meu caderno de sonhos escrevo este comentário: “Acho que chegou a hora de ir além em meu sonho lúcido. Tenho de arriscar. No entanto tenho medo de morrer, não me atrevo... Pode ser que tenha entrado em meu inconsciente e até encontrado meu Deus interior. Devo confiar nele... Devia ter perseguido os gnomos, tê-los enfrentado, falar com eles, sem me incomodar com suas galhofas, estabelecer um contato real com eles, conhecer seus segredos. Devia criar mundos, atravessar a morte, chegar ao centro do meu ser, vencer monstros e terrores... Desejo ser mais corajoso da próxima vez e vencer o medo. Também tenho que encontrar e aceitar aliados e não fazer todo o trabalho sozinho”.

*Suponho que seu exercício de sonho lúcido tenha passado por diversas fases...*

Comecei conduzindo um jogo. Eu dizia: “Quero ver a passagem de elefantes na África”. Depois de poucos segundos estava na África, vendo passar uma manada de elefantes. Podia modificar a paisagem e desejar ir para o Polo Sul e ver mil pinguins... Eu ficava tão contente que acabava acordando. Depois disso, eu tive todo tipo de vivências sobre mim mesmo. Uma vez eu quis saber como era morrer: atirei-me do alto de um edifício e me estatelei no chão. Imediatamente, eu estava vivo em outro corpo, em meio à multidão que olhava o cadáver do suicida. Foi assim que eu descobri que o cérebro não conhece a morte. Uma outra vez, eu decidi me deixar possuir por um deus mítico.

*Você já teve a experiência de um orgasmo feminino?*

A experiência desta penetração foi mais completa do que a de uma relação sexual comum. Lembre-se que eu trabalhava com imagens oníricas que iam além dos limites da realidade. Para que você entenda melhor minha prática, posso ler o sonho que anotei detalhadamente em meu caderno, com data de nove de abril de 1978: “Estou em um quarto, deitado no chão entre duas camas iguais. Tenho as costas apoiadas numa parede. Diante dos meus pés aparece um *imbunche*...”.

*Um “imbunche”?*

É. Eu explico para você: na tarde anterior ao sonho eu tinha estado em um café com um exilado chileno ao qual perguntei sobre o folclore *mapuche*. Ele me contou que, segundo a lenda, os feiticeiros de Chiloé roubavam meninos e os mutilavam para que, transformados em monstros, lhes servissem de ajudantes com o nome de “imbunches”. Continuando: “... um anão cego, nu, com pele de frango depenado, bico de pássaro, cotos no lugar dos braços, o tronco torcido e as pernas arqueadas: uma espécie de feto grande, tão horrível quanto inquietante. Então eu pensei: “É um deus com o qual eu tenho que entrar em relação. Sua fealdade engendrará alguma coisa em meu espírito”. Agora sei que estou sonhando e que tenho o poder de orientar meu sonho. Decido trabalhar esse monstro com o objetivo de transformá-lo em divindade positiva. Eu consigo. O *imbunche* adquire uma boa estatura, feições regulares e se transforma em um ser bellissimo, indescritível, como uma estátua viva. Saio de entre as camas e me deito de barriga para cima no centro da casa. Sei que tenho que ser inseminado pelo deus. Busco minha feminilidade e por isso levanto as pernas. Um tubo transparente, com uns quarenta centímetros

de comprimento, sai de entre as pernas do deus. Decido me entregar sem resistência para que ele introduza o tubo em mim, entre o sexo e o ânus, nesse lugar do períneo que o tantra chama de *chakra muladhara*. Sei que não tenho vagina e não pretendo experimentar uma penetração anal. O deus se ajoelha entre minhas pernas abertas e começa a me penetrar. Seu órgão sobe por minha coluna vertebral até que eu sinto que ele entra em meu cérebro. Minha consciência explode”.

*Impressionante...*

Se você chama essa explosão cataclísmica de “orgasmo feminino”, então sim, Gilles, eu o experimentei e foi uma sensação maravilhosa. Fiquei muito emocionado por me deixar possuir por este deus que foi criado a partir de minha própria monstruosidade. Depois, eu me dediquei a realizar desejos frustrados no estado de vigília, especialmente desejos sexuais, com certeza. Em sonhos, eu me entreguei a orgias fantásticas com mulheres meio humanas, meio panteras. Permita que eu leia outra das anotações que fiz depois de um desses sonhos. Mas antes quero insistir num ponto: antes de conseguir um sonho lúcido, no qual eu controlava as imagens, era preciso vencer uma série de obstáculos que apareciam como outras tantas provas de iniciação. Só depois de superá-las eu teria direito de ser dono e senhor dos meus sonhos. Esta passagem, extraída do meu caderno, mostra bem este aspecto do processo: “Estou num mundo industrial, sem natureza, composto unicamente de imóveis. É uma fronteira. Não tenho documentos de identidade. Três soldados me impedem a passagem. Salto uma barreira e começo a correr, perseguido pelos militares. Depois de abrir as portas de uma garagem, vejo-me diante de um poço de milhares de quilômetros de profundidade. Na borda deste abismo, percebo que estou sonhando. Os perseguidores deixaram de existir. Decido me atirar ao fundo, sabendo que nada pode me acontecer. Salto e caio a grande velocidade. Não sinto medo. Sinto vontade de parar a queda. A queda para. Na parede aparece uma porta. Entro, e agora estou no pórtico de uma catedral. Compreendo que tenho o poder mágico de fazer surgir o que eu quiser diante dos olhos. Então sinto o desejo de viver uma experiência erótica. Crio três mulheres-bestas, metade panteras, metade fêmeas humanas, que estão de quatro. Beijo uma delas na boca e seus lábios carnudos de ninfa parecem uma vulva. Experimento introduzir meu dedo indicador no sexo abaixo do rabo. Posuo uma enquanto as outras me arranham de modo agradável e tento chegar ao orgasmo. Mas, inevitavelmente, deixo de estar lúcido, o sonho me absorve e finalmente se transforma num pesadelo. Acordo com palpitações...”

*Qual é a dimensão iniciática dessas experiências?*

O fato é que, no momento em que começava a fazer amor com essas mulheres animais, o desejo se apoderava de mim, fazendo com que eu perdesse a lucidez e, portanto, o sonho fugia do meu controle. Eu esquecia que estava sonhando. O mesmo me acontecia em relação à riqueza. Quando eu me deixava fascinar pelo dinheiro, meu sonho deixava de ser lúcido. Cada vez que eu procurava satisfazer minhas paixões humanas, o roteiro me absorvia e eu perdia a lucidez. Foi uma grande aprendizagem: compreendi finalmente que, na vida como no sonho, para permanecer lúcido, é preciso um distanciamento, uma não identificação com a ação. Esse é um velho princípio espiritual que o sonho lúcido me fez recordar. Como dizem todas as tradições: o desejo e o medo são as duas faces da nossa identificação.

O sonho também me ensinou a revidar meus medos. Durante um tempo, eu tive sempre o mesmo pesadelo: estava num deserto e, como uma imensa nuvem de negatividade, surgia no horizonte um ente psíquico que vinha decidido a me destruir. Eu acordava gritando, coberto de suor... Um dia eu me cansei e resolvi me entregar em sacrifício àquele ente. No auge do sonho, num estado de terror lúcido, eu disse a mim mesmo: “Muito bem, não quero mais acordar. Você não terá mais que vir me destruir”. O ente se aproximou e desapareceu de repente. Acordei por alguns segundos e voltei a dormir tranquilamente. Foi então que compreendi que somos nós mesmos que alimentamos nossos terrores. Aquilo que tememos perde toda a sua força a partir do momento em que paramos de lutar com ele. Esse é um dos ensinamentos clássicos do sonho lúcido. Várias vezes eu consegui controlar o medo da passagem final, percorrendo minha própria morte.

*Você poderia dar mais alguns exemplos desse processo?*

É só procurar no meu caderno... Por exemplo: “Estou apertado para urinar. Sinto minha bexiga cheia. Urino um grosso jorro de sangue numa banheira branca. Digo a mim mesmo: ‘O líquido é vermelho porque estou fazendo muita força. Não posso parar de urinar, mas relaxo e, por minha própria vontade, transformo o vermelho em amarelo’. Em momento algum me deixo dominar pela angústia. Aos poucos, a cor vai se transformando. Depois disso, sou novamente dominado pelo pesadelo e mais uma vez urino sangue. Reassumo o controle do sonho, sem perder a serenidade, e o jorro adquire definitivamente sua cor âmbar”.

Outro sonho: “Estou num café numa praça pública, sentado num canto entre outros clientes. Imediatamente, um rapaz barbudo, louco e agressivo saca um revólver no meio de todos. Gargalhando, ele encosta o revólver na testa de um sujeito. Furioso, eu me levanto e grito que ele deveria ser mais delicado. Lembro-lhe que não faz muito tempo seu amigo tentou o suicídio disparando contra a própria cabeça e que aquele tipo de brincadeira poderia traumatizá-lo. Ele então olha para mim apontando-me a arma e murmurando em um tom sádico: ‘Muito bem, e agora?’ Ele pensa que eu vou começar a tremer, mas não sinto medo. Ele dá uma volta em torno de mim, mas eu fico parado ali mesmo. Sei que ele não vai disparar e eu então lhe digo: ‘Sei que você não fará isso’ — ‘E por que não?’, ele me pergunta. ‘Porque sou muito pequeno para os seus delírios de grandeza’, respondo. E de fato sei que este louco, obcecado e absorto em seu próprio espírito, não pode realmente se interessar por mim o bastante para me aniquilar. Acordo feliz: não senti medo diante daquilo que poderia ter sido um pesadelo”.

Outro sonho no qual eu consigo domesticar um monstro meu: “Caminho por um descampado e chego a um buraco circular que parece uma imensa caixa de esgoto. Dali surge um monstro gigantesco, espantoso, de uns vinte metros de altura. Rapidamente, controlo minha repugnância, pois entendo que essa criatura horrível é uma parte de mim, uma energia obscura do meu espírito. Decido que não vou destruí-la, e sim transformá-la. Então, nesse mesmo momento, ele se cobre de penas brancas e se torna luminoso. Abre seis asas e se eleva. Transformado numa belíssima entidade angélica, ele se oferece para me levar ao Cosmos. Mas eu não cedo à tentação. O anjo é uma energia luminosa do meu espírito que eu tenho de absorver. Faço com que ele me cubra e o aspiro por todos os poros de minha pele. Agora sou eu que, transformado em um ser cheio de energia e de luz, se eleva tranquilamente. Acordo exultante”.

Agora vou ler um sonho muito poético no qual me vejo entrando com os olhos abertos no reino dos mortos: “Estou no vestibulo da morte. Diante de mim, sentado em um banco, está o cantor Carlos Gardel, morto há quarenta anos. Eu o saúdo dizendo: ‘Vamos, tenha coragem, morra de uma vez...’. Passamos para uma outra sala na qual diviso uma porta que leva diretamente à morte. Um porteiro tenebroso apalpa todos que estão ali e decide quem vai e quem não vai até a última porta. Diante de nós estão dois adolescentes. Depois de revistá-los, o porteiro os recusa e eles se vão desolados por ter que continuar vivendo. Gardel é declarado morto e agora é a minha vez. O porteiro me revista e me declara morto. Carlos Gardel hesita, está com medo. Digo a ele: ‘Que importância

tem isso? Assim é melhor! Agora finalmente saberemos o que existe atrás dessa porta!’. Empurro-o decididamente para que entre comigo na outra dimensão. Ao passar pela porta, o cantor desaparece numa explosão de luz. Mal acabo de cruzar a fronteira da morte, vejo-me numa paisagem de colinas verdes. Estou acompanhado por pessoas muito agradáveis. Lanço sacos de papel que caem cheios de guloseimas e objetos valiosos. Posso fazer milagres, pois tenho o domínio desta região e sei que tudo o que estiver vazio eu posso jogar para cima e que aquilo sempre cairá cheio. Presenteio as pessoas que estão à minha volta e acordo muito feliz”.

Agora vejamos um último sonho no qual, como em tantos outros, estou mais uma vez diante do monstro: ‘Tenho que atravessar um porão lúgubre com chão de terra batida. Um desconhecido me espera para me dar passagem. Sinto a presença de um animal na penumbra. Sei que é uma pantera negra e que o desconhecido é o seu domador. Ele me faz um sinal, indicando que passe em linha reta, sem medo. Eu obedeco, mas a pantera salta sobre mim e me joga no chão... e, com as garras das patas dianteiras, prende a minha cabeça. Ela mordisca meu crânio sem me ferir, como um gato que brinca com um rato. Vejo o rosto transtornado do domador, que ao me ver à mercê da sua fera, sente-se impotente. No entanto, não me entrego ao medo, em momento algum. Sem me mover, deixo que a pantera me acaricie os cabelos com sua fauce. Sei que tenho que me entregar, me fundir a ela, aceitar amorosamente a situação e me dissolver na pantera. Começo a vibrar de amor e me torno um com ela. Nesse instante, a pantera desaparece. Levanto-me, cruzo o porão e sigo o meu caminho. Acordo exultante”.

*Se compreendi bem, você usou em vigília as lições que recebeu em sonhos e depois as incorporou à prática da Psicomagia...*

Isso mesmo. Eu me esforcei em seguir à risca o que me foi permitido compreender nos sonhos. Pois do que nos serve receber ensinamentos se não nos valem deles nas dificuldades cotidianas? Um ensinamento só mostra seu poder de transformação quando é colocado em prática.

*Você poderia me dar um exemplo de aplicação na vida diária de um princípio recebido em sonhos?*

Bem, como eu estava dizendo, o sonho lúcido me ensinou a enfrentar meus monstros. É lícito fugir quando não sentimos que temos forças suficientes para enfrentá-los, mas chega uma hora em que eles devem ser

olhados de frente. O que acontece então é que o monstro desafiado se transforma em aliado. Nosso medo alimenta a animosidade do adversário, enquanto que nossa disposição de enfrentá-lo com amor o desarma, quer dizer, faz com que ele mude sua orientação. Quando eu estava no México, filmando *A montanha sagrada*, houve boatos escandalosos, pois, como nós estávamos filmando diante de uma catedral, dizia-se que nós tínhamos celebrado missas negras ali. Também se dizia que nós ridicularizávamos os policiais mexicanos... Um dia dois policiais se apresentaram dizendo: “O ministro tal quer falar com você”. Eles me levaram para despachar com esse ministro que me disse mais ou menos o seguinte: “Escute aqui, Jodorowsky, o presidente o conhece muito bem e admira o seu trabalho, você tem nele um amigo. Porém, tenha cuidado: um governo pode ser um grande amigo, mas, se você o contraria, pode se transformar num inimigo terrível... Não deixe que nenhum uniforme apareça no filme, suprima todos os símbolos religiosos e nós o deixaremos em paz”.

No México, estas palavras na boca de um ministro soavam como uma ameaça de morte. Naquela noite, ao voltar para casa, ouvi vozes que gritavam no jardim: “Jodorowsky, cuide-se ou nós o expulsaremos...”. Havia um grupo paramilitar encarregado do serviço sujo no México chamado *Os Falcões*. Eu logo compreendi que aquilo poderia acabar mal e, no dia seguinte, levei toda a minha família para os Estados Unidos, resolvido a por um fim à filmagem ali mesmo. No entanto, recusei-me a aceitar que aquele ministro continuasse sendo meu inimigo e que aquela ameaça de morte ficasse marcada no meu inconsciente. Assim que terminei o filme, reuni todas as boas críticas da *A montanha sagrada* que tinham sido publicadas na Europa e nos Estados Unidos, voltei ao México e pedi uma audiência com o ministro, que até aquele momento continuava contrariado comigo por eu ter ido embora com toda a minha equipe. Mostrando-lhe os recortes dos jornais, eu disse a ele: “Olhe o que o meu filme faz pelo México, agora este país está sendo falado no mundo inteiro”. Ao ver que eu tinha me atrevido a me meter novamente na boca do lobo, ele sorriu e me deu um tapa nas costas: “Muito bem, Jodorowsky, você é valente e eu o cumprimento por isso”. Ele não só não me colocou mais nenhuma dificuldade, como até me deu presentes! Essa é uma anedota verídica que mostra que às vezes é salutar se atrever a desafiar o monstro. A questão central é, dentro da medida do possível, não permitir nunca que uma conta fique pendente com um inimigo. Isso se transforma em uma coisa bichada e o ódio alimenta a si próprio, com risco de proliferação. Uma bomba com o pavio muito comprido pode levar anos para explodir, mas, no dia que isso acontecer, os danos serão desastrosos. Por isso é melhor

desarmar a bomba e não deixar ameaças de morte soltas por aí à nossa volta ou no nosso inconsciente. Não temos que matar o adversário: é melhor que ele se transforme num aliado.

*Outro princípio do sonho lúcido é transformar o conteúdo de um sonho. Como você aplicou isto na sua vida desperta?*

Já contei para você o quanto eu gostava de caminhar pelo cenário dos sonhos, passando da África para os Estados Unidos, por exemplo, transformando o entorno... Também aprendi que na minha vida ordinária não havia razão para estacionar numa etapa. A realidade cotidiana não é rígida, ou não o é mais do que em nossa mente, pelo conceito que temos dela. Se nós nos sentimos aprisionados, cansados de andar sempre no mesmo cenário, temos a capacidade de mudar isso! Quem disse que é impossível? O sonho lúcido me ensinou a circular dentro de uma realidade dúctil na qual sempre se pode produzir uma mudança, uma transformação. Isso não depende de outra coisa senão da minha intenção: no sonho lúcido, o mero desejo de estar na África entre uma manada de elefantes foi suficiente para me transportar dali. Neste tipo de sonho “real”, assim como em meu cérebro, a forma pela qual eu represento o mundo é que determina o que a realidade é. A “realidade” não existe por si mesma, a todo momento nós criamos nossa realidade, que pode ser alegre ou funesta, monótona ou apaixonante.

*Como por exemplo?*

Você observou que outro dia, quando entrou aqui em casa, encontrou tudo mudado? Eu estava cansado daquela decoração. Comprei móveis novos e deixei na calçada da rua tudo o que eu não queria ver mais. Aquele esvaziamento se transformou numa espécie de festa e as pessoas levaram tudo embora... Dias depois, alguns vizinhos gritaram: “Agora sabemos quem você é!” — “E então — respondi — como é que vocês me conheceram? Pelos meus filmes? Pelas minhas histórias?” — “Pelos seus desperdícios! Nós recuperamos coisas incríveis em frente à sua casa”. Quer dizer, não só eu mudei minha decoração, mas também, de certa maneira, transformei o próprio bairro.

*Certo, mas, se temos dinheiro, sempre é mais fácil mudar os móveis do que mudar para a África para estar perto dos elefantes...*

Não, o princípio fundamental é o mesmo, ele está dentro da mente, na nossa concepção de realidade. A realidade pode ser percebida como

um pesadelo, e sabe Deus que, na ordem das fatalidades, qualquer coisa pode acontecer. Mas é dentro desta mesma realidade que uma pessoa pode lapidar sua lucidez e realizar atos que transformam um ambiente negativo num contexto positivo.

*Sempre haverá quem veja nisso uma questão econômica: se temos dinheiro, podemos pegar um avião e, em algumas horas, estar na África ou visitando Nova Iorque.*

Sim, mas sempre teremos que atrair isso para a nossa vida! A sua vida corresponde à ideia que você faz dela... Por exemplo, eu nunca fui milionário e nem mesmo rico, mas sempre segui o princípio dos sonhos lúcidos em minha vida cotidiana: por que não ir para um outro lugar? Assim é que, quando foi de fato preciso, eu atraí as circunstâncias favoráveis para que minha necessidade fosse satisfeita. Há poucos dias, eu tive vontade de dar uma fugida. Eu tinha recebido um convite para um festival de cinema em Chicago e para lá eu fui escondido, por três dias. Saí na sexta-feira e voltei no domingo... Ninguém soube para onde eu tinha ido. (*Risos*).

Lembro-me que um dia um amigo meu, multimilionário, me perguntou: "O que você vai fazer neste final de semana?" — "Nada", eu respondi. — "Você quer ir para Acapulco?" E pronto, logo o seu jato particular nos levou para Acapulco para passar o final de semana.

*Ouvindo você falar, tudo parece muito simples, mas nem todo mundo tem amigos multimilionários...*

Estou vendo que você não concorda com o que eu digo, mas sabe muito bem, por sua própria experiência, que cada um cria a realidade que quer... Eu precisava mesmo passar um final de semana do outro lado do mundo e a minha convicção sobre a plasticidade da vida fez com que esta me enviasse um jato particular e tudo mais.

No seu caso, por exemplo: o que você mais quer é conhecer sábios e ouvir *rock' n' roll*. O que você mais quer é conciliar estes dois aspectos da sua existência, aparentemente díspares. Pois bem, como a sua ideia de vida não é rígida, você atraí as circunstâncias mais favoráveis e, finalmente, as encontrou no Arizona, quando pôde conhecer um sábio de verdade que, não contente em ter criado um *ashram*, também liderava um grupo de *rock' n' roll*. É bem possível que não exista outra pessoa no planeta que combine estas duas atividades. Até então esse homem era muito pouco conhecido nos Estados Unidos e completamente desconhecido na

Europa, mas, apesar disso, a magia da vida o enviou até você. Também, quando adolescente, você ia assistir a todos os meus filmes e colecionava os artigos que falavam de mim e agora somos amigos e juntos podemos fazer este livro. Com inocência e determinação, podemos atrair circunstâncias estatisticamente pouco prováveis.

*Concordo...*

Vou contar outra história para você: em 1957, antes de teorizar sobre todas estas coisas, um dia eu perguntei para a minha mulher:

— Onde você gostaria de passar as férias?

— Eu gostaria muito de ir para a Grécia — ela respondeu.

— Muito bem — eu lhe disse — Iremos para a Grécia!

— Mas como? Não temos nem um centavo...

— Nós iremos para a Grécia!

Naquele momento, bateram na porta do sótão em que vivíamos. Era um amigo que fazia parte de um grupo de música sula-mericana, muito conhecido naquela época — Os *Guaranis*, de Francisco Marin, e ele me disse:

— Em três dias nós vamos à Grécia numa turnê com um espetáculo folclórico e um dos nossos bailarinos ficou doente. Você quer ir no lugar dele?

— Mas eu não conheço essas danças...

— Não tem importância, minha mulher pode ensinar tudo para vocês.

Imediatamente, aprendi duas danças, *Bailecito* e *Carnavalito*, e lá fomos nós para a Grécia. Depois de ter vivido isso, como não considerar a realidade um sonho que vamos criando pelo caminho?

*Certo, estou de acordo no que diz respeito ao princípio, mas me parece que suas anedotas e suas colocações podem criar alguma confusão. Além disso, o mundo está cheio de gente que quer realizar seus sonhos sem fazer nenhum esforço... A experiência ensina que não basta desejar, tem que merecer.*

O que você acaba de dizer me parece muito importante. Mas estas coisas que digo aconteceram mesmo comigo e posso lhe afirmar que minha vida está em consonância com os meus sonhos mais fantásticos. Eu de fato acredito na magia da vida. Agora bem, para que essa magia seja efetiva, cada um tem de cultivar em si mesmo uma certa quantidade de

virtudes que a princípio podem parecer contraditórias: inocência, autodomínio, fé, valentia... Colocar esta magia em movimento exige muita audácia, pureza e também um trabalho profundo sobre si mesmo. Tenho de insistir dizendo que consagrei minha vida ao aperfeiçoamento, ao autoconhecimento, à abertura interior. É imprescindível não abandonar a disciplina em momento algum, sem a qual este enfoque da realidade não seria outra coisa senão uma ilusão. A vida não está aí para satisfazer os desejos do primeiro preguiçoso que se apresenta! A vida não lhe dá respostas senão na medida em que você se entrega a ela e se esforça para superar o seu egocentrismo.

*Então poderíamos ver esse trabalho de ascese como um exercício das lições recebidas nos sonhos lúcidos? Digo isto porque a ascese requer um esforço diante de um sonho lúcido no qual basta formular um propósito para que este se realize...*

De fato, manter-se consciente durante um sonho lúcido requer um esforço considerável. Por outro lado, as emoções experimentadas durante o sonho são reais. Se você está aterrorizado, isto é de fato sentido e você experimenta um grande terror e tudo fica mais difícil de ser enfrentado. No fundo, o grande ensinamento do sonho lúcido está menos na descoberta da magia cotidiana do que nesta exigência de lucidez, porque nós não podemos esquecer que, sem lucidez, nada é possível. É como eu digo, a partir do momento em que você se deixa levar pela experiência que está vivendo, o sonho o absorve e lá se vai a lucidez, a única coisa que sustenta a dimensão mágica. A magia da qual temos falado não age senão graças a um distanciamento. O que permite o jogo é a lucidez do testemunho, caso contrário, a identificação amesquinha a existência, limita o espaço das possibilidades. As leis que regem o sonho lúcido são as mesmas da vida cotidiana: quanto mais te distancias, mais a existência pode ser desfrutada e sentida como um grande pátio de recreio. Se você não consegue se distanciar, a vida pode se transformar num beco sem saída. Assim é que, paradoxalmente, o sonho me ensinou a vigília, a manter o fio da existência, uma corrente de lucidez, inclusive à custa de grandes esforços. Sabe Deus o quanto a vida pode ser maravilhosa às vezes, sobretudo se você se abre um pouco para a sua magia! No entanto, à medida que você se abre, aumenta a tentação de se deixar absorver e existe o perigo da identificação. Por outro lado, a lucidez também é reforçada pela prática.

*Outro ensinamento do sonho lúcido do qual temos falado, outra faceta da magia, é a descoberta da flexibilidade da realidade. Não é só a vida que não*

*é concebida como um processo rígido, mas nós mesmos vamos nos tornando mais flexíveis.*

É isso. Eu tento não me autodefinir excessivamente, não me fechar numa visão estreita de mim mesmo. No sonho, eu posso me perceber como um homem de 60 anos, mas também como um rapaz jovem ou um velho, ou ainda uma mulher, por que não? No sonho várias facetas do meu ser ganham expressão. Na verdade, eu deixo que estas facetas se expressem e tento responder ao que a situação exige, sem me deter numa idéia preconcebida do que eu sou ou deveria ser. Quando viajo, muita gente mostra interesse em saber minha nacionalidade. Se alguém me diz no avião: "Você é italiano?", eu respondo, "Sim". Se acham que eu sou grego, francês, russo, israelense, etc, eu sempre confirmo. Meu interlocutor fica encantado por ter acertado e passa a me tratar como um italiano, um russo, um grego, um chileno, e isso não muda nada... Você se lembra do que aconteceu há pouco tempo, lá na Manjerona? Este é um bom exemplo dessa atitude. Quando chegamos, o público não estava a minha espera, tinham ido ouvir o doutor Westphaler.

*Doutor Woestlandt...*

Isso, o doutor Wiesen-Wiesen...

*Enfim...*

Pedi que você me apresentasse como se eu fosse o doutor Westphallus, mas você não se atreveu... Eu teria então falado durante horas sob a identidade do doutor Wuf-Wuf. Teria falado de saúde e transmitido minha mensagem. Pouco me importa quem transmite ou quem eu seja! Sempre ajo em função do que se quer ver em mim. Se alguém espera o diretor de cinema, posso ser o diretor de cinema, se espera o roteirista de histórias em quadrinhos, posso ser o roteirista... Aceito qualquer etiqueta, internamente consciente de que isto não me restringe a ser o que é percebido em mim, o que os outros acreditam que eu seja.

*Há outros aspectos do sonho lúcido que você tenha explorado?*

Depois disso tudo, eu quis explorar dimensões ainda mais metafísicas: fui em busca do meu mestre interior. Vou ler para você outro sonho que me parece muito revelador: "Estou com dois mexicanos típicos, meio atarracados e gordinhos e sinto que eles são meus amigos, mesmo não os

conhecendo. Atravessamos um pátio com o chão e as paredes de pedras que bem poderia ser o de uma escola, um templo ou um monastério. Tudo é muito amplo. Caminhamos rente a uma parede. De repente, ouvimos o estrondo de um movimento telúrico. O ruído assusta os mexicanos. Um deles exclama: “Vem vindo um terremoto!”. Eles olham para as pedras, esperando angustiados pelos primeiros tremores. Eu, que começo a perceber que estou sonhando, falo para eles: “Não tenham medo, não vai acontecer nada, é um sonho”. Apesar disso, tudo parece tão real que começo a duvidar. Depois de parar o ruído com a força da vontade, tenho então a certeza de que, de fato, estou sonhando. Então decido aproveitar essa lucidez. “Desta vez desejarei contemplar a Divindade”, digo para mim mesmo. Apesar do profundo temor que me inunda, decido fazer isso. “Ajudem-me a enfrentar Deus”, digo a meus amigos.

Eles se colocam cada um debaixo de uma das minhas axilas, como se fossem muletas humanas, para me ajudarem a seguir em direção a uma escada de pedra negra, com 22 degraus, que se ergue do centro do pátio, como um pedestal. “Já me sinto em condições de enfrentar Deus sozinho”, digo então aos meus amigos. E como eu sei que os dois são parte do sonho, dou-lhes um empurrão e faço com que eles desapareçam e começo a subir a escada. Mais uma vez sou presa do terror: talvez surja diante de mim uma imagem terrível... Os degraus estão molhados e tenho que fazer um esforço enorme para não escorregar. Imediatamente, surge diante de mim uma fotografia animada na qual um ator gigantesco faz caretas de palhaço. Mal acredito: “Uma foto, um ator, a Divindade...? Não é possível!”. O ator desaparece e eu fico no lugar dele. Tenho 60 anos e pareço um velho professor de universidade. Uso um paletó de casimira e uns óculos na ponta do nariz. Penso que esta imagem imensa de mim mesmo é uma tela necessária, a projeção de antigos ideais, e que isto me fará viver sem angústia meu primeiro encontro com a Divindade. A foto ganha vida e começa a falar comigo, com simpatia. Ela me dá uma mensagem, uma lição. Assimilo pouco, só umas cinco ou seis palavras: “O tesouro da humanidade...”. Fico muito alegre com esta pequena experiência, que faz com que eu dê meu primeiro passo na busca do Deus interior, do guia, do mestre pessoal, do eu impessoal, pouco importa o nome que se dê, e, além disso, sem sentir medo. Reúno todas as minhas forças, me apoio no ar e começo a flutuar: com uma investida de carneiro, atravesso a tela e me lanço no firmamento, na imensidão coalhada de estrelas. Mais uma vez sinto o desejo de contemplar meu Deus interior. Diante de mim surgem duas pirâmides entrelaçadas, tão grandes quanto a de Quéops, semelhantes a uma estrela de Davi em relevo. Digo a mim mesmo que não devo

me contentar em apenas vê-las — uma é negra e a outra é branca — mas que também devo me fundir com elas. Penetro no centro delas e estalo como um universo em chamas”.

Este é o sonho, tal como eu o anotei. Baseado nesta experiência vívida, escrevi o roteiro do *Incal*.

*Então isto quer dizer que a prática do sonho lúcido consiste em montar um ato com o conteúdo onírico. Existe uma maneira de se ir além de um sonho lúcido?*

Sim. É possível passar ao que eu chamo de “sonho terapêutico”, no qual a lucidez é usada para curar uma ferida ou suprir uma carência que se tem no estado de vigília. Citarei quatro exemplos tirados do meu caderno:

Estou com Tereza, minha avó paterna, aquela que, por desavenças familiares, não pude conhecer. É uma mulherzinha meio gordinha e com a testa larga. No sonho, me dou conta de que, na verdade, nós não nos conhecemos, nunca nos falamos, que nunca passeamos juntos nem uma única vez. Digo a ela: “Como pode ser que você, minha avó, nunca tenha me abraçado?” Entendo que isso foi uma indelicadeza e retifico: “Melhor dizendo, como é possível, vó, que eu, sendo seu neto, nunca tenha lhe dado um beijo?”. Proponho dá-lo naquele momento e ela aceita. Nós nos abraçamos e nos beijamos. Acordo com uma imagem nítida do sonho, muito contente por ter encontrado este arquétipo familiar.

Estou em meu quarto, assim como ele é na realidade, em pé, diante do meu pai. Digo a ele: “Em toda a minha vida, você nunca me beijou como um pai beija. Tudo o que você fez foi me infundir temor e nada mais. Mas agora que sou adulto, vou dar-lhe um abraço”. E, sem medo algum, eu o abraço, beijo e embalo. E, ao embalá-lo, sinto a força incrível dos seus braços e exclamo contente: “Você tem 90 anos e ainda é tão forte!”. Continuo a embalá-lo, com audácia e ternura, e digo a ele: “Do mesmo modo que você nunca me tocou, eu também neguei qualquer contato físico ao meu filho Axel”. Então Axel surge com a idade que tem hoje, 26 anos. Eu o abraço e lhe peço que me embale, assim como acabo de fazer com o meu pai. Acordo. Durante o dia, falo com Axel e lhe conto o sonho, todo contente. Peço-lhe que me abrace e que me embale. No começo, ele está tímido e o faz de má vontade, mas aos poucos ele se comove e acabamos estabelecendo um contato que nos dá a ambos uma sensação de bem estar e de paz. Desta maneira, em sonhos, realizei algo que tinha

faltado em minha relação com meu pai e, na verdade, pude então sanar essa falta na relação do meu filho comigo.

Estou com problemas econômicos e sonho que vão me contratar como ator em uma companhia de teatro. Dirijo-me ao empresário para falar sobre o meu salário. Explico que ele tem que me pagar muito bem porque, conhecendo-me como me conheço, não me contentarei em interpretar, mas tentarei fazer com que o espetáculo aconteça com perfeição. Supervisionarei a iluminação, a música, o figurino, o trabalho dos meus colegas, etc. Em suma, me ocuparei de tudo. O empresário me compreende e me fixa um bom salário, o que é merecido. Acordo tranquilo e com a confiança em mim mesmo restabelecida. Sei que as dificuldades econômicas serão resolvidas.

Há três dias que tenho fortes dores de estômago, provavelmente por causa de uma infecção intestinal. Durmo mal e não quero tomar antibióticos. Deito e sonho: estou em minha cama, sofrendo as mesmas dores que tenho quando estou acordado. Chega Pachita, a curandeira. Ela se deita sobre mim e chupa o lado direito do meu pescoço dizendo: "Vou curar você, irmãozinho". Fazendo um esforço enorme, ela desliza a mão esquerda entre nossos corpos e a apóia em meu ventre. Depois, ela se ergue no ar, sem se separar de mim. Levitamos horizontalmente por um instante e logo pousamos na cama. Ela vai sumindo devagar. Acordo curado, sem mais dor alguma. Parece-me que, ao afirmar aquilo em palavras, eu me transformei na curandeira e dessa maneira consegui acessar um médico interior, uma espécie de Divindade. Lembro-me que no México, antes de morrer, Pachita fez aparecer um anel na palma da sua mão, colocou-o no meu dedo anular esquerdo e me disse: "Virei visitá-lo em sonhos".

Como você pode imaginar, este tipo de sonho é tremendamente positivo. São sonhos reparadores no pleno sentido da palavra, nos quais o inconsciente canaliza sua força para curar.

*Se é possível usar esse conhecimento adquirido pela prática do sonho lúcido para chegar ao sonho terapêutico, seria possível ir ainda mais longe e chegar a uma dimensão de sabedoria através do sonho?*

Isso é o que eu chamo de "sonho humilde". Um dia eu parei de por atos para poder assistir o sonho na qualidade de simples observador. Quando é assim, eu deixo que o sonho se desenvolva, que ele siga seu

próprio curso, sem me deixar absorver por ele, mantendo a lucidez. Sou o espectador do meu sonho e me abstenho de qualquer intervenção. E mais, acho que ultimamente tenho conseguido um nível ainda mais sutil ao qual chamo de "sonho sábio". O protagonista do sonho que assisto na qualidade de espectador é um sábio. Pronuncia frases que eu anoto quando acordo: frases que, além do mais, não têm nada de original e poderiam ser extraídas de qualquer texto sagrado. Mas elas surgem do inconsciente profundo, pelo que posso observar lucidamente durante o sonho.

*Você pode contar algum desses sonhos sábios?*

Sim, mas com reticências...

*Por quê? Será talvez por pudor?*

Não, não é isso! Simplesmente porque tenho medo da incredulidade. (de sua biblioteca, Jodorowsky pega um caderno enorme que parece um livro de ouro). Nesse outro caderno, eu anoto os meus sonhos mais positivos. Posso abri-lo e ler um exemplo de sonho sábio, mas será que nossos leitores acreditarão que seja possível um homem ter um sonho desses? Acho que é melhor eu dar minha palavra de honra...

*Por que não? Seria quase surrealista: "Declaro por minha honra ter sonhado sabiamente..."*

Muito bem, então eu certifico por minha honra ter tido esses sonhos! Que cada um se sinta livre para acreditar ou não.

*Esses sonhos são tão inauditos assim?*

Não, na verdade são muito simples. O que eles têm de inaudito é exatamente esse elemento que faz com que sejam sonhos sábios. A questão central é o clima característico do sonho. (Jodorowsky começa a ler aquele caderno enorme).

"Estou em uma aula de artes marciais. O mestre me diz: 'Relaxe e caia em meus braços'. Um pensamento me vem à cabeça: 'Muito bem, vou ficar completamente relaxado', e deixo-me cair sem resistência alguma. O mestre me segura e me estende no chão. Então ele começa a me dar uma chave. Estou tão relaxado que ele não consegue. Então ele diz para o seu auxiliar: 'É impossível lutar com ele. Está como morto, e contra um

morto não se pode fazer nada'. Este é um exemplo de sonho sábio no qual eu consegui um estado de relaxamento absoluto."

Outro exemplo: "Saio para a rua com uma roupa muito apertada, que me deixa com um aspecto frágil. Então eu penso: 'É bom que as pessoas me vejam fragilizado, porque, por dentro, eu me sinto muito forte'. Ou este outro sonho: "Assisto a aula de um professor de filosofia na qual ele declara: 'O segredo é ser com o pensamento'. Ao que eu lhe respondo: 'Se não aceitar que você tem que morrer, você não vai conseguir nada. Só a aceitação da sepultura nos livra do pensamento da morte'."

Há mais dois: "Uns ciganos me levam ao armazém deles no qual guardam todo tipo de utensílio. Eles querem minha opinião e me mostram uma grande taça numa caixa de papelão, semelhante às do Tarô de Marselha. Eles querem usá-las em suas experiências de alquimia para descobrir o solvente universal, a substância que dissolve qualquer matéria. Eu lhes pergunto sorrindo: 'Sabem qual é o solvente universal?'. Vendo que eles não sabem a resposta, eu lhes digo: 'É o sangue de Cristo. Uma gota do sangue de Cristo no coração dissolve todos os sentimentos. Depois disso só fica o amor'."

E por último: "Um menino triste me diz: 'Sou muito pouca coisa. Não valho nada. Deus não olha para mim, está ocupado com coisas mais importantes'. Eu digo a ele: 'Imagine a superfície de uma esfera composta por uma infinidade de pontos. Agora imagine o centro dessa esfera: é um só ponto que se comunica com todos os outros'."

*Eu esperava sonhos mais delirantes, uma proliferação de símbolos mágicos, como nos seus filmes ou em suas histórias em quadrinhos. Os sonhos que você contou são de uma sobriedade incomum em você...*

Bem, minhas histórias em quadrinhos e meus filmes se parecem mais com sonhos lúcidos. Como você pode ver, a maioria desses sonhos são muito curtos. O que eles têm de especial é o impacto que causam e o modo como me vejo neles: no sonho eu sou sábio, sereno e feliz e essa sensação permanece um bom tempo depois que eu acordo.

*Agora eu gostaria que você me desse alguns exemplos do que é um "sonho humilde"...*

Este é um outro tipo de sonho, no qual eu admito o valor alheio. Por exemplo: "Estou na casa de uns amigos. Na casa há uma mulher do povo, porém muito distinta. Ela deve ter uns 58 anos. Eu a considero muito educada, simpática e humana. Depois de um tempo ela me pergunta:

'Você sabe quem eu sou?'. Eu respondo que não sei. Então ela me diz: 'Eu sou a Cristina. Quando você era pequeno, era eu que cuidava de você'. Só então me dou conta de que estou diante de minha primeira babá. Digo aos meus amigos: 'Vocês percebem? Essa é a primeira mulher que eu amei na vida!'. Saber que ela ainda está viva e verificar o grau de refinamento que ela conseguiu me dá uma grande alegria. Cristina e eu nos beijamos e ela vai embora. Então meus amigos me dizem, em tom de admiração: 'Ela tem 80 anos e, no entanto, parece tão mais jovem!'. Acordo cheio de alegria".

Mais um: "Sou surpreendido na rua por uma passeata de estudantes. Os jovens queimam carros e há policiais por toda parte. Ouço rajadas de metralhadora e me jogo no chão, mas não estou com medo. Um policial me detém e me leva à delegacia. Sou interrogado. Mantenho o sangue frio. Estou com os bolsos cheios de panfletos contra os militares e de recortes de jornal com notícias nas quais policiais e militares fazem um papel ridículo. Explico que sou professor de tarô e eles me soltam. Vou caminhando pela rua, com as roupas rasgadas, e também perdi os sapatos. Coloco estojos de óculos nos pés como se fossem chinelos. Entro num café para perguntar onde fica a rua onde moro. Entre os clientes, há uma mulher gordinha e humilde, com um rosto bondoso, que me olha compadecida, como se eu fosse um vagabundo. Ela murmura: 'Vejam só como está este pobre homem! Temos que fazer alguma coisa!'. Ela pensa que eu sou um mendigo. Ela parece ser tão boa e a sua compaixão me comove tanto que decido não corrigir o seu erro e aceitar o papel que ela me atribui para não contradizê-la e deixar que dê vazão aos seus bons sentimentos. Abro minha maleta preta e procuro um pequeno baralho de tarô para dar de presente a ela. Entre os baralhos de tarô, há frascos de pílulas. São vitaminas, mas a mulher pensa que eu sou traficante de drogas, o que aumenta ainda mais a sua compaixão. Sem saber nada de tarô, ela tira uma carta, O Mago. 'Isso é mau', ela diz. 'Você não deveria andar com esta carta. Olhe, este homem segura uma pílula na mão...' Ela pensa que o círculo amarelo que o mago tem entre os dedos é algum tipo de droga. Eu agradeço as boas intenções dela, prometo não me drogar mais e saio do café. Em nenhum momento senti vontade de me dar importância. Pelo contrário, senti prazer em ser humilhado".

*Você distingue outros tipos de sonhos além desses?*

Certamente! É possível ter um "sonho generoso", no qual a gente compartilha o que aprendeu com o resto da humanidade. Por exemplo:

“Estou num espaço imenso, sobrevoando uma passeata pela paz, com milhares de manifestantes. Ao perceber que estou sonhando, começo a girar no ar para chamar a atenção. As pessoas ficam admiradas em ver como eu levito. Então eu peço a elas para que se deem as mãos e formem uma corrente para voar comigo. Quando toco nelas, faço com que se levantem do chão e uso a força do pensamento para fazê-las voar, mas elas não saem do lugar. Tenho que tocar nelas com ternura e não soltá-las. Então elas voam em minha direção e nós começamos a fazer evoluções de mãos dadas como em uma corrente, formando figuras, até que eu acordo”.

Não se trata só de dar, nós também temos que aprender a receber, aceitar um favor que outro possa nos fazer, pois isso também é uma forma de generosidade, como o seguinte sonho me ajudou a entender: “Estou em Paris. Os jornais estão com um problema com o governo que não lhes dá matéria-prima para imprimir. O *France-Soir* tem que sair com a primeira página escrita à mão e impressa de um modo artesanal, à base de açúcar. Ao lado da banca de jornal, sentada numa mesa de madeira, está Bernadette, a falecida mãe de Brontis, meu filho mais velho. Sento-me na sua frente e vejo que ela está bonita e feliz como poucas vezes na vida. Agora estou mais confiante, sei que posso contar com ela. Percebendo que estou sonhando, digo a mim mesmo: ‘Bernadette morreu, mas ela vive em meus sonhos. Não tenho medo de falar com uma morta. Confio nela. É um arquétipo que pode me servir, porque ela conhece bem os assuntos políticos que eu ignoro por completo e sempre estará disponível quando eu precisar de um conselho sobre este assunto’. Bernadette começa a explicar por que a situação está tão tensa e por que o presidente errou ao confiar no ministro que acaba de nomear. Depois ela me fala do futuro: ‘Vivemos com a ideia de que o futuro não nos pertence — ela me diz —, que ele não é para nós... E no entanto, estamos ligados a ele. No futuro seremos mais ativos’. Penso que ela se refere ao futuro em geral, aos milhões de anos que ainda nos faltam para conhecer o universo”.

Depois deste sonho, que foi completamente lúcido, eu fiquei contente por ter me reconciliado com a mãe do meu filho, principalmente depois de todos os conflitos que vivemos. Bernadette se transformou em uma aliada, disposta a colaborar com o melhor de si mesma para o meu aperfeiçoamento espiritual. Então, graças ao sonho, eu assimilei uma nova forma dela continuar em minha vida.

*Sonho lúcido, sonho terapêutico, sonho sábio, sonho humilde, sonho generoso... O que para você é o último sonho, o supra, plus, ultraonírico?*

O sonho mágico, criativo. Durante todos esses anos de exploração onírica eu não conheci senão um só, a saber: “Estou em meu quarto. Apoiando-me no ar com as palmas das mãos, alço vôo. Então resolvo sentir toda a potência da minha voz. Deixando que o canto brote em mim, com uma força quase ilimitada, emito sons que vão muito além da ópera. Não precisei fazer esforço para projetar a voz, eu apenas a invoco e ela vem. É só deixar que ela saia da minha boca para que fique viva e mágica... Profundamente emocionado, sinto que uma nova dimensão até então desconhecida está sendo aberta para mim naquele momento. Completamente lúcido, abro os olhos e acordo. Sinto meu coração bater com força. Sem me mexer, recordo todos os detalhes do sonho. Imediatamente, ouço um canto, nem longe, nem perto. Ele não parece ser uma emissão de voz humana, mas nem por isso deixa de ter uma sonoridade humana, é como se o bairro inteiro cantasse dentro da cidade. Parece que o canto vem de uma outra dimensão. Penso que ainda estou meio adormecido e tenho que observar mais lucidamente o que está acontecendo. O fenômeno se repete e eu abandono a escuta, apesar de que a mudança da natureza da experiência altera meu ritmo cardíaco. Por um lado, eu me sinto como se estivesse sendo vítima de uma alucinação; por outro, sinto que uma pequena porta está sendo aberta para o “terceiro ouvido”, e não “terceiro olho”, para o ouvido da “clariaudiência”. Durmo profundamente e me vejo em sonhos numa rua de *Montmartre*. Caminho murmurando: “Era uma voz divina, a voz de uma deusa. Não saía de uma garganta, era como se a própria realidade a emitisse. Vinha das ruas, das casas e do ar”.

*Formidável. Mas agora voltemos a este sonho que se chama realidade. Podemos, como afirmam alguns sábios, ver nossa vida como um sonho do qual temos que despertar?*

Melhor dizendo, este sonho inconsciente da vida comum é que deveria se tornar um sonho lúcido. Houve um tempo em que, antes de dormir, eu costumava repassar todos os acontecimentos do dia. Visualizava o filme do meu dia, primeiro do começo para o fim e, depois, ao contrário, conforme o conselho de um antigo livro de magia. Este exercício de “marcha à ré” surtia o efeito de me reportar a cada acontecimento do dia. Depois de analisar, julgar e decidir sobre cada coisa uma primeira vez, eu voltava a repassar o dia no sentido inverso e então conseguia me distanciar deles. A realidade vista dessa maneira apresentava as mesmas características de um sonho lúcido. Foi então que percebi que, assim como todo mundo, de certo modo eu sonhava a minha vida! O ato de passar em revista o dia durante a noite era o mesmo que lembrar dos meus sonhos pela manhã.

Só o fato de acordar de um sonho já é uma forma de organizá-lo. Eu não vejo o sonho inteiro, e sim uma seleção que eu fazia a partir dele todo. De modo análogo, ao repassar as últimas 24 horas, não acesso todos os atos do dia, e sim apenas os que me recordo. Esta seleção já é uma interpretação sobre a qual posso fazer meus julgamentos e apreciações. Para nos tornarmos mais conscientes, podemos começar distinguindo nossa percepção subjetiva do dia, daquilo que constitui sua própria realidade objetiva. Quando já não as confundimos mais, então podemos assistir o desenrolar do dia como espectadores, sem nos deixar influir por julgamentos e considerações. A partir deste ponto de vista testemunhal, podemos interpretar a vida como se interpretássemos um sonho. Por exemplo: um dia, Guy Mauchamp, um aluno meu, pediu-me um conselho. Ele não sabia o que fazer para que uns jovens inquilinos saíssem de uma casa que era dele. Depois de ter manifestado meu espanto por ele não ter chamado a polícia, uma vez que a lei estava do lado dele, eu lhe disse: “De certo modo, esta situação é conveniente para você. Graças a ela, você consegue dar expressão a uma velha angústia sua. Eu proponho a você o seguinte plano de ação: considere a situação como um sonho que você teve e que tem que ser interpretado, da mesma maneira que você interpretaria um sonho que você tivesse tido na noite anterior. Você tem um irmão mais novo?”. Ele respondeu que tinha e eu então lhe perguntei se, quando criança, ele não se sentiu preterido quando este bebê recebia toda a atenção dos pais deles. Ele respondeu que de fato assim se passara. Depois eu perguntei sobre as relações que ele mantinha atualmente com o irmão dele. Como eu imaginava, Guy me confessou que eles não tinham boas relações e que quase nunca se viam. Então eu lhe expliquei que era ele mesmo que ensejava a invasão dos inquilinos a fim de manifestar a angústia que em sua infância a presença do irmão lhe causara. Acrescentei que, se ele queria resolver a situação, era preciso perdoar o irmão, tratá-lo bem e fazer as pazes com ele. Dei-lhe um conselho de psicomagia e, depois de uma semana, recebi um postal de Estrasburgo (“Fogos de artifício na catedral, explosão de alegria sagrada”), com a seguinte mensagem: “Depois que me consulte com você, recebi a prescrição de um ato de psicomagia e, para encerrar o assunto, apresento-lhe o resultado. Eu tinha que dar um ramo de flores a meu irmão e almoçar com ele, a fim de estabelecer uma relação fraternal e deixar de lado o passado no qual me sentia rejeitado por causa dele. O objetivo era conseguir fazer com que os inquilinos ilegais saíssem da minha casa. Enviei as flores a meu irmão e falei com ele na sexta-feira, ao meio-dia. Na sexta-feira à noite os dois inquilinos foram embora... levando minha mobília! Mas, enfim, se foram e eu pude voltar

para casa. Obrigado”. Interessante, não? Levar a mobília era como levar uma parte do passado dele.

*Quer dizer então que você induziu este jovem a interpretar uma situação real como se fosse um sonho cheio de símbolos que tinham que ser decifrados?*

Exatamente. Já que nós sonhamos a nossa vida, vamos então interpretá-la e descobrir o que ela está nos dizendo através das mensagens que nos transmite, até transformá-la num sonho lúcido. Uma vez conquistada a lucidez, teremos liberdade para agir sobre a realidade, sabendo que se procurarmos apenas a satisfação dos nossos desejos egoístas, seremos arrastados e perderemos a imparcialidade, o controle e, portanto, a possibilidade de realizar um ato verdadeiro. Para conseguir fazer isso com prazer, tanto no sonho noturno quanto no diurno que chamamos vida, temos que estar cada vez menos envolvidos.

*Este distanciamento que não impede nem a ação nem a compaixão, mas que também não autoriza a cobiça ou a frescura, se parece muito com a sabedoria.*

Claro! De que vale viver com seus sonhos e fazer um esforço para alcançar a lucidez se não para encontrar a sabedoria? A realidade é um sonho sobre o qual temos que trabalhar a fim de progredir do sonho inconsciente, carente de qualquer lucidez, e que bem pode ser um pesadelo, para o que eu chamo de sonho sábio.

*E o Despertar? As tradições espirituais falam dos que são despertados...*

Despertar é parar de sonhar, desaparecer desse universo onírico para se transformar naquele que sonha.

## O Ato Mágico

**P**ara início de conversa, o que é um ato mágico segundo Jodorowsky? Como se faz para passar do ato onírico para o ato mágico?

Bem, como já disse, fui ao México e foi ali que eu adquiri certo domínio sobre o ato onírico. Se o Chile é um país poético, o México é um país completamente onírico onde o inconsciente não para de aflorar. Qualquer pessoa minimamente sensível percebe ali esta dimensão e é capaz de sentir a presença do sonho na própria textura da realidade mexicana. Também é possível se viver dez anos lá sem captar nem mesmo o México mágico. Na mesma cidade do México há um mundo de feiticeiros no qual os estrangeiros desinformados demoram a entrar. Quando as pessoas não estão bem, ou têm alguma dificuldade nos negócios, elas procuram uma feiticeira para fazer uma espécie de limpeza, uma purificação. Para tanto, ela esfrega o corpo delas com ervas embebidas em água benta. Esta é uma prática comum e não só entre as pessoas do povo. Intelectuais e políticos não hesitam em lançar mão dela, uma vez que a feitiçaria faz parte da vida mexicana. Entre esses feiticeiros pode-se facilmente encontrar curandeiros que são especialistas em cogumelos alucinógenos e plantas medicinais. Existem os que conhecem até três mil ervas. Outros usam exclusivamente excrementos de animais. Outros são criaturas especiais que provocam fenômenos tão peculiares que a gente fica sem saber se aquilo é fruto da magia ou da superstição. Por exemplo, lembro-me de

uma mulher de um povoado distante que se apresenta sempre vestindo apenas uma camiseta, mostrando umas pontas de aço que brotam do seu corpo. Também se pratica a magia negra e há muitos feiticeiros que fazem mal às pessoas. Se você quer amaldiçoar algum inimigo, sempre pode recorrer a eles. Eu mesmo fui testemunha de coisas curiosas. Por exemplo, numa apresentação, brinquei com uma mulher muito influente que todos chamavam de Tigresa e que, segundo se afirmava, era amante do presidente. Os artistas da minha companhia não queriam entrar em cena, pois estavam convencidos de que a Tigresa tinha lançado uma maldição sobre o teatro. Então eu fui procurar o auxiliar de uma feiticeira para desfazer o malfeito. Confesso que achei graça ao vê-lo aspergir o teatro inteiro com água benta. Porém, depois, enquanto tomávamos café, o homem começou a se queixar, porque lhe estava saindo um furúnculo enorme no anus. Aquela erupção repentina ganhou tais proporções que o homem foi parar no hospital. Ele não tinha a menor dúvida de que seu corpo tinha absorvido o malfeito lançado sobre o teatro.

*Será que não foi uma reação psicossomática?*

É possível. Mas, de qualquer modo, às vezes acontecem coisas estranhas... Um dia, o diretor de uma escola de Belas Artes com o qual eu tinha acabado de assinar um contrato me disse: "Você é um ingênuo. Fica aí todo encantado com o México e tudo lhe parece maravilhoso. No entanto, se você se atrever a olhar o que tem dentro desta caixa, descobrirá o outro lado deste país". Quando me aproximei da caixa e a abri, imediatamente senti uma dor de cabeça atroz.

*O que havia dentro desta caixa infernal?*

Figuras de cera horripilantes, usadas pelas feiticeiras para torturar, à distância, as vítimas indicadas pelos consulentes. Eram tão espantosas que só o fato de ter olhado para elas me provocou um mal estar. Se elas fossem expostas no Centro Pompidou ou no Louvre, o público logo saberia o quanto uma obra de arte pode ser benéfica ou maléfica. Um objeto tão carregado de energia afeta diretamente o organismo de quem o contempla. Apesar de ter sido uma experiência desagradável, ela me fez pensar. Eu me perguntava onde estaria o artista benfeitor, o bom mago cujas obras estivessem carregadas de uma força positiva tão grande que chegava a levar o espectador ao êxtase. Este princípio me foi útil, depois, com a psicomagia.

*Você poderia citar um exemplo?*

Um dia recebi a visita de uma mulher que tinha um filho homossexual. Aquela mulher não tinha conseguido superar o fato do filho ser diferente. Ela continuava sentindo um grande carinho por ele, mas, ao mesmo tempo, sentia uma profunda vergonha. O filho queria ser pianista, mas, toda vez que ele se apresentava para um exame ou dava um concerto, sua mãe entrava em pânico, com medo dele fracassar. Logo percebi que, para aquela mulher, a carreira de pianista era feminina, de caráter homossexual. Então eu lhe indiquei um exercício. Os feiticeiros que fazem malfeitos fabricam um bonequinho figurando a vítima e depois espetam alfinetes nela. Pedi para aquela mãe que procedesse da mesma maneira. Ela confeccionou uma figura com a imagem do filho e colocou lascas de unha, cabelos e retalhos de roupa do rapaz nela, para que o objeto ficasse realmente impregnado com a energia dele. Seguindo minhas instruções, a mulher colou uma moeda de ouro na sola de cada um dos pés e derramou uma gota de ouro sobre cada um dos sete *chakras* ou centros vitais do corpo. Depois, aspergiu a figura com água benta e a colocou ao lado do piano que tinha as teclas untadas de mel — símbolo de doçura e suavidade, deixou uma vela acesa na casa e ali rezou uma hora por dia pelo êxito do filho. O concerto seguinte foi um sucesso e as relações entre a mãe e o filho mudaram de forma positiva.

*Magia branca?*

Não, psicomagia! Mais para frente nós voltaremos aos princípios da psicomagia, eu só falei disso agora para dar este exemplo que mostra como as práticas de magia negra, tão comuns no México, me inspiraram. Só que eu resolvi inverter o processo: se é possível fazer o mal à distância, por que não seria possível fazer o bem?

*Sim, mas não basta ter boas intenções nem mesmo invertendo os malfeitos populares. Como é possível que tais práticas surtam algum efeito?*

Mãe e filho estão conectados psiquicamente. Se a mãe é simplesmente levada a modificar sua postura interna num ato que de certo modo denota uma mudança, tal ato ganha consistência e uma materialidade que de outra forma não teria. O filho, por sua vez, forçosamente percebe, mesmo que, neste momento, esteja muito distante dali. Necessariamente, ele reage. Como a mãe não conseguia nem aceitar racionalmente a

homossexualidade do filho e nem perdoar a si mesma, eu lhe ofereci a possibilidade concreta de dar um passo nesse sentido, adaptando-se a um ritual minuciosamente determinado de antemão. Esta é uma linguagem que o inconsciente compreende. A análise tradicional procura decifrar e interpretar, em linguagem corrente, as mensagens enviadas pelo inconsciente. Minha ação caminha no sentido contrário: eu envio mensagens ao inconsciente, usando a linguagem simbólica que lhe é própria. Em psicomagia, o inconsciente precisa decifrar a mensagem enviada pelo consciente.

*Se entendi bem, em Psicomagia, é preciso aprender a falar a linguagem do inconsciente para que o consciente possa lhe enviar mensagens.*

Exatamente. Se você fala ao inconsciente, usando a linguagem dele, em princípio, ele responderá. Depois nós voltaremos a isso. No momento, eu gostaria de explicar como o ato mágico contribuiu para que surgisse a psicomagia. Quando descobri o poder da feitiçaria maléfica no México, naturalmente eu me coloquei a possibilidade de uma feitiçaria benéfica. Se forças semelhantes podem ser usadas a serviço do mal, por que não poderiam ser usadas a serviço do bem? Comecei então a procurar um feitiçeiro que fizesse o bem. Naqueles dias, um amigo me falou da famosa Paquita, uma anciã de 80 anos que muita gente vinha de longe para ver na esperança de uma cura. Fiquei muito inquieto diante da perspectiva de me encontrar com aquela famosa feitiçeira de modo que me preparei para isso.

*Por que você ficou inquieto?*

Eu estava receoso. Afinal, nada me garantia que aquela mulher também não fizesse o mal. Isso porque no México existem feitiçeiros muito perigosos que podem entrar subrepticiamente no inconsciente de um paciente sensível e colocar ali um mal de efeito retardado. Você verá como é, no começo você não sente nada de estranho, mas depois de três ou seis meses, começa a agonizar... De modo que me protegi bem antes de visitar Paquita. Ela não era uma feitiçeira qualquer: nos dias de consulta podia reunir facilmente umas três mil pessoas. E digo mais, tinha dias que era preciso retirá-la de helicóptero... Portanto, convinha tomar certas precauções...

*O que você fez? Como você se protegeu da influência de uma feitiçeira?*

Posso dizer que, de certo modo, esse foi o meu primeiro ato de psicomagia. No começo eu senti que o mais urgente era apagar minha identidade. Eu devia ir ao encontro dela sem expor minha velha identidade para não me arriscar ao pior. E assim, eu comecei vestindo coisas novas, roupas e sapatos. Era importante que aquelas roupas não tivessem sido escolhidas por mim, de modo que pedi a um amigo para que comprasse para mim toda sorte de roupas diferentes que quisesse para que minha despersonalização fosse completa e o resultado obtido não refletisse o gosto de um indivíduo em particular. Meias, roupa íntima, tudo tinha que ser absolutamente novo. Não vesti a roupa nova senão no momento de ir para a casa de Paquita. Além disso, fiz para mim mesmo uma falsa identidade com outro nome, outra data de nascimento, outra foto... Para manter minha atenção concentrada, comprei uma costeleta de porco, a embrulhei num papel de alumínio e a guardei no bolso. Desse modo, toda vez que eu punha a mão no bolso, o contato insólito com a carne me lembraria da situação especial em que me encontrava para não me deixar enganar sob nenhuma hipótese. Quando cheguei ao andar onde Paquita atendia nesse dia, deparei-me com umas trinta pessoas, algumas de boa posição social. Isolei-me da multidão que orbitava ao seu redor quando atendia em locais públicos, mas devo dizer que o contexto deste meu encontro com Paquita era um verdadeiro privilégio, uma vez que eu fazia parte da intelectualidade. Embora Paquita não frequentasse salas de cinema, sabia que eu era diretor e que tinha feito um filme muito comentado, *El Topo*. Finalmente, eu me aproximei e vi uma velhinha franzina, com um olho enevoado. A testa encurvada e o nariz pontudo lhe davam um aspecto monstruoso. Mal passei pela porta, ela cravou os olhos em mim e me chamou: "Rapaz, você, rapaz!". Estranhei alguém me chamar de "rapaz" com os meus mais de quarenta anos. "Do que você tem medo?", ela disse. "Venha cá para perto desta pobre velha!". Lentamente, fui até ela, estupefato. Aquela mulher tinha encontrado a palavra certa para se dirigir a mim, pois eu ainda não tinha amadurecido. Eu ainda era um menino, meu grau de maturidade não era o que correspondia a um homem da minha idade. Interiormente, eu ainda era um adolescente.

"O que você quer de mim? O que você quer desta pobre velha?", ela me perguntou. "Você é curandeira, não é?", eu lhe perguntei. "Eu gostaria de ver suas mãos". Diante do espanto de todos, que se perguntavam por que a preferência, ela pegou minha mão. Aquela mão de velha tinha uma suavidade, uma pureza... Parecia a de uma menina de 15 anos! Eu não podia acreditar naquela sensação. "Oh, você tem a mão de menina, de menina bonita!" Nesse momento fui invadido por uma sensação difícil de

descrever. Diante desta anciã disforme, pensava estar diante da moça ideal que o jovem dentro de mim sempre tinha buscado. Ela tinha a mão estendida com a palma voltada para mim e eu compreendia claramente que ela me daria alguma coisa. Eu estava desorientado, sem saber o que fazer. Um murmúrio se elevou entre os assistentes: eles diziam para aceitar o dom. Eu pensei rapidamente que o dom de Paquita era de natureza inefável, mas eu queria fazer um gesto que demonstrasse que eu aceitava o presente invisível. Assim, fiz um gesto como se pegasse alguma coisa da mão dela. Ao me aproximar, vi um objeto brilhante entre seus dedos anular e médio. Peguei o objeto metálico: era um olho dentro de um triângulo, precisamente o símbolo de *El Topo...* Comecei a fazer conjecturas sobre aquela experiência inaudita: “Esta mulher é uma prestidigitadora extraordinária. Ao colocar sua mão sobre a minha, eu não tinha notado que estava escondendo alguma coisa. O golpe talvez já estivesse preparado de antemão, mas como ela tinha feito para tirar aquele objeto do nada? Como ela sabia que este era o símbolo do meu filme?” Então eu lhe perguntei se poderia lhe servir de ajudante, e ela concordou imediatamente. “Sim”, ela me disse, “hoje você me lerá a poesia que me fará entrar em transe”. Comecei a recitar para ela um poema consagrado a Cuauhtémoc, herói mexicano divinizado. Neste instante, aquela velha enrugada emitiu um grito tremendo, como um rugido de leão e começou a falar com voz de homem: “Amigos, estou feliz por estar aqui entre vocês! Tragam-me o primeiro doente!”. Começou o desfile de pacientes, cada um com um ovo na mão. Depois de esfregar o corpo deles com esse ovo, a feiticeira o quebrava e examinava a gema e a clara para descobrir qual era o mal... Se não houvesse nada grave, recomendava chás ou, às vezes, coisas mais estranhas tais como banhos de café com leite. Também aconselhava comer ovos de cupim ou a aplicação de cataplasmas de batata cozida e excrementos humanos. Quando o problema lhe parecia grave, propunha uma “operação cirúrgica”. Eu fui testemunha destas intervenções e vi coisas indizíveis; comparadas a elas, as operações dos feiticeiros filipinos parecem intervenções sem sentido.

*Por exemplo?*

Eu poderia contar centenas de intervenções, pois continuei no papel de auxiliar por algum tempo. Eu queria estar na primeira fila para poder estudar o que acontecia ali e fui testemunha de coisas incríveis. Por exemplo, o ambiente: quase sempre, Paquita operava em sua casa, uma ou duas vezes por semana. O piso estava impregnado com um cheiro pestilento, porque Paquita recebia todos os animais doentes do bairro,

que ficavam ali temporariamente com ela e faziam suas necessidades em todos os cantos. Era um suplício esperar por ela no meio de coco de cachorro, de gato, de papagaio... Apesar disso tudo, quando ela entrava na sala para operar, o cheiro parecia desaparecer apenas com a sua presença. Sem dúvida, a presença dela era incrível, o seu porte de rainha nos fazia esquecer aqueles vapores nauseabundos. Aquela velhinha tinha a aura da reencarnação de um *lhama*.

*O que você acha que a tornava tão impressionante?*

Eu muitas vezes me fiz essa mesma pergunta. Paquita impressionava tanto os seus seguidores quanto os incrédulos! O certo era que tinha uma energia superior à normal. Um dia, a esposa do presidente da República do México convidou-a para uma recepção que acontecia no pátio do Palácio do Governo na qual havia muitas gaiolas contendo pássaros de várias espécies. Quando Paquita chegou, aqueles pássaros, que até aquele momento estavam adormecidos, despertaram e se puseram a cantar como se saudassem a aurora. Muita gente testemunhou o acontecido. Mas ela não usava só o seu carisma, também sabia criar o ambiente adequado ao seu redor para cativar tanto o visitante quanto o doente. A casa dela estava sempre na penumbra, com cortinas grossas que impediam que a luz se infiltrasse, de modo que, quando saía à rua, a gente tinha a impressão de entrar num mundo de sombras. Vários auxiliares, — todos convencidos da existência real do Irmão, que era como Paquita chamava o espírito com o qual se conectava e que, segundo ela, realizava as curas — conduziam o recém-chegado por um itinerário que era percorrido às cegas. Penso que aqueles auxiliares tinham um papel chave no desenvolvimento das “operações”.

*Você quer dizer que eles ajudavam a feiticeira nas manipulações?*

Pode ser que Paquita fosse uma prestidigitadora genial. Na verdade, isso nunca se saberá. O certo é que os auxiliares, qualquer que fosse o papel que tivessem, não eram cúmplices de uma mistificação; todos eles tinham uma fé enorme na existência do Irmão. Aos olhos daquela boa gente, isto era o mais importante. Paquita não era senão uma excelente curandeira, um “canal”, como diria-mos hoje em dia, um instrumento de Deus. Eles respeitavam a anciã, mas, quando não estava em transe, eles não a veneravam. Para eles, o ser desencarnado era mais real que a pessoa de carne e osso através da qual ele se manifestava. Esta fé que envolvia

Paquita gerava uma atmosfera mágica que contribuía para convencer o doente da sua capacidade de cura.

*Como era uma consulta “normal” na casa de Paquita?*

As pessoas ficavam sentadas na sala em penumbra, esperando a sua vez de entrar no recinto onde a feiticeira operava. Todos os auxiliares falavam em voz baixa, como se estivessem num templo. Às vezes, um deles saía da “sala de operações”, escondendo um pacote misterioso nas mãos. Entrava no banheiro e, pela porta semiaberta, se avistava o fulgor do objeto que era queimado no fogo. O auxiliar saía e nos avisava baixinho: “Não entrem até que o mal tenha sido queimado. É perigoso chegar perto enquanto ele ainda está ativo. Ele pode pegar em vocês...”. O que de fato era esse “mal”? Nós não sabíamos, mas o simples fato de ter que se abster de urinar enquanto aquelas coisas eram queimadas provocava uma sensação estranha. A gente ia saindo aos poucos da realidade normal e ia entrando num mundo paralelo totalmente irracional. Logo em seguida, quatro auxiliares saíam da sala de operações com um corpo inerte envolto num lençol ensanguentado e o colocavam no chão como se fosse um cadáver. Isso porque, logo após a cirurgia, depois de colocadas as ataduras, Paquita exigia que o paciente ficasse totalmente imóvel durante meia hora, sob pena de morte instantânea. Os operados, com medo de serem aniquilados por forças superiores, não faziam o menor gesto. Ficavam imóveis, petrificados e pareciam realmente mortos. Não é preciso dizer o efeito que aquele cenário produzia nos presentes. Quando Paquita chamava alguém em voz baixa, usando sempre a mesma expressão: “Agora é você, filhinho da minha alma”, o paciente começava a tremer dos pés à cabeça e voltava a ser criança. Por isso talvez se possa dizer que esta feiticeira não atendia adultos, e sim apenas crianças, porque era assim que ela os tratava, fosse qual fosse a idade deles. Lembro-me de tê-la visto dar uma bala a um ministro enquanto lhe perguntava com sua voz grave e carinhosa: “Onde está doendo, meu filho?”. As pessoas se entregavam a ela de corpo e alma, como se ela fosse o remédio para o seu medo.

*Você descreveu o ambiente, as preliminares, que sem dúvida são muito importantes, mas eu gostaria de saber como em geral acontecia a operação em si... Como “auxiliar”, você deve ter sido uma testemunha privilegiada.*

Não sei até que ponto, porque, assim como todos, eu também estava sob o poder da magia do ambiente! Paquita fazia com que deitássemos o

paciente sobre um catre, sempre à luz de uma vela, pois, segundo ela, a luz elétrica podia prejudicar os órgãos internos. Em seguida, ela apontava o lugar do corpo que ia “operar”, colocava algodão em torno dele e derramava um litro de álcool por cima. O cheiro daquilo enchia todo o lugar, criando um ambiente de sala de cirurgia. Ela sempre estava acompanhada por dois ajudantes — com frequência, eu era um deles — e meia dúzia de discípulos que eram terminantemente proibidos de cruzar as pernas, os braços e os dedos, para facilitar o livre fluxo da energia. De pé, ao seu lado, eu mesmo vi como ela afundava o dedo quase que por inteiro no olho de um cego, ou como “trocava o coração” de um paciente, parecendo abrir-lhe o peito com as mãos, fazendo o sangue jorrar... Paquita me obrigava a meter a mão na ferida, eu apalpava a carne dilacerada e, quando retirava a mão, meus dedos estavam ensanguentados. De um jarro de cristal que sempre tinha ao seu lado, ela pegava um coração obtido não sei onde — no açougue ou no hospital —, e começava a “implantar” aquilo no peito do doente de forma mágica: ela não fazia outra coisa senão colocar o órgão sobre o peito do paciente e o coração desaparecia bruscamente, como que aspirado pelo corpo da pessoa. Este fenômeno de “aspiração” era comum em todos os “implantes”. Por exemplo, Paquita pegava um pedaço de intestino, colocava-o sobre o “operado” e nesse mesmo instante ele desaparecia dentro dele. Eu a vi abrir uma cabeça e meter as mãos lá dentro. Eu podia sentir o cheiro dos ossos chamuscados, ouvia ruído de líquidos... A cirurgia não era isenta de violência e formava um espetáculo bastante cruento, à mexicana, mas, ao mesmo tempo, Paquita demonstrava uma doçura extraordinária.

*Qual era o papel dos adeptos ali presentes?*

A feiticeira tinha muitos deles. Às vezes parecia que a cirurgia se complicava. Então, Paquita e o próprio doente pediam a ajuda ativa de todos os presentes.

*Você poderia dar um exemplo disso?*

Lembro-me de operações em que o Irmão exclamava de repente pela boca de Paquita: “O menino está esfriando, corram esquentem o ar ou nós o perderemos...”. Históricos, imediatamente, todos iam correndo buscar um aquecedor elétrico... Quando foram ligá-lo, a energia tinha sido cortada! “Façam alguma coisa ou o menino começará a agonizar!”, gritava o Irmão, enquanto o enfermo, a ponto de ter um ataque cardí-

aco, por estar vendo seu ventre aberto e suas tripas no ar, gemia, gelado de terror: “Irmãos, eu suplico, ajudem-me! E todos nós aproximávamos a boca do corpo do paciente e o soprávamos com todas as nossas forças, angustiados, esquecidos de nós mesmos, tentando desesperadamente aquecê-lo com o nosso hálito. “Muito bem, meus queridos filhos”, logo a voz do Irmão dizia, “a temperatura já subiu, o perigo acabou, agora eu posso continuar”.

*Nunca ninguém morreu ali?*

Não. Que eu saiba, ninguém morreu numa daquelas operações de Paquita, apesar de que muitas delas tinham momentos críticos. De certo modo, isso parecia fazer parte do processo.

*Os que eram operados sentiam dor?*

Eu acho que sim. A operação podia ser bastante dolorosa. Quando Paquita morreu, o dom passou para o seu filho Enrique, que começou a operar como a mãe. Assisti a uma de suas operações e observei que o Irmão falava com mais doçura e que já não usava o facão para cortar. Observei isso com um dos auxiliares, que me respondeu: “De encarnação a encarnação, o Irmão vai progredindo. Agora ele aprendeu fazer com que os pacientes não sofram”.

*Você disse que Paquita demonstrava grande doçura, apesar de seu grande facão. Você foi atendido por ela, não é?*

Sim, eu tinha um problema no fígado e tinha curiosidade em experimentar uma operação em mim mesmo. Paquita me disse que eu tinha um tumor no fígado e concordou em me atender. Eu entrei no jogo, dizendo para mim mesmo que ela não poderia me matar. Isso porque, depois de atender a tanta gente que se operava com ela, se alguma coisa tivesse acontecido com algum de seus pacientes, ela estaria na prisão há muito tempo.

*Você não sentiu medo da dor?*

Não, porque, para mim, aquilo era um teatro. Eu queria me submeter a uma operação para ver como era e assim o fiz. Porém, quando me vi deitado na cama diante de Paquita, que tinha na mão um grande facão e estava rodeada de fiéis que rezavam, comeci a sentir medo. Bem que

eu queria fugir, mas já era tarde. Senti quando ela me cortou com as suas tesouras...

Eu senti como uma pessoa que tem a carne rasgada por uma tesoura! O sangue corria e eu pensei que ia morrer. Em seguida, ela enterrou o facão no meu ventre e eu tive a impressão que minhas tripas estavam abertas... Nunca me senti tão mal em toda a minha vida. Durante uns oito minutos, tive um sofrimento atroz e fiquei pálido. Paquita me fez uma transfusão e eu senti quando o sangue começou a correr em meu corpo. Depois, ela fez como se estivesse arrancando o meu fígado... Finalmente, ela passou as mãos pelo meu ventre para fechar a ferida e, imediatamente, a dor passou! Se foi sugestão, a ilusão era perfeita: não somente os que estavam ali viram o sangue correr e o meu ventre ser aberto, mas o próprio paciente sentiu a dor. Desde aquele momento, o fígado nunca mais me incomodou. Deixando a cura à parte, aquela foi uma das grandes experiências da minha vida. Aquela mulher era uma montanha, tão impressionante quanto um mítico *lhama* tibetano. Nunca senti tanto pânico, nem tanta gratidão, como no momento em que ela me disse que eu estava curado e que eu podia ir embora. Naquele instante, vi nela a Mãe universal. Que choque psicológico! Paquita era uma grande psicóloga, ela conhecia a alma humana.

*Você chegou a sentir medo com Paquita?*

Ah, sim! Ela sabia como usar uma terapia de terror. Sobre isso, eu gostaria de citar o testemunho redigido por Valérie Trumblay, minha ex-esposa, que também foi auxiliar da feiticeira na mesma época:

Depois de sofrer um aborto — tinha perdido a criança por ter dançado muito num ensaio de teatro —, meus ovários doíam. Os médicos não diagnosticaram a causa disso e viam nos sintomas efeitos psicossomáticos de um sentimento de culpa. Fosse o que fosse, a dor era real, insuportável e durava há meses... Decidi me consultar com Paquita. Ela tocou o meu ventre, sem nem mesmo me tirar a roupa, e me disse: “Você estava grávida de gêmeos. Ainda há um feto morto dentro de você. Terei que operá-la. Venha na sexta-feira à tarde em jejum com um pacote de algodão, uma bandagem e um litro de álcool. Tome este chá durante três dias antes da operação”. Na sexta-feira, Paquita, em transe, me fez assistir uma operação antes da minha. O Irmão abre um corpo, tira o coração que palpita, me mostra o outro que diz ter comprado num hospital, me faz tocar as vísceras, fecha a ferida com uma simples imposição das mãos

e ordena aos auxiliares que levem o operado para a sala de recuperação. “Agora você”, me disse a feiticeira. Eu começo a tremer dos pés à cabeça, começo a bater os dentes, transpiro muito. Quando a vejo levantar o punhal ensanguentado, caio no chão e fico sentada, aterrorizada. Então o Irmão me diz com severidade pela boca de Paquita, que de repente assumiu uma voz rouca de homem: “Acalme-se e fique aqui, caso contrário não poderei fazer nada e seus ovários vão gangrenar”. Com muita dificuldade, eu me levantei com a boca seca e me deitei na cama. Enquanto um auxiliar erguia minha saia para deixar meu ventre à mostra, os outros começaram a rezar sob o retrato de Cuauhtémoc, o imperador venerado que, segundo eles, não era outro senão o espírito que possuía a feiticeira. Ela empapou em álcool alguns chumaços de algodão e os colocou sobre o meu ventre ao redor da região que queria cortar. Depois, rapidamente, com um golpe frio de cirurgião, ela me abriu o ventre. Senti uma dor lancinante, ouvi ruídos de líquidos, percebi um cheiro de sangue e pensei que estava morta. Aqueles três minutos de cirurgia pareciam intermináveis, meu coração batia a mil por hora, minhas tripas estavam para fora e todo o meu corpo estava gelado. No entanto, ela, ou melhor dizendo, o Irmão, estava impassível: nem uma palavra, nem um gesto gratuito, uma precisão impressionante. Em seguida, senti uma dor aguda, como se me arrancassem um pedaço das vísceras. Paquita me mostrou uma coisa negra e viscosa semelhante a um pequeno polvo. “Este é o feto, está podre”. O cheiro era insuportável. “Tragam-me um saco”, ela ordenou. Os ajudantes correram para a cozinha e voltaram com um saco de plástico de supermercado. Com cuidado, Paquita fez um embrulho, amarrou-o com uma fita vermelha e o entregou a seu filho, dizendo: “Esta noite, jogue nas águas escuras do córrego, dê-lhe as costas e siga sem olhar para trás. As coisas malignas ficam presas pelo olhar...”. Depois disso ela fechou a ferida com as mãos e a dor desapareceu imediatamente, assim como o medo. Ela cobriu minha barriga e mandou que eu ficasse de repouso por três dias e que também tomasse uma água que ela tinha preparado para mim. Como eu era a última paciente do dia, esse seria o momento em que ela retornaria ao próprio corpo, fazendo o Irmão voltar ao seu próprio mundo. Eu comeci a chorar com tal ímpeto que meus soluços poderiam ser ouvidos fora daquela pequena casa. Enquanto os auxiliares rezavam para que Paquita voltasse a ser mulher, ouvi uma pequena voz que gritava e chorava na calçada: “Mamãe, mamãe...”. Eu tinha a impressão de que só eu a ouvia e exclamei: “Tem uma criança lá fora chamando pela mãe”. Imediatamente, eles mandaram eu me calar e deixar que o vampiro fosse embora. Passado um mês, consegui andar normalmente. Sentia uma dor

muito aguda atravessar minha barriga ao menor movimento mais brusco. Mas o resultado da operação foi definitivo: depois de tanto sofrimento, nunca mais voltei a ter cólicas. Desde então, tornei-me uma seguidora fiel de Paquita e, junto com Alejandro, assisti muitas operações. Não poderia afirmar com certeza se o que vi foi real ou ilusão, mas, de qualquer modo, pude ver como essa mulher curava aqueles que tinham fé nela e, acima de tudo, no Irmão. Paquita consagrou sua vida inteira aos que sofriam. Se aquilo era uma farsa, então era o que Alejandro chama de “farsa sagrada”.

Agora eu gostaria de contar um fracasso que, a meu ver, aconteceu pela falta de fé ou pela má fé do paciente. Eu conhecia uma norte-americana rica e divorciada que tinha mania de perseguição. Ela estava convencida de que a morte a perseguia, que a usava como canal. Sua assistente tinha se afogado na piscina, sua mãe tinha morrido num acidente aéreo quando estava indo visitá-la, um amigo dela tinha se suicidado, etc. Depois de avisar Paquita de que levaria uma possessa para ela conhecer, levei-a à casa dela. A norte-americana chegou na casa de Paquita num estado de ânimo ambíguo. Eu tentava convencê-la a acreditar, mas ela continuava com a prevenção de uma mulher branca que visita um povoado indígena. Ela entrou na sala de cirurgia com um ar de repugnância e desprezo. Ao vê-la entrar, o Irmão incorporado em Paquita ficou enraivecido e, espumando e brandindo o facão com uma expressão assassina, jogou-se sobre ela, decidido a matá-la. Nós estávamos ali em oito pessoas e só seguramos a feiticeira com muito custo, a ponto de pensarmos que não conseguiríamos detê-la, tal era a força que ela demonstrava. Recitamos uma fórmula de encantamento e, depois de vários minutos de pânico geral e crise de cólera que beirava a um ataque epilético, o Irmão se acalmou. Começou a acariciar a cabeça da norte-americana que, imediatamente, ficou tão dócil quanto uma criança assustada. “Como você pôde ver, filhinha”, murmurava o Irmão pela boca de Paquita, “você está possuída por um demônio criminoso. Sem consciência, você causa a morte. Você tem vontade de matar. Não minta para você mesma, seja sincera e perceba que, pelo medo do mundo e por rancor, você tem sede de destruição. Se você quer se libertar, tem que seguir as minhas instruções ao pé da letra”. O Irmão mandou que ela fosse ao mercado de ervas medicinais e mágicas e comprasse sete fitas de cores diferentes e um pedaço de coral. Durante vinte e um dias, antes de dormir, ela tinha que envolver o corpo com as sete fitas e, com o coral sobre o peito à guisa de medalhão, ela tinha que dormir daquele jeito, como uma múmia. Para mim, a mensagem estava clara: ela

tinha que dormir envolta num arco-íris, símbolo da aliança com Deus, purificada pela beleza humilde do coral. Mas a paciente não via a coisa desse jeito. Terminada a consulta, ela voltou à sua antiga personalidade e imaginou toda sorte de obstáculos que pôde para não seguir a orientação de ir ao mercado. Primeiro ela quebrou o dedo do pé, depois quis ir comprar as fitas numa loja do centro, porque o mercado lhe parecia um lugar sujo, cheio de índios asquerosos... Depois de três semanas, eu a convenci de que iria com ela ao mercado. Ao chegar lá, ela foi de uma mesquinhez absurda, discutiu o preço do coral e das fitas a ponto de chorar alguns centavos. Até que finalmente saímos do mercado com um pacote nas mãos que ela quase esqueceu dentro do táxi, sem demonstrar o mínimo interesse em voltar para buscá-lo. Já cansada daquilo tudo, resolvi cortar relações com ela e nunca mais vê-la e a deixei, entregue a si mesma, em seu mundo carente de fé e amor... Anos depois, eu soube pelos jornais que ela tinha matado o amante. Paquita tinha razão: aquela mulher era uma assassina. Quando o Irmão se lançou sobre ela para matá-la, agia como um espelho. Ela estava apegada àquele seu sofrimento e não queria mudar e por isso não podia aproveitar a sabedoria transmitida por Paquita, com a qual só foi se consultar porque eu assim insisti, sem de fato acreditar no poder dela. O que quero dizer com tudo isso é que era preciso colaborar com a feiticeira. O Irmão não podia curar quem não colaborasse com o profundo desejo de ser curado.

Também podia acontecer da pessoa ter fé, mas não ter o desejo real de recobrar a saúde. Lembro-me, por exemplo, de uma mulher chamada Henriette que era paciente de um médico amigo nosso que não lhe dava mais que dois anos de vida. Henriette tinha um câncer e já tinha tirado os dois seios. Por insistência do seu médico, partidário de se tentar de tudo, ela foi comigo até o México. Mesmo estando muito deprimida, ela se declarou disposta a se submeter a uma operação feita por Paquita. Esta lhe propôs limpar o seu sangue injetando-lhe dois litros de plasma que o Irmão materializou de outra dimensão. Quando chegou o dia, depois do ritual adequado, Henriette deitou-se na cama. O Irmão cravou o facão em seu braço e ouvimos o sangue cair numa cuba metálica — era um jorro espesso e mole. Depois, o Irmão introduziu a ponta de um tubo de plástico com um metro de comprimento na ferida e ergueu a outra ponta para cima para conectá-lo com o plano invisível. Pudemos ouvir o som de um líquido que emanava suavemente de um lugar indeterminado, quando então o Irmão disse: “Receba este plasma santo, filhinha, não o recuse”. No dia seguinte à cirurgia, Henriette estava triste. Não acreditava

nos efeitos da “transusão” e se sentia abatida. Tentei fazê-la reagir, mas não consegui. Ela estava arredia como uma criança egoísta e mimada. Ela me culpava por querer livrá-la do seu calvário. Dois dias depois, saiu em seu braço um grande abscesso de pus. Muito assustada, chamei Enrique, o filho de Paquita que, depois de consultar a mãe, me disse: “Sua amiga tem fé no procedimento, mas o está recusando. Ela quer se desfazer do plasma santo. Hoje ela deve fazer suas necessidades num urinol e amanhã de manhã deve aplicar isto no braço, para que o foco da infecção venha a furo”. Transmiti a mensagem a Henriette, que se fechou em seu quarto. Não sei se ela seguiu o conselho ou não, mas a verdade é que o abscesso arrebentou, formando um buraco muito grande e tão profundo que se podia ver o osso. Levei-a imediatamente à casa de Paquita que, tomada pelo Irmão, com voz de homem disse à doente: “Eu já esperava por você, filhinha, vou lhe dar o que você deseja. Venha...”. A feiticeira tomou-a pela mão como se ela fosse uma criança e a levou para a cama e, inesperadamente, começou a cantarolar uma velha canção francesa, enquanto balançava o facão diante dos olhos muito abertos da doente. Tive a impressão que ele a estava hipnotizando. Então ele lhe perguntou:

— Diga-me, por que você quis que lhe tirassem os seios?

Ao que Henriette respondeu:

— Para não ser mãe.

— E agora, minha menina querida, o que você quer que lhe seja cortado?

— Os gânglios inchados do meu pescoço.

— Por quê?

— Para não ter que falar com mais ninguém.

— E depois filhinha?

— Quero que me cortem os gânglios que incham debaixo dos meus braços.

— Por quê?

— Para não ter que trabalhar.

— E depois?

— Quero que também me cortem os que incham perto do sexo, para poder ficar sozinha comigo mesma.

— E depois?

— Os gânglios das pernas, para que não possam me obrigar a ir a nenhum lugar.

— E depois?

— Quero morrer...

— Muito bem, filhinha, agora você já sabe o caminho que sua doença terá. Escolha: ou você segue este caminho ou se cura.

Paquita aplicou-lhe um emplastro no braço e em três dias a ferida cicatrizou. Henriette resolveu voltar a Paris e morreu duas semanas depois. Quando dei aquela triste notícia a Paquita, ela me respondeu: “O Irmão não vem só para curar. Ele também ajuda os que querem morrer. O câncer e as outras doenças graves são como guerreiros e seguem um plano de conquista preciso. Quando ele se apresenta para um doente que quer se destruir, ele acelera o caminho da doença. É por isso que a francesa, em vez de ficar anos sofrendo, parou de lutar. Ela se rendeu à sua doença e ele a ajudou a realizar seus planos em duas semanas”. Eu aprendi a lição: antes eu acreditava que, para salvar uma pessoa, bastava torná-la consciente do seu impulso autodestrutivo. Este caso me fez compreender que essa descoberta também pode apressar a morte.

*É verdade, o testemunho de Valérie é muito interessante no que se refere a esta relação entre cura e fé e também para demonstrar o quanto a vontade de viver é importante. O que você acha? A fé é necessária para que a cura aconteça?*

Não necessariamente. Tudo o que Valérie conta é rigorosamente certo, mas não se pode extrair daí um princípio genérico. Sem dúvida, era preferível ter fé, mas não era uma condição *sine qua non*. Por outro lado, Paquita parecia saber bem como convencer os céticos, como, por exemplo, quando colocou o símbolo do meu filme na mão. Um dia eu levei Jean-Pierre Vignau, um astro do cinema, até ela. Ele era um colosso, um campeão de caratê, não acreditava nessas coisas e não pretendia se deixar enganar por uma velha mexicana. Ele não queria ir, mas, como eu o acusava de ter medo, ele finalmente concordou, mas jurou que não seria feito de bobo.

*E qual foi o resultado do enfrentamento entre a velha feiticeira e este galã do cinema?*

O que aconteceu foi que Vignau ficou tão impressionado com a história que ele mesmo a conta em suas memórias *Corps d'acier*, publicadas em 1984 por Robert Laffont. Lerei esta passagem para você. Este testemunho de um cético confirma o que eu lhe disse a respeito de Paquita.

Durante aquela estadia no México, na casa de Alejandro, conheci a pessoa mais insólita de toda a minha existência. A mais insólita e, ao mesmo tempo, a mais real. Fazia meses que eu padecia de uma lesão muscular.

E não era coisa pouca, uma lesão equivalente a dois punhos com um buraco no meio. Eu tinha passado semanas indo a médicos e especialistas em Paris para que dessem um jeito naquilo. Mas não havia meio. Eles cuidadosamente me diziam que eu deveria deixar o caratê, porque aquilo não tinha remédio. Uma noite, Jodorowsky disse a Valérie, sua esposa, que talvez pudessem me levar para uma consulta com Paquita, uma velha curandeira do México. Aqui nós a chamaríamos de bruxa. Então um dia de manhã cedo eu fui à casa de Paquita com Valérie, que levava na mão um ovo cru, que era imprescindível para o tratamento.

Chegamos a uma ruazinha não muito larga. Um portão de madeira. Valérie chamou. A porta se entreabriu e apareceu um bom homem e minha amiga explicou o motivo da nossa visita. O homem nos deixou entrar. O quintal estava cheio. Homens, mulheres e crianças de todas as classes sociais, sobretudo pobres, índios, mestiços, mexicanos típicos, com cestos, comidas e filhotes pendurados nas costas, gente que conversa, discute, berra. No fundo do quintal, sobre um monte de lenha, uma pequena águia contemplava a cena com o olhar penetrante e tranquilo.

Esperamos. Depois de uns vinte minutos, uma porta da casa em torno do pátio se abriu. Saiu uma velhinha, uma senhora idosa. Ela se parece com muitas das mulheres que estavam ali no pátio. Ela é bem baixinha, gordinha, encurvada, tem um olho enevoado, mas parece enxergar melhor com este do que com o outro, pois parece que ele vê o que outro não vê. Impossível dizer a sua idade. Poderia ter cem ou cinquenta anos. Olha para os que estão no pátio, escolhe um homem e lhe estende a mão. Você... O homem se levanta e a segue para dentro de casa. Depois de um momento, um bom momento, ela sai. Ela volta a olhar os que estão ali e me aponta com o dedo. Você... Venha comigo. Noto que assumo uma postura mental aberta diante desta pessoa insólita. Digo a mim mesmo: “Não conheço nada, não sei de nada. Portanto, postura aberta. Seja como for, minha perna não ficará pior do que já está”.

Surpreso por ter tido a preferência — Alejandro depois me explicou que Paquita considera que os homens devem passar antes que as mulheres, porque estas suportam melhor a dor, por isso podem esperar —, fui atrás dela, acompanhado por Valérie, que lhe explicava meu caso em espanhol.

Em seguida, a velhinha se volta para mim e me faz dois ou três movimentos de caratê muito rápidos, olhando-me com seu olho branco. Naquele momento, se alguém tivesse me perguntado a sua idade, eu teria dito: vinte anos. Depois, ela pegou o ovo cru que Valérie havia levado,

quebrou-o e o esfregou no meu corpo inteiro: o rosto, as mangas, a camisa, a calça. Em seguida, ela fez o mesmo com um líquido branco que tirou de uma garrafa enorme que estava atrás dela. Eu estava empastelado dos pés à cabeça. Ela me tocou a perna, no volume do desligamento. Então ela se voltou, aproximou-se de uma espécie de altar, um pequeno presépio, com pequenas imagens e velas e se pôs a rezar em voz baixa. Eu escutava e não compreendia nada, mas escutava. A casa estava imersa na penumbra, iluminada por três ou quatro velas. Uma mesa na qual os pacientes se deitam para ser operados, dois ou três auxiliares que estavam ali para aprender ou para que ela lhes transmita o seu dom. E Paquita continuou rezando. Depois ela parou de rezar, voltou-se para os seus ajudantes e lhes ditou uma lista de produtos, ervas, plantas. Eles deram a lista para mim e para Valérie. Eu fiquei só olhando.

— Isso é tudo? Quando lhe devo?

— Dê-lhe quanto quiser, um peso, dois...

Pus a mão no bolso e tirei o primeiro que encontrei, uma cédula que valia não sei quantos pesos, não me lembro, e voltamos para o pátio. Fomos a um desses grandes mercados mexicanos nos quais tudo é cor, gritaria e movimento e onde ao ver tanta vitalidade a gente pensa que, assim como os africanos, eles não sentem o calor. Naquele mercado um tanto doido, compramos o que precisávamos. Quando voltamos para a casa de Alejandro, Valérie cozinhou um mingau com tudo aquilo e fez um emplastro que me aplicou no músculo. Eu fiquei três semanas com aquilo. Com isto eu vivia minha vida normal e, inclusive, treinava. Depois de três semanas, eu a tirei. Tinha desaparecido completamente! Não senti mais dor, apenas a de tirar o emplastro, que me arrancou a pele. O estiramento tinha sarado. Nunca mais senti nada. É claro que todos os que não viveram uma coisa assim podem questionar a verdade da minoria que viveu. Mas eu afirmo que Paquita realmente me curou.

Este é o testemunho de Jean-Pierre. Interessante, você não acha?

*Com certeza! E que conclusão se pode tirar de tudo isso?*

Eu não poderia afirmar que as manipulações de Paquita eram de fato cirurgias de verdade, mas também não posso dizer o contrário. Mas por fim eu acabei concluindo que isso não tinha importância. Na verdade, essas coisas nos inquietam porque nós acreditamos num mundo “objetivo”, com essa nossa mentalidade moderna que chamamos de racional. Sempre

pretendemos nos colocar como observadores distantes de um fenômeno supostamente externo cujos mecanismos devem ser nitidamente delineados. Na mentalidade “xamânica”, ao contrário, esse problema sequer é cogitado. Não existe nem sujeito observador e nem objeto observado, apenas o mundo, sonho exuberante de signos e símbolos, campo de interação no qual confluem múltiplas forças e influências. Nesse contexto, saber se as operações de Paquita são ou não são “reais” é uma questão incongruente. Qual realidade? A partir do momento em que você entra no campo energético de uma feiticeira, você é integrado à realidade dela e ela na sua e ambos evoluem numa realidade na qual as práticas de cura acontecem. O fato é que muitas pessoas efetivamente se curaram! Por outro lado, quando me ative ao ponto de vista chamado “objetivo”, nunca consegui descobrir qual era o “truque”, apesar de ter estado semana após semana ao lado dela por várias horas... Seja como for, o gênio dela é inegável. Se aquilo era um teatro, que grande atriz ela era! Se era ilusionismo, esta boa mulher foi a maior ilusionista de todos os tempos! E que psicóloga...

*O que ela ensinou para você? O que você pode aproveitar disso tudo em sua prática de Psicomagia?*

Em primeiro lugar, aprendi a lidar com as pessoas. Graças a ela, entendi que todos nós — ou quase todos — somos crianças, às vezes adolescentes. A primeira coisa que Paquita fazia era tocar com suas mãos todos os que procuravam por ela, estabelecendo uma relação sensorial, o que inspirava confiança nas pessoas. Isso produzia um fenômeno estranho: o toque das mãos dela transformava-a imediatamente numa espécie de mãe universal para a pessoa, quebrando qualquer resistência. Isso aconteceu também comigo, apesar de que, naquela ocasião, eu não me submetia a qualquer mestre e até recusava essa idéia com veemência. No entanto, quando ela me tocou, minha resistência derreteu como neve ao sol. Paquita sabia encontrar no adulto, incluindo os mais convictos, uma criança adormecida, sedenta de amor, sendo que o contato era mais eficaz que as palavras para criar um laço de confiança que fizesse a pessoa entrar num estado de receptividade. Era esse o estado que lhe permitia fazer um diagnóstico. Lembro-me, por exemplo, uma vez em que eu levei um amigo francês até ela. Há tempos ele sentia dores e os médicos franceses tinham levado seis meses para diagnosticar um pólipio no intestino. Paquita passou as mãos no corpo dele e imediatamente detectou a presença de um volume no intestino. Meu amigo ficou atônito!

Além de manifestar estas faculdades quase divinatórias, às vezes esta feiticeira praticava o que hoje me parecem ser atos psicomágicos maravilhosos. Um dia ela recebeu um homem que estava à beira do suicídio porque não suportava a idéia de ficar calvo aos 30 anos. Ele tinha tentado todo tipo de tratamento possível sem qualquer resultado. O Irmão lhe perguntou pela boca da anciã: “Você acredita em mim?”. O homem respondeu afirmativamente e, de fato, ele tinha mesmo fé em Paquita. O espírito então lhe deu as seguintes instruções: “Recolha um quilo de excrementos de rato, urine em cima e misture bem até ficar uma pasta que você aplicará na cabeça. Este remédio fará seu cabelo crescer”. O homem se queixou baixinho, mas Paquita insistiu, dizendo que, se ele queria evitar a calvície, não havia outro remédio. Ele então resolveu se submeter a este insólito tratamento. Três meses depois ele voltou a visitá-la e lhe disse: “É muito difícil encontrar excremento de rato, mas consegui localizar um laboratório que cria ratos brancos. Convenci um empregado a guardar os excrementos para mim. Quando consegui um quilo, urinei em cima, fiz a pasta e, de repente, percebi que não me incomodava não ter cabelo. Portanto, não usei o unguento e resolvi aceitar a minha sorte”.

Eu vi naquilo um ato elementar de psicomagia. Paquita lhe cobrou um preço que ele não estava disposto a pagar. Quando ele se viu diante daquela situação, compreendeu que podia aceitar perfeitamente o seu destino. Diante da exigência real, ele preferiu continuar calvo. Saiu do seu mundo de imaginação e encarou o mundo real. Estas instruções, à primeira vista absurdas, propiciaram o seu amadurecimento e o fizeram passar por um processo que, no fim, fez com que ele se aceitasse como era. É assim que eu entendo a psicomagia. Muitas vezes Paquita induzia as pessoas a realizarem um ato insólito que, no fim, reconciliava as pessoas com elas mesmas. Lembro-me de uma para quem o dinheiro representava um grande problema, uma pessoa incapaz de ganhar a vida. A velha lhe impôs uma cerimônia estranha: o “paciente” tinha que urinar todas as noites num urinol, até que ele ficasse cheio. Depois, tinha que deixar o urinol debaixo da cama e dormir trinta dias sobre a sua urina. Eu fui testemunha da consulta e não pude deixar de me perguntar qual era o sentido daquilo. Aos poucos fui percebendo qual era o sentido: se uma pessoa que não sofre de nenhum problema físico nem intelectual não consegue ganhar a vida é porque não quer. Uma parte dela mesma se opõe a isso, criando um conflito com o dinheiro. Muito bem, seguir as instruções de Paquita significava se expor a um verdadeiro suplício: aquela urina debaixo da cama não demoraria a feder. O paciente deitado sobre aquilo ficaria totalmente impregnado com o cheiro de sua própria urina, descansando em cima do estrago do seu desperdício. Por outro

lado, este exercício requer um espírito de sacrifício e desenvolve a força de vontade, porque é preciso ter isso para suportar o encontro com a sua própria urina todas as noites...

*Sem dúvida, mas o que isso tem a ver com dinheiro?*

Em primeiro lugar, há uma relação simbólica: a urina é amarela, como o ouro. Porém, ao mesmo tempo, é um dejetos... Produzir dejetos é uma necessidade fisiológica, e a necessidade de urinar ou defecar é, em si mesma, produto de outra necessidade, a de comer e beber. Muito bem, para atender a essas necessidades, é preciso ganhar dinheiro. O dinheiro, na medida em que representa energia, tem que circular... e aquela pessoa não ganhava a vida porque sentia repulsa por dinheiro, que considerava sujo, vil... Para essa pessoa, o conceito de dinheiro, como energia, estava bloqueado. Ela precisava dele, mas não queria lidar com ele. Uma parte dela se negava a interferir no movimento que faz com que o dinheiro entre e saia e se transforme em alimentos... Enojava-lhe reconhecer o legítimo lugar do “ouro” nesta rede que constitui a existência. Paquita obrigou-a a dominar este medo. Ao se encontrar todas as noites com sua urina estagnada, o paciente teve a visão de que o ouro-excremento não ficaria “sujo” se estivesse circulando. Se a pessoa não quer ver isso e o coloca debaixo da cama, começam os problemas... O “ouro” fedia porque essa pessoa tinha lhe atribuído um lugar vergonhoso. Finalmente, como eu dizia a você, o simples fato de praticar o exercício até o fim obrigou-a a exercer sua vontade, qualidade imprescindível para se ganhar a vida normalmente.

*A propósito, Paquita cobrava alguma coisa dos seus pacientes?*

Não, ela não cobrava honorários, mas as pessoas lhe faziam donativos. Quando operava, sempre tinha perto dela um cesto com uma sacola grande onde os pacientes colocavam o que quisessem. Ela não poderia ser acusada de tocar um negócio. Mesmo com o bom pagamento que os pacientes com mais recursos lhe faziam, com certeza isso não se equiparava à experiência impagável de ser atendido por esta mulher... Ela não curava para ganhar dinheiro, ganhava dinheiro porque curava.

*Mas voltemos às suas experiências e à que lhe foi colocada pelo encontro com essa mulher no que diz respeito à Psicomagia.*

A contribuição dela à psicomagia é tão simples quanto essencial: ao observá-la, percebi que, quando se simula uma operação, o corpo hu-

mano reage como se sofresse uma intervenção verdadeira. Se eu digo a você que vou abrir a sua barriga para tirar um pedaço do seu fígado, se eu lhe obrigo a deitar em uma mesa e reproduzo exatamente todos os sons, todos os cheiros e as manipulações, você sentirá o fôco na pele e, se você vir o sangue jorrar e tiver a sensação de que minhas mãos estão revirando as suas entranhas e extraindo algo delas, então você de fato terá sido “operado”. O corpo humano aceita direta e ingenuamente a linguagem simbólica, como se fosse uma criança. Paquita sabia disso e era uma mestra suprema na arte de usar essa linguagem de maneira funcional, dizendo bem.

*Então Paquita era antes de mais nada uma especialista em comunicação simbólica?*

Isso mesmo. Além disso, ela observava com muita atenção os objetos, as jóias que as pessoas usavam. Lembro-me de uma mulher com uma pulseira ovalada com uns orifícios também ovais dentro de um dos quais havia um relógio. Aquilo, sem dúvida, tinha que ser um relógio da mãe dela e Paquita percebeu imediatamente que essa mulher não resolveria seus problemas enquanto não se livrasse da influência da mãe. Além disso, era evidente que aquele orifício simbolizava a mãe na qual a filha-relógio ainda se mantinha incrustada. Intuitivamente, Paquita decifrou a mensagem simbólica e prescreveu um ritual inteiro para que ela se desfizesse do objeto. Para ela nada era insignificante, o mundo era como um bosque de símbolos em permanente relação. No convívio com ele, a linguagem dos objetos abriu-se para mim, o significado que eles encerram como, por exemplo, os presentes: todo presente tem um sentido e se inscreve numa dinâmica de posse e comunicação. Esquecer uma coisa na casa de um amigo, por exemplo, ou num lugar público, não tem nada de gratuito. A feitiçaria primitiva conhece o mecanismo dessas interações e as domina mais ou menos. Mas se trata, desde logo, de um conhecimento intuitivo, não intelectual ou científico. O feiticeiro ou xamã provavelmente não seria capaz de descrever rigorosamente sua própria prática. Para isso, ele teria que se colocar de fora e ver-se atuando para decifrar como aquilo funciona. Muito bem, só que o seu poder está precisamente no fato dele manter uma relação interna com aquele mundo.

Ele não é espectador de um mundo “objetivo” inerte, e sim parte integrante de um universo subjetivo no qual tudo está vivo. A própria Paquita entendia as enfermidades como seres animados: o tumor era uma criatura maléfica que merecia ser queimada viva e, em seguida, você podia ouvir os

passarinhos cantando. Às vezes ela extraía do corpo da pessoa umas formas em movimento que a gente podia ver se agitarem na penumbra como um títere. Ela materializava a doença que assim perdia seu poder de inimigo invisível — e, por isso, tão ameaçador —, e encarnava numa figura vagamente grotesca, que merecia ser morta. Vi como ela tirava um falo negro que resfolegava como um sapo da barriga de um homossexual...

*Algo digno de um dos seus happenings... O que você descreve são de fato cenas “pânicas”.*

Digno de Goya! Não sei o que ela fazia para nos carregar para esse mundo barroco... Transe, alucinação coletiva, prestidigitação genial? De qualquer modo, se havia uma farsa, era uma farsa sagrada. Quero dizer que seus atos mágicos eram eficazes. Paquita aliviava a maioria dos que iam vê-la, por isso quis observá-la e aprender com ela...

*Mas você se coloca segundo uma lógica um tanto diferente: diferente de Castaneda, que, depois de receber a mensagem de dom Juan, se transforma ele mesmo num xamã — você não quer ser um feiticeiro. Você se contenta em assimilar certos princípios universais para os transpor para uma atuação não mágica, mas “psicomágica”.*

Correto, porque eu não venho de uma cultura “primitiva”. Em minha opinião, salvo exceções — não me pronuncio sobre o caso de Castaneda, a quem conheci no México naquela época —, se você não nasceu num contexto primitivo, não pode se transformar num xamã ou feiticeiro. Com a melhor das boas vontades e com uma amplitude de critérios mundanos, a pessoa não se liberta tão facilmente de toda a sua bagagem ocidental e racional.

*Castaneda é um personagem inapreensível e poucos podem se vangloriar de tê-lo visto pessoalmente. Em que circunstâncias você o conheceu?*

Naquela ocasião, nos anos 70, eu era muito conhecido em certos meios, graças a meu filme *El Topo*, que para muitos era uma espécie de referência em matéria de cinema mágico. Castaneda tinha gostado de *El Topo* e o tinha assistido duas vezes. Eu estava num restaurante no México no qual se come um filé esplêndido e se toma um bom vinho. Eu estava acompanhado de uma atriz mexicana que reconheceu ali uma amiga que estava com um senhor. Castaneda — que não era outro senão este o senhor —, quando soube quem eu era, mandou sua amiga até a nossa mesa.

A mulher me perguntou se eu gostaria de conhecer Castaneda. "Só se for agora", respondi, "Sou um grande admirador dele!". Ela disse que ele viria até a minha mesa, mas eu insisti em ir à dele.

*Uma coincidência de novela...*

A vida é uma novela! Propus a Castaneda ir até a casa dele, mas ele quis vir ao hotel onde eu estava. Estávamos como dois orientais, rivalizando em cumprimentos. Ele não parava de me dar a preferência e eu fazia outro tanto, é claro...

*Você não ficou em dúvida se era mesmo Castaneda em pessoa que estava ali?*

Nem por um momento. Depois disso, foi publicado um livro nos Estados Unidos no qual aparece um retrato dele, um desenho. É o retrato do homem que conheci.

*Qual foi a sua primeira impressão?*

No México é fácil perceber a classe social a qual uma pessoa pertence apenas pelo seu aspecto físico. Castaneda parece um garçom.

*Como assim?*

É, ele tem um jeito de homem do povo; não é gordo, mas bem fornido, com o cabelo crespo e o nariz um tanto achatado: um mexicano típico das classes populares. Mas quando ele abre a boca, se transforma em um príncipe; atrás de cada palavra dele se nota uma grande cultura.

*Passa uma impressão de sabedoria?*

Mais que sabedoria, de simpatia. Logo ficamos amigos. Ele se vestia com simplicidade e estava despachando um belo filé, regado a *Beaujolais*... Não se parecia com dom Juan, mas com o Castaneda que vemos nos livros. Ao ouvir aquele tom de voz foi como reencontrá-lo, digamos assim...

*Na sua opinião, as narrativas dos seus livros são ficcionais ou tratam de fatos reais?*

É difícil dizer. Minha impressão é que elas partem de experiências reais que ele elabora, introduzindo conceitos extraídos da literatura esotérica universal. Nos livros dele você encontra o zen, os Upanishads, os tarôs, o trabalho sobre os sonhos... Uma coisa é certa: ele percorre realmente o México para fazer as suas pesquisas.

*Você acredita na existência de dom Juan?*

Não, acho que este personagem é uma genial invenção de Castaneda, que conheceu vários feiticeiros *yaquis*.

*Como foi essa conversa com ele no hotel?*

Para começar, ele me ligou para avisar que estaria disponível cinco minutos antes do combinado. Fiquei tocado pela gentileza. Logo que chegou, eu lhe disse: "Não sei se você é um louco, um gênio, um pilantra ou se o que você diz é verdade". Ele me garantiu que não dizia mais do que a verdade e logo se pôs a contar uma história incrível, de como dom Juan, com um simples tapa nas costas o tinha projetado a 40 quilômetros de distância... porque ele tinha se deixado distrair por uma mulher que passava por ali... Ele também falou sobre a vida sexual de dom Juan, que era capaz de ejacular quinze vezes em seguida. Por outro lado, tive a impressão que o próprio Castaneda gostava muito de mulheres. Ele me perguntou se nós não poderíamos fazer um filme juntos. Hollywood tinha lhe oferecido muito dinheiro, mas ele não queria que Anthony Quinn fosse dom Juan... Então ele começou com uma diarreia, com muita cólica, que era uma coisa que, segundo ele me disse, nunca lhe ocorrera. Eu também comecei a sentir dores no fígado e na perna direita. Era estranho que aquelas dores chegassem justo na hora em que começávamos conceber um projeto. A dor era tanta que nós nos contorcíamos no chão. Chamei um táxi e levei-o ao hotel. Foi depois disso que Paquita me operou. Eu tinha falado dela para Castaneda e insisti em levá-lo para conhecer aquela mulher excepcional, mas ele não compareceu no dia combinado. Fiquei de cama uns três dias. Depois que estava restabelecido, eu o procurei no hotel, mas ele já tinha ido embora. Não voltei a vê-lo, a vida nos separou. Um guerreiro não deixa rastros.

*Quer dizer que a impressão que você teve dele foi a de um pilantra que ao mesmo tempo é muito interessante?*

Ele me contou aquelas suas histórias de dom Juan com tanta convicção... Eu estou acostumado com o teatro, com os atores, e não me pareceu que estivesse mentindo. Talvez ele seja um louco, ou um gênio.

*Na sua opinião, qual foi a contribuição de Castaneda?*

Sua contribuição foi enorme: ele criou uma fonte de conhecimento diferente, a fonte sulamericana. Ele revitalizou o conceito de guerreiro espiritual... Ele atualizou o trabalho com os sonhos lúcidos. Sem dúvida, ele publicou demais, mas os editores norte-americanos o contrataram para uma dezena de livros. Apesar disso, ele tem sempre algo novo a dizer e seus livros revelam muitas coisas esquecidas. De modo que, se é verdade ou mentira, não tem a menor importância. Se é uma farsa, então é uma farsa sagrada...

*E além do mais, um chileno de origem russa, com vários anos de vivência no México, com certeza você não é o protótipo do adorador ocidental da deusa Razão...*

É verdade, eu sou meio louco, como você sabe... Mas, apesar disso, minha loucura e meu exagero têm raízes numa cultura moderna. Querendo ou não, sou o produto de uma sociedade materialista que pretende manter uma relação objetiva com o mundo. Minhas ousadias mais extremadas ficam sempre dentro desse contexto do qual não podemos sair. Talvez eu o extrapole, evidenciando sua contradição e o beco sem saída que ele é, mas não o nego. Para ser feiticeiro ou xamã, é preciso viver num mundo xamânico. No que me diz respeito, o que tenho a dizer é que a fé que deposito na magia primitiva não é suficiente para transformar a mim mesmo num feiticeiro. É por isso que quis aprender com Paquita, mas nunca aspirei herdar o dom dela e me transformar num curandeiro como ela. Além do mais, sempre tive minhas resistências quanto a isso.

*Então, apesar de não acreditar na magia o suficiente para ser um feiticeiro, você ainda acredita nela.*

A questão é que não posso dizer que seja verdade, mas também não posso dizer que seja mentira. Mas, depois eu compreendi que, se eu quisesse aprender alguma coisa com Paquita, então teria que assumir uma atitude convicta e fazer como se eu acreditasse de fato.

*Por quê?*

Se eu partisse do princípio que tudo aquilo podia ser verdadeiro, que a magia como tal podia ser uma realidade, logo eu estaria num beco sem saída. Eu me esforcei em seguir o caminho mágico dela, para me converter eu mesmo num feiticeiro e conseguir alguns resultados parciais ou medíocres, uma vez que, digo mais uma vez, a gente não pode mudar de pele e se transformar num xamã apenas dizendo que aquilo *podia ser verdade*. Assim sendo, eu me obriguei a fazer com que aquilo não fosse senão falso. Por "falso" não quero dizer que não existe — era forçoso admitir as curas e os fenômenos estranhos que aconteciam em torno dela —, mas que aquilo poderia ser explicado por um conjunto de leis psicofisiológicas. Desse modo, eu me colocava disponível para aprender com esta mulher alguma coisa que depois pudesse ser usada no meu próprio contexto.

*Como em quê, por exemplo?*

Numa forma de manipular a linguagem dos objetos e o vocabulário simbólico a fim de produzir certos efeitos nas pessoas; em síntese, num modo de chegar ao inconsciente com a linguagem que lhe é própria, fosse através de palavras, de objetos ou de atos. Isso eu aprendi com Paquita.

*Paquita era excepcional, sem dúvida, mas estava inscrita numa tradição...*

Certamente. Por isso, ao conhecê-la, eu descobri o lugar que a magia ocupa em todas as culturas primitivas. Li centenas de livros sobre o tema, para tentar extrair os elementos universais dignos de serem utilizados de maneira consciente em minha própria prática. Não vou me estender sobre isso, mas darei alguns exemplos. A ideia de que a palavra tem poder, quando expressa o desejo de uma forma adequada, é uma ideia que se encontra em todas as culturas. Mas em geral o nome de Deus ou do espírito é frequentemente reforçado pela sua associação com uma imagem. Os antigos sabiam intuitivamente que o inconsciente não é receptivo somente à linguagem oral, mas também às formas, às imagens, aos objetos. Os egípcios, por sua vez, atribuíam uma importância vital à palavra escrita. Mais do que dizer, era preciso escrever. Em psicomagia, eu costumo pedir às pessoas que escrevam cartas, não tanto pelo que nelas é dito, mas porque elas têm um poder de cura só pelo fato de terem sido escritas e enviadas. Outra prática universal é a da purificação, as abluções rituais.

Na Babilônia, durante os rituais de cura, os exorcistas mandavam o paciente se despir, tirar todas as suas roupas velhas, símbolos do antigo eu, e vestir roupas novas. Os egípcios consideravam a purificação como o requisito preliminar para recitar fórmulas mágicas, como atesta esse texto antigo, cuja origem eu não me lembro qual é, mas que me serviu de inspiração: “Se um homem pronuncia esta fórmula para uso próprio, deve ungir-se de óleos e unguentos e ter na mão o incensário cheio; deve ter natrão de boa qualidade atrás das orelhas e uma qualidade diferente de natrão na boca; deve vestir duas peças novas de roupa depois de ter se lavado em águas de nascente, calçar sandálias brancas e ter pintado a imagem da deusa Maat na língua com tinta fresca”. Eu também peço a muitos que vêm me consultar que tomem banhos e façam certos tipos de lavagem, porque sei que este ato, aparentemente inofensivo, influirá de maneira notável em sua psique e os colocará numa disposição de ânimo diferente. Se alguém tem que falar com a mãe, eu lhe recomendo que bocheche sete vezes a boca com água e que ponha lavanda nos bolsos. Esses pequenos detalhes são suficientes para que o encontro aconteça de modo diferente.

Os antigos também atribuíam um papel benéfico a numerosos objetos simbólicos: os textos mágicos eram recitados sobre um inseto, um pequeno animal ou, inclusive, um colar. Também se usavam tiras de linho, pequenas imagens de cera, penas, cabelos... Depois de encontrar referências a essas práticas em antigos textos, comeci a refletir sobre as projeções que as pessoas fazem sobre os objetos e me perguntei como usar isso de um modo positivo. Os magos gravavam o nome dos seus inimigos em vasos que depois quebravam e enterravam, como forma de fazer com que seus adversários fossem destruídos e desaparecessem... Nas solas das sandálias reais se pintavam as efígies dos “malvados” para que o rei pisasse diariamente os invasores. Na psicomagia, eu recorro aos mesmos princípios “primitivos”, mas com objetivos exclusivamente positivos. Aconselho as pessoas a “carregarem” um objeto, a escreverem um nome nele... Nesta mesma ordem de coisas, os feiticeiros hititas me ajudaram a descobrir os conceitos de substituição e identificação: na verdade, o feiticeiro não destrói o mal, e sim toma posse dele, descobrindo suas origens, e o extirpa do corpo ou do espírito da vítima para devolvê-lo aos infernos. Segundo um texto antigo, “amarra-se um objeto na mão direita e no pé direito do consulente e depois se desamarra para amarrá-lo em um rato, enquanto o consulente diz: ‘Eu me livrei deste mal e o amarrei neste rato’; e o rato então é solto”. Fera assim que Paquita fazia para tirar um mal: ela o jogava sobre uma planta, uma árvore ou um cacto. Isso fazia com que

a planta morresse diante dos nossos olhos. Também se pode substituir a vítima por um cordeiro ou uma cabra: esse é o velho método do sacrifício de substituição no qual o animal ocupa o lugar do doente: amarra-se o turbante dele na cabeça da cabra e se corta o pescoço dela com um punhal que antes tocou o pescoço do doente. Segundo a magia judaica é possível enganar, driblar e induzir a erro as forças do mal. Para tanto, disfarça-se a pessoa afligida que é chamada por um outro nome... Eu mesmo já tive a oportunidade de verificar o efeito benéfico obtido pela modificação do nome, mesmo que apenas ortograficamente. Aplico a mesma idéia numa carta de tarô: A Torre (“A Casa de Deus”/ *La Maison Dieu!* em francês) que inicialmente apresenta uma catástrofe, mas por que não ver nela “A Alma do Seu Deus”/ *L'Âme et son Dieu!* (cujo som é o mesmo em francês) e assim dar-lhe uma carga positiva? Esses velhos rituais me ensinaram também a sugerir sepultar alguma coisa na terra quando se quer uma purificação.

Esses não são senão princípios universais do ato mágico que eu resgatei para serem usados no ato psicomágico ou, em outras palavras, numa ação terapêutica.

## O Ato Psicomágico

**A** fé é um elemento essencial no contexto mágico da feiticeira Paquita?

A palavra “obediência” cabe melhor neste caso do que a palavra “fé”. O que eu digo é que, mesmo acreditando no poder da feiticeira, acho mais conveniente permanecer neutro e deixá-la agir como quiser. Dito de outra maneira, com fé ou sem fé, é melhor ser honesto e seguir fielmente as orientações que ela dá. Se você vai a um médico e depois não compra e não toma os remédios que ele prescreveu, como poderá saber se o tratamento funciona? Se Paquita manda realizar um ato, a pessoa apenas acredita e cumpre o que foi prescrito, sem ficar tentando entender. A pessoa simplesmente obedece e pronto, por mais estranho que possa ser o que foi recomendado. Como já dissemos, tudo isso faz parte de uma cultura radicalmente diferente da nossa. Naquela época, o diretor de uma importante revista parisiense, doente de câncer, me perguntou se eu poderia apresentá-lo a Paquita. Eu o levei à casa dela, ela o operou e lhe disse: “Você está curado, mas cuidado: não conte a ninguém antes de seis meses”. Ele não obedeceu. Assim que chegou na França, procurou vários médicos para exames com a esperança de que eles confirmassem o veredicto da velha bruxa. Eles lhe disseram que não estava curado e ele morreu depois de três meses. Em compensação, um amigo francês, assessor de imprensa de uma grande companhia cinematográfica, tendo sofrido vários enfartos, por insistência minha, consultou-se com Paquita

para que ela lhe “trocassem o coração”. Terminada a operação, a feiticeira lhe pediu que esperasse três meses e ele assim o fez. Ao final deste período, submeteu-se a vários exames e o eletrocardiograma revelou uma grande melhora. Muitos anos se passaram e ele continua vivo... Eu também poderia citar o caso da assistente do cineasta François Reichenbach. Ela parecia estar condenada à paralisia em consequência de um acidente. Paquita operou-a e ela voltou a andar. Depois de um tempo, ela veio me agradecer por ter-lhe apresentado a feiticeira. Aproveitei a ocasião e pedi a ela que desse seu testemunho numa conferência que eu daria na Sorbone perante um auditório de umas quinhentas pessoas. Permita que eu leia uma parte desse testemunho, tal como foi gravado e transcrito:

— (*Jodorowsky*): Então eu vou lhe fazer umas perguntas. Qual é o seu nome?

— Claudie.

— Você era assistente de qual diretor francês?

— Eu era assistente de Reichenbach.

— Você sofreu algum acidente?

— Sim, em Belice. Minha coluna foi feita em pedaços, meus ligamentos das costas arrebentaram e eu tive nove vértebras fraturadas. Fiquei três meses em coma. Quando recobri a consciência, me disseram que estava parálitica e que não voltaria a andar. Então Reichenbach me telefonou e me disse: “Estou aqui com Alejandro Jodorowsky e vou passar você a ele”. Para mim, naquela altura, Jodorowsky era aquele cara que tinha feito um filme completamente maluco. Ele me pergunta: “O que acontece com você?”, e eu lhe respondi: “Fiquei parálitica”. “Não é grave”, ele então me disse. “Você tem que ir ao México e visitar a feiticeira Paquita”. Eu então fui para lá me operar, mesmo não acreditando. Não acreditei em seu facão, nem acreditei em nada. Ela me estropiou como mil demônios. Aquilo me doía muito. Ela me abriu desde a nuca até o cóccix. Eu lhe havia dado cem francos da época para que ela comprasse as vértebras.

— (*Alguém do público*) Como assim?

— (*Jodorowsky*): Sim, Paquita comprava vértebras num hospital ou num necrotério, não sei ao certo... Às vezes aparecia um coração num frasco...

— É. Foi assim mesmo! Mas quero dizer uma coisa para vocês: eu tinha certeza que um dia eu me levantaria e andaria novamente. Eu não acreditava em Paquita e achava que Alejandro estava louco, mas tinha certeza que voltaria a andar, o que consegui, através de Paquita. Antes de tudo, eu acreditava em mim mesma.

— Conte como foi a sua operação!

— Bom, com o facão, ela me abriu a coluna de cima a baixo. Eu senti isso nitidamente. Depois, senti como se ela me batesse com um martelo. Em seguida, ela me fez virar... Ah, não, antes ela me passou álcool de 90 graus. Havia um cheiro horrível de sangue quente. O álcool ardia de um modo horrível. Eu a mordi! Sim, eu a mordi! Ela passou o braço na minha frente e eu não perdi a ocasião. Naquela hora eu estava a ponto de desmaiar. Na verdade, não era tanto pela dor, e sim pelo cheiro de sangue que eu não suportava. Ela me virou de boca para cima. Eu disse a mim mesma: “Mas o que ela está fazendo?”, e não vi mais as mãos dela. Elas haviam sumido. Estavam dentro da minha barriga e eu não sentia nada.

— Isto foi o que você viu...

— Isto foi o que eu vi.

— É assim mesmo, amigos! Às vezes, isto acontece por transferência. Não sei se vocês viram um programa sobre <sup>2</sup>: o mestre parece invencível com o uso do *ki*, mas não é, porque, perante alguém que não seja seu discípulo, ele não pode fazer nada. Isso quer dizer que nós transferimos nossas forças internas para certos arquétipos e, em virtude dessa transferência, essa pessoa passa a ser nosso mestre, um guru, alguém que tem uma força tremenda, alguém invencível. Isso se deve à transferência que fazemos. Ela é útil e necessária, mas é uma transferência. O curioso em Paquita era que todos os que a visitavam faziam essa transferência.

*Interessante... Claudie não acreditava, mas entregou-se totalmente, ao contrário do diretor da revista, que não fez o que lhe foi dito para fazer.*

Sim. Para que aquilo funcionasse, antes de mais nada, ele tinha que entrar no jogo, sem pensar. No entanto, no que me diz respeito, esforcei-me para descobrir alguns dos mecanismos que intervinham no processo de cura para usá-los depois. Lembro-me, por exemplo, de um amigo que se sentia muito fraco. Paquita recomendou que ele parasse de tomar vitaminas. Ela mandou que ele entrasse num açougue, roubasse um pedaço de carne e o comesse. Ele tinha que repetir esse procedimento uma vez por semana. Naturalmente, o homem recuperou toda a sua energia e, na minha opinião, isso aconteceu por uma razão muito simples: praticar um roubo por semana era para aquele pobre homem tímido um ato de uma audácia inaudita. Para fazer isso, ele tinha que mobilizar toda a energia que ele fosse capaz de conseguir. Então ele descobriu que era mais forte

2. Arte marcial japonesa de defesa pessoal. Usa a energia do próprio atacante para vencê-lo. (N.E.)

e decidido do que pensava ser e, a partir do momento que a percepção que ele tinha de si mesmo mudou, sua vida também mudou. Pelo menos é assim que eu entendo.

*Entre captar alguns dos mecanismos psicológicos mais sutis presentes na feitiçaria que Paquita praticava e recomendar atos por si mesmo, vai uma grande distância. Como você superou isso? Como você fez para passar da simples observação do ato mágico para a prática concreta da Psicomagia?*

Como você já sabe, eu estudei o tarô a fundo e tenho uma certa reputação como tarólogo. Mas eu sou também roteirista de histórias em quadrinhos e diretor de teatro e cinema e por isso nunca ganhei a vida com as cartas. No entanto, num determinado momento, eu quis me aprofundar no estudo do tarô. Para tanto, eu tinha que me comunicar com os outros para praticar a leitura das cartas. Fui então a uma livraria na *Rue des Lombards*, que se chama Arcano 22 e que é especializada em tarô. Como os donos me respeitavam, eu propus a eles que me colocassem num quartinho atrás da loja e me comprometi, em troca, a receber duas pessoas por dia durante seis meses para jogar as cartas para elas em caráter profissional. Os donos da livraria colocaram um cartaz e os consulentes começaram a vir. Não vou me estender aqui sobre como eu entendo o tarô. Apenas direi que não leio o futuro, mas me conformo ao presente e centro a minha leitura no autoconhecimento, partindo do princípio de que é inútil conhecer o futuro quando se ignora quem se é aqui e agora. Em resumo, aquelas sessões despertaram em mim algumas reflexões. À medida que progredia, mais eu me convencia de que todos os problemas se resumiam na árvore genealógica da pessoa.

*E o que isso quer dizer?*

Abordar as dificuldades de uma pessoa é acessar a sua família, entrar no clima psicológico do seu meio familiar. Todos nós somos marcados, para não dizer contaminados, pelo universo mental psicológico dos que nos são próximos. É assim que muitas pessoas assumem uma personalidade que não é a sua, e sim a de um ou dos vários membros do seu círculo afetivo. Nascer em uma família é, por assim dizer, estar possuído.

Esta possessão costuma ser transmitida de uma geração a outra: o enfeitiçado passa a ser o feiticeiro, projetando sobre os filhos o que foi projetado nele... a não ser que a pessoa se torne consciente e consiga romper o círculo vicioso. Depois de uma consulta de duas horas, mui-

tos exclamam: “Não tinha descoberto tanta coisa nem com dois anos de psicanálise!”. Isto me deixava muito satisfeito e convencido de que, para resolver uma situação problemática, bastava tomar consciência dela. No entanto, isso não era verdade. Para superar uma dificuldade não basta identificá-la claramente. Uma tomada de consciência que não se faz acompanhar de um ato é totalmente inócua. Aos poucos, fui me dando conta disso e cheguei à conclusão de que tinha que orientar as pessoas, embora eu resistisse à idéia. Que direito tinha eu de me intrometer na vida dos outros e influenciar o seu comportamento? Eu não queria me transformar num feiticeiro! Minha posição era muito delicada, pois as pessoas que vinham se consultar comigo não pediam outra coisa: que eu me transformasse em pai, mãe, filho, marido, esposa... O fato é que eu não estava nada disposto a ser o mestre espiritual de ninguém e a me envolver na vida dos outros. Foi então que eu tive uma idéia: para que a tomada de consciência surtisse efeito, eu tinha que fazer com que o outro agisse, tinha que levá-lo a realizar um ato muito específico, sem com isso assumir a tutela nem o papel de guia para o rumo que aquela pessoa quisesse dar à vida dela. Foi assim que nasceu o ato psicomágico como resultado das influências que assimilei ao longo dos anos e sobre as quais temos falado em nossas conversas.

*Como você fazia isso?*

Antes de mais nada eu estudava a pessoa e exigia que ela me contasse absolutamente tudo. Em vez de ficar tentando usar o tarô para adivinhar o que estava oculto, eu simplesmente a submetia a um interrogatório. Perguntava aos meus consulentes como fora o seu nascimento, seus pais, seus avós, seus irmãos, sua vida sexual, sua relação com o dinheiro, sua vida sentimental, sua vida intelectual, sua saúde...

*Em suma, uma verdadeira confissão.*

Isso mesmo! Não tardei a ser o depositário de segredos terríveis: roubos, violências, incestos... Um homem me confessou que, quando menino, ao terminar o ano escolar, esperou em cima de um muro o professor que ele detestava passar para lhe atirar uma pedra enorme na cabeça. Aquilo poderia ter matado o professor, mas o moleque não ficou ali para ver... Um dia recebi um pai de família belga e logo notei que ele era homossexual. “Sim”, ele me confessou, “toda vez que venho a Paris, tenho diariamente relações sexuais com dez pessoas na sauna. Sabe qual é o meu

problema? Eu queria que fosse 14, igual o meu amigo...”. A roupa suja começou a aparecer. Eu ouvia as confidências mais estranhas e extravagantes. O incesto era coisa ordinária: uma mulher me confessou que o pai de sua filha não era outro senão o seu próprio pai; um rapaz foi seduzido pela mãe e me contou isso em todos os detalhes... Sadomasoquismo, fixações homossexuais, obsessão pelo prazer solitário... Por ali aparecia de tudo! As pessoas desabafavam porque sentiam confiança e me julgavam capaz de indicar uma terapia adequada à herança social e cultural delas.

*Por que era tão importante para você que a confissão fosse feita em detalhes?*

Porque é impossível fazer qualquer coisa sem conhecer o terreno. Apreendi isso com, Miyamoto Musashi, o autor do *Livro dos cinco anéis*. Ele diz que é preciso chegar antes ao lugar do combate para examinar o terreno. Há médicos que também usam este método. A familiaridade com o terreno psico-afetivo da pessoa me parecia ser um prerequisite para recomendar qualquer ato psicomágico.

*Então qual é o papel do tarô? Se a própria pessoa conta tudo para você, então já não é preciso adivinhar nada.*

As pessoas costumam fazer apenas meias confissões. Elas guardam o melhor para depois, digamos assim... O tarô me ajudava a lançar luz sobre segredos que seriam inconfessáveis, num primeiro momento. Assim sendo, dispondo de todos os elementos, eu reunia condições para propor um ato que é racional e irracional ao mesmo tempo: irracional na aparência, mas racional na medida que a pessoa sabe por que precisa realizá-lo. Por outro lado, todo ato psicomágico tem efeitos insuspeitos, quer dizer, imponderáveis, e esta é a riqueza que eles têm.

*Explique isso melhor, por favor.*

Darei um exemplo: um dia eu recebi a visita de uma senhora suíça cujo pai tinha morrido no Peru quando ela tinha oito anos. Sua mãe fez desaparecer todos os rastros daquele homem, queimando cartas e fotos e, com isto, minha consulente continuava sendo uma menina de oito anos. Com mais de 40 anos de idade, ela falava como uma menina e tinha graves problemas. Eu lhe prescrevi um ato: ela tinha que ir ao Peru, nos lugares em que seu pai tinha vivido e trazer de lá uma recordação, uma prova palpável da existência dele. Quando voltasse à Europa, ela teria de

colocar aquelas recordações na casa dela, acender uma vela e depois ir à casa da mãe e dar-lhe uma bofetada. Aqui é preciso dizer que a mãe dela maltratava-a e a insultava. Como você pode ver, a realização deste ato exigia um compromisso. A mulher foi para o Peru, encontrou a pensão onde o pai dela tinha morado e, por uma dessas sincronias que emanam do que eu chamo de “dança da realidade”, encontrou cartas e fotos. O pai as entregara à dona da pensão, confiando que um dia a filha viria buscá-las. Várias décadas depois, minha paciente encontrou aquelas lembranças que, por assim dizer, a ressuscitaram. Ao ler aquelas cartas e contemplar aquelas fotografias, aquele pai deixou de ser um fantasma para aquela mulher e ela finalmente conseguiu sentir que ele tinha sido de carne e osso. Quando ela voltou para casa, colocou as cartas e as fotos na casa, acendeu uma vela e saiu para ver a mãe, com a intenção de lhe dar uma bela bofetada. Mãe e filha tinham uma relação muito difícil. Mas, como ela tinha avisado que iria para o Peru, ao chegar na casa da mãe, minha paciente foi surpreendida, pois a mãe a estava esperando e, pela primeira vez, tinha lhe preparado uma comida. Espantada em vê-la tão amável, ela ficou perturbada por ter que esbofeteá-la, já que, pelo menos daquela vez, a mãe não estava lhe dando motivo para isso. Mas o ato psicomágico é um contrato ineludível que ela sabia que tinha que respeitar. Durante a refeição, minha paciente esbofeteou a mãe de surpresa e sem uma razão aparente e, como sempre, com medo de uma reação violenta. Em troca, esta apenas limitou-se a lhe perguntar: Por que você fez isso? Diante de tanta consideração, a filha finalmente encontrou palavras para expressar todas as queixas que tinha contra ela. E esta foi a surpreendente resposta da mãe: “Você me deu uma bofetada... Pois você deveria me dar mais uma!”. No final de tudo, as duas mulheres conseguiram se tornar amigas.

*Parece quase um milagre...*

Eu poderia lhe dar provas da veracidade dessa história. Eu a contei para que você pudesse ver que o ato tem uma lógica que lhe é própria. Não se pode prever como tudo vai acontecer nem quais serão os efeitos. Mas se ele está prescrito tendo por base um bom conhecimento prévio do terreno, seus efeitos, sejam quais forem, não podem ser senão positivos.

*E foi assim que você passou da simples leitura do tarô à prescrição dos atos mágicos...*

Depois disso, eu tive que me defrontar com uma demanda imensa: os meus consulentes de tarô, os que tinham feito o meu curso de massagem,

os que assistiam às minhas conferências semanais no Cabaré Místico... Uma multidão. Isso me levou a adotar três fórmulas de trabalho: uma individual, outra em grupos de trinta a quarenta pessoas, e mais outra do Cabaré, cuja frequência costumava ser de 400 a 500 pessoas. De qualquer modo, o procedimento essencial não varia: alguém me coloca uma dificuldade e eu lhe recomendo um ato. Convém lembrar, porém, que a maioria dos atos prescritos tinha sido concebida a partir de conversas reservadas.

*Recomendar um ato é estabelecer um contrato com a pessoa...*

Sim, e este acordo mútuo tem muita importância. Em primeiro lugar, a pessoa se compromete a realizar o ato tal e qual eu prescrevi, sem mudar absolutamente nada. Por conta de alguma falha de memória e para evitar distorções, eu sempre adoto o seguinte método: a pessoa tem que imediatamente tomar nota do ato e de todo o procedimento a ser seguido. Uma vez realizado o ato, a pessoa tem que me enviar uma carta na qual, em primeiro lugar, ela deve transcrever as instruções que recebeu de mim; em segundo, contar em detalhes a maneira como executou o ato e quais foram as circunstâncias e os incidentes envolvidos no processo; e, em terceiro, descrever os resultados obtidos. O envio dessa carta é o único honorário que recebo pela prescrição do ato.

*Quer dizer que você não ganha dinheiro como psicomágico?*

Eu sempre quis que a prescrição desses atos fosse gratuita, pelo menos do ponto de vista estritamente financeiro, pois a escrita da carta e o seu envio pelo correio também é uma forma de retribuição. Ao fazer o esforço de me escrever extensamente a pessoa paga um preço e eu recebo.

*Como seus consulentes reagem a essas exigências especiais?*

Para começar, há tantas reações quanto consulentes, mas é possível destacar certos tipos de atitude. Há pessoas que demoram um ano para me enviar a carta; outras discutem, não querem fazer exatamente o que eu lhes disse e regateiam..., encontram toda sorte de desculpas para não seguir as instruções ao pé da letra. Pois bem, quando se muda alguma coisa, por menor que seja, já não se está respeitando as condições indispensáveis para a realização do ato e os efeitos disso é que o ato pode terminar, inclusive, sendo negativo. Devo dizer que falar de modo tão direto com o inconsciente supõe exercer uma pressão sobre ele: a pessoa obriga-

o a obedecer. Isto significa que nós temos os problemas que queremos ter. Estamos presos às nossas dificuldades. Não há nada de assombroso, portanto, que alguns tentem escapar ou sabotar o ato: na verdade, eles não querem se curar. Sair de nossas dificuldades implica modificar profundamente a maneira como nos relacionamos com nós mesmos e com todo o nosso passado. Nessas condições, quem está realmente disposto a mudar? As pessoas querem parar de sofrer, mas não estão dispostas a pagar o preço, ou seja, a mudar, a não continuar insistindo na definição que elas têm de si mesmas a partir de seus preciosos sofrimentos. Na qualidade de conselheiro, quanto menos eu aceitar essas desculpas, mais os outros se beneficiarão. A eles compete aceitar ou recusar as minhas condições.

*Que o seu sim seja sim, que o seu não seja não...*

Exatamente!

*Como todos sabem, o psicoterapeuta está autorizado a tomar pacientes a seu cuidado. O que acontece com o psicomago? Como ele pode ter autoridade para receitar atos que falam diretamente ao inconsciente?*

Darei uma resposta irracional: no momento em que prescrevo o ato, se não tenho dúvidas, eu acerto.

*Sem dúvida você age com honestidade, mas como ter certeza do que faz? Afinal de contas, existe muita coisa em jogo...*

A esse respeito, cabe uma pergunta: quem prescreve o ato? Tenho trabalhado tanto para deixar de me identificar com o meu eu que, quando faço um aconselhamento psicomágico, não sou eu que estou falando, mas o meu inconsciente.

*Todo mundo é assim! Há alguns que reagem como títeres, movidos por impulsos inconscientes...*

Certo, mas o homem que é movido por seus automatismos nunca deixa de se identificar consigo mesmo. Eu não tenho a pretensão de ter alcançado a sabedoria, porque não estou "desidentificado" 24 horas por dia, mas, quando prescrevo um ato, quando desempenho o papel de psicomago, eu entro em transe ou em auto-hipnose, ou como quer que isso se chame, mas o fato é que aquele que fala não é o meu pequeno eu. Sinto como se o que tenho a dizer brotasse das minhas profundezas. Acho que

já me trabalhei o suficiente para ser capaz de conseguir esta dissociação pontual e voluntária de mim mesmo. O certo é que nos movemos num meio sutil e subjetivo que não tem relação com o senso comum, mas com a fé. Um santo sabe que faz o bem; no mais profundo de si mesmo ele sabe que é sincero e que é movido por uma força positiva, ainda que outros o critiquem e vejam nele um ser com maus instintos. Cada vez que dou um conselho psicomágico, tenho a convicção de que aquela é a resposta mais apropriada para aquela pessoa. A explanação que faço, explicando aquilo de forma racional, já é uma segunda fase. O conselho brota sem interferência do meu inconsciente, mas em conexão direta com o inconsciente daquela pessoa que está se consultando comigo.

*Esta capacidade de falar desde as profundezas do ser não foi dada a todo mundo.*

No meu caso, isso é fruto do trabalho de toda uma vida! Passei boa parte da minha existência meditando e estudando os ensinamentos tradicionais para, aos poucos, encontrar em mim um espaço impessoal. Não se trata de santidade, melhor seria dizer que é uma impessoalidade, um estado que vem antes ou ultrapassa o pequeno eu. Portanto, quem prescreve o ato não é Alejandro, e sim a não-pessoa que existe em mim. O que me move, então, é um sentimento totalmente positivo e desinteressado — na qualidade de “psicomago”, não procuro outra coisa senão o bem. Não peço dinheiro a meus clientes, e sim, esforço. Minha retribuição é o desejo de mudança que eles trazem e é por isso que a psicomagia não se transformou numa espécie de negócio. Acredite em mim: a demanda foi tão grande que, para mim, teria sido muito fácil ficar abastado com minhas consultas. As pessoas preferem tirar a carteira do bolso e simplesmente pagar a ter que dar um pouco de si mesmas. Eu consigo manter a mim e à minha família com o cinema e as histórias em quadrinhos. Pelos meus serviços como psicomágico, no entanto, eu prefiro que me retribuam, não em francos ou dólares, mas de outra maneira.

*Você se sente gratificado e reconhecido pelo que faz?*

Eu não uso a psicomagia como forma de reconhecimento!

*Então por que você quis publicar um livro sobre isso?*

Minha motivação é de outra natureza: mesmo sendo escritor de romances, roteiros de filmes e histórias em quadrinhos, não me sinto à von-

tade para escrever um tratado de psicomagia. No entanto, seria uma pena que esta disciplina tão especial desaparecesse sem deixar rastros, depois da minha morte. Além disso, penso que chegou a hora de deixar as coisas por escrito e divulgar essa atividade. A cada dia, aumenta o número de pessoas que falam de Paqueta, que escrevem livros e artigos relacionados com isso tudo que sempre me inspirou: essas energias com as quais tive contato direto. Senti que era chegado o momento de documentar tudo isso, de contar qual foi o caminho que me levou à psicomagia, passando pelo ato poético, o ato teatral, o ato onírico e o ato mágico. Em primeiro lugar, para dar testemunho de uma certa maneira de enfocar a realidade, e, em segundo, para dar algumas coordenadas às pessoas interessadas, através de um texto que elas possam tomar como referência. O que me move a produzir este livro com você é um espírito de serviço.

*Em suma, a Psicomagia é um exercício puramente espiritual...*

Isso mesmo. Eu me concentro com o gesto simples da doação, do alívio da dor. Na prescrição de um ato, eu não me preocupo com o que possa vir a ganhar com ele em termos pessoais. É por isso que a psicomagia não pode ser limitada pelos critérios médicos ou paramédicos. Seu respaldo é, antes de qualquer outra coisa, mais o desprendimento do que a prática.

*Você sempre consegue manter esse desprendimento? Não são poucos os terapeutas que caem na armadilha: quando conseguem viver do seu consultório, a necessidade material os leva a pegar cada vez mais clientes, nem sempre demonstrando desprendimento...*

Mesmo que a psicomagia me levasse a uma prática profissional, jamais eu me colocaria numa situação de dependência econômica dela, pela simples razão de que as histórias em quadrinhos e o cinema me permitem viver bem. Além disso, eu não tenho a menor intenção de abandonar a criação artística! Do ponto de vista material, o desprendimento consiste em agir com a consciência de que posso abandonar a psicomagia a qualquer momento, sem que, por isso, venha a ficar sem recursos.

*Tendo em vista a questão material e também a prática da Psicomagia em si, você poderia precisar melhor o que é esse “desprendimento”?*

Para estar em condições de ajudar uma pessoa, é preciso não esperar nada dela. É preciso também entrar em todos os aspectos da sua intimida-

de e, ainda assim, não se sentir envolvido ou desestabilizado. Por exemplo: uma das participantes de um dos meus cursos de massagem não suportava que alguém lhe tocasse os seios. Mesmo que quisesse manter relações sexuais com um homem, ao menor sinal de que ele acariciaria seus seios, ela começava a gritar. Essa situação lhe causava muitos sofrimentos e ela queria se livrar desse pânico irracional. Eu lhe propus que descobrisse os seios e ela assim o fez, mostrando seios formosos que não tinham nada de monstruoso ou insólito. Então eu lhe perguntei se confiava em mim e ela respondeu que sim. Então eu lhe disse: “Eu gostaria de tocar seus seios de um modo que não se parecesse com o desejo de um homem que queria gozar de seu corpo e tampouco a de um médico que toca friamente num exame clínico. Eu gostaria de tocá-la com o meu espírito. Você acredita que eu seja capaz de tocá-la e estabelecer com você um contato íntimo que não tenha nada de sexual?” Ela me respondeu — “talvez” — e eu então coloquei minhas mãos a três metros de seus seios e lhe disse com suavidade: “Olhe para as minhas mãos. Eu vou me aproximar lentamente, milímetro a milímetro. Se você se sentir agredida ou incomodada, peça para eu parar, e eu pararei imediatamente”.

Lentamente, eu fui aproximando minhas mãos. Quando elas chegaram a uma distância de uns dez centímetros dos seios dela, ela mandou que eu parasse. Eu obedeci e, depois de um longo momento, cheguei bem próximo da região afetada e, bem devagar, fui avançando, sempre atento à reação dela. Percebendo a ternura e a atenção que eu lhe dava e a delicadeza com que a tratava, ela se tranquilizou e não manifestou qualquer sinal de protesto. Finalmente, minhas mãos pousaram em seus seios, sem que ela sentisse nenhuma dor, o que muito a surpreendeu. Este é um exemplo desse distanciamento que, segundo o meu entendimento, é indispensável para quem quer realmente ajudar os outros. Colocando-me fora do meu eu sexual, consegui tocar e apalpar os seios daquela mulher, sem, em momento algum, pensar em ter prazer sexual. A verdade é que eu a toquei com o meu espírito. Naquele momento, eu não era um homem, e sim uma entidade. É preciso ser capaz de tocar o corpo do outro, de entrar em contato com o seu espírito, sem que esta proximidade desperte nossos problemas não resolvidos. Citei o caso desta mulher formosa, mas talvez devesse dizer que toquei todo tipo de gente, velhos, jovens, bonitos, feios, às vezes, pessoas disformes e doentes... O importante é ficar num estado interno onde esteja excluída qualquer tentação de aproveitar-se do outro, de abusar do poder que se tem sobre ele... Porque, afinal, seja tarô, massagens ou psicomagia, nada tem sentido a não ser por uma única força: a energia desinteressada que às vezes move um ser humano a ajudar um ou-

tro ser humano. Trata-se de energia pura, simples e sutil. A partir do momento em que a vontade pessoal interfere, o desejo e os temores, a relação de ajuda perde a sua justificação e se transforma numa farsa. Não é que eu esteja livre dessas manifestações do ego em mim quando atuo, mas eu as reconheço imediatamente como elas são e as deixo passar, assim como se deixa que os sentimentos se desvançam no mesmo instante em que os deixamos passar numa meditação zen. Elas não interferem na minha relação com a pessoa que me deu a oportunidade de ajudá-la. Estou consciente da necessidade de uma purificação interior, de uma dessas abluções rituais preconizadas por muitas tradições e que não incluem somente a limpeza corporal, mas, acima de tudo, a limpeza do coração e do espírito. Além disso, por outro lado, de que vale atormentar minha cabeça me perguntando se estarei suficientemente purificado ou transparente? Lembro-me de uma história zen a respeito disso: durante um passeio numa paisagem nevada, um discípulo diz: “Mestre, os telhados estão brancos, quando deixarão de estar?”. O mestre demora a responder, concentra-se em seu *hara* e finalmente diz gravemente: “Quando os telhados estão brancos, estão brancos. Quando não estão brancos, não estão brancos!”. É genial! O importante é aceitar-se a si próprio. Se minha condição atual me causa mal estar, isto é um sinal de que eu a estou recusando. Então, mais ou menos conscientemente, estou tentando ser algo diferente do que realmente sou. Se, pelo contrário, eu aceito plenamente o meu estado naquele momento, então estou em paz. Não fico me lamentando por não ser tão santo quando acredito que deveria ser, ou mais bonito, mais puro do que estou sendo aqui e agora. Quando sou branco, sou branco; quando sou escuro, sou escuro e ponto. Isso não impede que eu trabalhe sobre mim mesmo, que eu tente ser um instrumento melhor. Esta aceitação de si mesmo não limita as aspirações, mas, antes, as mantém, pois, de fato, só podemos progredir a partir do que realmente somos.

*O que você acaba de dizer me leva a considerar os possíveis riscos das justificações, pois, se entendi bem, só pode dispensar conselhos psicomágicos uma pessoa que tenha trabalhado muito sobre si mesma. Eu até diria que este tratamento é essencialmente seu e, como fruto de sua trajetória particular, dificilmente poderia ser usado por outros, mesmo podendo servir-lhes de inspiração, como, de fato, acontece com os seus seguidores que, inclusive, pretendem emulá-lo. Suas noitadas de Cabaré Místico atraem todo tipo de gente, algumas das quais, acreditando-se mais preparadas do que de fato estão, usam suas palavras e seus ensinamentos por conta própria...*

Infelizmente, é verdade. Eu só citarei um caso: depois de ter me ouvido falar em psicomagia, certo indivíduo se sentiu autorizado a colocá-la em prática imediatamente. Organizou um curso e, com grande arrogância, prescreveu às mulheres que o assistiam o mesmo ato: cada uma delas deveria comprar umas bacias grandes e enviá-las de presente às suas mães! Foi catastrófico! Tem que haver tantos conselhos quanto pessoas e, além disso, os atos não podem ser prescritos de maneira genérica. O supermercado psicomágico é uma aberração. Cada ato tem que ser prescrito "sob medida", depois de uma escuta atenta e, como já expliquei, de um contato espontâneo com o próprio inconsciente, o que só é possível mediante uma dissociação do eu, que por sua vez é fruto de um longo trabalho espiritual. Prescrever o mesmo ato para todo um grupo, sem ouvir a pessoa e sem um amor verdadeiro, me parece perigoso. Imagine a reação das mães ao receber as bacias pelo correio... O efeito forçosamente tinha que negativo. Eu prescrevo um ato aparentemente agressivo somente quando ser tenho certeza que as conseqüências serão positivas. Os atos que eu prescrevo são sempre criativos, enquanto os desse homem foram destrutivos.

Esse mesmo indivíduo pediu que suas vítimas se identificassem com uma boneca, que despejassem sobre ela todas as suas dores, toda a sua carga negativa, que as colocassem num saco e as deixassem na casa dele. Depois disso, uma mulher muito angustiada me procurou, vítima de uma psicose, pois estava convencida de que agora aquele homem detinha um poder sobre ela... E, para complicar ainda mais, eu nem mesmo podia lhe devolver a boneca, pois o tal as jogara no lixo, assim que as mulheres as deixaram. Em resumo, ele era um comerciante a fim de ganhar dinheiro com a exploração do meu trabalho e da credulidade de um grupo de mulheres. É preciso denunciar publicamente os que usam o meu nome para o mau uso da psicomagia.

*Muito prudente, mas, como evitar esse tipo de adulteração?*

O remédio é formar umas tantas pessoas nas quais eu tenha total confiança e conheça há bastante tempo, como já faço em meus cursos de massagem, tarô ou psicogenealogia, aos quais costumam vir psicólogos e psicanalistas. Porém, formar psicomagos é mais delicado. Para exercer esta disciplina é preciso ter realizado um trabalho espiritual profundo, ter-se desprendido das paixões ou, pelo menos, não ser escravo delas... Volto a insistir que este é um trabalho de toda uma vida.

## Alguns Atos Psicomágicos

**E***u gostaria que a última parte da nossa conversa fosse mais longa e dedicada à descrição de alguns atos psicomágicos.*

Não vejo inconveniente nisso, mas faço uma advertência: descrever um ato psicomágico é como um mergulho na linguagem do inconsciente. Este não é um processo aleatório. É possível que você ou outras pessoas fiquem perturbadas ao escutá-los ou lê-los. Não é que com esses atos eu pretenda resolver enigmas extraordinários. Para mim, basta atender pequenos problemas humanos, pois, o que pode ser mais misterioso e irracional do que os pequenos problemas destes ou daqueles? Nossas dificuldades cotidianas escondem abismos e não são outra coisa senão a ponta de um enorme iceberg.

*Certo. Então vejamos alguns exemplos...*

Por exemplo, uma bailarina amiga minha teve uma filha com um homem que tinha o mesmo nome de batismo que o pai dela. Isto já é muito significativo. Mas a questão é que, além disso, a bailarina também tinha o mesmo nome que a mãe do amante!

*É como se um procurasse no outro, respectivamente, o pai e a mãe...*

Interessante, não é? Na verdade, muitas vezes as pessoas se apaixonam por um nome ou uma profissão que lhes recorda o pai ou a mãe. Quando

ainda era uma menina, esta bailarina ficou só com a mãe, totalmente isolada do pai. Então, mais tarde, ela não só teve que encontrar um homem com o mesmo nome do pai, mas, para que a filha tivesse uma infância parecida com a dela, que também a abandonasse e desaparecesse. Certamente isso tudo não foi pensado de maneira consciente, mas, não obstante, da forma mais grosseira. Quando ela começou a perceber os danos causados, veio me procurar para me pedir a prescrição de um ato que a fizesse perdoar o pai e assim conseguir vencer o ódio que ela tinha dos homens. Eu pedi a ela que me contasse em que momento da vida dela esse rompimento com o pai tinha acontecido. "Isso aconteceu pouco depois da minha primeira menstruação", ela me respondeu. É comum que um pai se afaste da filha quando esta se torna mulher. Para ele, é como se fosse a perda da menina que sentava no colo dele e é doloroso ter que renunciar a certa forma de intimidade, de contato. Depois eu lhe perguntei onde o pai dela estava enterrado e lhe propus que fosse até a sua tumba e recomendei: "Ali, o mais próximo possível do cadáver, enterre um algodão empapado com o seu sangue menstrual e um pote de mel".

*Sangue e mel...*

Mel para instilar doçura, para indicar que não se trata de um ato agressivo, mas de uma aproximação amorosa, de uma tentativa de comunicação. Este é um exemplo simples de um ato psicomágico que permite reativar uma relação cortada brutalmente e, ao mesmo tempo, continuar o desenvolvimento emocional que foi interrompido de modo traumático. Mesmo sendo adulta, a mulher permanecia no estágio adolescente da primeira menstruação e a separação do pai, naquele momento, foi dolorosa.

*Dê mais um outro exemplo, por favor.*

Aos quatro anos, a jovem Chantal estava num colégio interno dirigido pela irmã da mãe da sua mãe.

*Ou seja, pela sua tia-avó...*

Exatamente, uma tia-avó que tiranizava sadicamente esta menina. Durante seu trabalho comigo, Chantal descobriu todo o ódio que sentia por aquela mulher. Ela não conseguia perdoá-la, mas também não conseguia se vingar, uma vez que a sua tirana havia deixado este mundo. Em vista disto, eu a aconselhei que fosse à tumba daquela mulher e, uma vez

ali, liberasse todo o seu ódio: que pisoteasse o túmulo, gritasse, urinasse e defecasse, porém com a condição de que analisasse minuciosamente as reações que a execução da vingança viesse a provocar. Chantal seguiu o meu conselho e, depois de se desafogar sobre a tumba, sentiu um profundo desejo de limpá-la e cobri-la de flores. E, aos poucos, teve que se render à evidência de que, na verdade, o que ela sentia pela tia-avó era amor.

*E você tinha percebido isso?*

Claro, era evidente que todo aquele ódio não era senão o rosto desfigurado de um afeto não correspondido. Eu sabia que, depois de permitir que todo aquele ódio explodisse, Chantal sentiria necessidade de expressar aquele velho amor reprimido por aquela mulher que representava o único vínculo familiar que ela tinha naquele internato sinistro.

*Mais um exemplo, por favor.*

Uma senhora padecia de um enjoo constante. Um simples charco de água era o que bastava para lhe dar vertigem. Eu aconselhei que ela colocasse os pés entre as coxas de uma mulher e esfregasse a vulva com a sola.

*E qual foi o resultado desse tratamento de choque?*

Este ato lhe provocou uma crise de choro, mas, depois, ela teve uma revelação salvadora. Em resumo, o significado simbólico das suas vertigens era o medo de ser engolida pela mãe, era o pavor do sexo materno, etc.

*Como você tem essas ideias?*

Não se esqueça da minha trajetória como artista e as diversas etapas criativas da minha existência, pois foram elas que me formaram e desenvolveram a minha imaginação.

*Já aconteceu de você ter "um branco" diante de um paciente?*

Até agora, não. Sempre me aparece uma resposta. Suponho que meus conselhos variam em qualidade e em resultados, mas isso é tudo o que posso dizer. As pessoas que vêm me consultar e que realizam o ato é que devem julgar por si mesmas. Na verdade, nunca me imaginei mudo diante de uma pessoa. Afinal de contas, ou se é mago ou não se é! Se você vem

se consultar comigo, necessariamente, eu terei algo a lhe dizer. Minhas palavras sempre serão bem intencionadas e não lhes faltarão resultados. Quanto ao seu grau de acerto, isso é alguma coisa que eu não posso precisar. Uma coisa tem que ficar clara: eu não me coloco no campo científico, e sim no plano artístico. A psicomagia não pretende ser uma ciência, e sim uma forma de arte com virtudes terapêuticas, o que é bem diferente. Picasso fez mais de dez mil desenhos. Todos são mais ou menos bons, nenhum deles é totalmente desprovido de valor, embora nem todos sejam obras primas. No entanto, cada um deles é Picasso, quer dizer, produto do talento de um artista completo. “Eu não procuro, eu encontro”, dizia Picasso. Encontrar é um hábito, uma segunda natureza. Quem não adquiriu o hábito de encontrar não sabe o que é esse jorro espontâneo que brota das profundezas, mas, quem está conectado com a fonte criativa, simplesmente permite que ela flua. É possível imaginar um mestre zen que não aceite o desafio que a pergunta do discípulo representa? Esta segurança não provém da ciência nem da megalomania, e sim da fé, da evidência.

*Continuemos com novos exemplos...*

Um rapaz que se queixou de “viver nas nuvens”, me explicou que não conseguia “pôr os pés na realidade” e nem “caminhar” no sentido de uma independência financeira. Tomo suas palavras ao pé da letra e lhe proponho que arranje duas moedas de ouro e as cole nas solas dos sapatos, de modo que você possa pisar no dinheiro todos os dias. A partir desse momento, ele desceu das nuvens, colocou os pés na realidade e caminhou... Neste caso, eu me servi das palavras que o próprio consulente usou. Para finalizar, eu gostaria de falar de um ato que tem relação com Brontis, meu filho mais velho.

*Estou ouvindo.*

Quando Brontis estava com sete anos, ele trabalhou no meu filme *El Topo*. É preciso dizer que Bernadette, a mãe dele, nunca viveu realmente comigo. Quando nós o concebemos, eu pensava que era estéril. Meu pai detestava o pai dele e jamais assinava “Jodorowsky”. Como não tinha a menor vontade de que este sobrenome continuasse, tinha conseguido me convencer sutilmente de que eu nunca teria filhos e que, portanto, seria o último Jodorowsky.

Um dia, uma atriz com a qual eu trabalhava me disse que estava convencida de minha fecundidade, ao que eu lhe respondi dizendo que a

procriação não fazia parte do meu destino. Nós acabamos tendo relações sexuais e, depois de um tempo, ela me anunciou que estava grávida de mim. Como eu confiava nela, sabendo que a criança era minha, experimentei uma espécie de revolução pessoal, tanto interna quanto externa. A mulher com a qual eu vivia foi embora e eu me vi sozinho diante desta responsabilidade para a qual não estava de modo algum preparado. Aceitei a vinda do menino — para mim estava excluído o recurso do aborto —, mas me sentia desconcertado, numa disposição de ânimo muito diferente da de um pai. Além do mais, eu era pobre e não podia dar nenhuma ajuda econômica à mãe e ao filho, a ponto de Brontis nascer e eu não poder lhe dar mais do que um urso de pelúcia. Pouco depois, a atriz partiu para trabalhar na Europa e levou o menino com ela. Passados seis ou sete anos, experimentei uma profunda crise de consciência e voltei a fazer contato com a mãe do meu filho para lhe dizer que agora, sim, eu tinha uma situação financeira melhor e que, se ela quisesse, eu poderia cuidar de Brontis. O menino chegou com o seu urso de pelúcia e uma foto da mãe. Então eu resolvi fazer com que ele participasse do *El Topo*. O filme começa assim: eu chego tocando uma flauta, acompanhado do menino e lhe digo solenemente: “Agora você já tem sete anos e é um homem. Enterra seu primeiro brinquedo e o retrato de sua mãe”. O menino obedece, enterra o urso na areia, coloca a foto em cima e nós dois nos afastamos.

Passaram-se os anos, e eu percebia que Brontis e eu tínhamos muita dificuldade de comunicação no plano espiritual. Reconheci meus erros e tratei de repará-los. Brontis tinha falado várias vezes do brinquedo que eu o tinha obrigado a enterrar quando ele veio morar comigo. Aquele urso tinha sido o seu primeiro brinquedo. Eu tinha lhe dado este brinquedo, quando ele nasceu, antes dos nossos sete anos de separação. Quando terminamos o filme, não voltamos para recuperar o urso. Compreendi que eu o havia separado da mãe e da infância de maneira brutal. Depois de enterrar o retrato ao lado do brinquedo, ele não voltou a falar de Bernadette e deixou de escrever para ela. Mais tarde, ele me confessou: “Não sofri, porque imaginei que as formigas iriam viver dentro do urso, que ele seria a casa delas”. O menino tinha se consolado com este pensamento... Um dia, muito depois, quando Brontis estava com 24 anos, imaginei um ato novo para reparar o anterior. No dia do aniversário dele, disse a mim mesmo: enterrarei um urso de pelúcia no jardim da nossa casa, o cobrirei com areia e colocarei ao lado uma foto da mãe dele. Depois, eu me cobrirei com um chapéu negro, semelhante ao que usei no *El Topo*, pedirei a Brontis que tire a roupa e que venha ao jardim — no filme, o menino aparecia nu — para desenterrar o urso e a foto. Eu direi a ele:

“Hoje você faz sete anos e tem o direito de ser menino. Venha desenterrar o seu primeiro brinquedo e o retrato da mãe”. Então eu resolvi passar para a ação, mas topei com alguns imprevistos: pensei em comprar um urso bem parecido com o primeiro, um brinquedo duro, cheio de palha. Mas a indústria tinha progredido e todos os ursos de pelúcia eram fofos. Assim, o velho urso duro se transformou em um urso suave e flexível. Quanto à foto, aquela que Brontis tinha enterrado aos sete anos era em preto e branco, mas, quando procurei um retrato da mãe dele para realizar o ato — Bernadette tinha morrido em um acidente de avião —, somente encontrei uma colorida, o que significava que meu filho, que tinha enterrado um foto cinzenta, agora desenterraria uma imagem a cores. Na verdade, essas modificações acontecidas ao “azar” contribuíram em grande parte para o êxito do ato. O que me leva a dizer que os imprevistos, os elementos que não podemos controlar, também desempenham um papel importante na psicomagia. É preciso se esforçar para realizar o ato de acordo com as instruções recebidas e nas melhores condições e, nesta disposição de ânimo, considerar os imprevistos e outras mudanças alheias à nossa vontade como parte do processo. No *El Topo*, eu protegia Brontis do sol escaldante do deserto com uma sombrinha preta; mas no dia em que realizamos o ato, aqui na França, estava chovendo, e eu tive que cobri-lo com um guarda-chuva preto. Na verdade, ele não sabia o que eu ia fazer, mas, ao me ver imitar o trote de um cavalo como se cavalgasse com ele na garupa, logo entendeu, agarrou-se às minhas costas e fomos, sob a chuva, em direção ao lugar onde o urso tinha sido enterrado por mim. Estranhamente, como se pressentisse o que aconteceria, ele me disse: “Eu não trouxe guarda-chuva, mas sabia que você me esperaria e me cobriria”. Ele desenterrou o urso e a foto colorida da mãe, nós nos abraçamos e então ele começou a chorar longamente, com a cabeça em meu ombro — lágrimas de gratidão, como um menino cheio de ternura. A partir desse dia, ele resolveu me mandar um poema por dia pelo correio e, desde então, recebo diariamente um texto dele. Eu guardo as suas poesias em uma caixa especial. Resta dizer que a comunicação entre nós melhorou muito e que agora mantemos uma relação harmoniosa.

*É uma história muito bonita. Neste caso, você reproduziu voluntariamente uma situação acontecida na infância...*

Sim, mas tornando-a justa. Retomei os mesmos elementos associados a uma carga sentimental negativa e lhe insuflei uma carga positiva e, assim, paguei minha dívida psicológica.

## Breve Epistolário Psicomágico

**E**ntão, como você mesmo já disse, como única forma de recompensa, as pessoas depois lhe enviam uma carta, descrevendo o processo de execução do ato psicomágico prescrito. Eu gostaria que você desse alguns detalhes sobre essa correspondência psicomágica.

Eu exijo a carta por dois motivos: primeiro porque, como o ato psicomágico tem as mesmas características que um sonho, se ele não for anotado de imediato, a pessoa logo se esquece dele. O segundo motivo é que tudo que se recebe deve ser compartilhado. A melhor forma de retribuição que um terapeuta pode receber é a demonstração de como, com sua ajuda, foi possível recobrar a saúde. Saber agradecer é um sinal de saúde espiritual. Estas cartas são, portanto, parte integrante do ato psicomágico. Elas são o seu complemento, a sua avaliação, por assim dizer.

*Isso só aumenta a minha curiosidade. Você poderia me mostrar como é isso?*

Sim, claro. Como não é possível mostrar um ato, nos serviremos das cartas. Para melhor compreensão do processo, comentarei cada frase da primeira carta. Em seguida, quando eu ler as outras, deixarei que cada um tire suas próprias conclusões sobre o que há por trás daqueles atos que, à primeira vista, podem parecer irracionais.

*Então vamos começar?*

É preciso não esquecer que não sou eu que falo nestas cartas, e sim a pessoa a quem eu prescrevi um ato do qual ela me informa por meio delas. Esta é a primeira, que eu comentarei durante a leitura<sup>3</sup>:

Sou psicólogo e fui me consultar com você porque queria ganhar a vida com a profissão que eu tenho e da qual não conseguia obter nenhum centavo. Você me propôs o seguinte ato de psicomagia: eu tinha que arranjar um vaso que tivesse a forma de um quadrado duplo... [Eu lhe havia dito que o vaso tinha que ter a forma de uma carta de tarô: um duplo quadrado mágico, quer dizer, espírito e corpo, pois ele devia trabalhar os dois]... e uma cor que fosse significativa. [Que cor seria essa? A pessoa tinha que escolher uma cor que tivesse força simbólica para ela para que o objeto fosse sugestivo para ela.] Eu tinha que dividi-lo em dois e plantar trigo nas duas metades. [Aqui eu havia feito um jogo de palavras: há um ditado em francês que diz que quando você planta trigo, o trigo cresce no seu bolso, porque *:blé*, tanto quer dizer trigo quanto dinheiro.] Numa metade, o trigo tinha que ser plantado em quatro fileiras, duas pares e duas ímpares. [Eu entendi que as fileiras pares e ímpares simbolizavam o reconhecimento do homem e da mulher que todos nós temos dentro de nós: em todos os ritos de iniciação, os números ímpares são masculinos e os pares, femininos. Dar a mesma atenção ao homem e à mulher é reconhecer o par que existe dentro de nós.]

Na outra metade, o trigo seria plantado em qualquer ordem. [Há, portanto, um lado ordenado, que simboliza a necessidade de trabalhar segundo um método que seja intelectualmente coerente, e, um outro cuja desordem indica a nossa confiança no processo inconsciente. Esta disposição espacial demonstra que a ordem perfeita sempre vem junto com a desordem.]

Depois de ter passado alguns dias fora, em sete de fevereiro, ao voltar para casa, eu percebi que o trigo tinha germinado, porém, à esquerda dos quadrados, eles pareciam estar quase mortos, apenas com um ou outro broto. [O trigo só cresceu do lado direito... Que mistério! Por que no direito sim e no esquerdo não? Sabemos que, na nossa sociedade patriarcal, o lado esquerdo é feminino: o lado passivo do corpo é simbolizado pela esquerda. Na Índia, a mão direita é a mão de Deus e a esquerda, a da terra, que é a que se usa para limpar o traseiro, enquanto que a direita

<sup>3</sup> Os comentários de Alejandro Jodorowsky aparecem entre colchetes no texto. Para facilitar a leitura, fizemos pequenas alterações gramaticais ou de estilo na redação das cartas. A maior parte dos originais estão com Jodorowsky que pode comprovar a autenticidade das cartas que recebeu.

é a que é se usa para comer. Quando alguém cospe, tem que lançar o cuspe à esquerda e nunca à direita. Neste caso, temos que compreender a mensagem que a mulher interior está transmitindo: ela recusa a sua feminilidade. Assim, o processo psicomágico, que é sincrônico, ou, se preferirmos, poético, se expressa através da germinação desse trigo: “Cuide da sua feminilidade, esteja atento à intuição, ouça a sua mulher interior!”. É como se o trigo lhe dissesse: “Não cresço porque você não ama a terra. E você não ama a terra porque não ama a si mesmo em sua dimensão feminina”.] Você tinha me dito para colocar terra adubada nas regiões estereis que seriam regadas com água benta à noite... [Para mim, a terra representa o corpo humano. Diz-se que Deus criou Adão pegando terra dos quatro pontos cardeais e, com essa terra dos quatro pontos da Terra, fez um homem equilibrado. Esses quatro lados estão também em nós: se o ser humano não equilibra as suas necessidades corporais, seus desejos, suas emoções e seu intelecto, não pode se sentir bem. Em um ser humano bem desenvolvido, estas quatro energias estão em equilíbrio. Quanto à água benta, ela foi prescrita para que o corpo seja abençoado. Esta é a primeira coisa que se deve fazer para restabelecer o contato com a dimensão feminina dentro de si mesmo: ao pedir a esta mulher interior que abençoe o seu corpo, eu a convido a sacralizá-lo, a parar de desprezá-lo, a voltar a tomar conta dele.], e também que fizesse pequenos corações de arame e os colocasse nos quatro cantos da casa; depois, você me pediu para rezar pelos meus antepassados femininos. Comprei terra adubada e a coloquei nas fileiras à esquerda e, à noite, reguei-as com a água benta que tinha ficado no meu altar, perto de Buda. Também fui atrás do arame farpado para fazer os corações. [Eu lhe impus um trabalho, uma vez que, para conseguir trabalho, era necessário que ele trabalhasse. Essas pequenas tarefas que ele tinha que realizar diziam para ele: “Aprenda a amar o trabalho ou você nunca terá trabalho”.]

No dia 20 de fevereiro eu fiz os corações e os coloquei conforme você mandou. Pus mais terra, água benta e rezei às mulheres da minha árvore genealógica para que elas me ajudem. No dia 24 continuei colocando terra, água benta e rezando. Apareceram alguns brotos, mas não como no lado direito. [Aqui ele expressa sua diferenciação entre esquerdo e direito e estabelece uma competência. É como se ele dissesse: “Uma mulher não é como um homem. Ela é menos, é inferior”. E quando ele diz: “Não é como o lado direito”, temos que observar: “Claro que não, pois é o lado esquerdo!”.]

Faz um mês que não acontece nada... [Na verdade, tudo já aconteceu.] De vez em quando eu colocava terra e água benta e, depois de um

tempo, vi que o trigo tinha crescido. [É curioso: ele diz que não acontece nada e depois diz que o trigo cresceu.]

As fileiras do lado esquerdo estão menos cheias do que as da direita. [Sempre esse tipo de comparação... Mas, mesmo não tendo crescido mais do que uma pequena planta raquítica num punhado de terra roubada do cemitério em pleno inverno, a partir de alguns grãos comprados em uma loja de produtos agrícolas, aquele resultado tinha sido uma maravilha. O trigo cresce na casa dele: que milagre!]

Tenho agora duas fileiras de seis plantas e duas de cinco. [Isso soma 22... Lembremos que eu lhe havia dito que usasse um vaso que fosse um quadrado duplo, que é a forma de uma carta de tarô. Nesse quadrado em forma de carta de tarô agora aparecem 22 plantas, mesmo número dos arcanos maiores. Milagre!]

No dia dois de março eu arranjei trabalho e continuo trabalhando, graças à sua ajuda.

*Ele conseguiu o que queria. Eu gostaria de conhecer outra história.*

Esta eu não vou comentar. Quem a escreveu foi um escritor norte-americano chamado R. M. Koster, que estava numa fase de segura criatividade e andava bebendo muito. A mulher dele conhecia o meu trabalho e, intuindo que eu poderia ajudá-lo, convenceu-o a viajar do Panamá, onde moravam, para Paris, para que eu prescrevesse um ato de psicomagia para ele. Devo dizer que há dez anos este homem não escrevia um livro. Lerei a carta que ele me escreveu quando se libertou do alcoolismo e começou a escrever novamente, depois de realizar o ato.

*Muito interessante este caso.*

Koster escreve com um alívio que dá bem a dimensão trágica de sua vivência, como veremos agora.

Situação em março de 1987: nos anos 70, eu escrevi três romances, todos muito bons, ambientados num país imaginário da América Central, metáfora do Panamá. Sem que eu pudesse imaginar, estes romances profetizaram a história da República do Panamá, pois, depois de tê-los escrito, Deus resolveu me plagiar: o que eu imaginei virou realidade. Um artista prediz o futuro porque, ao contrário dos outros, ele conhece o presente. Quando eu comeci a trabalhar no terceiro romance, perdi o ânimo e fiquei angustiado com os militares. Resolvi não escrever mais sobre

aquele país imaginário chamado Sombra e, nas últimas páginas do livro, eu fiz com que um terremoto o destruísse. Terminei aquele romance em setembro de 1978 e depois disso não escrevi mais nada. Perdi a confiança em meu talento literário e me afeiçoei à bebida. Quando nós nos encontramos, você me disse: "Sem confiança, não se pode trabalhar. Escrever um romance é como se jogar do alto de um prédio. Você escreve sem saber aonde aquilo vai dar. Talvez você seja recolhido pelos bombeiros, talvez não. Mas, se você procura segurança, então é melhor descer pela escada. Você terá segurança, mas não escreverá um romance. Quando alguém quer passar a vida descendo pela escada, não a vive realmente. Chega uma hora que é preciso saltar".

Você ainda me disse: "Você está possuído pelo velho eu. Você era outro quando escreveu esse livro, os personagens também eram outros. Mas esses personagens existem em seu inconsciente, eles são parte de você. E então o que você fez? Você os destruiu, os assassinou. Portanto, esses seres estão aborrecidos por você não levar o romance ao fim que deveria ter tido. Nós temos que ser obedientes em relação à criatividade. Quando nós criamos algo, temos que nos entregar a isso, deixar que a criação cresça como um cogumelo. Nós devemos obediência àquilo que cresce em nós e você não foi obediente e, assim, você podou a sua criatividade".

Aceitei a sua análise porque sempre acreditei que é o livro que escolhe o autor, assim como é a fêmea que escolhe o macho e não o contrário. Você me recomendou:

1. Queimar meus quatro projetos posteriores ao terceiro romance inacabado. O local em que eu deveria queimá-los deveria ser o mesmo em que eu trabalho.
2. Usar uma bebida alcoólica para acender o fogo, para cortar o meu consumo de álcool.
3. Como esse local fica no primeiro andar e você tinha usado a metáfora do escritor que se joga do alto de um prédio, entregando-se totalmente a seu livro, sua sugestão foi de que, depois de terminado o ritual, em vez de descer pela escada, que eu saísse pela janela.

Você ainda mencionou outras coisas que aparecerão ao longo da descrição do meu ato. Peguei todo o material necessário e o coloquei em um caldeirão de ferro: os quatro manuscritos inacabados, um litro de vodka, um barbante virgem para amarrar as páginas, um alfinete para picar meu dedo e derramar uma gota de sangue sobre cada manuscrito... Eu acendi o fogo e, imediatamente, uma fumaça horrível encheu toda a casa. Peguei

o caldeirão, apesar de estar quente, e o levei ao banheiro para não chamasca a casa. Eu também quis evitar que alguém visse aquilo e chamasse os bombeiros. Fechei a porta do banheiro, coloquei o caldeirão na bacia e comecei a tossir sufocado. Saí rapidamente, fechei a porta e, nos quinze minutos seguintes, olhava de vez em quando para garantir que o fogo não se apagasse. Enquanto isso, comecei a preparar minha saída pela janela. Assim como todas as janelas deste país tropical, esta também tem uma folha de vidro e um mosquito. Eu desencaixei o mosquito e depois abri a folha da janela para poder passar. Foi uma operação delicada. Eu tive que retirar a ferragem que mantém o vidro levantado. Quando os manuscritos estavam queimados, e eu abri a porta e a fumaça me envolveu. Como eu não podia descer pela escada e estivesse sufocando, coloquei o caldeirão para fora da janela, deixando-o numa saliência que existe mais abaixo e corri para fechar a porta do banheiro para evitar que a fumaça se espalhasse pela casa. Por alguma razão misteriosa, em cima da tampa da bacia ficou uma página. Saí pela janela, atravessei o telhado e descí para o quintal e joguei no lixo o que restara dos manuscritos. No dia seguinte, quando eu entrei no banheiro, vi que ele ainda estava cheio de fumaça e que as paredes, que antes eram brancas, tinham ficado negras. Quando eu peguei a página que tinha ficado na bacia, notei que a parte de baixo dela estava branca. Mandeí limpar o banheiro, mas, mesmo assim, ainda hoje, depois de seis meses, o cheiro de fumaça persiste e aquele pedaço branco ainda se destaca do resto, que ficou cinza.

Resultado da psicomagia:

1. Escrevi um artigo sobre o Panamá que foi publicado no primeiro número de junho de 1988 da *Harper's Magazine*.
2. Procurei um agente literário. Este agente vendeu por 70 mil dólares um projeto de livro que eu escrevi a partir do material fornecido por um exilado chamado G. Sánchez-Borbón.
3. Entre janeiro e abril de 1988, escrevi as trinta e cinco mil magníficas palavras deste livro.

Conclusão: Até agora, nenhum livro de ficção bateu na minha porta pedindo para ser escrito, mas estou escrevendo com muito êxito sobre os acontecimentos aqui do Panamá. Parece que a sua magia não presta muita atenção ao gênero e só se orienta pelo tema.

Como você vê... Escrevi um postal para Koster parabenizando-o e observando que ele não tinha queimado a página que tinha ficado sobre a bacia. Eu também lhe disse que, se ele quisesse escrever ficção, eu poderia lhe prescrever outro ato psicomágico. Ele protestou: "Por enquanto, não

quero mais atos, porque estou com muito trabalho. Estou com muitas idéias na cabeça: cinema, etc. A gente sabe quando está vazio. Agora estou satisfeito. Grato".

*Tendo ou não fé na Psicomagia, a questão é que você relata fatos comprováveis, o que é impressionante. Todos os que se consultam com você respondem com cartas tão pródigas quanto esta última?*

Em geral, sim. Mas às vezes acontece que, por uma falha profissional, durante uma conversação amistosa, eu proponho um ato que a pessoa não veio me pedir. Nesses casos, quase nunca recebo resposta, simplesmente por que, em geral, o ato não é realizado. A pessoa não pediu e escuta o que eu digo com indiferença, talvez meio divertida, meio curiosa, mas sem dar importância.

*Novamente, você sublinha a importância da motivação, que é decisiva em toda terapia. O que importa é que a pessoa realmente queira mudar...*

Certamente. Se o desejo existe e é verdadeiro e se também existe confiança, tudo é possível. Vou ler uma carta muito longa que exemplifica esse princípio: um ato muito simples pode adquirir uma dimensão milagrosa se for realizado com fé:

Meu nome é Jacqueline. Como já lhe disse, meu pai se suicidou quando eu tinha doze anos, ingerindo cinquenta cápsulas de Optalidon. Como também já lhe contei, com tantos problemas de dinheiro que se arrastam há tantos anos, muitas vezes tomei atitudes suicidas. Você me disse que meu pai se suicidou de forma suave (com comprimidos) e eu mesma estava me suicidando aos poucos, imitando meu pai.

Eu também lhe disse que minha mãe morreu três semanas depois do meu pai (ela padecia de uma degeneração cerebral há anos). Eu precisava expressar com um ato algo que me sufocava há anos. Precisava me libertar e acredito em milagres.

Você me propôs o seguinte ato: eu tinha que ir a uma casa de repouso, comprar uma dúzia de belas e grandes laranjas, presentear doze pessoas e conversar com cada uma delas por doze minutos. Em seguida, eu deveria ligar para você contando o que tinha acontecido. Como foi num sábado que meu pai morreu, você me disse que isso tinha que ser feito num sábado.

Tentei compreender o que você me propôs. Pensei que a casa de repouso me colocava na mesma idade do meu pai (a princípio não relacio-

nei o ato com a minha mãe), que as laranjas eram símbolo de fecundidade e que, ao ir ao encontro de pessoas que tinham mais ou menos a mesma idade do meu pai, eu pararia de rejeitá-lo. Se por meio desse ato eu pudesse lhe dar vida, então eu também legitimaria a minha própria vida, parando de me sentir tentada a fazer o que ele fez. Além disso, doze laranjas, doze pessoas, significavam o arcano O Enforcado do tarô e, portanto, para encontrar a alegria, eu sentia que tinha que chegar ao limite da minha árvore, ao limite da minha dor. Eu pensava que talvez fosse preciso morrer de uma vez para renascer e encontrar meu verdadeiro lugar. Os dias que precederam o ato não foram muito agradáveis; eu estava mal, tinha palpitações e uma sensação de angústia e opressão. Procurei uma instituição pública, porque pensei que talvez os internos fossem mais necessitados, tivessem menos recursos do que os de uma instituição particular. Tive que viajar para uma cidade que fica a quarenta e três quilômetros da cidade onde moro, uma cidade que tem o mesmo nome do meu marido (!), onde existe uma instituição geriátrica pública. Aconselhada por um amigo, antes de ir, telefonei para falar com a diretora e lhe expliquei que era psicóloga e que estava fazendo um trabalho que tinha a ver com a solidão dos velhos e que, para isso, eu precisava trocar impressões com uma dúzia de pessoas. Para resumir, eu descobri que não estava preparada para o que aconteceu. Todas as pessoas que estavam ali pareciam ter uma curiosidade acima do normal. A maioria padecia de transtornos mentais. Num ponto eu tinha razão, pois eu estava em contato com um elemento do meu passado que me fizera sofrer muito: minha mãe também “tinha ficado perturbada” durante vários anos antes de morrer e isso era algo que eu tinha bloqueado e que sempre me recusei a aceitar. Ali eu me via novamente defrontada com algo muito doloroso. Não era simples coincidência eu ter escolhido aquele lugar. Apesar da dor, eu não podia dar meia volta, tinha que seguir adiante. A dor me sufocava, havia tanto desamparo naquela gente... Eu tinha a impressão de que aquelas pessoas estavam me pedindo ajuda. Senti um grande amor por todos aqueles “velhos”. Era difícil calcular quanto tempo passei com cada pessoa. Sei que tinha que obedecer criteriosamente cada detalhe de um ato de psicomagia, para não “estragá-lo”. Você tinha me indicado doze minutos com cada pessoa; no meu consultório, eu passo cinco horas com a pessoa que vem se consultar comigo e nunca olho para o relógio; ali eu tinha que me concentrar (assim como um enforcado), mas era bom, sem dúvida, inclusive imprescindível para mim. Isto me forçava a me colocar no presente, a me manter vigilante, a me dar conta de que o amor que a gente dá é recebido pelo outro, que as mensagens transmitidas não têm porque serem mais longas para serem mais intensas.

Havia pessoas sem dentes que não podiam comer a laranja e não queriam aceitá-la. Eu então lhes dizia que a dessem para quem elas quisessem. Outras não gostavam de laranja e também para estas eu dizia que a dessem de presente. Isso deve ter acontecido umas quatro ou cinco vezes. Chegou uma hora em que eu senti muito medo porque um homem que estava completamente transtornado se negou a pegar a laranja, inclusive para dá-la de presente. Como eu cheguei a discutir com aquele homem, acabei sem saber se ele poderia ser contado entre as doze pessoas (uma vez que a laranja dele ficou comigo) e isto complicava muito o ato e eu tinha medo de me enganar. O homem me seguiu enquanto eu falava com outras pessoas e, finalmente, eu consegui convencê-lo a ficar com a laranja. Imediatamente, o homem caiu. As pernas dele eram disformes e ele tinha que usar um aparelho para andar. Todo mundo ficou olhando, mas ninguém se mexia. Tão bondosamente quanto pude, eu o ajudei a voltar a si, mas ele se negava a ficar sentado enquanto eu ia procurar uma enfermeira. Quando se levantou, ele teimou em seguir em frente. Tinha gente que dizia que ele queria ir para o quarto dele que ficava em outro pavilhão. Continuei segurando-o enquanto ele subia uma escada para ir para onde ele queria. Eu ficava atrás dele para que ele não caísse para trás e quebrasse o pescoço. Pode parecer estranho, mas eu não tinha medo de que ele caísse sobre mim e me fizesse rolar pela escada. Eu sentia em torno de nós dois um amor que envolvia a todos. Por fim, o homem conseguiu chegar aonde queria.

Já era meio-dia, hora do almoço, e ainda me restava uma laranja, o que queria dizer que eu tinha que falar com mais outra pessoa. Mais uma vez, tive medo de que meu ato ficasse sem efeito. Eu tinha que suspendê-lo por uma hora e depois voltar para falar com a última pessoa e presentear a com a fruta. A interrupção não botaria tudo a perder?

Quando saí, encontrei com meu marido que estava me esperando e falamos de tudo aquilo. Eu tinha dedicado doze minutos para cada pessoa e tinha a impressão de ter distribuído felicidade, de ter contribuído para aliviar sofrimentos. Quanto aquelas onze pessoas também tinham dado para mim! Talvez isso pareça estranho, por se tratar de pessoas com problemas psíquicos, mas todas me agradeceram pelo fato de eu ter ido visitá-las. Cada vez que eu dizia “adeus” eles me respondiam com um “obrigado”. Fico pensando que mesmo que o intelecto perca toda ou uma boa parte daquilo que chamamos de “senso de realidade”, o coração percebe o amor que é oferecido da mesma maneira. Pelo menos, foi isso o que eu senti neste lugar.

Ao final de uma hora, voltei para ver a duodécima pessoa com a minha duodécima laranja. Era um homem que tinha uma perna amputada e que estava sentado em uma cadeira de rodas. Depois disso, eu fui embora, sabendo que aquele ato tinha me tornado consciente de que existem lugares no mundo nos quais mora um sofrimento enorme que cada um de nós poderia contribuir para aliviar. Naquele asilo eu me vi diante do meu pai e da minha mãe. No fim de tudo, meus pais morreram com três semanas de intervalo quando eu ainda era uma menina e eu me senti totalmente abandonada. Depois da minha visita ao asilo, eu tinha a impressão de ter dado vida aos dois. Uma vez realizado este ato, eu lhe telefonei, como você havia pedido, para lhe dizer o que tinha sentido. Depois de me ouvir, você me propôs que fizesse o seguinte: “Volte ao lugar onde você comprou as laranjas, ao meio-dia — às doze, você frizou —, e compre uma laranja, a mais bonita”. Eu lhe perguntei em que dia deveria fazer isso e você me disse que deveria ser no mesmo dia que eu tinha ido ao asilo. Era um sábado. Então você me ordenou: “Faça isso num sábado. Sente-se à porta de uma igreja e coma a laranja devagar, durante uns doze minutos. Isso é tudo.”

No sábado, 14 de julho, eu fui ao mercado. Na véspera, eu tinha me perguntado se ele estaria aberto, apesar de ser feriado. Às doze em ponto, escolhi a laranja que me pareceu mais bonita e a comprei. Montei em minha bicicleta e, junto com o meu marido, procurei uma igreja em cuja porta eu pudesse me sentar. Havia uma igreja, que se chama Nossa Senhora da Paz na qual eu nunca tinha entrado porque sua arquitetura moderna não me atraía. Do lado de fora, sem outra preocupação senão a de que ela estivesse com a porta trancada a chave, como as igrejas costumam ficar quando não há missa. Então, eu deixei a bicicleta e, milagre!, ao empurrar a porta percebi que ela não estava trancada. Por dentro, a igreja forma um arco e há muitos vitrais coloridos modernos, sem dúvida, mas eu me senti bem ali. Era uma igreja acolhedora. Sentei-me para rezar e dar graças antes de ir comer a laranja. Então o sacerdote chegou, rezou e começou a arrumar a igreja. Eu desejava que ele se fosse porque não me atrevia a comer a laranja na porta. Peguei a bicicleta e, junto com o meu marido que me esperava lá fora, nos afastamos um pouco. Ao sair, deixei a porta aberta. Tinha a impressão de que esse ato tinha que ser feito com a porta aberta, sentia que, se não fosse assim, o acesso à felicidade me seria vedado.

Esperamos um pouco e voltamos à igreja, onde vimos que o carro do sacerdote não estava mais ali. Voltei a temer que a porta estivesse fechada a chave. Não só não estava fechada a chave, como continuava aberta de

par em par, tal como eu a havia deixado. Assim sendo, com grande alívio e muita alegria, sentei-me diante da porta aberta. Às treze horas e doze minutos comecei a descascar a laranja. Durante a semana, eu me dizia que doze minutos era muito tempo para se comer uma laranja. Isso porque eu não saborei a comida, mas a engulo.

Às treze e doze começava uma verdadeira revolução para mim, uma forma de encerrar aquela parte de mim mesma para ir em direção a uma transformação total. Comecei experimentando a primeira quarta parte. O que senti então nunca poderei esquecer. Agora, enquanto escrevo estas linhas, experimento a mesma emoção. Eu estava comendo aquela quarta parte, devagar, a pequenos bocados.

Estava comovida, sentia vontade de chorar, mas de alegria. Compreendi então que estava fazendo algo bom, talvez pela primeira vez eu me permitia viver. Era a vida o que eu estava saboreando, o que entrava em mim, deslizando dentro de mim. Sentia realmente que tinha me proibido algo muito importante. A vida, sem dúvida... Ali eu compreendi que a porta de Deus sempre tinha estado aberta para mim e que era eu que a tinha fechado. Eu me sentia em comunhão com Deus.

Foi uma emoção intensa. Depois de degustar a primeira quarta parte, olhei para o relógio: tinha passado quatro minutos. O tempo passava rapidamente e logo eu tive que me apressar um pouco. A emoção continuava forte. Depois de sentir uma espécie de dor, eu continuava comendo a minha laranja com verdadeiro prazer. Penso que até então eu ainda não tinha descoberto o sabor de uma laranja. Foi uma revelação. Na verdade, foi como se eu estivesse comendo pela primeira vez. Eu teria gostado se o tempo demorasse mais para passar, para saboreá-la mais ainda. Mas o ato é o ato e, às treze horas e vinte e quatro minutos, eu terminei a minha laranja. Então eu tornei a entrar na igreja e fiquei ali alguns minutos, sem pensar em nada. Um vazio tinha sido criado dentro de mim, mas era um vazio agradável e, acima de tudo, indispensável, para que uma nova força se acomodasse. Depois eu fui embora com o meu marido, que tinha ficado me esperando sentado num banco próximo, porque eu precisava da companhia dele naquele dia.

Agora me dou conta que, ao me pedir para que lhe escrevesse, você continua me ajudando. Como direi? Quando eu estava comendo a laranja, experimentei uma sensação de aceitação da vida em mim. Talvez aquele fosse o momento da minha concepção, porque, ao lhe escrever — redigi a carta várias vezes —, tive a impressão de estar parindo a mim mesma. Sinto o desejo de curar o meu passado e devo lhe dizer que, neste

momento, é minha filha, que tem doze anos, que me ajuda a continuar nessa direção. Ela é o que eu mais quero neste mundo, e desejo que seja feliz, mas sei que não poderá encontrar a felicidade se eu não der a boa imagem de alguém que quer viver.

*Em muitos sentidos, é uma carta comovente, sobretudo como testemunho da fé que esta mulher tem na Psicomagia. O único senão é que a "dificuldade de viver" que ela apresenta é um mal muito difuso. Depois da leitura dessa longa carta, fico contente por essa pessoa poder ter vivido um renascimento, mas eu gostaria que você pudesse mostrar uma carta mais breve, com um problema mais concreto, mais fácil de definir e cuja solução tenha sido dada pela Psicomagia.*

Lerei a carta de Armelle, filha de uma francesa e de um vietnamita. A vida dela era muito difícil entre os franceses e ela vivia mal a sua feminilidade por não conviver bem com seus traços orientais. Seu pai, um homem muito marcado pela guerra, rejeitava o seu país de origem. Aconselhei esta jovem a buscar suas raízes naquele país. Antes disso, no Natal, ela devia comer uma manga, guardar o caroço, colocá-lo para germinar num vidro com água para depois deixá-lo plantado em um vaso por 33 dias. Em seguida, ela tinha que levá-lo ao Vietnam e plantá-lo em um jardim da família paterna. Depois de realizado o ato, ela me escreveu o seguinte:

Fui para o Vietnam a cinco de agosto de 1986. O vôo foi muito tranquilo, mas, quando começamos a sobrevoar o Vietnam, entramos numa zona de turbulência que fazia o avião sacudir. Eu comecei a me sentir mal e não fiz outra coisa senão vomitar no banheiro durante aquele tempo todo. Minha sensação era de que uma parte de mim rejeitava aquele país (talvez por causa da aversão que meu pai sentia em relação à sua própria raça).

Quando desci do avião, tinha a impressão de ver o rosto do meu pai em todas as crianças que passavam por mim (meu pai saiu do Vietnam com 14 anos). Em seguida, curiosamente, fiquei angustiada por ter ficado menstruada e experimentei a mesma sensação que tive nas primeiras vezes que isso aconteceu. Acho que foi aí que consegui restabelecer uma relação com a minha feminilidade. Também tive a oportunidade de observar a feminilidade das vietnamitas, a naturalidade, a fragilidade e o encanto que elas têm.

O que me surpreendeu foi que, pela primeira vez, todos percebiam minhas raízes francesas e ninguém me confundiu com uma vietnamita.

Cheguei à cidade natal do meu pai no dia 13 de agosto. Estava muito emocionada e chorei quase a noite inteira, sentindo uma solidão imensa e uma forte revolta contra o meu pai. No dia seguinte, fui visitar a casa da minha bisavó. Foi maravilhoso, porque, no dia 14 de agosto, há muitos anos, tinha morrido minha tataravó e, depois disso, toda a família se reunia ali para celebrar o culto aos antepassados. Queimamos incenso diante dos altares de todos os antepassados. Senti uma grande emoção diante da tumba da minha bisavó, a quem, naturalmente, não cheguei a conhecer. Depois plantei a manga num jardim, com a ajuda de toda a família.

Foi um momento extraordinário: cavar a terra amarela do Vietnam para plantar aquela arvorezinha que tinha as raízes impregnadas de terra negra da França... O contraste entre as duas terras era um símbolo maravilhoso. Além disso, houve uma coincidência incrível, pois o jardim estava cheio de mangueiras.

Aquela viagem foi muito importante. Ela fez com que eu reconhecesse minha feminilidade, percebesse e desse valor à herança daquela cultura, descobrisse, enfim, que a base do meu complexo racial era uma quimera. Obrigada.

*Por que Armelle tinha que comer a manga no Natal e depois enterrar o caroço exatamente 33 dias depois?*

Aquela moça não só tinha o complexo de sua dupla origem, mas também estava entre duas religiões. Por isso, eu tinha que convencer seu inconsciente a aceitar o dom das duas religiões reunidas nela. Cristo nasceu no Natal, morreu com 33 anos e depois ressuscitou. Armelle foi para o Vietnam seguindo o mesmo ciclo vivido pela planta.

*Você teve a oportunidade de "curar" outros complexos raciais?*

Sim, certamente. Um dia eu recebi a visita de um homem que era filho de um pai africano e uma mãe francesa e, quase em seguida, a de uma mulher na mesma situação. Eles não se conheciam e vieram me consultar cada um por si. Os dois sentiam uma grande amargura por causa da sua dupla origem. Decidi reuni-los em um só ato psicomágico que eles realizariam juntos. Disse a mim mesmo que aquele ato conjunto, realizado por duas pessoas de sexos diferentes, faria com que eles vissem o homem e a mulher que existem dentro deles, *animus* e *anima*. A pele deles não era nem muito clara nem muito escura. Eu pedi a eles que se maquiassem um de branco e o outro de preto; que fossem de carro ao Arco do Triunfo

e descessem a pé em direção aos Campos Elíseos; que voltassem ao ponto de partida; retornassem ao lugar no qual tinham se maquiado e invertessem os papéis; que o preto se transformasse em branco e vice-versa; e que, finalmente, fizessem o mesmo percurso. Lerei a carta do rapaz, que se chamava Sylvain:

Sábado de manhã: tenho dois tubos de maquiagem diante dos olhos. Num deles está escrito “cor da pele” e o no outro “preto”. O banheiro é pequeno e eu me sinto incomodado pela presença da moça que está à minha direita. Ela é apática, sem flexibilidade e tenho a impressão que a qualquer momento ela vai começar a chorar. Ela escolheu se maquiar de branco primeiro. Por isso, eu fico com a maquiagem preta. Sinto cólicas, até que digo a mim mesmo: “Isso não é nada, não quer dizer nada. Vai ser divertido.” Mas a verdade é que aquilo não tinha nada de divertido. Repasso as razões pelas quais estou indo passear nos Campos Elíseos pintado de preto e depois de branco. Lembro-me dos 15 ou 20 anos de vida complexada que passei com uma sensação de inferioridade racial, de minha confusão, minha aversão de mim mesmo, minha insatisfação. Penso em Laurence gritando de repugnância num passeio do colégio, há, pelo menos, 20 anos, quando soube que eu estava apaixonado por ela. Olho minha imagem refletida no espelho e digo a mim mesmo que gosto da idéia. O carro nos deixa na parte alta dos Campos. Uso uma peruca e um gorro *rastafari*. Minha parceira está pintada de branco e vestida de preto. No começo, andamos a passos rápidos, com vontade de sair correndo, mas, depois, fomos retardando os passos. Eu chamo a atenção. Ninguém parece olhar para a mulher ao meu lado. Muitos sorriem quando olham para mim e eu me sinto muito pequeno, encolhido dentro de mim mesmo. Ouço as pessoas comentarem: “Oi, *rastafari*!”. Eu sorrio. Não sinto o meu corpo, não sinto o chão onde piso. Tenho a impressão de estar sonhando, sinto-me incômodo. Tenho vontade de arrancar a peruca, tirar a cor da minha pele e de gritar: “Este não sou eu!”. Entramos numa galeria, com menos luz, fico um pouco mais calmo. Quando saímos dali, eu já me sentia um pouco melhor. O resto do percurso me pareceu mais fácil e eu constato uma coisa: qualquer que seja a imagem que a gente tenha de si mesmo, não é mais do que uma imagem. Ninguém pode me ver como sou, se eu não quiser me mostrar. Pensei também: “Quem seria capaz de me ver realmente?” Chegamos no final do nosso primeiro percurso. Quando voltamos para o carro, penso outra vez na imagem e digo a mim mesmo que seria interessante brincar um pouco com a minha. Agora estamos novamente no banheiro. Esfrego minha cara e tiro a cor preta

que escorre pelo ralo. Lembro-me que durante toda a minha infância, eu sonhei em ver a minha cor escorrer desta maneira da minha pele.

Agora é minha vez de ficar branco. A maquiagem me parece mais difícil. Sinto dificuldade em fazer com que a minha pele adquira um aspecto que imite a cor branca. Minha aparência é vulgar. A imagem que tomei para mim desta vez é a de uma espécie de fã de *heavy metal*, com um gorro de roqueiro. A maquiagem de branco me faz sentir como se cometesse um sacrilégio. É interessante, pois não senti isso na primeira vez. Descemos pelos Campos novamente, agora ninguém parece olhar para mim, mas muitos olham para a moça que está ao meu lado. Ela é muito negra e se veste de branco. Durante todo o percurso eu me pergunto se as pessoas se sentiriam tão incomodadas como eu me sinto neste momento se soubessem o que eu estou fazendo...

No entanto, tudo é muito impessoal, afinal. Ninguém vê nada. As pessoas são indiferentes, cada um anda na sua. Demos uma volta pelo Virgin Megastore e fim da linha. Sinto-me muito leve. Sinto uma vontade louca de gastar muito dinheiro em roupas novas. É como se eu realizasse um sonho.

*Muito interessante, mas a carta não menciona os efeitos posteriores ao ato.*

Tanto Sylvain quanto Nathalie, a moça, tiveram reações muito positivas. Depois de algum tempo, os dois arranjaram namorados: Sylvain, uma mulher branca, e Nathalie, um homem negro. Pelo que sei, os dois casais vão indo muito bem.

*Até aqui se falou de complexos dolorosos e eminentemente psicológicos: um homem que não consegue ganhar a vida, um escritor que não escreve, pessoas que não vivem bem com sua origem racial. Será que a Psicomagia também funcionaria com pessoas que tivessem sofrido um trauma externo concreto...? Penso, por exemplo, num aborto, numa experiência traumática comum, numa desgraça.*

Pois então eu lerei uma carta relacionada com este problema. Brigitte se sentia culpada por um aborto que tinha feito na ausência de Michel, seu companheiro. Ela estava deprimida e não conseguia se conformar. A relação do casal estava em crise e a distância crescia entre eles. Eu lhe propus um ato, pensando que os dois poderiam realizar este funeral juntos e finalmente enterrar o feto. Brigitte e Michel tinham que fabricar juntos

uma caixa de madeira nobre, que evidentemente simbolizava o ataúde, e forrá-la com um tecido da melhor qualidade. De comum acordo, eles deviam também escolher uma fruta que simbolizasse o feto. Eles escolheram uma manga. Brigitte, nua, devia colocar a fruta sobre o ventre, amarrando-a com tiras bem apertadas. Michel devia cortar as amarras com uma tesoura, como se fosse um cirurgião, e pegar a manga. Brigitte tinha que reviver todos os sentimentos que tinha experimentado durante a operação e expressá-los em voz alta. Depois de colocar o “feto” na caixa, eles tinham de enterrá-lo num lugar muito bonito. Em seguida, Brigitte tinha que beijar Michel e, com a língua, introduzir na boca dele duas bolinhas de mármore, uma preta e outra vermelha. Michel tinha que cuspir primeiro a bolinha preta. Este era o ato prescrito. E esta é a carta de Brigitte:

A busca dos materiais foi feita com um pouco de precipitação, como a que houve durante os momentos que precederam à interrupção voluntária da gravidez. Escolho o mesmo dia em que a mesma aconteceu, um sábado às 18 horas e 15 minutos. O ato acontece numa maca obstétrica. Eu estou nua, com as pernas levantadas e com a manga em cima do meu ventre, amarrado com uma tira. Michel se aproxima. Ele está de branco, como um cirurgião. Ele age rapidamente e eu grito, solto gemidos, sentindo aquilo se desprendendo do meu ventre. Choro muito e o odeio por estar me mutilando. Michel cortou as tiras e colocou a manga na caixa. Naquele momento eu tive uma dúvida: será que também era preciso cortar a manga com a tesoura? Michel quer fazer isso, mas eu o impeço. Choro muito. Michel me diz: “De qualquer maneira, a manga não pode viver depois de ter sido arrancada”. Depois ele se senta ao meu lado e me acaricia a testa. Noto que ele me odeia. Está a mil léguas de mim. Agora temos que achar um lugar para enterrar a caixa. Chegamos de moto a St. Germain-em-Laye sob uma chuva torrencial. Sinto amargura e, ao mesmo tempo, um grande alívio.

Finalmente, paramos em Marly lê Roi, no parque do castelo favorito de Luis XIV. Um lugar maravilhoso. Choro desconsoladamente. Michel me ampara, mas continua distante. Fizemos o buraco com nossas próprias mãos, num lugar onde ninguém pudesse nos ver. Já quase anoitece. Nós nos beijamos. Coloco as duas bolinhas na boca de Michel. Ele cospe uma, a vermelha, que cai no chão. Eu volto a colocá-la na boca dele. Conforme foi prescrito, ele cospe primeiro a bolinha preta, me beija e me devolve a vermelha. Atiro a preta no tanque do parque e me sinto muito aliviada. Com a vermelha, eu farei um anel para mim, como você me aconselhou. Tive algumas reações psicossomáticas — rubor intenso na

bochecha esquerda — semelhantes as que eu tive depois da intervenção. Sinto-me livre da culpa e com novas energias. Estou tranquila e serena e aceito o que quer que possa vir. Recupero a confiança em mim e em Michel. Escolho a vida, para o que der e vier. Minhas energias internas estão como que regeneradas e já não sinto aquele pânico mórbido.

*Qual o significado do beijo com as duas pedras coloridas?*

Eu usei os símbolos da vida e da morte (vermelho e preto) ao acaso. Ao lhe dar um beijo, manifestação de amor, Brigitte dá uma chance para que Michel possa dar vida à morte. Cuspindo primeiro a pedra preta, ele manifesta seu desejo de matar o feto, de não ser pai. Ele mesmo recolhe a bolinha e, quando a coloca novamente na boca, é como se procurasse outra oportunidade. Desta vez, ele cospe a pedra vermelha, a vida, que deposita na boca de sua companheira. Deste modo ele manifesta a sua aceitação de outro filho que possa vir. Ao atirar a bola preta no tanque, Brigitte devolve seus impulsos de morte ao inconsciente, recupera a confiança de Michel e se liberta de seus medos e culpas. Agora é a vida que circula no corpo dela e não a morte. Em consequência disso, seu corpo será um centro de criação, não de destruição.

*Este ato ilustra a técnica consistente de “usar a linguagem do inconsciente”. Esse é o impulso principal da Psicomagia, se entendi bem.*

É sim, mas eu também dou conselhos simples e lógicos que qualquer pessoa pode compreender imediatamente.

*Quais são os efeitos desses conselhos?*

Para que eles sejam eficazes, eu tenho que aproveitar a oportunidade, ou então provocá-la, encontrar o momento propício para dispensá-los. É uma questão de ajuste, por assim dizer. O mesmo conselho, dado num momento ruim, pode ser ineficaz. O processo pode ser comparado ao futebol: se você lança na área sem que haja uma brecha, por mais preciso que seja o chute, a bola não passará pela linha de defesa. Mas, ao contrário, se você aproveita um momento de vacilação, uma fraqueza do goleiro, a bola entrará. Do mesmo modo, quando uma pessoa baixa um pouco a guarda, eu logo trato de fazer um gol psicológico. Há que se ter presente que o que cai num vício está sempre na defensiva. O ego se recusa a ceder. Por isso, eu tenho que aproveitar ou provocar um momento de distração para fazer passar uma ordem ao inconsciente através das linhas de defesa.

Para que o consulente torne seu o conselho, tem que atravessar o ego obstinado para chegar a uma zona dele mesmo que é muito mais impessoal.

*Você tem alguma carta que ilustre esse princípio?*

Mesmo não sendo uma carta propriamente dita, este testemunho redigido pelo célebre desenhista Jean Giraud, aliás, *Moebius*, deve servir.

Conheci Alejandro em meados dos anos 70. Nós trabalhamos juntos no filme *Dune*. Fazia dois meses que ele me surpreendia todos os dias com aquele seu jeito absolutamente surrealista de colocar as coisas, não só quanto à criação da obra, mas também para qualquer pensamento ou situação. Naqueles dias, o que mais me agoniava era o fumo. Como fazer para passar longas horas com aquele personagem apaixonante sem pontuar minhas reflexões com grandes baforadas de fumo azul? Era impossível transgredir: Alegando supostas crises mortais de asma, Alejandro tinha transformado o cigarro num completo tabu e eu tinha que me isolar no pátio que ficava ao lado do nosso edifício como um estudante culpado.

Um dia, conversando alegremente com vários companheiros de equipe de produção enquanto tomávamos um refrigerante no terraço do café, eu interpelei Alejandro em tom divertido, pensando talvez em colocá-lo num aperto, ou talvez somente para dizer alguma coisa: “Alejandro, você que já esteve com tantos magos e que inclusive dá uma de mago — naquela ocasião eu tinha umas idéias confusas sobre magia e me referia a ela em tom de ironia —, não poderia, com algum encantamento ou sortilégio, ajudar-me a deixar de fumar?”.

O que mais eu poderia esperar? Uma resposta-piruetada que provocasse o riso e que deixasse a minha pergunta cair no esquecimento. Mas, para meu completo assombro, Alejandro, em vez de sair fora, me respondeu que sim, que conhecia uma magia poderosa, infalível, que ele me mostraria naquela mesma hora, se eu quisesse. Mas antes eu tinha de ter certeza que o meu propósito de deixar de fumar era real, pois o feitiço era forte e eu tinha que estar ciente que, quando a magia começasse a agir, eu não voltaria a fumar nem mais uma só vez em toda a minha vida.

Fez-se um silêncio ao redor da mesa, todos estavam concentrados e atentos no que eu tinha acabado de provocar. Alejandro me olhava com um sorriso discreto e amistoso. Eu pensava no fumo amigo, companheiro impalpável, sempre disponível, discreto, eficaz e tranquilizador, no estalido alegre do isqueiro, no rasgar do fósforo... Será que eu estava disposto a abandonar esses prazeres aparentemente indispensáveis? Por outro lado

eu também pensava na cor triste das cinzas que parecia invadir tudo, na respiração fatigada, na tosse rouca e dolorosa da manhã... Decidi dar o passo. Além disso, eu estava curioso. Eu não só veria Alejandro receitar um ato mágico, mas também eu mesmo seria o sujeito dele. Uma outra coisa me instigava: os companheiros todos ali presentes esperavam pela minha decisão. Poderia eu decepcioná-los privando-os de ver a magia em ação?

— Certo, eu estou preparado.

— Agora?

— Agora.

— Pois bem. Dê-me o seu maço de cigarros.

Peguei meu maço de Gauloises, do qual tinha fumado uma terça parte. Ele lançaria um sortilégio sobre ele ou o transformaria numa abóbora? Depois de murmurar estranhos encantamentos. Alejandro disse muito sério:

— Minha magia é poderosa, mas muito simples também. Para deixar de fumar, basta tomar a decisão e você já fez isso. A chave está em tomar consciência dessa decisão e é aqui que a magia entra. Quem tem um lápis?

Eu lhe estendi um lápis e contemplei fascinado os trejeitos precisos com que ele tirava o celofane que envolvia o maço. Pegou o lápis... Agora eu veria qual signo cabalístico, qual poderoso sortilégio ele lançaria sobre o meu maço de cigarros começado.

— Muito simples: de um lado eu escrevo esta palavrinha: “Não”, e de outro, esta pequena frase: “Eu consigo”.

Alejandro voltou a colocar o maço no envoltório de celofane e desenvolveu-o a mim como se fosse uma bomba pronta para explodir ou nada menos do que o Santo Graal embrulhado no velcino de ouro. Ele me disse para guardar o maço por meia dúzia de semanas, até que, já liberto de toda vontade de fumar, ou o desse para algum necessitado que me perguntasse o que significava aquele “Não” e “Eu consigo”.

E desde então eu não voltei a sentir a menor vontade de acender um cigarro.

*Muito bem, neste caso pode-se dizer que o que salva é a fé. No entanto...*

Às vezes, um ato aparentemente absurdo pode ajudar a curar uma doença, porque um ato “fala” ao inconsciente, e este então toma os símbolos como realidade. A doença é o sintoma de uma carência. Se o in-

consciente sente que esta falta foi suprida, a queixa dos sintomas deixa de ser feita. Escute, por exemplo, a carta desta mulher, Sonia Silver:

Fui assistir o Cabaré Místico no dia 30 de outubro de 1992 e lhe fiz uma pergunta: “Faz 18 meses que eu sinto uma dor forte na nuca. Esta dor pode ser efeito de uma regressão espiritual?”. Eu tinha consultado médicos, acupunturistas, massagistas, ortopedistas, rezadores, curandeiros e, há muito tempo, tomava antiinflamatórios, cortisona, infiltrações, etc. Nada tinha surtido efeito. Na noite de quarta-feira, 30 de outubro, você me indicou um ato psicomágico: eu tinha que me sentar no colo do meu marido e ele tinha que cantar uma cantiga de ninar na minha nuca. Porém, o que você não sabia era que meu marido é um cantor de ópera. Ele cantou uma canção de Schubert. Eu estou curada, já não sinto dor e não me canso de lhe agradecer...

*O que aconteceu?*

Muito simples: fiz uma equação entre a nuca, o passado e o inconsciente. Intuí que a relação de Sonia com pai não tinha se desenvolvido de maneira adequada. Ao fazê-la sentar-se no colo do marido, simbolicamente, ele faria o papel do pai e ela voltaria à infância. Por outro lado, cantando uma canção de ninar para ela na altura do ponto doloroso, ele realizaria um desejo de infância que não fora satisfeito, quer dizer, que o pai a fizesse dormir e se comunicasse com ela no plano afetivo.

*Uma síntese impressionante... De qualquer modo, Sonia não se curou da carência que sentia por causa da sua relação frustrada com o pai.*

Não, e nem eu pretendia isso. Mas a psicomagia eliminou um dos sintomas que essa carência gerou. Nem mais, nem menos. Mesmo tendo, numa outra ocasião, conseguido aliviar diretamente o sofrimento causado pela ausência do pai, como você pode ver pela carta deste homem chamado Patrick:

Desde pequeno, eu sentia um certo mal estar em relação aos meus pais. Tenho 45 anos e faz oito que minha mãe me revelou que eu era filho ilegítimo. Ela nunca tinha dito isso a ninguém. Quando o marido dela morreu — o homem a quem eu tinha considerado como pai e que me educou — minha mãe destruiu todas as fotos e se desfez de todas as recordações do meu progenitor, morto quando eu tinha três anos e do qual não tenho nenhuma lembrança. Senti muita raiva quando pensei que

nunca veria o rosto dele. Assisti uma das conferências que você deu sobre a árvore genealógica e lhe perguntei o que se poderia fazer quando uma pessoa não pode conhecer o pai e não tem nenhuma foto dele. Você me respondeu que, se eu não tinha tido a oportunidade de conhecer o meu pai, poderia saber onde ele estava enterrado — e isto minha mãe tinha me dito —, então eu tinha que ir até a tumba dele para me declarar como sendo o seu filho, introduzindo uma foto dentro da sepultura. Depois de uma certa hesitação, eu fiz o que você disse.

Aos poucos minha raiva foi amainando. Aceitei a idéia de nunca conhecer as feições dele. Faz quinze dias, minha mãe, que estava convencida de ter destruído até a última recordação daquele homem, encontrou uma foto dele e a deu para mim. Pela primeira vez em minha vida eu conheço a minha identidade. Agora me sinto reconciliado e cheio de amor para com meus pais e também em relação à minha mãe. Seu conselho foi providencial. Grato, de todo o coração.

Este exemplo ilustra uma de minhas convicções, a saber, que a realidade funciona como um sonho. No mesmo momento em que Patrick coloca sua foto na sepultura do pai, seu inconsciente infunde realidade ao símbolo e o une à figura paterna. Então esta pode surgir no sonho que é a vida. Não tendo conseguido impedir esta união, quer dizer, o aparecimento da verdade, a mãe colabora, encontra a foto e dá para o filho a imagem que fará com que ele se sinta completo. Para mim, todos os acontecimentos estão intimamente ligados entre si. Um ato bem realizado repercute sobre o conjunto da realidade.

*Inconscientemente, a mãe colaborou com o ato.*

Por isso é preciso que as pessoas implicadas em um ato sejam informadas do seu objetivo a fim de poderem participar com fervor na sua realização. Darei um exemplo de uma colaboração consciente e bem sucedida. A Gerard, um homem a quem uma exigência afetiva constante em relação a sua mulher lhe causava grande sofrimento, eu aconselhei que comprasse dois círios grandes e um novelo de lã vermelha para realizar um ato com a ajuda da mãe. Esta é a carta dele:

Na segunda-feira de Páscoa, depois de tomarmos café, minha mãe e eu fomos a Notre-Dame comprar os dois círios. Havia muita gente. Depois, eu a convidei para almoçar num restaurante chinês. Falamos muito, de Deus, da vida, da família. Em seguida, voltamos para casa. Um pouco antes da meia-noite, fomos para o quarto dela (ela e meu pai dormem

em quartos separados). Pusemos os círios acesos na lareira. Eles estavam colocados no sentido norte-sul. Eles estavam às minhas costas, um à esquerda e o outro à direita. Em seguida nós nos atamos um ao outro com a lã vermelha. Nós nos atamos firmemente: pés, pernas, tronco, braços, mãos, cabeça... Ficamos unidos de tal modo que quando um se movia, o outro tinha que acompanhar o mesmo movimento.

Nesse instante eu revivi o vínculo que tive com minha mãe durante a infância e adolescência. Naquela época, eu achava que tinha que fazer tudo o que ela me dizia, ver as coisas como ela, pensar como ela, agir como ela... Então eu senti, na altura do ventre, um calor que durou um bom tempo. Permanecemos assim unidos até a meia-noite. Nós dois estávamos muito tranquilos. À meia-noite, eu comecei a cortar a lã, primeiro por baixo, os pés, a infância... Cada um cortou a metade dos nós, das ataduras, mas ela quis que eu cortasse um pouco mais. Quando conseguimos nos separar, eu pensei: "Agora, a partir deste instante, eu sou livre". Agradei a ela com um beijo. Nós ficamos falando longamente, mas ela estava cansada. Apaguei os círios, peguei um e fui para a minha casa. A última parte do meu ato consistia em dar a ela um presente com o qual eu sonhasse. Um dia eu tive uma ideia: o único presente que poderia compensar a ruptura provocada pelo ato, era lhe agradecer por tudo que ela tinha me dado. No sábado, nove de maio, à meia-noite, eu escrevi com sangue: "Sou grato por tudo o que você me deu. Eu a amo. Que Deus a abençoe". Depois eu selei a carta com a cera do círio de Notre-Dame que eu tinha acendido antes de escrever. Aquele ato transformou minha vida; a partir daquele momento, parei de afligir minha esposa do jeito que eu fazia até então por causa de uma exigência afetiva que vinha de minha infância.

Agora eu gostaria de mostrar outra carta que trata de um problema de identificação com a mãe. Quem a escreve é uma pintora, vítima de fortes crises de asma. Aqui eu me servi do elemento onírico que a artista utiliza em sua própria pintura. Além disso, esta carta também é interessante porque apresenta o caso de uma pessoa que já tinha recorrido à psicomagia e aparentemente tinha se curado, mas que sofreu uma recaída e foi preciso um outro ato. Às vezes um ato pode fazer desaparecer uma dificuldade sem arrancar a raiz, então é conveniente prescrever um novo ato:

Eu lhe perguntei por que, depois de visitar um hospital de doenças contagiosas em Nápoles, eu tive uma forte crise de asma, depois de um ano sem recaídas. Também lhe perguntei por que, desde o dia da inau-

guração da minha exposição sobre os "anjos", que casualmente aconteceu no dia oito de junho, véspera do vigésimo aniversário da morte da minha mãe, eu tinha tornado a ter crises frequentes de asma e tinha voltado a tomar medicamentos diariamente, o que não acreditava ser possível outra vez. Assim é que, depois de seguir o seu conselho de enterrar todos os medicamentos na tumba da minha mãe, exatamente um ano depois, eu me sentia completamente curada. Na verdade, eu não tinha tido nem uma só crise até aquele dia em Nápoles. Você me respondeu dizendo que provavelmente eu não permitia a mim mesma vencer na profissão que amava porque minha mãe tinha morrido depois de uma longa doença sem que eu tivesse alcançado maturidade nela. Então você me aconselhou a pintar um esqueleto no qual eu deveria desenhar um anjo cuja túnica opaca escondesse os ossos. Você me propunha que, de certo modo, eu sublimasse no anjo o luto de minha mãe. A ideia me agradou. Segui o seu conselho e, apesar de estar atualmente incapacitada para a pintura, fiz um esforço e fui para o ateliê para fazer o desenho. Pinteí o esqueleto, mas, como não gostei, pinteí outro em cima e depois fiz o anjo branco. Dias depois eu tive uma forte crise de asma com bronquite da qual foi difícil sair. Eu estava desesperada e tão cansada que tive que ir descansar nas montanhas. Eu me sentia confusa e duvidava de tudo e de todos. Por que a psicomagia tinha fracassado desta vez, chegando inclusive a provocar uma reação contrária à esperada? Mistério... Eu me sentia desnorreada até que refleti e lembrei que, antes de desenhar o anjo, eu tinha feito dois esqueletos, dois esqueletos para um só anjo! Compreendi que, inconscientemente, eu me sentia ainda fortemente apegada ao luto, aquele luto que me deixava doente. Quando voltei, repeti a psicomagia. Desta vez desenhei um esqueleto e, depois, um anjo. No dia seguinte, reduzi as doses dos medicamentos à metade. No outro dia, tirei-os completamente. Eu estava curada!

*Os testemunhos dados nestas cartas colocam em evidência diferentes facetas da Psicomagia. Você poderia destacar uma última carta que mostrasse como, graças ao seu método assombroso, um mecanismo psicológico comum tivesse sido neutralizado?*

Tenho muitas cartas desse tipo, mas escolho esta porque é bem típica:

Numa noite de maio, ao voltar de uma de suas conferências, quando cheguei no portão da minha casa, fui atacada por um homem mascarado que queria me violentar. Ele não conseguiu, mas eu fiquei com muito

medo e com certeza passei o meu espanto para o lado direito do meu corpo que, na manhã seguinte, estava como que paralisado. Aquilo me provocou uma grande aversão aos homens. Eu não suportava o contato com eles a tal ponto de não conseguir ficar sentada ao lado de um. O medo se apoderou de mim e, quando eu tinha que voltar tarde para casa, eu subia os seis andares correndo. Eu, que nunca antes fechava a porta à chave, me isolei do mundo exterior trancando-me sob três ferrolhos. No entanto, o medo não ficava do outro lado da porta, mas estava sempre comigo... Você me prescreveu um ato: "Vá a Pigalle e comporte-se como uma puta. Dê uma desculpa para não ir com os homens que se aproximem de você". Uma couraça de chumbo não poderia ter me tornado tão pesada... Escolhi um 17 de julho porque o número 17 corresponde à Estrela do tarô e à Aquário, meu signo, e assim, eu me colocava sob a sua proteção.

Não conhecia bem aquele bairro, de modo que fui lá antes para fazer um reconhecimento do terreno. Naturalmente, era muito difícil interpretar esse papel que, para mim, era completamente novo. No dia 17 à noite, às nove horas, vestindo uma minissaia, uma blusa muito decotada, sapatos de plataforma e meias de malha, e também muito maquiada, fui para Pigalle. Eu não queria me encontrar com nenhum vizinho no caminho.

Mal eu tinha andado uns metros, um homem se aproximou para me perguntar, primeiro, se eu tinha fogo, depois, a hora e, por último, onde ficava a estação do metrô. Eu me sentia dentro da pele de um personagem e observava o que acontecia em mim. Em Pigalle, um amigo me esperava e sua presença me tranquilizou.

Eu me sentei no terraço de um café escolhido a priori. Cruzei as pernas com descaramento e acendi voluptuosamente um cigarro vermelho, enquanto observava ao meu redor. Percebi os olhares dos homens: a avidez, o desprezo, a perversão, etc. Enquanto eu encarava aqueles olhares, notei que em mim, em meu ventre, surgia uma nova força. Depois de uma hora, cinco ou seis homens tinham se aproximado de mim querendo me levar para a casa deles. Eu recusei, sob pretexto de uma doença benigna. Alguns devem ter pensado que eu tinha AIDS.

Depois de jantar com o meu amigo Hervé, voltei para casa esgotada, mas já não sentia medo e desde então eu consegui me relacionar com os homens e subir meus seis andares sem problemas. Parei de me esconder e me sinto em paz.

Este ato fez com que eu descobrisse os vários personagens que existem em mim e eu pude manifestá-los, viver meu medo e superá-lo. Experimentei uma grande libertação e a confiança de que dali em diante eu

poderia me desenvolver e seguir o meu caminho. Sem este ato, eu certamente teria reprimido tudo isso. Agora sinto que estou aberta.

Na quarta-feira passada, ao voltar da conferência, vi que um homem me seguia. Ele queria ficar comigo. Veio-me à memória o ato e toda a força que eu tinha extraído dele. Discuti com esse homem e pude ver o medo em seus olhos. Tomei consciência de minha própria força e ele também a sentiu. Ele saiu do edifício e eu subi para o meu apartamento muito tranquila e confiante.

Muito amor, alegria e harmonia para você e para a sua família.

*Então que esta bela carta encerre este breve epistolário psicomágico!*

## A Imaginação no Poder

**N**ão será a Psicomagia um tanto efêmera e simples demais? Uma psicanálise requer anos e há terapias que demandam muito tempo.

Um labirinto não é outra coisa senão um emaranhado de linhas retas. Às vezes eu me pergunto se as análises e terapias não tornam as retas ainda mais sinuosas. Além disso, um ato tem um caráter mais conclusivo do que qualquer palavra. No entanto, é preciso deixar claro uma coisa: raramente eu prescrevo um ato para uma pessoa sem antes estudar o que chamo de sua árvore genealógica: sua família, pais, avós, irmãos, etc.

*Ou seja, os atos que vimos até agora não são outra coisa senão um episódio dentro de um processo mais amplo.*

Sim, porém um episódio importante e decisivo. Se existe uma pedra no sapato, o meu mundo, a minha sensibilidade tudo em mim estará afetado. Antes de querer ir mais além e apurar minha visão, eu tenho que tirar a pedra. Do mesmo modo, um trauma sofrido afeta toda a nossa existência. O importante, então, é cuidar desse trauma.

*Mas parece que a Psicomagia ajuda a resolver alguns problemas concretos e específicos. Eu a vejo mais como uma intervenção pontual do que como uma terapia, no sentido mais abrangente, digamos assim...*

Só existe uma cura abrangente: encontrar Deus. Não existe outra. Apenas a descoberta do nosso Deus interior pode curar-nos para sempre. Todo o resto é periférico. Uma terapia é sempre parcial.

*O que mais resta dizer, então, para concluir essas nossas conversas?*

É importante sublinhar a importância da imaginação. De certo modo, o que eu fiz até aqui foi um exercício de autobiografia imaginária. Não no sentido de uma "ficção", uma vez que todos os fatos citados são verídicos, mas pelo fato de que a história profunda da minha vida é a de um esforço constante de desenvolvimento da imaginação, até chegar ao seu limite máximo, apreendê-la em todo o seu potencial terapêutico e transfigurador. Se eu ensino alguma coisa, essa coisa é a imaginação.

*Alejandro Jodorowsky, o professor de imaginação.*

Exatamente. Ensino às pessoas como imaginar. Na maior parte do tempo, nós não temos idéia do que é a imaginação, não temos idéia do tamanho de suas marcas. Isto porque, além da imaginação intelectual, existe a imaginação sentimental, a imaginação sexual, a imaginação corporal, a imaginação econômica, a imaginação mística, a imaginação científica... A imaginação age em todos os campos, inclusive os que consideramos "racionais". Ela está em todas as partes. O que importa, então, é desenvolvê-la enquanto método de abordagem da realidade, não a partir de uma perspectiva única, e sim sob múltiplos aspectos. Normalmente, nós vemos tudo segundo o estreito paradigma das nossas crenças e condicionamentos. Do mistério de nossa realidade, que é tão vasta e imprevisível, nós não percebemos mais do que aquilo que é filtrado através do nosso minúsculo ponto de vista. A imaginação ativa é a chave de uma visão mais ampla que faz com que possamos ver a vida a partir de outros pontos de vista que não os nossos e assim pensar e sentir a partir de diversos ângulos. Essa é a verdadeira liberdade: ser capaz de sair de si mesmo, atravessar os limites do nosso pequeno mundo individual e criar uma abertura para o universo. Eu gostaria que os leitores do nosso livro pudessem ao menos aceitar a idéia do poder terapêutico da psicomagia, que não é senão uma forma de usar a imaginação.

Lições para mutantes  
(entrevistas com Javier Esteban)

## Nota Preliminar

**A**lejandro Jodorowsky só aceitou a proposta destas Lições para mutantes se elas pudessem ser úteis aos outros. Respondi que, se elas eram úteis para mim, um homem cético e imperfeito, certamente também seriam para os outros. Então, resolvemos fazer este trabalho como complemento à Psicomagia, sua obra mítica. Estas entrevistas são, portanto, fruto de uma experiência entre alguém que se dispõe a compartilhar conhecimentos e outro que quer aprender. Mais do que confirmar certezas, nossas palavras encadeiam dúvidas e respostas amáveis.

As circunstâncias pessoais e o nível de consciência de Jodorowsky abriram caminhos e atalhos na busca da felicidade. Longe de ser um guru (ele não gosta desta imagem), nosso autor é um ser evoluído do tipo que, exatamente por isso, ri de si mesmo. Suas experiências podem ajudar a toda uma emergente geração de mutantes que descobrem maneiras de chegar ao conhecimento e à autorrealização. Alejandro mostra-nos que o homem pode ter ao seu alcance, chaves para a cura, para o crescimento, como a meditação, a arte, os sonhos, certas substâncias sagradas, a magia, a alquimia, a linguagem, o humor e o tarô. A primeira parte dessas *Lições para mutantes* é dedicada a estas técnicas.

Ao longo de sua atribulada existência, Jodorowsky, além de realizar, como poucos, um formidável périplo humano de milhares de anos, também foi vanguarda cultural, através de suas criações em histórias em quadrinhos, cinema e literatura. Esta viagem através da memória da huma-

nidade é um contínuo e imaginativo desafio e um profundo exercício de superação, no qual a questão principal é nos despojarmos do aprendido para descobrir quem verdadeiramente somos, como revela o autor na segunda parte dessas lições.

Jodorowsky vê as experiências de ruptura e de transformação de um modo pessoal, desconfiando da Igreja, “fantoche” ou mercenária do espírito. Partindo da liberdade em rumo à liberdade, ele transformou suas vivências na síntese terapêutica necessária ao último-homem: aquele que desistiu das lutas da mera sobrevivência pela busca do desenvolvimento interior. Independentemente de qualquer revelação ou texto sagrado, de qualquer tradição dogmática ou ideológica, Jodorowsky entende que a realidade deve ser percebida em primeira pessoa e realizada artisticamente. A terceira parte desta entrevista trata dessa formidável busca, deste louco intento.

As ideias do autor sobre os diferentes níveis de consciência e outras tantas questões deságuam na filosofia perene em estado puro, distanciando-se dos limites estreitos das religiões tradicionais. Ele fala de Deus, mas não é nem teísta nem ateu, nem espiritualista nem religioso, mas simplesmente pessoa. Para ele, a saúde é o equivalente único da moral, pois nossa realização não deve esperar pelo além, mas, antes, superar os limites do mundo. Algumas dessas ideias evidenciam o fenômeno da “religião a la carte”, que nos últimos tempos vêm ganhando terreno em nossa sociedade.

Alejandro é um visionário, pois o seu nível de consciência o arroja para além do seu próprio tempo. É um “iluminado” que não quer fundar uma escola, mas que, há muitos anos, empenha-se no estranho trabalho da santidade civil. Na quarta parte, estão suas intuições sobre a sociedade, a religião e o destino da humanidade, na forma de visões que incluem um exercício de futurologia no qual o leitor poderá encontrar-se com muitas das ideias e impressões do autor.

A prática terapêutica que o autor considera fundamental e sobre a qual dá vários cursos em todo o mundo não poderia deixar de ser mencionada nestas entrevistas. No capítulo dedicado à arte de curar, Alejandro recapitula e esclarece alguns aspectos já vistos em *Psicomagia*. A última parte deste trabalho é um canto à vida que reflete a postura feliz e luminosa do nosso personagem.

Sob todos os pontos de vista, não foi nada fácil transcrever as palavras de Jodorowsky e, dentro do possível, procurei ser o mais literal possível, embora as limitações que a escrita impõe tenham deixado evidente a im-

possibilidade de recolher toda a riqueza do discurso oral. No entanto, ainda assim, acredito que consegui transmitir algumas das suas intuições para os que buscam respostas e experiências nesta maravilhosa viagem da existência. Embora aqui se fale de todas técnicas que o autor domina, tentei deliberadamente fugir do enfoque especializado nessas entrevistas. Assim sendo, o resultado foi tornar esta uma obra de impressões: um guia para todos os que procuram a transformação de si mesmos e não um manual para eruditos; um testemunho de sua maneira de agir e de viver, um modesto ensinamento em forma de diálogo no qual eu assumi o papel de uma nova geração de mutantes.

Mesmo tendo gostado do resultado dessas entrevistas, por considerar que elas podem ser úteis para os outros, devo confessar que, a princípio, Alejandro só concordou em dá-las para me ajudar. Ao final de cada entrevista, eu podia traduzir mentalmente suas respostas em exemplos que me vinham numa enxurrada de imagens. Meu estado de consciência levemente alterado dava margem a uma agradável sensação de embriaguez telepática. Perguntas encadeadas numa corrente de imagens faziam com que, sem qualquer motivo aparente, acabássemos falando da auréola dos santos. Ao final do segundo dia, ele me confessou: “Não sei se tudo isso servirá para alguma coisa, pois não me lembro de nada que falei”. Jodorowsky teve a delicadeza de responder às minhas perguntas em estado de transe. Nessas horas de confiança sentia-me como um escultor golpeando um mármore imenso do qual saltaria um rosto, um retrato estranho que por sua vez seria como que um espelho para os outros. “Como está indo?”, ele perguntava-me repetidamente, como se eu o estivesse pintando. Durante aqueles dias em que estive em sua casa, a dinâmica foi mudando. Normalmente, minhas perguntas acabavam fazendo com que o nível do seu discurso decaísse, mas, em outras ocasiões, funcionavam como catapultas. Viajamos muito juntos. A embriaguez às vezes durava horas. De todas as imagens que eu guardo daqueles dias, de vez em quando, uma delas costuma acudir-me em sonhos: somos pincéis que desenham nossas próprias vidas em constante transformação.

Javier Esteban

Paris-Barcelona, março-julho de 2003.

## Chaves da Alma

### I

*Sonho e vigília são as duas faces secretamente unidas da realidade. A compreensão dos sonhos é um caminho de autoconhecimento e transformação, mas até que ponto isso é possível, uma vez que estes são presentes que recebemos sem que os tivéssemos pedido?*

Sim, isso é possível. Ao longo da minha vida, passei por diversos processos em relação ao sonho. Eu vinha de uma família neurótica, vivia angustiado, tinha pais que se odiavam e isso provocava pesadelos terríveis em mim. Tive que superar esses pesadelos, enfrentando-me com eles, derrotando minha neurose. Mas, desde muito cedo, eu contava com o dom dos sonhos lúcidos, do controle sobre eles. No começo, esses sonhos surgiam na forma de tentações: eu acordava dentro do sonho e queria conquistar a fama, ficar milionário, ter experiências sexuais. Mas no fim, o que acabava acontecendo é que aquilo me prendia. Quando pedia coisas pessoais, o sonho desaparecia e, conseqüentemente, eu perdia a lucidez e regredia para dentro de um sonho sem qualquer controle. O desejo de ser mago surgiu mais tarde em meus sonhos: eu brincava com as imagens, virava um guru, queria poder. E, novamente, aquilo me dominava e eu perdia a lucidez.

Os sonhos vão mudando e, como um demiurgo, você pode fazer várias coisas dentro deles. Mas depois você percebe que existe uma razão para os sonhos e que não é lícito interferir naquele desfile de imagens.

Mas finalmente chegou o momento em que eu passei a ser uma simples testemunha dos meus sonhos: eu os contemplo e descanso. Atualmente, não sei se de fato sonho ou não, porque o personagem sou eu mesmo, tal e qual na vida real.

*Há uma alternância entre vigília e sonho?*

Não, não é isso. O que digo é que, quando você sonha, normalmente não é você. A gente assume outras personalidades que podem fazer coisas que normalmente não fazemos na vida real. Nos meus sonhos, no entanto, eu ajudo as pessoas: eu as ensino, leio o tarô, dou conferências. Na verdade, já não existe diferença entre o que faço nos sonhos e o que faço quando estou acordado. Isso acontece independentemente de uma linguagem ou conteúdo simbólicos. Ontem à noite, eu estava em um avião que viajava na escuridão e, de repente, o avião entrou na luz. Agora eu só tenho sonhos felizes, já não tenho pesadelos. Não sinto medo porque tenho o controle dessas situações. Durmo sem nenhuma tensão. Aceito os sonhos como eles se apresentam. É como se minha identidade tivesse se definido, de certa maneira, e, com isso, não estou me referindo ao meu ego, porque não falo da minha personalidade propriamente dita. Minha personalidade no inconsciente é exatamente a mesma que na vida real.

*Que terapia você recomenda para superar os pesadelos?*

Eu comecei com Freud e isso acabou sendo muito divertido: para ele os sonhos são desejos reprimidos, desejos frustrados, etc. Com Jung também pude aproveitar alguma coisa: sonhava e logo prolongava os sonhos transformando-os em devaneios, continuando a história, interrogando o sonho para ver que mensagens ele trazia. Mas depois, com o desenvolvimento da imaginação, comecei com os sonhos de vigília. Há várias terapias que são magníficas. Nos sonhos lúcidos nós nos aproximamos daquilo que os membros da tribo dos senoi<sup>4</sup> fazem. Eles trabalham com os sonhos durante o dia, realizando-os através de uma espécie de teatro. Há escolas que esculpem, fazem figuras, pintam os sonhos... Dessa maneira, as pessoas introduzem os sonhos na vida real, não é mesmo?

4. Povo das montanhas da Malásia Central cuja base cultural se assenta sobre os sonhos. (NT)

*Os sonhos podem ensinar sobre a verdadeira natureza da vida?*

A própria vida nos ensina sobre a sua verdadeira natureza. E a verdadeira natureza da vida é uma mescla de sonhos e vida, porque toda vida é sonho! Calderón já dizia isso, com o nível altíssimo de consciência que tinha para o tempo dele. Quando você vive o agora, aquilo parece real naquele momento, mas, uma hora depois, aquilo permanecerá na memória e as imagens da memória têm exatamente a mesma qualidade que as imagens de um sonho.

Poderíamos dizer que embarcamos num sonho e tudo o que vemos durante a viagem vai se infiltrando no mundo dos sonhos, transformando-se em sonho. Mas o que acontece com os sonhos? Acontece o contrário: sonhamos e esses sonhos vão sendo introduzidos na nossa vida real, assim como a realidade vai se transformando em sonho. Tudo o que é sonhado acaba se transformando em realidade.

*Você diz que as pessoas que já morreram e que vivem em algum lugar da nossa memória podem ser acessadas para nos dar ajuda e conselhos...*

Em algum lugar em nós, existe uma mente coletiva, um inconsciente coletivo. Neste inconsciente coletivo deve haver uma região dos mortos. Algumas culturas chamam esse lugar de "inferno".

*A consciência que você adquiriu da magia também lhe chegou através dos sonhos, não é verdade?*

Nos sonhos lúcidos posso mudar algumas coisas com a minha vontade, mas só até certo ponto. Não posso mudar tudo, mas apenas uma parte do sonho. Com a magia acontece a mesma coisa: pode-se efetuar mudanças na realidade, mas não se pode mudar toda a realidade.

## II

**A** arte e a poesia são fundamentais como base para a sua terapia, não é mesmo?

Acho que todo o ser humano deveria dedicar meia hora do seu tempo todos os dias para fazer poesia, sem se preocupar se o que escreve é bom ou ruim, se vai ter êxito comercial ou não. A poesia deve ser uma constante na vida como depuração do ego... Todos os dias nós deveríamos realizar um ato gratuito, uma pequena coisa que sirva para os outros, como dar

um chocolate a uma criança, coisas simples. Eu cheguei às raíais da depravação na busca da bondade. Às vezes eu coloco um bilhete de loteria no bolso de um mendigo adormecido para fazer com que ele acredite na sorte. Invento milagres. Mesmo não acreditando em milagre, sempre é possível se fazer pequenas coisas para ajudar os outros.

Este quarto está cheio de cartas de agradecimento nas quais as pessoas me perguntam o que eu quero como retribuição pela ajuda que lhes dei. Eu respondo que não quero nada, porque minha ajuda é dada de graça. Tudo o que faço é em função de ter tempo para dedicar-me aos outros.

*O que você costuma usar durante as suas consultas?*

Faz trinta anos que trabalho sempre com harpas celtas como música de fundo, elas produzem um efeito meio hipnótico. Se eu não estou muito inspirado, perfume as solas dos meus sapatos ou desenho um eneagrama<sup>5</sup> na planta dos pés com um pincel embebido de mel. Nos momentos de seca criativa, pinto meus testículos de vermelho com uma tinta vegetal.

*Você diz que a arte tem o poder de curar. Como ela faz isso?*

A arte cura porque tudo o que existe para ser curado é a doença de não sermos nós mesmos e de não estarmos no presente. Há uma frase hassídica que diz: “Se você não é você, quem é você? Se você não está aqui, onde você está? Se não for agora, quando será?”. Se você for capaz de resolver a questão de quem você é aqui e agora, então você estará sendo você mesmo e estará curado.

*Então fazer arte é conhecer-se a si mesmo?*

É, mas conhecer-se a si mesmo é conhecer a humanidade e o universo. É passar do singular para o plural.

*Você poderia explicar isso?*

Pense na doença como uma falta de consciência. Ela surge a partir da ruptura dos laços de união com o mundo. A doença é a ausência da beleza, e a beleza é união. A doença é falta de consciência e a consciência é união consigo mesmo e com o universo.

5. Diagrama simbólico que consiste na reunião específica de nove pontos distribuídos uniformemente num círculo. (NT)

*Você pode citar artistas que tenham conseguido uma cura completa?*

A arte sublime é a coisa mais difícil do mundo. Pouca gente conseguiu fazer isso. Mas eu poderia citar René Daumal, que aprendeu sânscrito, foi aluno de Gurdjieff e se realizou. Garcia Lorca é um caso contrário: não conseguiu e não soube fazer. *Poeta em Nova Iorque* é um caso de dar dó.

*Você disse que uma literatura que não serve para curar não tem razão de existir. Mas ela não cura apenas o autor? Não será o caso que a arte tanto possa curar alguns quanto adoecer outros?*

Você me faz lembrar um desses artistas que vivem dizendo que este mundo não vale nada, que é uma porcaria, que não chegamos a nada, que Deus está morto e todas essas coisas. A má literatura é assim: é mostrar o umbigo, é dizer como foi tomar o seu café com leite de manhã enquanto tudo o mais em volta é só desgosto e podridão. Enquanto o mundo está morrendo, eu tomo o meu café com leite ou realizo meu mesquinho ato sexual. Isso parece antiquado. Temos que atravessar a cortina da neurose. Eu, por exemplo, confesso que não consigo ler Proust. Ele é doente demais para mim e pode me contaminar com a sua neurose. Diante de tanta neurose, por que eu tenho que ler outros doentes? Hoje em dia, Kafka anda à solta por todas as partes. Eu jogo uma carta e dou com Kafka numa agência dos correios — um funcionário cheio de problemas.

*Quais os escritores e pintores que você deixaria fora disso? Qual é a sua galeria de arte da cura?*

Que pergunta! Ela traduz a mesma idéia que perpassa o campeonato de boxe que se instaurou em arte, onde se tem que dizer qual é o melhor quadro, o melhor livro, a melhor música, etc. Eu não vejo a vida assim.

O que eu vejo em arte são estruturas. Por exemplo: no cinema, antes de perguntar qual é o melhor filme, eu tentaria ver o gênero, seja ele um *western* ou um drama. Minha casa está cheia de *westerns*. Entre outros autores, você encontrará historinhas de Silver Kane em minha biblioteca, e mais histórias em quadrinhos entre livros de filosofia oriental, de sufismo, Cabala, magia, alquimia, psicanálise... Sou um homem do meu tempo e em meu tempo existe a Internet. Já não é mais possível falar da obra pessoal, pois já temos um volume enorme de obras por segmentos e não por autores. A Internet revolucionou tudo isso. Por mim, eu teria muitas bibliotecas. Meu ideal como ser humano é o velho sonho: todos os livros

da história da humanidade, todos os quadros da história, todos os filmes, músicas, esculturas, etc.

*Você incluiria nisso a arte que não é capaz de curar?*

Mesmo que ela não cure — porque isso já é outra coisa —, diverte. Uma pessoa sã pode ler Cioran ou Houellebecq e divertir-se muito. Mesmo eu não fazendo esse tipo de literatura que, aliás, já está totalmente superada, mas é isso. A pessoa pode passar de Kafka a Castaneda e continuar o seu desenvolvimento. Do mesmo modo que o homem vai passando de um nível de consciência para outro, a arte também vai mudando de um nível de consciência para outro. Isso é um processo coletivo e não individual. Eu não posso dizer que Leonardo foi o maior pintor do mundo. Tudo o que eu posso dizer é que ele alcançou um nível de consciência diferente dos outros, mas, como indivíduo, ele só poderia chegar até um certo nível. Se você olhar bem, as máquinas dele não tinham motor porque ele não tinha energia. Essas máquinas maravilhosas não tinham o essencial, que é a energia. A energia que elas usavam era precária e escassa, à base de pressão e água. Leonardo não conseguiu resolver esse problema. Seus limites estavam estabelecidos pela humanidade da época, cuja natureza é coletiva, você entende isso? Se alguém me fizesse a clássica pergunta: “Qual o livro que você levaria com você a uma ilha deserta?”, eu responderia que levaria um computador conectado com a Internet, é evidente.

### III

**P**ara você, qual é a finalidade da linguagem? Como entendê-la e torná-la útil?

Antes de qualquer outra coisa, a linguagem é uma atividade corporal relacionada com a natureza do sistema nervoso. Penso que nós deveríamos ser capazes de produzir uma linguagem que seja bela e poética. Uma linguagem sã. As doenças mentais, assim como as doenças do corpo, refletem-se na maneira de falar. Há palavras que são dementes, doentes, tuberculosas ou cancerosas; palavras que não são naturais, e sim violentas e criminosas. A doença e a linguagem doentes se retro-alimentam e se tornam destrutivas.

Além disso, nós transmitimos doenças e descemos a níveis de consciência inferiores através da linguagem. Os níveis de consciência de linguagem coincidem com os do ser humano. Assim como o corpo humano

foi evoluindo, a fala também o fez. Se não desenvolvemos nossa própria linguagem, usaremos uma forma e um conteúdo que não nos corresponde. Se usarmos um vocabulário doente, que não é o nosso, vamos sendo minados e ficamos cada vez mais fracos.

*Como é o caso das expressões inconvenientes, chulas, grosseiras...*

Se você se refere aos palavrões, devo dizer que os palavrões são simpáticas doses revolucionárias que servem para romper os padrões familiares, sociais e outros de todos os tipos. Quando dizemos um palavrão, temos uma sensação de liberdade e, no entanto, ele reduz nosso nível de consciência. De início, o palavrão parece útil como forma de liberação, mas na verdade não é. A primeira impressão é a de que ele é revolucionário, mas de fato ele não leva a mudança nenhuma. É assim como o *argot*<sup>6</sup>. As pessoas vão deformando a linguagem através do *argot*, que no começo pode ser útil na medida em que estabelece fortes relações de identidade de grupo, mas que faz decair o nível de consciência. A única linguagem que eleva o nível de consciência é a linguagem sublime: a da arte e a da poesia.

*Pelo que você diz, é preciso criar uma nova linguagem para poder ver o mundo de uma maneira diferente. O que devemos mudar na nossa linguagem para mudar a nós mesmos?*

Estou trabalhando em um livro de definições que se chama *Intelectualmente correto*. Nós pensamos mal e por isso precisamos trocar alguns conceitos por outros. Eu comecei mudando as seguintes expressões:

- Nunca *por* bem poucas vezes.
- Sempre *por* constantemente.
- Ladrão *por* alguém que se apropriou de algo alheio.
- Infinito *por* extensão desconhecida.
- Eterno *por* fim impensável.
- Você é meu mestre *por* ensina-me a aprender de mim mesmo.
- Quero fazer *por* estou fazendo coisas inúteis.
- Quero ser *por* desprezo a mim mesmo.
- Dê-me *por* permita que eu pegue.
- Imite-me *por* não respeito você.

<sup>6</sup> Linguagem comum a pessoas que compartilham certas características. (NT)

— Minha mulher *por* o ser com o qual eu compartilho a minha vida.

- Minha obra *por* o que eu recebi.
- Você é assim *por* eu percebo você.
- O meu *por* o que tenho agora.
- Morrer *por* mudar de forma.

Estou fazendo este livro a partir do que ouço as pessoas dizerem pelo caminho, vou criando atalhos na linguagem. Também estou trazendo definições que rompem com as que já existem. Todas elas se definem pela sua própria negação:

- Felicidade é estar cada vez menos angustiado.
- Decisão é estar cada vez menos confuso.
- Valentia é ser cada vez menos covarde.
- Inteligência é ser cada vez menos bobo.

É assim que começamos a compreender as coisas de outro modo. Acho que temos que trabalhar a linguagem desta maneira porque estamos caminhando para uma catástrofe pela simples falta de entendimento. Então temos que substituir alguns termos da nossa linguagem:

- Início *por* uma continuação de.
- Dia lindo *por* hoje estou bem disposto.
- Fracassar *por* mudar de atividade.
- Eu sei *por* eu acredito.
- Sou o culpado *por* sou responsável.

*Como as Belas Artes podem aumentar o nosso nível de consciência?*

A explicação disso está na sua própria definição: belas artes e criação artística. A beleza é o limite máximo ao qual a linguagem pode nos levar. Nós não podemos chegar à verdade, mas podemos nos aproximar dela através da beleza. A verdade não está na linguagem. A beleza é o que os iniciados chamam de "o esplendor da verdade". Esse é o máximo a que o ser humano pode chegar.

*Então isso significa que a fealdade corresponderia, ao contrário, ao nível mais baixo de consciência?*

Quando dizemos beleza, falamos de fealdade; quando dizemos luz, falamos de sombra. São opostos. Quando citamos um, já estamos falando do outro. Devo dizer que muitas vezes procurei um conceito antagônico à beleza para definir a fealdade... Através deste sistema de opostos, eu falava do bem e do mal, do belo e do feio. Passei por tudo aquilo e no final fiquei com dois conceitos-ferramenta: útil e inútil. Útil é todo aquilo que nos ajuda a chegar a níveis de consciência mais elevados; inútil é tudo aquilo que nos rebaixa o nível de consciência, repercutindo em nosso sistema nervoso, trazendo depressão e autodestruição. O ataque à nossa própria saúde conduz à destruição dos demais. No entanto, o nível de consciência mais alto conduz à euforia de viver e ao desejo de imortalidade, eternidade e infinito. A morte é individual, e saber disso ajuda a compreender o mundo. A negação da morte é a negação do individual.

## IV

**E**ntão é preciso estar embriagado para suportar a vida? A embriaguez produz uma grande alegria emocional, mas o alcoolismo é horrível. Pode acontecer de bebermos esporadicamente, como forma de escape ou diversão, mas isso não é necessário. Acho que gente inteligente tem que abrir as portas da percepção, mas não é preciso fazer como Timothy Leary, que transformou seu mundo em embriaguez, transformou-se num viciado e morreu drogado, fora de si.

Uma coisa é romper com seus próprios limites, e outra, evadir-se. Não recomendo a evasão a ninguém, não faço apologia dessa embriaguez escapista. Não recomendo nem mesmo *marihuana*, porque é como um *prozac* generoso, um calmante, mas não é bom ficar sedado o dia inteiro.

*E experimentar cogumelos pelo menos uma vez na vida?*

Isso já é outra coisa. A experiência que isso produz aproxima você da metafísica e da mística. Quando se fuma *marihuana* pela primeira vez, os sentidos também se abrem: você come melhor, cheira melhor, sente melhor a música. Mas basta uma ou duas vezes para aprender. Caso contrário, acaba-se criando um exército de bobos sensuais e preguiçosos que se sentem gênios, assim como o alcoolismo acaba tornando as pessoas violentas, e isto não é muito útil.

*Será que você teria chegado onde chegou se não tivesse tomado substâncias alucinógenas?*

Eu não cheguei a lugar algum. Aonde eu cheguei? (Ele se levanta e dá um giro em torno de si próprio.) Isso não é chegar. No meu caso, num certo momento, precisei tomar, por volta dos quarenta anos, quando eu estava trabalhando na *La montaña sagrada*, onde eu interpretava um mestre. Eu precisava saber como era a mente de um sábio. Eu não tinha essa mente, eu percebia os meus limites. Então eu contratei um guru, Oscar Ichazo, que foi um dos criadores da moda do eneagrama e mestre de Cláudio Naranjo. Paguei dezessete mil dólares para que ele me guiasse em uma viagem de LSD. Era um ácido puro, um pó que ele dissolveu em suco de laranja. Uma hora depois, ele me deu um cigarro de *marihuana*. A primeira viagem durou oito horas, depois disso, fizemos outra. Foram duas sessões nas quais aprendi muito e rompi meus próprios limites. Eu acredito que estas experiências não devem ser feitas por diversão e nem em companhia de gente que não tenha alcançado um nível de consciência mais elevado. Pode ser que durante a viagem você possa ver gente assim como demônios.

É por isso, então, que tomei esse tipo de droga. A consequência foi que ela abriu minha mente e isso serviu para me mostrar até onde eu poderia ir. Gurdijeff dizia que as drogas são para isso mesmo: você está no porão de um edifício e a droga faz você subir à cobertura de uma só vez. Você está no subsolo e isso faz você saltar cinquenta andares. Você vê todo o horizonte, toda a cidade e, quando você volta, percebe que, para voltar para cima outra vez, você tem que subir cada andar por você mesmo, sem drogas.

*É como no mito da caverna, porém podendo ir mais além.*

Sim. Mas, neste caso, subindo pelo seu próprio esforço, sem LSD. É poder ver sem o auxílio do LSD, isso pode ser feito. Se não for assim, não tem validade.

*No Ocidente, não há um marco cultural de referência para o uso dessas substâncias. Por exemplo, os cogumelos aqui são consumidos dos modos mais grosseiros, em festas, sem referência, sem objetivo. No seu caso, quem os forneceu a você foi Maria Sabina, a pequena xamã...*

Ela os enviou para mim através de uma pessoa chamada Francisco Fierro, que era assistente dela. Ele sabia quando eu os deveria tomar, como vomitar e o que fazer durante a viagem e tudo mais. Mesmo sem a presença dos deuses, essa experiência pode ser iniciática. Isso porque é

você que tem que fazer a viagem, sem se deixar guiar por alguém ou algo externo, por alguém que lhe imponha seus arquétipos, isso porque, entre outras razões, na sua viagem, os seus arquétipos estão dentro de você.

*Há os que praticam cultos sincréticos com a ajuda da ayahuasca e outras substâncias.*

A *ayahuasca* não precisa ser misturada com crendices e coisas desse tipo, assim como nenhuma outra droga. A *ayahuasca* tem que ser tomada tranquilamente, sem rituais, porém tem que ser guiada por alguém que a conheça, assim como todas as drogas psicodélicas.

*Quer dizer então que estas substâncias têm de ser tomadas com alguém que as conheça, mas que não projete nenhuma forma de cultura religiosa ou qualquer outra coisa de seu próprio interesse, projetando sua história pessoal sobre os outros...*

Isso mesmo, com alguém que tenha desenvolvido seu espírito e que atue como guia, mas, sem impor seus conceitos durante a experiência. Alguém que indique a saída para a angústia. Eu estava viajando com Oscar Ichazo quando, de repente, o telefone tocou. Eu estava em plena viagem e ele me disse: "Responda" — "Mas como?", eu lhe perguntei. "É possível estar em dois mundos", ele respondeu. Atendi o telefonema, conversei normalmente e continuei a viagem. Esse é um bom guia.

Isso pode ser feito. Qualquer pessoa pode estar em dois mundos: um que se chama real e o outro. Essa é uma grande lição que só um mestre pode dar. Esse é só um exemplo do que podemos aprender com uma viagem.

*Ou seja, a substância fez você se abrir para o conhecimento...*

Foi um passo importante para mim. Recomendo que as pessoas façam isso pelo menos uma vez na vida, porém, com orientação. Eu observei minha mulher, Marianne, que tinha seus limites espirituais, apesar de falar seis idiomas, ser uma jovem universitária, exatamente por ter recebido uma educação francesa racionalista. Ela queria seguir o caminho do tarô e eu lhe disse que era preciso se libertar desse cárcere do racional e que uma experiência psicodélica poderia ajudá-la a fazer isso. Então eu fui com ela para a Holanda. Aluguei um quarto cuja janela abria-se para o céu e, quando era umas duas ou três da madrugada, fiz com que ela ingerisse uns

cogumelos para que o efeito começasse à luz do amanhecer. Eu a guiei. Fui marcando o caminho para ela e isso foi uma experiência decisiva na vida dela. Se eu tivesse me aproveitado da viagem dela para seduzi-la, ela teria perdido tudo o que aquela experiência poderia ter trazido para ela.

A *marihuana*, inclusive, deveria ser tomada como uma coisa iniciática, como o álcool nas festas de Baco. A experiência do ágape faz parte de uma cultura que nós perdemos.

*Que estranho processo é esse que faz com que essas substâncias sejam capazes de romper limites?*

Nós nos acostumamos a viver num mundo linear, numa construção cúbica e racional e por isso somos obrigados a romper com esses limites em algum momento. Muitas vezes, nós não conseguimos fazer isso, exatamente porque nossa mente nos aprisiona. Por isso nós temos que viver uma experiência na qual nossos mecanismos de percepção nos façam mergulhar na exploração de outros mundos.

Os xamãs eram uma gente primitiva, mas agora somos nós que queremos ingerir cogumelos à nossa própria maneira, não com os rituais deles. Eu não vou tomar nada com um xamã, à antiga. Para quê? Para tomar *ayahuasca* e cantar para a Virgem Maria ou para a serpente? Que importa isso? Alguns seguidores da terapia *gestalt* punham discos de Wagner para tomar *Ketamina*. Ora, não, por favor!

Quando você toma uma dessas substâncias, deve estar na natureza, aguardando a luz do dia, com a menor interferência possível. Basta um mestre que lhe diga para ir por aqui ou por ali. Uma ou duas ingestões é o que basta para que o cérebro se abra o suficiente para toda a vida.

Na verdade, não é uma questão de drogas. Uma experiência com cogumelos não é como consumir drogas. Eu tinha um frasco com um pó de cogumelo e resolvi dá-lo a umas pessoas queridas porque achei que era melhor que fosse eu a oferecê-lo ao invés de qualquer imbecil numa festa fortuita onde se pode fazer qualquer bobagem.

*Imagino que estas substâncias devem ser sagradas para você.*

Espere aí, não vamos cair na armadilha da ideia de "sagrado". Tudo pode ser sagrado para um santo, até excremento de cachorro, enquanto para um cidadão normal não é "sagrado", mas talvez "útil". É melhor dizer que estas experiências mudam de função e de resultado conforme os níveis de consciência de quem as vive. No início, as substâncias psicodéli-

cas foram tomadas por xamãs com um nível de consciência superior ao da tribo. Minha tese é a de que elas devem ser tomadas somente por aqueles que tenham um alto nível de consciência. Há pessoas com um nível de consciência quase animal que pode se perder ou acentuar sua tendência doentia com essas substâncias. É preciso ter muito cuidado, não só na hora de ver para quem dar, mas também para decidir com quem tomar. Eu tenho uma frase que pode resumir tal situação: "Eu não sei para onde vou, mas sei com quem vou". Não se deve percorrer este caminho com pessoas que não sejam capazes de absorver a vivência, pois elas podem arrastar você com elas, tirando-o de sua própria viagem. Se você der drogas para soldados, poderá transformá-los em assassinos. Se você der drogas para um santo, ele poderá operar milagres. É preciso ter muito cuidado com isso. Não vamos pensar, como pretendiam alguns, que jogar LSD nas fontes de uma cidade vai fazer a sociedade melhorar. Isso seria uma calamidade pública.

Por exemplo, a *ayahuasca* caiu na mão de pessoas de mentalidade romântica e infantil que a transformaram em religião. Grave erro. Os baixos graus de consciência desbaratam sistematicamente essas energias. Mas está claro que num certo momento, quando se faz parte de uma sociedade racional como a nossa, é preciso que as pessoas de responsabilidade tenham uma experiência que as façam saber que existe algo além do racional.

*Mas talvez existam pessoas que não precisam disso...*

Claro. Eu agora não preciso mais disso. É como estar dentro dos sonhos, e eu já estou neles. Qual é a vantagem de ter alucinações com coisas que eu já conheço? A experiência é bonita, concordo, mas o que eu vou encontrar aí? Isso é útil quando você sente que tem uma limitação e então você faz uma viagem para conseguir superá-la. Quando a pessoa tem um nível baixo de consciência, ela fica assustada quando descobre que tem um limite, fica chocada e chora quando percebe isso. Quando a pessoa tem um nível mais alto de consciência, a única coisa que ela quer é que alguém diga para ela onde estão os seus limites para poder vencê-los, e fica profundamente agradecida por poder melhorar. As pessoas com baixo nível de consciência andam em busca de alguém que confirme os seus valores, enquanto que a pessoa com alto nível de consciência busca alguém que lhe mostre seus defeitos, para poder superá-los.

## V

**V**ocê poderia explicar o que o tarô realmente é?

O tarô é uma máquina metafísica. É um organismo de imagens e formas muito difícil de resumir, uma das primeiras linguagens visuais da humanidade. O tarô tem 22 arcanos maiores. Se foi possível escrever Dom Quixote com o alfabeto espanhol, imagine o que se pode fazer com 22 cartas, às quais se somam outras 56, dos arcanos menores.

O tarô obedece a um princípio de projeção visual. É como um espelho que proporciona o desenvolvimento, conforme você vai aumentando a visão que tem de si mesmo. Eu uso o tarô, tanto com os outros quanto comigo mesmo, como um instrumento que nos faz ver este espelho que nos traz uma compreensão maior de nós mesmos. Se, por exemplo, eu pergunto para ele: “O que é rezar?”, ele me responde. “O que é o amor?”, ele me explica. “Quem sou eu?”, e aí o que aparece é você. O tarô fala sobre o inconsciente do consulente e, se ele pode ajudar, ele ajuda. Ele serve para curar.

*Então o tarô pode ser usado para tudo, menos para prever o futuro.*

Quando as pessoas se interessam pelo futuro e me perguntam, por exemplo: “Vou encontrar um homem?”, eu lhes respondo: “Isso eu não vou dizer porque posso influenciar você, o que posso explicar é por que até agora você não encontrou um homem”. “Vou ganhar dinheiro?”, elas querem saber, e o que eu mostro para elas é por que não ganham dinheiro. “Devo morar em Madri ou em Barcelona?”, um outro me coloca, quando o que importa é saber por que é difícil decidir isso. Eu coloco tudo no presente.

A verdade é que eu não acredito no futuro e isso é uma coisa sobre qual eu nem quero falar, porque o cérebro tende a obedecer às predições. Para a pessoa que tem um pouquinho de fé, se você diz que ela vai quebrar a perna, ela quebra.

Às vezes o que acontece é que, quando nas mãos de pseudotarólogos, essa grande máquina mágica do tarô fica reduzida a um instrumento de ver o futuro. Eles o transformam num objeto. É um verdadeiro crime que eles não saibam que o tarô é uma obra de arte sagrada.

*Você disse que, para ler o tarô, é preciso se distanciar do consulente para não interferir em nada na vida dele.*

Sim e não. Para ler o tarô é preciso estar totalmente identificado com o consulente, porém, sem interferir nas suas questões. É preciso respeitá-lo, sem intenção de influenciá-lo ou usá-lo para o que quer que seja.

Eu sempre li gratuitamente o tarô — com exceção de alguns meses, no começo, porque eu tinha que ganhar a vida — e isso não porque eu fosse generoso, mas porque o tarô é algo útil para os outros. Se eu cobro, isso faz com que eu o desvirtue e não o explore em tudo o que ele pode dar em profundidade. Ler o tarô é fazer o bem, é fazer arte.

*Ou seja, o que você faz com o tarô é “consultar o consulente”.*

Isso mesmo. É como um contador *Geiger*. Ele diz para você o que se passa, o que acontece, como está aquela pessoa. Ele diz o que a pessoa é. E, às vezes, quando existe uma dúvida ou é preciso escolher alguma coisa, ele dá uma resposta. O tarô esclarece, ele mostra a intenção do consulente e ajuda a descobrir o que ele traz consigo.

*Como é possível entender o que o tarô diz?*

No começo, quando eu estava desenvolvendo a telepatia, eu tentava adivinhar. Mas logo passei simplesmente a ler o que o tarô mostrava, o que não me impede de tentar ver como a pessoa é, como está a sua saúde, seus sentimentos, sua sexualidade ou a sua vida intelectual. Eu aceito o consulente com os limites que ele tem, eu ouço a voz dele, percebo o odor do seu hálito e, às vezes, eu toco nele. Eu capto tudo o que posso antes de jogar as cartas para ele: vejo como ele embaralha as cartas, como ele se movimenta, como age, como fala.

## VI

**A**o longo da história da humanidade, a metáfora da transformação pessoal assumiu diferentes formas. Uma delas foi a magia. É possível existir a magia sem a superstição?

A magia não é superstição, a magia é a natureza do mundo. O mundo não é lógico nem racional, ele é mágico, e existe uma estreita união entre todos os acontecimentos, por isso eu dei o nome ao meu livro de *A dança da realidade*, porque todos os acontecimentos estão ligados, unidos; o tempo não é linear, os efeitos algumas vezes surgem antes das causas, existem mistérios... Setenta por cento do mundo é incompreensível para nós,

assim como o chipanzé não compreende noventa por cento do mundo. Falta muito para aprender. A realidade é milagrosa, é mágica. Ela obedece a princípios que não são científicos. A realidade não é científica.

*E quando nós não compreendemos essa natureza do mundo, então criamos superstições...*

Exatamente, e acreditamos em coisas que não existem por pura necessidade.

*A magia atua sobre a realidade ou sobre a nossa maneira de ver o mundo?*

Em magia, se existe consciência, você pode ver metáforas, analogias: para que chova, o xamã tamborila com os dedos na terra. Se você é mais evoluído, acaba percebendo que, num certo nível, isso funciona porque esta analogia é útil. O inconsciente aceita as metáforas, e, quando você conhece as leis do inconsciente, você percebe que a magia usa essas leis. A magia trabalha com o inconsciente.

Refiro-me ao inconsciente da realidade, não do nosso pequeno inconsciente. Por ser misteriosa, a realidade mostra que existe um inconsciente pessoal, um familiar, um grupal, um do planeta, um do universo... A realidade é assim. O mundo tanto é o manifesto como o não manifesto. O mundo tanto é o que é como o que não é. O mundo é o que se nos apresenta e também as infinitas outras formas que não vemos.

Uma pessoa é uma consciência imortal, uma reprodução exata do universo. O seu inconsciente é uma partícula e, ao mesmo tempo, a totalidade do cosmos. Digam o que disserem sobre a sua carne efêmera, na integração com a consciência divina, você é imortal. No entanto, para alcançar este estado, é preciso ter a humildade de apagar a sua individualidade pessoal e tornar-se apenas um canal. Porém, se você se coloca como um ser todo poderoso que tudo sabe, então será um farsante. Por mais que eu tente ser mais do que eu sou, não sou mais do que sou. É preciso estar consciente do que se é. O maior poder que se pode ter na vida é o poder de ajudar, e o maior benefício que o homem pode conseguir é o de viver em paz. Existe o mistério e ninguém o domina. Eu cheguei a ver pequenos milagres telepáticos e a cada dia que passa eu os vejo ainda mais e maiores, mas não estou à altura das lendas: "O mestre olhou para a pessoa e soube o nome e a data do nascimento dela". Não chego a isso, mas chego a outras coisas. A telepatia existe, eu posso afirmar.

*Como você definiria a magia negra em comparação com a magia branca?*

A magia negra é uma magia doente que quer tirar proveito da natureza do mundo. É uma magia inútil porque se volta para a destruição. Ela existe apenas para quem acredita nela. Abrir essa porta pode ser muito perigoso para uma pessoa.

*Como você explica a existência de uma magia branca e uma magia negra?*

O espírito tem raízes profundas e altos ramos. Você tanto pode mergulhar no negativo mais profundo, na obscuridade, quanto pode elevar-se até a luz. Tudo é uma questão de escolha. Mas eu não quero falar da magia negra porque, como já disse, isso é uma coisa doentia.

*A tecnologia não é uma forma de magia aplicada?*

Nós não sabemos o que ela é, sabemos apenas que funciona, assim como também não sabemos qual é a energia que move o universo. Nós ainda não conhecemos isso. Nós podemos intuir como o mundo funciona e damos a isso vários nomes, inclusive Deus. O que não conseguimos entender, nós chamamos de magia, mas, na verdade, essa é uma das funções do que é mágico. Estamos falando de um uso da magia, mas não sabemos exatamente o que é. Nós não controlamos, ainda não somos capazes de fazer isso.

*Quais são as leis da magia?*

São quatro: querer, ousar, poder e calar. Por "calar" eu entendo "obedecer". A força em repouso é a maior força que existe, por isso às vezes eu conto essa história iniciática na qual o homem mais forte do império chinês faz uma demonstração da sua força tirando uma borboleta de uma caixinha e dizendo: "Sou tão forte que consigo pegar uma borboleta pelas asas sem machucá-la". Isso é calar.

O conhecimento só pode se manifestar quando solicitado, caso contrário, nós temos que nos calar. Uma coisa é dar, outra é obrigar que o outro receba...

*E como se pode entender o "querer, ousar, poder e calar"?*

"Querer": se você não quer, não se desenvolve. Há pessoas que não querem ser curadas. Os evangelhos mostram isso quando Jesus pergunta

ao paralítico se ele quer andar, porque se uma pessoa não quer, nem um deus pode curá-la.

“Ousar”: curar-se é enfrentar as mudanças que a cura provoca em você. O paralítico estava inválido há quarenta anos de modo que a cura para ele significava ficar sem dinheiro, pois não poderia mais mendigar. Quando você adoce, na verdade, está chamando a atenção dos demais para que eles cuidem de você, está pedindo carinho. A doença é um teatro de carências. O doente grita pedindo amor. Para se curar é preciso ousar entrar numa nova individualidade, sem saber que direção tomar, porque uma mudança está em curso e, de certo modo, uma nova personalidade.

“Poder”: significa que você está dando conta de uma ação e não lutando com você mesmo, nós não precisamos ser inimigos de nós mesmos. Para ter poder, é preciso ser um e não outro, é preciso não lutar consigo mesmo, porque isso pode desencadear uma grande neurose de fracasso.

“Calar”: significa que, quando você tenta mostrar o que conquistou, o exibicionismo pode fazer você perder tudo. Este é o problema de alguns gurus: eles mostram a santidade e por isso mesmo acabam perdendo-a. O verdadeiro mestre é invisível: não tem flores, nem colares, nem anéis, nem fotos, não tem escola nem discípulos. Para o verdadeiro mestre toda a humanidade é um discípulo em potencial. Imperceptivelmente, ele vai distribuindo benesses e conhecimentos que possam elevar o nível de consciência do outro. Ele não precisa de escola e nem ambiciona ser mestre. Ele é mestre porque obedece a uma vontade universal que é superior a ele.

#### *O que um alquimista faz?*

Primeiro é preciso definir o que é um alquimista: aquele que busca a pedra filosofal, o que transforma os metais vis em ouro, o que busca um dissolvente universal e, por último, o elixir da vida eterna. A pedra filosofal: o alquimista quer desenvolver seus valores internos até o impen-sável, fazer com que seu ser cresça e, graças a isso, através de seu nível de consciência, ele pode alçar outras dimensões.

O elixir da vida eterna é uma pessoa que aceita a sua vida e vive tudo o que tem que viver, sem se autodestruir.

O solvente universal é uma pessoa que desenvolveu o amor divino no seu coração. Só o Amor dissolve todas as resistências.

## VII

### *Por que o riso cura?*

Porque quando rimos é como se nós nos desligássemos da nossa dor ou do nosso tormento. O riso nos distancia dos nossos próprios conflitos e desata os nós. Naquele momento, ele ajuda, abre os diques e traz felicidade por alguns instantes. É tão bom quanto um espirro, que também é rápido e libertador.

### *Os chistes também funcionam assim...*

Mas, não existe apenas um tipo de chiste, e sim uma variedade deles. Há chistes que são agressivos, racistas ou sexuais que são nocivos. As pessoas revelam uma quantidade enorme de doenças com esse tipo de chiste que os liberta da angústia de estar carregado dessas coisas. No entanto, existem certos chistes que nós poderíamos chamar de iniciáticos e que têm um conteúdo metafísico, filosófico, humano: são chistes profundos. Essa maneira de fazer humor sempre foi utilizada nas escolas místicas: os *sufis* contavam histórias sobre o sábio idiota, Mula Nasrudin. Os *rohis zen* também faziam algo semelhante e ainda existe toda uma série de chistes sobre rabinos. Nas escolas iniciáticas, o chiste é um elemento tão importante quanto os textos sagrados.

Parece incrível, mas é assim mesmo e é dessa forma que devemos entender os contos, como os de fadas, que também são preciosos.

### *Mesmo que nossa cultura não lhes dê importância e até os deprecie.*

Sim, porque nossa cultura despreza tudo o que é profundo, como, por exemplo, a cerimônia do chá. O chá era um elemento essencial nas culturas orientais, especialmente na China e no Japão, assim como o café, para o sufismo. Na verdade, hoje, nós tomamos essas coisas a toda hora, mas, na verdade, esses produtos eram sagrados, assim como a marihuana. Quando estive na Holanda, perguntei como eles comiam os cogumelos e eles me responderam que os colocavam nas pizzas. As pessoas comem aquilo sem nenhum significado maior. Nós perdemos o sentido do sagrado.

Não faz muito tempo, as obras de arte que André Breton deixou de herança foram vendidas em leilão público. O interessante é que o melhor ali eram as suas pedras. Breton se empenhava em recolher belos exemplares que para ele eram a maior obra de arte que pode existir. Isso é

a maravilha da arte verdadeira que ninguém ainda conseguiu fabricar. Quando chega a um certo nível de consciência, o homem sente o sagrado em tudo o que o rodeia e, assim, o mundo recupera o sentido. As plantas, as pedras, o chiste, tudo isso é sagrado, as coisas podem ser sagradas. Conheci um xamã que curava a rouquidão com uma infusão de excremento de vaca.

*Você se lembra de algum chiste em especial?*

A cada dia, escolho um como predileto. O de ontem era sobre um homem que ganha na loteria e ao qual perguntam se está contente com os milhões. Ele responde: “Não estou contente, pois comprei dois bilhetes: com um, receberei os milhões, mas com o outro não ganharei nada”. Em vez de ver a alegria da vida, este homem se apega ao que ela tem de negativo.

*Então temos que rir do absurdo do mundo e não acreditar em nada..., mas nem mesmo em nós próprios e em nossas transformações?*

Claro. Existem diferentes humores. O humor negro, que é o distanciar-se do mundo. O humor normal, que é rir do mundo. O humor pânico, que é gargalhar e estar feliz da vida. Não existe um “rir de”, como no humor vulgar, mas um “rir com”, como é o humor surrealista. O humor pânico, que é simplesmente rir de si mesmo: ser feliz em meio ao caos e à destruição. Os chineses chegaram a esse conhecimento inventando a brincadeira de morrer... Um mestre morreu de cabeça para baixo e com os pés para cima, gargalhando. Isso é compreender a existência.

## A Estrela da Vida

### I

**V**ocê acha que podemos escapar da nossa origem ou somos determinados por ela?

Sem dúvida, nós carregamos predestinações do passado, mas temos que ter consciência delas e não simplesmente obedecê-las cegamente. Na nossa existência, sempre podemos escolher qual será o nosso próximo passo. Nossa liberdade consiste nisso e não em nos deixar determinar pela repetição do passado.

*Como dizem algumas tradições, é possível intuir vidas anteriores ou influências que pesam sobre nossas existências?*

Eu não posso falar de vidas passadas. Tudo o que posso dizer é que éramos algo antes de nascer — não sei o quê — e que depois de morrer seremos algo — também não sei o quê —. Isso é tudo o que posso afirmar, o resto não conhecemos. Agora, mesmo que nós imaginemos vidas passadas, não seria possível afirmar que sejam verdadeiras, não há como comprovar isso.

*Para explicar a dor, certas interpretações religiosas dizem que quem nasce cego está pagando por alguma coisa que tenha feito em outra vida, algo como ter tirado os olhos de alguém...*

a maravilha da arte verdadeira que ninguém ainda conseguiu fabricar. Quando chega a um certo nível de consciência, o homem sente o sagrado em tudo o que o rodeia e, assim, o mundo recupera o sentido. As plantas, as pedras, o chiste, tudo isso é sagrado, as coisas podem ser sagradas. Conheci um xamã que curava a rouquidão com uma infusão de excremento de vaca.

*Você se lembra de algum chiste em especial?*

A cada dia, escolho um como predileto. O de ontem era sobre um homem que ganha na loteria e ao qual perguntam se está contente com os milhões. Ele responde: "Não estou contente, pois comprei dois bilhetes: com um, receberei os milhões, mas com o outro não ganharei nada". Em vez de ver a alegria da vida, este homem se apega ao que ela tem de negativo.

*Então temos que rir do absurdo do mundo e não acreditar em nada..., mas nem mesmo em nós próprios e em nossas transformações?*

Claro. Existem diferentes humores. O humor negro, que é o distanciar-se do mundo. O humor normal, que é rir do mundo. O humor pânico, que é gargalhar e estar feliz da vida. Não existe um "rir de", como no humor vulgar, mas um "rir com", como é o humor surrealista. O humor pânico, que é simplesmente rir de si mesmo: ser feliz em meio ao caos e à destruição. Os chineses chegaram a esse conhecimento inventando a brincadeira de morrer... Um mestre morreu de cabeça para baixo e com os pés para cima, gargalhando. Isso é compreender a existência.

## A Estrela da Vida

### I

**V**ocê acha que podemos escapar da nossa origem ou somos determinados por ela?

Sem dúvida, nós carregamos predestinações do passado, mas temos que ter consciência delas e não simplesmente obedecê-las cegamente. Na nossa existência, sempre podemos escolher qual será o nosso próximo passo. Nossa liberdade consiste nisso e não em nos deixar determinar pela repetição do passado.

*Como dizem algumas tradições, é possível intuir vidas anteriores ou influências que pesam sobre nossas existências?*

Eu não posso falar de vidas passadas. Tudo o que posso dizer é que éramos algo antes de nascer — não sei o quê — e que depois de morrer seremos algo — também não sei o quê —. Isso é tudo o que posso afirmar, o resto não conhecemos. Agora, mesmo que nós imaginemos vidas passadas, não seria possível afirmar que sejam verdadeiras, não há como comprovar isso.

*Para explicar a dor, certas interpretações religiosas dizem que quem nasce cego está pagando por alguma coisa que tenha feito em outra vida, algo como ter tirado os olhos de alguém...*

Digamos que isso seja aceitável. Mas então a pessoa de quem tiraram os olhos na outra vida tirou os olhos de alguém numa vida mais para trás que, por sua vez, também tirou os olhos de alguém numa outra na qual foi o carrasco, e assim, todos são culpados e não existem vítimas, ou todos são vítimas e não existem culpados.

*Então você não acredita que seja certo justificar as desigualdades de origem por supostas dívidas cármicas?*

Isso mesmo, porque, além de ser falso, isso também seria antiterapêutico. As coisas não podem ser justificadas pelo destino. Nós estamos marcados pela vida familiar, educacional e sociocultural como algo que carregamos desde que nascemos, mas isso não quer dizer que temos que cumprir um destino. A pessoa vê o mundo de uma maneira diferente se ela fala inglês, espanhol ou francês. Nós somos seres amestrados por uma cultura que formata o nosso cérebro. Para sermos nós mesmos, temos de lutar contra essas imposições.

*Quando a gente lê o que você escreve, tem a impressão de que somos obrigados a nos libertar do estado de condicionamento no qual nascemos...*

Nós não somos obrigados a nada. Seria bom que nos libertássemos, mas não somos obrigados a isso.

*Para nos desenvolvermos, temos que nos desapegar do que nos foi dado?*

Para nos desenvolvermos em qual sentido?

*Quero dizer espiritualmente.*

\* Krishnamurti desenvolveu-se muito, espiritualmente, no entanto, muitos se suicidaram por causa das suas teorias. Não se trata apenas de se desenvolver espiritualmente, precisamos ver aquilo que é interessante para nós. Eu não acredito na espiritualidade, eu acredito na saúde.

*Certo: para sararmos, então, precisamos nos despojar da nossa origem?*

Nós somos como uma lagarta, tudo o que trazemos tem que se transformar para que possamos ser uma borboleta. Não temos que nos desfazer de nada. O que recebemos é um tesouro. Não é preciso castrar ou eliminar uma parte. Temos que fecundar e mudar o que nos foi dado.

*Uma pessoa não pode ser feliz na sua casta ou na sua família, no seu mundo ou com a educação que recebeu e, por isso, querer continuar com o que recebeu?*

Se ele é feliz, então que continue assim. Mas todo mundo tem uma cruz. A minha é a minha, a sua é a sua: tudo o que posso fazer é torná-lo consciente da sua cruz e, a partir disso, você a tira ou não. Isso depende de você.

*É possível nos sentirmos bem com nós mesmos sem mudarmos o mundo e a sociedade?*

Não podemos. Ou, melhor dizendo: então nós seríamos ilhas de perfeição no meio da imperfeição.

*Será que nós não mitificamos a rebelião contra tudo o que nos precedeu num rompante de individualismo radical?*

Eu não usaria a palavra rebelião para falar disso. Se nós pretendemos mudar o mundo, então prefiro falar em "mutação". Se nós queremos mudar a realidade, temos que começar por nós mesmos. Nós não vamos pedir que o mundo nos transforme e nem vamos lutar contra a sociedade. Nós é que temos que mudar a nós mesmos e afirmar nossos próprios valores.

*A religião e os costumes que integram um grupo formam nossa personalidade. Será que há outras tradições melhores do que as que nós temos? Tem sentido mudar de religião?*

Não, não tem sentido. Passar de uma tradição a outra não surte nenhum efeito verdadeiro porque um deus é igual a qualquer outro. Ele é apenas outra caricatura, outra limitação. Nós temos que superar a limitação para conseguir estarmos abertos para a vida. Para conseguir ser místico, nosso século tem que deixar de ser religioso. Haverá um momento no qual todos os seres humanos do planeta terão o mesmo sentimento místico e deixarão de lado as religiões. Eu também não acredito que exista uma religião que seja melhor que outra.

## II

**C**omo encarar “o que os outros dirão de nós”?

Há duas posições: a daqueles que levam em conta “o que dirão” e a daqueles que se preocupam com “o que direi de mim mesmo”. Um bárbaro psicológico pode viver no “que dirão”, mas uma pessoa que tem um nível de consciência mais alto diria: “Isto é o que eu espero de mim, exatamente porque sou consciente”.

Agora, existem vários níveis de consciência. O primeiro é um nível animal que pensa: “Tenho o que tenho”. Vê-se gente na rua que é assim: mercenários, ladrões ou assassinos. Acima desse nível está o nível infantil, onde tudo é uma brincadeira superficial; neste estado não existe consciência nem de infinito nem de eternidade, nem de morte nem de universo. Depois, existe outro nível de consciência adolescente no qual todas as soluções do mundo estão no parceiro, nessa reduzida célula de amor, que é um nível que a maior parte das revistas românticas, as novelas de televisão ou o cinema exploram. Este nível serve para encontrar a felicidade no parceiro e tudo o que vem com ele. Porém, se formos mais longe, podemos chegar ao nível adulto, e é aí que o outro aparece. Ainda assim, existe o adulto egoísta e o adulto com consciência social e planetária. O primeiro explora os mais fracos ou os menos inteligentes, cria indústrias nocivas ou assume o poder político. Isso é nefasto. O segundo compreende que o outro é igual a ele, que é preciso se preocupar com as catástrofes sociais e ecológicas, com o mundo em que todos nós vivemos. Este conhece a responsabilidade.

Mas acima de todos esses existe um nível de consciência cósmica no qual o ser vive no universo inteiro, no espaço infinito, no tempo eterno, na permanência permanente... Nesse nível estão esses grandes temas como o “conhece-te a ti mesmo”. E mais além ainda existe uma consciência divina na qual nós poderíamos conceber essa construção que chamamos Deus.

*Você acredita que é possível chegar a esse nível de consciência divina?*

Sim. E chegar à conclusão, para começar, de que temos de parar de falar em nome de Deus... Temos de parar de pensar que Deus vai arrumar as coisas para nós, e dizer que, se Deus criou mal este universo, nós estamos aqui para refazê-lo. Se existe um Deus, estamos aqui para ajudá-lo. Assim nós nos apoderaremos do mundo e de nós mesmos, faremos o

que quisermos em plena consciência e com plena responsabilidade. Neste nível de consciência divina está a verdadeira arte.

*É possível chegar a níveis mais altos de consciência pelo aprimoramento da personalidade?*

Às vezes o aprimoramento da consciência coincide com o desenvolvimento da personalidade, mas nem sempre. Cada caso é um caso. Uma vez Vittorio Gassman veio me ver. Ele sofria de uma forte depressão e já era um artista célebre. Ao fazer a sua árvore genealógica, vi que, contra a vontade dele, a mãe queria que ele fosse ator, o preço disso foi a dor. Ele adoeceu e sofreu depressões. Era famoso, mas aquela não era a sua vocação. Mesmo sendo um grande ator, isso não lhe servia para nada. Eu recomendei muitas coisas a ele: disse-lhe que fosse à tumba da sua mãe, que matasse um galo e levasse o sangue dele até lá, que untasse o pênis de sangue e penetrasse a sua mulher com fúria. Ele me disse que faria isso se não fosse Vittorio Gassman, mas que, sendo o que era, não podia. Dois anos depois, ele morreu. Eu nunca tinha contado isso antes, mas este é um bom exemplo para mostrar que alguém pode se realizar obedecendo aos outros e inclusive ter êxito, mas se não for feliz, isso não vale nada.

*Nós sempre cumprimos as predições alheias sem conseguir ser o que somos?*

O cérebro tende a se orientar pelas predições, é preciso ter cuidado para não cair nisso.

*Você inclusive costuma falar que as pessoas têm a capacidade de programar a própria morte. Há pessoas que se convencem que vão morrer numa certa idade e acabam cumprindo isso...*

Assim é. Às vezes o cérebro se programa para acompanhar a idade da morte de familiares ou personagens célebres.

## III

**E**ntão somos criaturas disfarçadas em adultos?

Somos velhos disfarçados em crianças, antiquíssimos, milenários. Na nossa pele existem milhares de células com uma memória complexa.

*Dizem que não devemos nos deixar levar pelo roteiro da vida..., mas isso não é tão fácil.*

Muita gente efetivamente se deixa levar pelo que você chama de roteiro de vida. A maioria quer ser como os outros e isso as leva a uma morte em vida. É preciso encontrar o que nos distingue dos outros para chegar a ser algo. Enquanto tentamos ser parecidos com os outros, nos transformamos em zumbis.

Na juventude, é comum desejar viver a vida de outro, viver através do que os outros vivem...

Quando comecei meus estudos de psicomagia, conheci diversos mestres. Um deles foi Oscar Ichazo, que um dia me disse: "Durante um tempo você vai me imitar porque eu lhe dei conhecimentos que você não tinha: eu marquei a sua alma virgem". A alma imita durante um tempo àquele que a despertou, mas, se você é consciente, isso dura muito pouco, e dura muito, se você for ingênuo.

*Para que a vida seja plena, você acredita que seja necessário uma reconciliação com os pais?*

Para mim foi enriquecedor conhecer Goyo Cárdenas, um criminoso serial que matou dezessete mulheres e as enterrou em seu jardim. Ele ficou dez anos num manicômio e depois se tornou advogado e constituiu família. Eu o conheci no jornal *El Heraldo*, tomando um café. Era um senhor muito afável. Eu lhe perguntei como fora ter passado por aquilo e ele me disse que tinha esquecido de tudo e que fora outra pessoa que fizera tudo aquilo.

Ele foi sincero, porque eu acredito que se possa viver muitas vidas em uma só vida, em uma só pessoa e em um mesmo cérebro. Existe a redenção. Ele pagou pela sua culpa e se redimiu. Os valores que Goyo Cárdenas demonstrou já estavam presentes inclusive quando ele era um criminoso. Ele era um anjo numa personalidade desviada. Quando a personalidade desviada se dissolveu, surgiu o anjo. Eu acredito que, com a família, acontece a mesma coisa: ela nos prejudica, é como uma armadilha, encurta a nossa vida, nos atormenta psíquica e socioculturalmente, nos proporciona um nível de consciência limitado, nos tira do nosso ser essencial, nos incute ideias que não são nossas e, a partir do momento em que estamos no mundo, tudo aquilo se dissipa e temos que reconstruir a vida. Perdamos porque não existimos culpados. Geração após geração, cada uma é vítima da anterior. Passamos muitos séculos sendo vítimas, mas chega um dia em que compreendemos que não é mais necessário ter rancor.

Eu cheguei a pensar que meus pais eram culpados por me terem feito nascer. Eu pensava que, tendo me feito nascer, eles também tinham me dado a morte. Eu os culpava por muitas coisas, mas depois entendi a frase de Buda que disse: "A verdade é o que é útil". Então, me pus a pensar e disse a mim mesmo: "Eu era algo antes de nascer e escolhi meus pais porque precisei deles como escola. Os limites que eles me impuseram são os que me fizeram ser o que sou hoje e eu devo isso a eles". Uma árvore retorcida pode dar frutos maravilhosos.

*Você acredita que é preciso "matar o pai", como diz Freud?*

O ato simbólico da morte do pai é absolutamente necessário, mas é preciso fazer isso de modo inteligente, com lucidez e sem rancor. Se você percebe seu pai de uma maneira violenta, é porque não o está matando: você está pedindo amor, porque precisa disso. Mas se você conseguir vê-lo de uma maneira positiva, sem um pedestal e sem ter medo dele, então é porque já não está mais lhe implorando amor para poder existir... É então quando você o mata, quando o faz cair. Mas, uma vez derrubado, ele terá que ser reconstruído e seus valores terão que ser reconhecidos, porque os pais têm valores essenciais, mesmo que sejam monstruosos: eles nos dão vida, deixam sua marca em certas partes do nosso ser e se transformam no motor que nos permitirá ser quem nós somos de uma forma consciente.

Com relação ao pai, temos que aplicar essa máxima da magia operativa que diz: "Dissolve e coagula". Para poder superá-lo, antes temos que dissolvê-lo. Colocar todas as coisas em seu lugar e observá-lo intelectual, física e sexualmente para ver quem ele é. Depois, temos que coagulá-lo, refazê-lo em nós mesmos como nós queremos que ele seja. Temos que realizar um trabalho interior e, depois desta fase, recuperar o pai através da absorção dos seus valores.

*A crueldade de certas crianças ou pré-adolescentes se deve a uma educação que não deu certo? Eles são culpados do que fazem?*

Não existe culpa. O que você chama de crueldade é, na verdade, inconsciência. Um menino não é cruel a menos que esteja doente. Em seu comportamento, ele reproduz o psiquismo da família, assim como os cachorros. Ele é ignorante e copia um ambiente. Existem pais que agem como gurus. Quando um menino é racista, não é o menino que é racista, o pai é que é. Se um menino mata outro menino, os pais são os criminosos. O menino, nesse caso, está possuído. Não podemos falar

de maldade infantil: os meninos não são cruéis, isso é uma lenda; são somente inconscientes e ignorantes. Eles não sabem, apenas reproduzem as condutas dos adultos.

*Dizem que as feridas de família nunca saram completamente.* 22

Certo. Eu acredito que o ser humano não tem apenas condutas animais, mas também vegetais. O animal tem células que cicatrizam e fecham suas feridas. No entanto, se você cortar um galho, ele não volta a crescer: uma ferida vegetal é para sempre e a única coisa que podemos fazer é cobri-la. Por isso encontramos árvores com áreas ocas, que produzem fungos que alimentam o tronco. Nesse sentido nosso coração se comporta como os vegetais. Se nós lhe provocamos uma ferida, ela nunca cicatrizará e ali permanecerá. O que pode acontecer é que novas experiências podem vir a recobrir de vida a ferida.

Eu não me consolo pela morte de um dos meus filhos, mesmo com o passar de vários anos isso continua doendo. Mas ao lado dessa recordação, eu tenho uma vida feliz, mesmo sem consolo. Eu tive a força de criar, ao lado do desconsolo, outros amores, outras obras, outras satisfações. Nós podemos conviver com as feridas.

*Qual o papel que os amigos e outros companheiros de viagem desempenham em nossa vida?*

Eu tive dois amigos de infância que fui reproduzindo ao longo da vida através de outras pessoas e circunstâncias. Os amigos são, nesse sentido, como a família: estão sempre presentes. Pertencer a uma mesma geração é um vínculo semelhante. Estamos todos viajando num mesmo avião, somos passageiros de um mesmo trem. Eles são muito importantes porque somos seres gregários e não homens-lobo. Considero a amizade e o encontro com os outros fundamentais. Para saber que uma amizade é enriquecedora temos que saber por que a cultivamos. A amizade é criar algo juntos.

*A juventude está cheia de preconceitos que, com o tempo, vão sendo superados?*

A pessoa não descarta as etapas pelas quais passa à medida que envelhece, pelo menos é isso que a experiência me indica. A criança sempre permanece, o adolescente permanece, o jovem permanece, o adulto per-

manece... Conforme vai crescendo, a pessoa vai se transformando num grupo de seres e personalidades que se somam, porque onde existe continuidade, não existe separação.

Não são os preconceitos que permanecem ao longo da vida, e, sim, as crenças. Eu me lembro que aos 30 anos fiz uma coisa fundamental: peguei um caderno e disse a mim mesmo: "Vou escrever todas as ideias que tenho na cabeça. No que eu acredito?". E então eu escrevi. Fiz isso para tirar essas ideias, como se tirasse piolhos. Em seguida, disse para mim mesmo: eu não sou estas ideias; eu me valho delas, pois são úteis para mim, mas elas não são eu mesmo.

O jovem às vezes acredita que o que ele pensa é ele mesmo, assim como há pessoas que pensam que o carro ou os sapatos são elas mesmas. Mas as ideias não são como as camisas. Elas não são a pessoa. O jovem pode se enganar, mas, com o passar do tempo, as coisas vão se dissolvendo e o que resta é o que importa, o ser essencial.

*No começo da juventude surgem os primeiros ídolos da música ou da mídia. Eles são necessários ou restringem o nosso desenvolvimento?*

Para alguns, eles são necessários. Eu não tinha ídolos, mas me tornei muito amigo do poeta Nicanor Parra, que era mais velho que nós e que era fundamental para o nosso grupo. Às vezes nós precisamos de mestres ou guias, embora, no meu caso, o que tenha me salvado tenha sido a arte. Eu era artista e tinha que fazer meu nome e minha obra e, portanto, não podia me entregar cem por cento a outras pessoas e nem às obras delas. Mesmo assim, eu procurei mestres e estive com mestres.

*Eu não estou me referindo apenas a mestres espirituais, mas também aos mitos da mídia que os jovens querem imitar.*

Eu nunca cheguei a tanto, felizmente. Para certas pessoas eles são necessários, porque nós carecemos de mitologias e o cérebro funciona a base de mitologia inconsciente. Lamentavelmente, os atores de *Hollywood* são os substitutos dos deuses pagãos. Os futebolistas ou os cantores fazem parte do mesmo fenômeno. Eles têm seus seguidores e podem ser úteis num dado momento, mas eles não são essenciais e não existe a obrigação de tomá-los como modelos.

*O que se deve fazer para que um jovem ou um filho entenda a vida?*

Minha família poderia responder isso melhor do que eu. Quando meu filho Cristóbal tinha oito anos, eu o levei para assistir uma operação de Paquita e o fiz meter o dedo numa ferida para que ele visse como se faz uma incisão numa cabeça ou como se transplanta um pulmão... Nessa mesma idade, fiz com que ele recebesse uma massagem de um guru. Cristóbal cresceu no meio de um grupo de xamãs, fiz o que pude por ele e precisaria de um livro à parte só para contar isso. Eliminei a palavra "pai", para que esse monolito não existisse. Ele sempre me tratou por "Alejandro". Jamais exigi que ele vestisse uma determinada roupa. E fiz o mesmo com todos os meus filhos. Quando passávamos por uma loja de brinquedos e eu via que eles se sentiam atraídos, eu lhes dizia: "Entrem e comprem o que quiserem...". Eles normalmente voltavam com pequenos brinquedos, porém, uma vez, meu filho Adán apareceu com um cavalo de pelúcia de tamanho real. A loja inteira ficou olhando para mim, mas eu comprei o cavalo para ele. Eu dei uma educação muito consciente, muito correta para eles. Mas, sempre se comete erros, muitos erros. Uma vez eu dei três cintadas em um deles e, depois disso, quando ele fez 15 anos, fiz com que ele as devolvesse para mim. Ele tinha urinado atrás do sofá e, enquanto eu batia nele, eu dizia: "Este é um castigo formal, mas eu não faço isso com raiva". Ele nunca me perdoou: por isso o ritual familiar onde ele me devolveu a surra.

## Ponte Invisível

### I

**O** que podemos esperar desta vida?

Muitas coisas, sobretudo, viver amplamente. Para isso, temos que ter um trabalho que nos dê prazer e, sempre que estivermos em paz, fazer o que nos dá prazer. Temos que ser o que somos e não o que os outros querem que nós sejamos. Amar o que amamos não pelo fato de sermos obrigados, sem elos neuróticos que não possamos desatar.

Viver com certa prosperidade, sem desanimar. Mas uma prosperidade que seja para todos, não uma prosperidade baseada na exploração do outro. E, certamente, temos que alcançar a imortalidade, e, para isso, temos que viver como se fôssemos imortais, pensando que temos mil anos pela frente para fazer o que quisermos, mas sem nos esquecermos de que podemos morrer nos próximos dez segundos.

*Para muitas escolas, o conhecimento passa pelo prazer, pela felicidade, pelo proibido; para outras, passa pelo ascetismo, pelo cilício, pela entrega e pelo sacrifício. Todas levam ao mesmo lugar?*

Todas são caminhos para encontrarmos a nós mesmos. Agora, todos esses caminhos têm que ser percorridos dentro da maior dignidade, pois somos seres mortais. Não somos eternos e nosso estado atual um dia vai acabar. Somos vencidos pela vida a todo momento. Mesmo sendo titânicos, somos vencidos. Conscientes disto, podemos trabalhar mais tranquilos, com humildade. Trata-se de chegar à santidade, esta é a proposta.

A felicidade não consiste em possuir coisas, e sim em sentir alegria de viver, em recuperar isso. Nós já podemos sair perdendo desde o ventre da mãe, porque, quando a mãe quer nos expulsar, nós já somos fetos neuróticos. Nesses casos, recuperar a felicidade da vida acaba sendo uma coisa maravilhosa que faz com que estejamos unidos com o universo em sua totalidade, com o tempo e com o espaço, com a consciência total. É um estado constante de transe e de euforia dentro deste corpo, o que é muito possível, posto que somos um pequeno cofre com uma imensidão de moedas em cada uma de nossas células.

*É possível chegar a este estado de êxtase da vida por muitos caminhos?*

Sim, mas não de qualquer maneira. Eu comecei pela arte. Fiz teatro de vanguarda, poesia, escândalos, de tudo. Depois, eu pratiquei meditação. Horas meditando, muito tempo, tudo ao contrário do que tinha feito antes, mas sempre com muita concentração e movido pelo desejo curioso de conhecer sem medo. Nisso consiste a audácia. O segredo da vida.

*Para além da imaginação, de brincar com a mente para não ficarmos presos nessa realidade, o objetivo é nos transformamos, nos curarmos?*

Você se refere à mente, mas, desde que descobri o tarô, eu sempre falo de, no mínimo, quatro centros do ser humano: intelectual, emocional, sexual e corporal. Não é só a mente que brinca e faz malabarismos, mas o centro emocional, o centro sexual e o corporal também são atuantes. É preciso conhecer a si mesmo, observar-se. Por exemplo: o centro intelectual quer ser, e consegue ser, através do silêncio. O centro emocional quer amar, e consegue amar, através da indiferença. O centro sexual quer criar, e consegue criar, aprendendo a fracassar. O centro corporal quer viver, e consegue viver, aprendendo a morrer. |

*Se a vida que nos rodeia e o mundo que habitamos são uma construção mental, por que não podemos sair dela à vontade, quando precisamos, para marcar uma distância e dar um salto no caminho?*

Sim, nós podemos sair dela à vontade, mas isso exige valentia e esforço. A meditação é um dos caminhos possíveis.

*Até que ponto nossa liberdade consiste em saber e assumir que nosso destino já está escrito?*

Eu não posso afirmar que o destino já esteja escrito. Meus princípios me dizem que quando me pergunta a respeito de possibilidades futuras, você já está me mostrando seus limites, ao pensar que existe apenas a possibilidade de um determinado futuro. Se eu abro a minha mente a este tema e aceito que haja um futuro, tenho que reconhecer que existem infinitos futuros possíveis e que, a cada momento, eu estou fazendo uma escolha diferente. Eu construo o meu futuro com os meus passos.

*Então você não vê nosso destino como uma coisa linear, espacial...*

Não, eu o vejo como um leque ou uma estrutura de futuros possíveis. Quer dizer, nós podemos construir nosso destino, mas não podemos criar um destino. Há dez mil caminhos e todos estão determinados. Eu posso seguir por um dos dez mil caminhos, mas não posso inventar dez mil e um caminhos.

*No que consiste então esta liberdade?*

A liberdade interior consiste em poder escolher livremente um dos dez mil caminhos, e é a isto que chamamos de livre arbítrio. Se você tem um futuro projetado através da árvore genealógica, então o futuro tende a repetir esse passado e é disso que temos que nos libertar. Temos que fazer futuros distintos a partir do passado e partir em busca de nós mesmos.

*Suas idéias poderiam ser chamadas de mutantes. Nós somos mutantes?*

Todos nós somos. Existem muitas coisas que não compreendemos porque o nosso corpo está em desenvolvimento. Há pouco tempo eu conversei com um médico que me dizia que a glândula pineal era uma glândula atrofiada. Eu respondi que o ser humano é um animal em evolução que não pode ter nada atrofiado nele. A glândula pineal poderia ser, por que não, a semente de um órgão que ainda vai se desenvolver e se transformar num quarto cérebro. Ele mudou o seu enfoque científico poucas horas antes de proferir uma conferência em Los Angeles. O que eu expliquei para ele é que não existe nada de atrofiado no nosso corpo e que nós poderíamos afirmar justamente o contrário, o que me pareceria mais lógico. Estamos desenvolvendo algo novo a partir desta glândula. Existem coisas que ainda não compreendemos porque somos chipanzés...

*Qual é o sentido de não podermos compreender algo que estamos destinados a descobrir?*

Nós não temos o sentido da eternidade. Não podemos concebê-la, e se não podemos compreender o universo, somos ignorantes e limitados. Você me pergunta pelo sentido de tudo isso, mas certamente serão nossos descendentes que chegarão a conhecer isso. Nós estamos aqui para produzir um descendente que usará o mesmo cérebro que já temos, porém mais desenvolvido. Se o cérebro réptil evoluiu até os nossos três cérebros humanos, eu creio sinceramente que estamos criando um quarto cérebro, que pode não ser necessariamente material.

Isso foi intuído durante a Idade Média e eles pintaram essa intuição nas imagens, colocando auréolas sobre as cabeças, porque foi assim que eles entenderam essa evolução: como um círculo dourado ao redor da cabeça. Qual é a explicação para a pintura das auréolas? Por que inventaram a auréola? Porque a auréola é real.

## II

**Q**ue conselho você daria a um buscador do conhecimento, para alguém que estivesse em busca de si mesmo?

Eu comecei meditando. Porém, antes disso, eu procurei pessoas que tivessem um nível de consciência mais elevado que o meu, não para render-honras a elas, sem nenhuma intenção de me tornar um discípulo. Eu me pus em contato com gente que considerava interessante. O erro que cometi foi me tornar amigo de algum mestre do qual eu não aceitava o intercâmbio e o ensinamento. Esse tipo de amizade pode desequilibrar os níveis de consciência das duas pessoas. No entanto, no contato com essas pessoas, eu aumentei o meu nível de consciência, pude aprender muito e consegui chegar onde eu queria. Quando você chega num nível que considera importante, você já pode e deve se entregar aos outros para que os outros aprendam com você.

*De todas as suas experiências de conhecimento: psicanálise, xamanismo, ingestão de substâncias, meditação..., com qual delas você ficaria?*

O exercício mais fecundo que fiz durante muitos anos foi o de parar o pensamento — fazer com que nenhuma palavra entrasse no meu cérebro. Uma vez conseguido isso, é possível se tirar da cabeça até mesmo o pensamento de ter sido capaz de deter as palavras. Isso foi o mais difícil.

Praticar a meditação também foi muito importante para mim, mesmo meu caminho tendo mais a ver com a criação artística.

*Você desaconselha as vias racionais, como a filosofia e o estudo da ciência?*

Eu não desaconselho isso, eu acredito que todos esses caminhos são bons. A filosofia me fez colocar perguntas que depois tive que responder através de outras disciplinas.

*Os altos níveis de consciência estão nas pessoas ou nos grupos?*

É difícil pertencer a grupos, porque os grupos constituídos criam dependências. Falando no sentido do que nos é comum, nós deveríamos falar do grande grupo da humanidade, a humanidade inteira. Felizmente, faz tempo que parei de escolher as pessoas. Todas as quartas-feiras eu estou no café com aqueles que querem vir para que eu leia o tarô para eles. A partir de uma certa idade, você tem que se tornar útil para os outros. Depois que você viveu e a vida lhe deu uma certa experiência, seja ela boa ou má, chega um momento que você tem que transmitir o que sabe.

Em vez de se transformar num velho bobo, você tem que ir mais longe. Não existe o envelhecimento nem existe a decadência mental. A memória pode ter menos capacidade para encontrar uma palavra, ou talvez você possa sentir menos desejo sexual, menos virulência, mas o desejo não tem por que desaparecer. Se ao longo da vida você trabalhou as emoções, depois, quando você tiver amadurecido, você começa a conhecer sentimentos sublimes, que não existiam antes, quando você era jovem, porque a natureza não lhe permitia isso. Até os quarenta anos, você tem que encontrar a si mesmo. A verdadeira abertura da consciência não pode acontecer antes desta idade. A partir daí, começa o caminho.

*Você enfatiza a contemplação como técnica de aperfeiçoamento de todas as coisas. O que você entende por contemplação?*

Na meditação, você fica imóvel e concentra a sua atenção no que se passa dentro de você, assim como se estivesse sentado à margem de um rio, vendo as coisas passarem. Na contemplação acontece a mesma coisa, mas você está nadando nesse rio, ou seja, você está vendo o que acontece com você, mas ativamente, cheio de vida.

*O que significa "estar possuído pelo espírito do mestre"?*

Nosso cérebro, que é amplo e infinito, ao mesmo tempo em que produz a nossa personalidade, pode também produzir outras coisas. Nós

*imitação do mestre*  
 aprendemos a construir uma personalidade. Os esquizofrênicos podem ter trinta personalidades ou até mais do que isso. Quando você vai ter com um mestre, está diante de um ser que tem um nível de consciência mais alto do que o seu. O que acontece então? Você começa a perseguir este nível de consciência, seu cérebro persegue isso. Então seu cérebro capta esse nível e o reproduz em sua pessoa, mas, como é a primeira vez que isso acontece, você identifica a experiência com a própria pessoa, com o ego dela, com o caráter dela... O cérebro, em vez de agir como se tivesse sua própria forma, atribui a forma do outro e faz com que você sinta como se o seu corpo fosse do outro, como se sua personalidade fosse a dele, a individualidade dele.

Isso produz uma imitação, e eu acredito que isso traduz a expressão "estar possuído pelo espírito do mestre". Não é que o mestre esteja em você, mas há uma imitação do nível de consciência que você considera maior do que o seu.

*E o mestre que acredita ser o escolhido?*

Bem, existem armadilhas no caminho da transformação da consciência. Eu expliquei isso no meu livro *Os Evangelhos que curam*. Na verdade, você é o caminho. Seu cérebro é o caminho percorrido pelos deuses. Se eu vejo e acredito num deus que encontro no caminho, então eu caio na armadilha do guru. Na verdade, somos o caminho por onde as coisas passam e não os que passam por ele.

*O que as provas iniciáticas são?*

Nas palavras de Castaneda, são desafios. Vamos considerá-las assim.

Observemos alguns traumas: uma mulher é violentada e isso destrói a vida dela. Outra mulher é violentada, toma banho, se limpa, chora, sofre e se recompõe, decide que nunca mais vai falar sobre isso e continua a sua vida. O mesmo acontece com as guerras, algumas pessoas ficam marcadas para sempre e outras, ao contrário, se fortalecem. É preciso dizer que os traumas não produzem a doença dentro de nós, eles são os detonadores. Já existe uma base da doença dentro de nós que o trauma faz aflorar.

E quanto às provas iniciáticas, elas consistem no seguinte: você tem um nível de consciência e se depara com um acontecimento. Você tem que reagir de uma maneira que seja útil para você e seguir em frente. A prova é um desafio para que você se desenvolva.

*O sacrifício é uma armadilha masoquista?*

Isso mesmo. As religiões nos confundiram a respeito disso. Na nossa cultura, o céu não estava na terra, não estava ao seu alcance. Isso era coisa para se conquistar para além da vida, e a Igreja, dizendo para você sofrer, se tornou rica e poderosa.

*Por que nós sentimos medo quando nos aproximamos dos arquétipos através dos sonhos, da imaginação ou das substâncias alucinógenas?*

A maior parte das pessoas, todo mundo, em geral, só muda de nível de consciência quando se vê com um problema sério, como, por exemplo, diante de uma catástrofe ecológica ou do terrorismo. A multidão tem medo dos arquétipos porque os arquétipos são conteúdos de alta consciência, e isso provoca medo nas pessoas que não querem mudar. Cada vez que nos deparamos com arquétipos, estamos confrontados com a dissolução da personalidade.

### III

**E**ntão nós construímos uma pele invisível à qual damos o nome de ego?

Não, a pele não é o ego. Nós nos acostumamos a pensar que seja assim, mas isso não é correto. Olhemos mais longe: imaginemos um leão. Ele chega até onde o seu salto alcança, esse é o seu território. Quando um animal se vê invadido em seu território, ele salta. Existem plantas cuja percepção alcança quilômetros de distância, aves que vencem distâncias formidáveis com o seu voo, ou organismos que são sensíveis ao que está muito longe. E o homem? Pois através da telepatia o ser humano pode dar a volta ao mundo. O homem não tem limites.

*O que seria o ego, então?*

Fala-se muito sobre o ego sem compreender o que ele é. Na verdade, nós temos nosso ser essencial e uma outra parte adquirida que permite uma identificação, ou identidade. Esta última é o ego, uma identidade adquirida que está a serviço da essência. O ego pode degenerar e se transformar em personalidades desviadas, esquizofrênicas ou paranóicas, porque é o ego que acontecem os traumas e os golpes da vida.

*Você admite que, anos atrás, seu ego era gigantesco. O que podemos fazer no mundo sem o ego?*

O ego é surdo. Surdo e cego. O ego tem que ser domado. Este é o cerne da doutrina hindu. O ego tem que se render perante a essência. Os maiores egos se desenvolvem na interação social, como numa universidade, onde uma pessoa fala e fala até quando ninguém está prestando atenção, sem jamais ouvir. Com gente assim, não existe diálogo, somente um longo monólogo. Na vida, nós temos que entrar em diálogo e ouvir os outros. O ego é necessário enquanto casca de ovo que envolve a essência. Isso de “matar o ego” é uma loucura dos gurus que, certamente, são grandes ególatras. Eu agora estou pensando em Osho, que, apesar de ser uma pessoa inteligentíssima, fazia seus seguidores colocarem o rosto dele em camisetas. Havia sempre quinze ou vinte fotos suas em cada um dos seus livros. O ego pode se transformar em alguma coisa delirante. Este homem passou a vida lutando contra o ego e, no entanto, não fazia senão fortalecê-lo. Ele enfrentava o ego dos outros, mas jamais o seu. Para mim, os gurus são como palhaços. São necessários, mas também grandes fantoches.

*Somos escravos dos nossos desejos?*

Estamos todo o tempo desejando coisas: mais dinheiro, mais objetos. O mundo é puro desejo. Colocam na nossa cabeça que não temos que envelhecer, mil anúncios nos instigam a aumentar os lábios, erguer os seios, esticar a pele ou enrijecer nossos glúteos. Desejamos e desejamos tudo o que vemos nos anúncios ou na rua. Cada vez que me conecto na Internet, eu encontro sempre quatro proposições: aumentar o meu pênis, emagrecer, contratar prostitutas e ganhar uma fortuna sem esforço... ou então aparecem bancos imaginários que podem fazer você ganhar milhões. Este é o grande problema dessa sociedade: ela está cheia de desejos de consumo e de aparência, mas nenhum desejo de ser.

*Então, como você já disse tantas vezes, nós temos que aprender a vencer o desejo?*

As escolas orientais transmitem uma sabedoria muito antiga que deveria ser revista. Os ensinamentos de Buda foram muito idealizados e é preciso ter cuidado com isso. A lenda de Buda, se olharmos bem, pode ser lamentável: um jovem rico que abandona a sua esposa e o seu filho para alcançar a serenidade, alguém que tem medo das coisas mais naturais do mundo, como a morte, a velhice, a doença e a pobreza... Então, é natural que a sua doutrina proponha a libertação do desejo como alternativa para

a salvação, que consiste em não ter que nascer de novo, porque acredita na reencarnação ou na peregrinação da alma, o que é uma grande suposição, mas poderia não ser a correta.

Se eu não acredito na reencarnação, então Buda não serve para mim. Segundo ele, nós temos que escapar desta vida para não voltarmos a reencarnar, e isso é um equívoco. Nós não temos que escapar de nada. Nós temos que viver a vida. Eu não sei se existe a reencarnação, não temos como saber isso. Nós não podemos estabelecer doutrinas que comunicam coisas de crenças, assim como dizer que devemos deter a roda das reencarnações, o karma, etc. Essas crenças são suspeitas. Eu não as adoto, de maneira alguma. Se bem examinadas, elas são tão tóxicas quanto quaisquer outras.

#### IV

**E***u gostaria de interrogar sobre a morte...*  
O que é a morte? É somente uma transformação, uma mudança de estado. Nós não temos medo da morte, mas da mudança que ela traz.

*Onde você aprendeu isso?*

(Risos). A morte é uma palavra, que eu comeci a aprender com o tarô. A morte é o Arcano XIII, que não tem nome. Ele fica bem no meio do baralho. Uma vez eu percebi que morri quando tinha quinze anos. Depois, quando eu tinha trinta, quando eu tinha quarenta, e assim continuei morrendo. Agora eu tenho setenta e quatro e sou outro, mas prossigo normalmente. Quanto eu estiver com noventa, estarei alegre, quando tiver cem, continuarei contente, quando tiver trezentos, estarei estupendo, quando tiver um milhão de anos serei uma festa.

*Você acha que resta algo de nós depois da morte?*

Uma vez perguntaram a um mestre zen: “O que existe após a morte?”. E ele respondeu: “Não sei, ainda não morri”. Eu estou aqui. Mas sei que o que eu sou, prossegue.

O Carro da carta do tarô está fundido com a terra. Para onde ele vai? A terra se move e o leva consigo. Nós prosseguimos com o universo. Que me importa o que vem depois? Nunca me importei com o que seria aos oitenta anos, ou aos cem, ou aos mil, ou aos sessenta mil. O que me importa é saber quem eu sou agora e não para onde vou...

Aos poucos, quando você começa a se desapegar da sua identidade, e passa a ser um ser humano genérico, você deixa de ver a si mesmo com

uma idade determinada. Logo você para de se identificar com o tempo de modo genérico. Em seguida, você passa a se ver não como alguém que tem uma pátria ou um falante de uma determinada língua. Você não se vê como um nome, não se confunde com as coisas que possui, e a identificação vai diminuindo.

*Porém, como se sustentar a partir dessa visão de si mesmo?*

Você se agarra ao que é, à alegria da vida. Você é cada vez mais feliz e não precisa do ridículo traje do caráter ou da personalidade. Você se torna fluido, como a água. Lao Tse diz: “É preciso ser como a água que toma a forma do vaso que a contém”. Você segue pela vida assumindo formas e isso é maravilhoso. Chega um momento em que você aceita isso e diz a si mesmo: “No que sou, o eu desaparece”. Uma vez consciente disso, todo o tempo está aí. Você sente o abismo da vacuidade total dos seus valores e segue avançando como uma luz. Você sabe que o abismo vai tragar essa luz que é você. Existe a esperança de que você possa se dissolver no oceano cósmico num gozo infinito, e ainda ser você, desde que você aceite entregar a sua consciência. O último dom que você entrega é o da sua consciência.

Quando chegarmos à morte, o melhor que podemos oferecer é uma perfeita e luminosa consciência, uma consciência clara que terá que ser capaz de criar, porque, caso contrário, como dizia Gurdjieff, você morrerá como um cachorro, sem oferecer uma consciência, sem construir uma alma.

*Diz-se que a potência está contida entre as paredes do crânio... Mas onde você situaria a nossa consciência?*

Fora do corpo. O corpo é como o caroço de um pêssego, mas a consciência não tem limites e está em constante expansão.

*O que você sugere é que, com um esforço de imaginação, nós podemos nos libertar das aparências, ouvindo música ou trabalhando com a memória, nos transportando para um outro lugar. No entanto, não basta trabalhar com um punhado de imagens... nós temos que nos transformar para melhorar, para efetuar uma mudança no sujeito que imagina, não é isso?*

Existe um tipo de imaginação que é quase industrial: são os delírios. Não se pode confundir a imaginação com o delírio constante. Eu posso

imaginar qualquer coisa o tempo todo sem me aprofundar em nada: contos e contos e contos, sem me aprofundar em seu sentido... Ou podemos, como Kafka, submergir até um determinado ponto e pararmos ali. Ele nunca alcançou a felicidade. Ele disseminou a neurose.

*É imprescindível o esforço, mas, por que nos é exigido o esforço permanente de existir?*

Na vida, há que se estar sempre em alerta, não em tensão. Eu percebo que quando você diz “esforço”, seu sentimento é o de algo desagradável, mas eu não acredito que tenhamos que fazer coisas que detestamos, e sim coisas agradáveis. Quando eu digo “esforço”, falo do esforço agradável: pintar, dançar e viver são esforços totalmente prazerosos. Devemos fazer o que nos agrada a vida, esse é o nosso esforço.

*A vida é uma prova?*

Não. A vida é uma escola iniciática. Ou como dizia Castaneda: um desafio. Para o guerreiro, isto é o mais importante.

*Teorizar sobre a vida serve para alguma coisa?*

Só faz da vida uma teoria quem não a conhece. Para aquele que a conhece, tudo o que importa é comunicar a sua experiência, ensinar o que viveu.

*Voltemos mais uma vez à velha e obstinada pergunta: por que existe o que existe?*

Uma mulher muito doente com um câncer me ligou do hospital e me perguntou: “Qual é o sentido da vida?”. Pensei e respondi o que ela queria ouvir: “A vida não tem sentido algum”. Então ela suspirou e disse: “Era isso o que eu queria ouvir”. No dia seguinte, ela morreu. Eu respondi aquilo para ela para consolá-la, porque essa mulher não tinha remédio, mesmo eu pensando que a vida tem um sentido, um sentido que não precisamos conhecer. É um mistério. Essa idéia de que todas as coisas têm uma finalidade é muito mental. Certamente que temos um sentido no universo enquanto humanidade. Temos um destino, mas não precisamos saber racionalmente qual é. É preciso aceitar isso da forma mais tranquila possível. Precisamos transformar nosso planeta num jardim, enriquecê-lo e nos enriquecer.

*O que significa isso de ser o que se é? Será que conseguiremos saber quem somos?*

O conhece-te a ti mesmo significa, na verdade, que você é todo o universo. Eu não tenho limites porque estou unido ao universo como um organismo: o tempo é minha vida, o que acontece é a minha vida e é a vida. Se eu conheço a mim mesmo, então sou o ator e o espectador, o conhecido e o conhecedor ao mesmo tempo. Até certo ponto, posso passar de ator a espectador, mas existe um momento supremo no qual o ator e o espectador se fundem. Isso já não é conhecimento. É consciência pura, um estado.

*O que significa a realização no transpessoal? Será que não se tem abusado dessa palavra?*

Isso não é falação, é simplesmente uma construção útil. O que nós entendemos por pessoal tem relação com a atitude de se fechar na própria psicologia e analisar tudo através de si mesmo. O transpessoal significa aceitar que o outro existe, levá-lo em conta para perceber o mundo e entender as coisas.

Nesse sentido, o transpessoal transcende os limites. Através deste caminho, nós teríamos que chegar ao pensamento andrógino. Se você fosse uma pessoa comum, primeiro pensaria como um espanhol, depois como homem e, em seguida, como terráqueo. O ideal é pensar sem nacionalidade, sem definição sexual e sem estar conformado ao sistema solar.

*Podemos pensar que um dia nos realizaremos?*

Isso é uma armadilha, porque ninguém se realiza plenamente. O que significa se realizar? Vai-se avançando como se pode. Por exemplo, hoje eu passei o dia escrevendo *Os Tecnosacerdotes*, uma série em forma de quadrinhos da qual eu gosto muito. Estou contente porque gostei da cena que inventei. Estou eufórico porque estou criando. Mesmo sendo uma história para crianças e jovens, ela me fascina. A cada manhã eu escrevo um poema de quatro ou cinco linhas, não tenho tempo para mais do que isso. São pequenas coisas que eu faço e que me agradam muito:

Quarto abandonado  
casa sem dono  
o vazio espregia  
sob minhas palavras.

Como um cego  
que encontrasse  
um tesouro no lixo  
deixo o inverno passar.

Não me agradeça.  
O que lhe dei  
me foi dado  
só por você.

Não quero que me ames,  
quero que ames:  
os incêndios não têm donos.

*Ao ouvi-lo, tenho a impressão de que a nossa felicidade consiste num jeito de olhar o mundo.*

Não é uma questão de percepção. A questão é ser o que se é. Você vai percebendo a sua totalidade ao longo do caminho. Não se trata de delimitar a realidade. Quando dizemos: "Eu queria conhecer", estamos projetando a ilusão de ter um eu que conhece além de mim. Não se trata disso. Desde a Antiguidade clássica, tributamos muito respeito à expressão: "Conhece-te a ti mesmo", mas na verdade isso é bem confuso. A gente pensa que é alguma coisa parecida com partir em busca de si mesmo. Na verdade, quando dizemos "conhece-te a ti mesmo", esse "ti mesmo" é o universo. O universo se conhece a si mesmo. "Conheça-me", diz o universo. Na voz de Deus, conhece-te a ti mesmo significa... conheça-me. Cuidado: não pense "Tu és eu, eu sou tu". Na verdade, é "Tu não és eu, mas eu sou tu".

*Os grandes mestres sustentam que temos que aprender a morrer em paz. Todo esse nosso percurso é para isso?*

É claro que sim. A vida é aprender a morrer em paz, “brincar de morrer”, diziam os chineses. Mas morrer é entrar num processo, assim como, lentamente, a infância passa para a puberdade: a penugem, os hormônios... Isso é vivido como uma transformação. Você vai vivendo a vida e a velhice começa a chegar, que é outro período. O cabelo vai ficando branco, os dentes amarelos. Se você luta contra a velhice, envelhece angustiado. Se você luta contra a puberdade, você se traumatiza. Chega um momento em que todos nós entramos num processo de morte, que pode e deve ser vivido exatamente como as mudanças anteriores.

A morte não é mais do que um estado. Ninguém está morto! Ninguém morre! Todos nós entraremos no processo da morte, e o maravilhoso é que aceitemos isso com a mesma tranquilidade com que entramos na puberdade ou na maturidade.

## Visões

### I

**O** que você pensa sobre os intermediários do espírito? Aqueles que se organizam para nos ensinar os mistérios da vida?

Atualmente, eu divido o mundo — mesmo sendo uma decisão arbitrária — em seres e fradecos. A palavra “fradeco”, que incorporei à minha linguagem, me serve para designar todas as construções mentais. Naturalmente há fradecos úteis e há fradecos inúteis. A utilidade deles varia conforme o tempo ou conforme a variação de certas circunstâncias especiais. Um fradeco inútil pode se tornar útil dependendo do momento.

O fradeco útil é aquele que nos leva a mudanças que são necessárias. Como vivem em celibato, os monges não são dignos de fé. Se todo mundo fosse sacerdote, a raça humana seria extinta. Nesse sentido, eles não são bons. É impossível trazer Deus consigo nem comunicá-lo aos outros a partir de uma vida que vai contra a natureza humana.

Quando os monges se organizam em seitas, surgem outros problemas.

*Suponho que eles monopolizem aquilo que chamam de verdade...*

*As seitas poderiam ser úteis, o problema é que todas elas têm como princípio a posse de Deus, a posse particular de Deus, seguida da declaração de que os infiéis que não fazem parte da seita merecem ser destruídos. Elas são sectárias, não se juntam. Eu acredito que no futuro os templos serão polivalentes. Existirão catedrais onde todos os cultos serão celebrados, com livre acesso e em absoluta compatibilidade. Em seguida, os nomes dos deuses serão eliminados e eles passarão a ser entidades anônimas. Se você coloca um nome em Deus, você está se apropriando dele.*

A religião, assim como uma Constituição, deve ser revista, porque, à medida que o homem vai mudando, a religião também tem que mudar. A seita funciona por meio de proibições. O homem dá o nome de Deus a tudo que não conhece: é uma forma de superstição. À medida que o cérebro evolui, as crenças ignorantes e os tabus vão desmoronando.

*Como isso afeta o que você chama de saúde...?*

Temos que ter consciência de que, sob cada doença, existe uma proibição. Uma proibição que vem de uma superstição.

*Então você não recomenda nenhuma Igreja...*

Não, nem mesmo esses templos de mestres zen, sejam eles espanhóis, americanos ou mexicanos. São frades que imitam tradições, línguas e comidas japonesas.

*Mas as seitas detêm técnicas e conhecimentos interessantes.*

Claro. Mas, para adquirir essas técnicas e conhecimentos, não é preciso tanto circo. Quando Ejo Takata encomendou um bastão zen para mim, eu lhe devolvi dizendo: "Não sou um mestre zen, não me dê isso. Nunca serei um mestre nem vou sair por aí dando bastões a ninguém. Você me dá uma grande honra, mas eu não a quero. Meu caminho é outro".

*Qual é o sentido de seres como Jesus ou Buda que a humanidade criou?*

Quando você diz Jesus e Buda, você está falando de seres que para mim são imaginários. É como se você me falasse de D. Quixote ou Hamlet. É a mesma coisa. Mas não importa que eles sejam imaginários. O que me importa é a qualidade de sua mensagem, que é maravilhosa.

*De qualquer maneira, eles estão aí e quase podem ser tocados.*

Estão aí enquanto seres míticos, mas agora nós estamos falando de seres humanos. Não sabemos se alguns seres humanos receberam a revelação. Nunca saberemos se o santo é um louco ou se ele tem alucinações.

*E sobre as aparições ou revelações, o que você tem a dizer?*

Ter visões da Virgem não me interessa. Não me prova nada. Ver uma mocinha transparente que me sorri sobre uma árvore é para mim a mesma coisa que ver um gorila no alto de uma árvore. Uma coisa é tão interessante quanto a outra: não serve para nada.

*E como você explica esses fenômenos?*

Eles acontecem porque as pessoas precisam deles, trata-se de alucinação coletiva. Jung dizia que os discos voadores são um produto do inconsciente coletivo. São sonhos coletivos.

*Porque temos essa impressão de que as religiões são armadilhas do espírito?*

As religiões se transformam em farsas a partir do momento em que estabelecem limites. A divindade não tem nome nem nacionalidade, ela é para todos. A religião segmenta a realidade mística e, no fim, você percebe os limites de cada religião, e é aí que elas se transformam em farsas. Por outro lado, os livros sagrados levam séculos para serem interpretados de forma distorcida por monges para os quais a mulher é o demônio, e acabam infectando os textos santos com suas interpretações distorcidas. Passado algum tempo, isso passa para as escolas, para a política, para a sociedade... e acaba criando opressão. A religião, que deveria ser uma panacéia universal, transforma-se em veneno universal: todas as religiões.

*Você estudou Cabala, que além de ter uma interpretação religiosa, também é uma linguagem.*

Sim, uma linguagem que produz muitos loucos: para um judeu, cada letra tem um valor numérico, e cada palavra que você lê é, em suma, uma determinada cifra. Então você faz combinações e diz: "O número 87 é lua (*levana*, em hebraico), mas a palavra carniça (*nevela*), também soma 87, então lua e carniça seriam a mesma coisa". É um sistema delirante; a Cabala é capaz de fazer você delirar. Nós somos adultos. Não precisamos acreditar em contos de fadas. Não podemos dizer que um livro tenha sido escrito por Deus. Não podemos dizer que a Bíblia, o livro sagrado, seja a palavra divina. Podemos dizer que é um romance, uma obra de arte. As línguas são obras de arte, todas elas, não apenas o hebraico e o sânscrito. Eu posso trabalhar com todas as línguas da mesma maneira.

*Que relação você teve com o sufismo?*

*Estudado a fundo, o sufismo faz você descobrir grandes belezas. É como a nata do Islã. É um misticismo profundo, mas os sufistas estão presos ao Corão.*

*Mas Shams-de-Tabris ou Rumi eram almas muito livres...*

Eu resolvi me curar quando descobri que as doenças vêm dos livros. Há uma doença atrás de cada livro, seja ele o Corão, os Evangelhos, o Antigo Testamento, as sutras budistas... Todos os livros, quando interpretados com fanatismo, produzem doenças. Todos esses textos deveriam ser reinterpretados para devolvê-los ao que de fato são: obras de arte. A Bíblia, por exemplo, é um romance maravilhoso.

*Todas as crenças criam metáforas para explicar a existência, mas a explicação do que acontece conosco permanece um mistério. Esta incompreensão, às vezes, nos leva a colocações delirantes... Você acredita que Deus seja um brincalhão?*

É um jogo interessante falar de Deus e pensar que ele seja um ser que brinca, que têm atributos, que se aborrece e que vence o tédio jogando dados. Quando Maimônides escreveu o livro *Guia dos perplexos*, precisou de três volumes para tratar de definir Deus e chegar à conclusão de que Deus é aquele sobre o qual nada pode ser dito. Deus é o impensável, o inominável. E eu acrescento que é o que não pode ser amado, porque, como você pode amar aquilo que não conhece? Eu gosto da idéia da brincadeira, mas eu acredito que não é ele que brinca. É o ser humano que brinca: é a humanidade que brinca. Johan Huizinga escreveu um livro chamado *Homo ludens* que é uma análise do homem como um ser que joga. O homem é um ser que brinca e constrói ilusões à sua semelhança. O homem imaginou um Deus que brinca...

*No que você acredita?*

Quando perguntaram a Ramakrishna se ele acreditava em Deus, ele respondeu que não. "Como pode ser que um místico tão grande não acredite em Deus?", disseram. "Não acredito, eu o conheço", ele respondeu. Eu não acredito no conceito "fé", eu acredito em conhecimento.

*Você conhece?*

Há coisas que eu conheço, sim. O tolo não sabe, mas acredita que sabe. O sábio não sabe, mas sabe que não sabe. Quando o tolo sabe, não sabe que sabe. Quando o sábio sabe, sabe que sabe.

*O que você quer dizer com "santidade civil"? O que seria isso?*

Eu sou uma pessoa que me propus fazer o bem, simplesmente. Não é que eu tenha chegado à santidade, mas eu me proponho a ela. Além de ganhar a vida ou ter filhos e mulher, como todos nós, eu me propus fazer o bem enquanto membro de uma sociedade civil. O santo civil seria aque-

le imita a santidade a partir desses princípios. Ninguém é um santo de fato, mas pode imitar a santidade. O santo seria um ser humano perfeito, mas o ser humano atual ainda está em processo de evolução. Por isso ele é obrigado apenas a imitar a santidade.

*Como nós podemos imitar a santidade?*

Por intuição. O santo ouve o que tem que fazer. Isso vem do nosso interior, daquilo que chamamos Deus interior. Existe uma percepção em nós, algo que nos diz: "Qual é o melhor dessa situação? Como ajudar o próximo?".

Para o santo civil não existe o sacrifício; como todo o mundo, ele imita o sacrifício masoquista dos santos e vive uma vida normal, integrado à sociedade. Mas, além disso, ele está consciente do mundo, é consciente de que seus atos têm que ser sãos para os demais e para ele mesmo.

A santidade não é alguma coisa que pertença às religiões, nem significa repressão sexual. A santidade consiste em ter uma consciência cósmica e divina. Quando falei de santidade civil, fui chamado de louco, mas agora isso está sendo praticado. Era preciso falar de santidade civil, e eu fiz isso. Do mesmo modo, eu também falo que a arte para ser arte, tem que ser capaz de curar. Muitos começaram a praticar isso. Quando você tem uma idéia e a comenta, às vezes ela se espalha para todos os lados. Quando uma flor se abre, é primavera no mundo todo.

## II

**A** prática política é necessária para o desenvolvimento da nossa consciência?

Os políticos têm uma função social, são nossos empregados, somos nós que os pagamos. É preciso ter consciência de que um presidente é nosso empregado, nós temos que policiá-lo, assim como a nossos subordinados, como os caixas de banco ou os camareiros. Os políticos são nossos servidores, não nossos patrões.

*Mas alguém pode ter uma paixão política...*

Eu nunca tive, sempre odiei a política. Jamais me misturei com essa gente, porque, para mim, a política teria que ser metafísica, mística e artística. Eu aconselho que se acabe com a política, que no momento é o câncer da sociedade, pois já não significa mais nada. Atualmente, um presidente não manda grande coisa, ele encarna um velho símbolo, mas por trás dele estão as multinacionais, os petroleiros, etc. Poderíamos viver muito bem sem eles, sem fradecos e sem cargos representativos. As pes-

soas estão aprendendo, porque os veem ser representados como bonecos ou imitados por humoristas de televisão e já não se deixam confundir.

*Mas ao mesmo tempo você diz que é preciso mudar o mundo...*

O mundo tem que ser mudado, mas não a partir da política. Quando eu estava na América Latina, escritores muito famosos me pediam para que eu me pronunciasse, que me posicionasse por um partido de esquerda porque, caso contrário, eles me advertiam, eu nunca teria sucesso literário. Eles também me diziam que se eu não me posicionasse pela esquerda, então seria de direita. "Tome posição e você terá sucesso literário! É isso que todos nós fazemos! Se você não fizer isso, nós seremos seus inimigos", eles deixaram isso bem claro. Eu não me passei para o lado deles porque não considero a arte como política. É a política que deve se transformar em arte, mas o artista não é um político.

*Qual seria a utopia da atualidade?*

Para começar, eu queria que todas as funções humanas fossem realizadas por um casal, começando pela escola. É monstruoso os filhos deixarem os pais e serem educados por professores, apenas homens ou mulheres, como uma negação do casal. As aulas teriam que ser dadas por duplas de ambos os sexos e as crianças deveriam ser educadas por um homem e uma mulher, do mesmo modo que deveria haver um Papa e uma Papisa, um presidente e uma presidenta, não necessariamente marido e mulher. Isso seria o que eu faria como primeira medida política para a vida social: todas as atividades humanas teriam que ser realizadas por casais complementares.

*Nós vivemos num mundo que está sujeito à técnica, ao mercado e ao dinheiro. Isso acontece por causa do capitalismo ou está dentro de nós mesmos?*

Se você observar atentamente, o que define o homem ou os valores não é quantidade, e sim a qualidade. A humanidade sempre foi qualificada por seus valores. Outra coisa é a grande massa, que é a que no fundo dirige o mundo, porque os políticos precisam do voto dela e têm que ludibriá-la para se legitimar. Nosso trabalho é outro, é criar gente consciente. Tudo o que eu quero para mim, desejo também para os outros. Trabalhar a consciência para depois poder reparti-la. Que a humanidade não tenha por base a catástrofe, porque então predominará a quantidade e a massa tem um baixo nível de consciência: a multidão não representa o ser humano. Nesta sociedade doente surgem pessoas como anticorpos que são convocados a expandir a consciência, mas esse é um trabalho que

tem que ser feito a partir da escola, a partir da rua, a partir da arte, a partir de cada palavra. Por isso eu falo da arte para a cura e não de política.

Os entretenimentos anestésicos também não servem para nada, talvez apenas para tornar a vida mais suportável, não é mesmo? Eu me divirto e me entretenho como um anãozinho com os filmes americanos, que servem apenas para embotar o cérebro, mas toda essa pseudo-arte não muda a sociedade. O que de fato a sociedade tem que fazer é se transformar, e não apenas mudar. Aos poucos, ela vai se transformando. Se você pegasse qualquer ser medíocre de hoje e o transportasse para a Idade Média, ele seria um gênio. Nós estamos nos transformando, vamos mudando, mas a massa faz isso mais lentamente. A sociedade é como o corpo de uma galinha; as patas da galinha são duras e insensíveis, o olho é muito vivo, e há seres que encarnam as células do olho e outros que encarnam as células das patas, da asa ou do seu traseiro.

Mesmo que nem todos os seres humanos tenham a mesma função, a consciência coletiva é absolutamente necessária. Existe, como eu já disse, diversos graus de consciência. Se nós tivéssemos outro nível de consciência a humanidade seria maravilhosa. O problema é que o homem da rua tem um nível de consciência animal, infantil e romântico, que o obriga a continuar apoiando quem não está do lado dele, a classe política, o exército...

A partir da escola e da televisão, constantemente se tece uma bandeira às guerras e ao poder. Nossa história é a história das batalhas e das imposições — a vergonha da humanidade. O exército e a polícia são elementos repressivos que parecem imprescindíveis, mas que poderiam muito bem não existir. No Chile, eu propus que o exército trocasse seu uniforme por um tutu e aprendesse, antes de qualquer outra coisa, a dançar balé clássico e que depois estudasse arranjos florais e jardinagem para fertilizar nosso deserto chileno e assim transformá-lo num jardim.

### III

**O** futuro é algo que já está entre nós. Como você vê o futuro da espécie, dessa humanidade da qual você fala?

Estou farto de pessimismo, a raça humana sempre muda quando está em perigo de morte. Quando começar a morrer gente pelas ruas, nós acabaremos com a poluição e outras barbaridades. Reagimos sempre por necessidade.

*E nunca é tarde demais?*

Nunca é tarde. A telefonia celular, os carros, a genética, as armas são aperfeiçoadas da mesma maneira que outras tantas coisas que são boas para

a humanidade. O descobrimento da energia atômica beneficiou muito a medicina e a ciência. O caminho que a genética está abrindo e que agora nos parece monstruoso é necessário, porque estamos entrando na vida. A clonagem terá que ser explorada se quisermos evoluir e abandonar nossa origem primata. Uma das idéias de força que existia na alquimia era a do homúnculo: criar um ser humano. Temos que ser capazes de fazer isso. A ideia da depuração da raça arruinou o desejo de que o homem progrida geneticamente, mas nós teremos que conseguir um corpo diferente uma vez que este não corresponde aos nossos desejos espirituais.

*Mas com o desaparecimento de culturas e espécies, a destruição da Amazônia... o mundo não será mais o que foi.*

Mas nós poderemos refazê-lo com a genética. Graças à genética, nós vamos recuperar os animais que tivermos exterminado. Nós não podemos nos opor à ciência. Para mim, o avanço científico é muito positivo. É assim como na natureza: quanto mais avançamos no mal, mais nós fazemos o bem.

*Então por que esse medo do futuro?*

Veja, um animal tem medo porque pode ser devorado a qualquer momento. Para que esta sociedade funcione e não afunde no anarquismo, o medo tem que estar ativo. Existem muitos terrores: o terror econômico (muito atual), o terror sexual (idem), o terror da consciência (quando a sociedade começa a pensar na pena de morte), o terror emocional (a guerra dos sexos), etc. O terror é algo complexo: faz aumentar as forças defensivas e a sociedade fica na mesma.

*Como você imagina o mundo daqui a alguns anos? Segundo lhe parece, quais seriam as possibilidades de mudança?*

Eu penso que no futuro nossa energia, nosso mecanismo energético mudará. As mudanças sociais são mudanças energéticas. Nós todos seremos obrigados a voar! Porém, não como os pássaros, mas pela descoberta da força antigravitacional. Precisamos vencer a gravidade, sem isso não existe um futuro concebível. Tudo irá mudar. Uma cidade é um lugar com raízes, e as cidades desaparecerão. Viveremos em carapaças volantes. O céu se povoará, e o chão ficará livre das ruas, dos caminhos, não usaremos gasolina... Voaremos sobre um jardim maravilhoso habitado por todo tipo de animais. Viveremos em liberdade. O espírito mudará, tudo mudará.

*Você acredita que estamos caminhando na direção de um mundo sem limites materiais, para uma espiritualização?*

Sim, e será uma mudança lenta. Não existirá mobília, trabalharemos com materiais inteligentes que se desmancham e refazem suas formas, robôs portáteis, roupas que curam, que medirão nossa temperatura e nosso estado geral em todos os momentos, teremos casas pensantes que funcionarão sozinhas. Tudo isso já existe, mas será aperfeiçoado. Os combustíveis fósseis se esgotarão: já existem automóveis que funcionam com hidrogênio, gás, ar comprimido. A poluição terminará. O dinheiro evoluirá para algo imaterial. Com a oferta gratuita de energia, nós poderemos desfrutar do ócio e teremos uma vida longa. Desenvolveremos as artes, a beleza. Falaremos cantando, talvez, como poetas. Aos poucos a telepatia irá se firmando como linguagem. Haverá um meio de comunicação instantâneo e universal. A relação entre os casais melhorará significativamente e se tornará mais consciente. Não acontecerá, como hoje, que uns comam e outros não e, portanto, a fome desaparecerá. O homem comum terá que elevar o seu nível de consciência. Somos gorilas, primatas. Porém, ainda estamos em formação e chegaremos a voar.

Mesmo que haja muitas lutas e resistências nacionalistas para manter as pequenas coisas, chegará um momento em que tudo isso acabará, porque essas coisas se tornarão inúteis. Como tudo isso acabará? As crianças darão conta disso. No futuro, esses filhos do nacionalismo estarão conectados com o mundo todo. Aos poucos, todas as nacionalidades estarão misturadas. Há um futuro maravilhoso à nossa espera, mas antes haverá a necessidade de muitas pragas para deter a nossa devastação planetária e o assassinato de outras espécies. Sempre haverá doenças para equilibrar a população, mas nossas mentes terão poder de cura.

*As espécies que acompanharam nossa evolução estão condenadas a desaparecer?*

Não. Nós as recriaremos. De uma pele de tigre na parede nós faremos tigres.

*Mas eles serão reais ou virtuais?*

Reais.

*O que você pensa sobre as experiências genéticas?*

A genética é sagrada. Não precisamos resistir a ela.

*Então você acredita que um dia nós seremos capazes de criar beleza, tal como a da asa de uma borboleta ou uma flor?*

Claro, a partir de uma semente ou algo orgânico, nós poderemos criar um animal: tudo está contido na célula.

*Recriar, mas não criar...*

Bem, nós poderemos misturar animais e espécies...

*Então você entende a manipulação genética como uma necessidade?*

Penso que ela é absolutamente imprescindível e nós teremos que ir fundo nas experiências. Durante muito tempo não houve progresso nessa área por causa dos preconceitos religiosos, e agora os preconceitos científicos, econômicos, políticos e etc, que também têm seus preconceitos, mas nós temos que seguir em frente!

*Há quem pense que a clonagem viola direitos fundamentais da pessoa.*

Se a própria pessoa quer isso, por que haveria violação?

*Falo isso pensando no ser que nasce de uma clonagem. Poderão ser criadas cem cópias de um ser humano para transplantes de órgãos ou para a escavidão.*

Dois mil jovens se suicidaram por causa do Werther que Goethe escreveu e houve quem dissesse: "Por que ele tinha que escrever isso? Certas coisas não devem ser escritas". É assim que surge a censura, a partir de suposições desse tipo. Mas, seguindo a mesma linha de raciocínio, então nós também deveríamos queimar a Bíblia, porque ela produziu mais mortes que a bomba atômica. Ou então, todos os textos budistas, porque há quem se queime vivo por causa deles. Tudo oferece perigo, sempre. Mas, mesmo com o perigo, nós não vamos impedir o fluxo das coisas. Também existe o perigo de criarmos um exército de zumbis, de fazer uma nova humanidade superdotada e longeva: uma mutação da humanidade para algo infinitamente melhor do que somos agora. Esse é o caminho.

*No entanto, se analisarmos a história, certos fenômenos tão graves quanto o nazismo foram desencadeados justamente porque se quis melhorar a espécie.*

Mas nesse caso, o que se quis fazer foi uma seleção racial para fins de dominação. Não era a genética, não se trabalhava com o feto, com a célula, nem nada desse tipo. Eram sonhos de uma época, inspirados no

desejo de uma raça superior que dominasse as outras raças. Mas o que eu estou falando é de uma humanidade superior, não de uma raça superior. É daí que vem a minha consideração pela genética. Você percebe quais são as barreiras que nos impedem de chegar à verdade? Nós continuamos com a ideia de que a genética traz consigo o perigo de criar um novo *führer*. Vamos mudar esse conceito: vamos criar uma humanidade superior, e então aceitaremos a genética.

*Você acha que no futuro haverá um mundo virtual como este que está sendo desenhado pela Internet?*

Não. A raiz do virtual é o real. Por isso, o mundo virtual sempre se dissolverá no real.

*Você acredita que as religiões, tal como as entendemos hoje, se tornarão coisas do passado?*

Claro, um fenômeno histórico, um fóssil. Haverá místicos, mas as velhas crenças serão fósseis. Quando eu vejo filmes com sacerdotes, dou muitas risadas: os padres são um verdadeiro carnaval, os rabinos, um desfile de loucos, os tibetanos, os hare krishnas, todos fantasiados como travestis. Um religioso não precisa vestir uniforme.

*Haverá novas Igrejas?*

Igrejas eu não sei, mas haverá grandes salões de baile. Todos esses lugares se transformarão em lugares de festa.

*E a arte, como você acha que ela será?*

Nós já estamos vendo isso agora. Com os novos meios, está nascendo uma arte polivalente. Quer dizer, agora estamos acostumados a ler um poema, a admirar uma escultura ou uma pintura, a ir a uma apresentação de teatro... Em um só aparelho, você terá tudo isso: literatura, música, vozes, imagens, você terá uma terceira dimensão... A arte total.

*Como será a evolução da nossa percepção temporal?*

Como viveremos muito mais tempo, será um prazer quando tivermos três mil anos de vida, porque ficar velho é estar com o cosmos e com o universo. Nós vamos sentir o universo. A vida é um presente divino. Estar vivo é um presente inimaginável. Nós temos que trabalhar para melhorar esta maravilha.

*A vida extraterrestre está muito presente no universo das suas histórias em quadrinhos. Qual é o sentido disso para você?*

Isto está ali porque realmente existe, assim como os problemas metafísicos, a política e todo o resto. Por que uma história em quadrinhos não poderia conter isso tudo? Essa coisa de gêneros é um problema: o teatro de comédia, o teatro dramático, o melodrama... Eu não acredito nisso.

Não existe apenas um planeta ou um único sistema planetário: existe um cosmos, um universo que está presente em cada segundo.

*Você acredita que existe uma civilização mais avançada em algum lugar do universo?*

Claro, isso é perfeitamente possível. Por que pensarmos que somos os únicos seres que existem? A resposta para o fenômeno da consciência terá que ser procurada em todo o universo. Assim como existe conhecimento e vida em um lugar, poderia também haver em outro. Poderia ser uma forma de vida diferente da nossa, que seja, inclusive, diferente da nossa.

## A Arte de Curar

**O** corpo, segundo você diz, é um poço de problemas não resolvidos. Claro, porque quando você não quer ter consciência desses problemas, o corpo os transforma em doença. Mais cedo ou mais tarde, todo segredo tende a ser revelado, assim como o oculto tende à manifestação. A natureza quer que você seja saudável e realizado e, quando você se reprime, alguma coisa em você acaba saindo por algum lado.

*De onde vem todos os excessos que flagelam a nossa sociedade?*

Das carências da infância que as pessoas tentam compensar desse modo. O alcoolismo geralmente surge pela falta do leite materno. O abuso da heroína costuma acontecer porque há uma carência do ser, uma falta de reconhecimento, para preencher a dor de não ser amado.

*A loucura existe ou é uma invenção da polícia, como diria Topor?*

Sim, existe. Nós tanto precisamos do sonho quanto da realidade. Há situações onde a fronteira da individualidade desaparece e o cérebro perde o controle, levando-nos à loucura. O cérebro é um universo em constante expansão e movimento. Nós vivemos numa prisão racional que navega dentro de um louco. ✱

*Qual é a doença mais comum?*

O sofrimento emocional. A civilização nos predis põe a isso.

*Você assistiu a muitas operações nas quais os xamãs curam as pessoas. O que existe de verdade e o que é encenação nas curas entre os primitivos?*

Eu partia sempre do princípio de que não acreditava em nada. Não que eu duvidasse, mas não queria acreditar naquilo. O passo decisivo nesta questão foi eliminar o acreditar ou não acreditar, eu tirei essas duas coisas de cima de mim. Os cientistas não acreditam, mas acreditam em não acreditar. Isso é um erro. Nós não podemos ter preconceitos diante de coisas assim. Temos que nos submeter à experiência com tranquilidade e ver quais são os resultados.

*Seja como for, o xamã age de modo metafórico.*

Claro, porque o inconsciente age através de metáforas. Se, por exemplo, alguém lhe fez algum mal, você dá a esta pessoa uma bola pintada de preto e lhe diz: "Toma, este é o seu câncer e não o meu, fique com ele", isso é uma metáfora.

*Mas o doente sempre apresenta alguma resistência à cura.*

Não é alguma, mas a própria resistência, por uma razão muito simples: a doença já é uma resistência por si só, uma resistência à mensagem do inconsciente. O que está ali é uma proibição e, na medida em que você impõe uma resistência a isto, você cria uma doença.

Quando eu leio o tarô, eu luto como se estivesse num combate de artes marciais. É uma luta de caratê com o consulente que resiste ao tratamento. O tarô é uma arte marcial que quer dar vida a você, mas o consulente combate e resiste.

Você luta contra as defesas que estão num certo nível da consciência. Passar de um nível de consciência para o outro é uma batalha. As pessoas se defendem da cura porque foram marcadas por uma predisposição genética, sociocultural e familiar que imprime uma identidade nelas. A pessoa doente está pedindo alguma coisa, ela quer ser amada. Para poder ajudá-la, você tem que lutar para que ela aceite que nunca ninguém vai dar a ela o que não lhe foi dado na infância.

*Paradoxalmente, ao mesmo tempo, o doente pede pela cura.*

Na verdade, o doente pede a cura para se ver livre da dor, não da doença. Ele está pedindo uma aspirina metafísica. Ele quer que o sintoma desapareça, mas não quer ver aquilo que, em essência, é a causa da doença. Não quer ver porque o que mais teme é a perda da identidade.

*É como o medo da morte?*

Não. É muito mais do que o medo da morte. O cérebro não concebe o medo da morte, mas sim o medo de perder a identidade, que é o equivalente disso. A pessoa que perde a memória é como um morto vivo que tem que recomeçar uma nova vida.

*Sem um pano de fundo primitivo, sem uma superstição, o que fica das cerimônias de cura realizadas pelos xamãs?*

Não é só uma questão de um contexto primitivo. Nós somos primitivos. Quando estive na Índia para rodar meu filme *Tush* (1978), eu procurei um mestre. Eu o encontrei na saída de um hotel e ele estava muito gordo, tinha enriquecido, engordado e se ocidentalizado de uma maneira grotesca. Num outro dia, eu vi uma passeata de *sadhus*, os homens santos da Índia, protestando porque o preço da *marihuana* tinha subido: estavam todos drogados. As mulheres vendiam seus *saris* de seda para comprar de nylon e etc. Esses povos primitivos querem vir para cá e isso explica a invasão de xamãs de todo tipo que chegam às nossas cidades. Todos os que vêm para salvar o mundo querem entrar na civilização. Eles são atraídos principalmente pelo dinheiro. É isso que chama a atenção deles para o Ocidente. É ridículo que nós que saímos da mentalidade primitiva, que chegamos à mentalidade racional, regressemos aos segredos do primitivo. Não podemos voltar para trás. Temos que pegar esse conhecimento e aplicá-lo à nossa mente racional para ir mais longe ainda.

*Mas existem os que vão à selva em busca de ritos, de xamãs e referências que estão esquecidas entre nós...*

A moda do neo xamanismo é ridícula. É bom visitar outros povos para aprender técnicas que estão perdidas entre nós, mas não para imitá-los ou reproduzir suas superstições, seus deuses ou seus ritos, que para nós não são úteis. É um absurdo. Nós nunca seremos peles vermelhas

nem índios do Amazonas, mesmo que queiramos. O livro de Antonin Artaud, *Los tarahumaras*, é lamentável, com o seu olhar de turista sobre aqueles povos. Nós temos uma tendência a idealizar os antigos. Eles não eram melhores que nós, mesmo tendo conservado algum conhecimento defunto que, além do mais, nem podemos usar. A postura tradicionalista não é útil para nós.

✦ *Em que consiste a Psicomagia?*

A psicomagia consiste em dar conselhos para resolver problemas, através das técnicas não supersticiosas da magia. Seus elementos integram todo tipo de atos simbólicos que possam ser propostos a uma pessoa.

A primeira coisa que temos que ter em mente é que quando uma pessoa tem um problema, nós temos que fazer com que ela integre o seu problema para se tornar consciente dele. É preciso levá-la ao limite do problema e não separá-la dele de repente, mas fazer com que ela enfrente os seus medos. Uma vez superada essa fase, a angústia desaparece e a pessoa pode se refazer. Se a pessoa tem algum medo, ela tem que enfrentar esse medo. Isso não é nada original: colocar a pessoa de frente com a sua angústia. A partir disso, há métodos concretos para ajudá-la. Quando a pessoa sofreu uma vida inteira, a única coisa que se pode fazer é deixá-la morrer para renascer de novo. Isso é feito de maneira metafórica, por exemplo, mudando-lhe o nome e confeccionando para ela um novo cartão de apresentação.

A psicomagia lança mão de soluções criativas muito simples para as quais eu não tenho limite algum. São coisas não agressivas, coisas boas, nunca destrutivas. Por exemplo, se enterramos alguma coisa, temos que plantar alguma coisa. A criatividade não deve ser levada para o lado do mal ou usada como uma forma de fazer mal, você entende? Isso porque a criatividade vista desse modo é destrutiva e a destruição não interessa.

*A própria pessoa pode exercer a Psicomagia por si mesma ou precisa de um mestre?*

✦ É claro que ela pode praticar isso por si mesma. Eu sempre faço assim. Tenho os fetiches que me são próprios e sagrados, e também cômicos. Eu fiz para mim um pequeno altar com os reflexos condicionados que me são próprios.

*Que características uma pessoa precisa ter para curar outra pessoa?*

✦ Ninguém cura ninguém, o que se faz é ajudar o outro a se curar. Só a vaidade faz alguém pensar que pode curar o outro. Se nem ao menos o outro se cura! Deus é quem cura. Eu acho que o que move tudo isso é a bondade. Quando a pessoa desenvolve dentro de si mesmo esse sentimento de bondade, ela percebe os sentimentos do outro e faz o que pode para livrá-la daquele mal. É preciso se colocar no lugar do outro e fazer o possível para que ele descubra um jeito de se curar. Para tanto, é necessário que o outro eleve o seu nível de consciência e mude a visão que tem das coisas. Todos nós percebemos a vida de um certo ponto de vista que sempre é mais ou menos variável. Quando mudamos este ponto de vista, nossa vida muda.

*O terapeuta tem que ignorar a moral para curar?*

✦ Ele deve ser totalmente amoral, mas não imoral. A imoralidade é sempre uma doença escondida. Ser amoral, no caso do terapeuta, significa não julgar. Ele é como um médico: se um assassino se corta, o cirurgião o ajuda e dá pontos naquele corte. O terapeuta tem que agir da mesma maneira. Ele tem que deixar de lado os preconceitos, principalmente o psicoterapeuta.

*Então é preciso ser desinteressado e manter uma certa distância para curar?*

✦ É preciso deixar claro o que significa esse "desinteresse". Não querer nada da pessoa está muito bem, mas isso também pode significar um certo cinismo e indiferença. O terapeuta tem interesse em curar a pessoa e é justamente esse interesse que faz com que ele seja desinteressado. Eu me refiro aos terapeutas que não estão atrás de ganhar dinheiro ou de ganhar pessoas, como é o caso de certos adivinhos. Mas existem também outros tipos de interesses, como acontece quando o consulente desperta um complexo que o terapeuta tem e ele então quer se transformar numa muleta para o doente para reforçar o seu ego e assim explorar a sua necessidade narcisista. Outras vezes, o interesse pode ser político ou social. Eu conheci uma psicanalista que destruía sistematicamente os casais que se aproximavam dela porque odiava os homens. Também existe o interesse de ser amado. Ou então o mais comum: tentar se tornar amigo do paciente, isso tem de ser abandonado para se poder curar.

*Você costuma dizer que curar é tudo menos um jogo surrealista... mas suas receitas de Psicomagia têm muito de jogo e até um certo humor.*

Há qualquer coisa de humor, mas o que acontece é que no momento em que fazemos alguma coisa que nunca fizemos antes, já estamos no caminho da cura. Nós temos que romper com as rotinas. Como estamos lidando com a linguagem do inconsciente ou dos sonhos, estes atos podem soar aparentemente estranhos. É o caminho inverso ao de Freud, com a psicanálise e os sonhos. A psicanálise anota os sonhos e os interpreta à luz da razão, ela vai do inconsciente para o racional. Eu vou pelo caminho inverso: eu parto do racional e caminho em direção à linguagem dos sonhos, introduzindo os sonhos na linguagem da realidade. Os atos psicomágicos são como construir sonhos na realidade. Se estas coisas não acontecem, temos que fazer com que aconteçam. A realidade demanda a liberação onírica e é preciso fazer alguma coisa para que aquilo aconteça para que a pessoa se cure. Tudo o que foge do racional provoca o riso ou o espanto. Riso e espanto são apenas reações diante do incomum.

*A questão é que a Psicomagia tornou-se popular. Como você encara isso?*

Eu encontro pelas ruas muitos atos de psicomagia que não fui eu quem receitou. (Risos). É verdade, ela tem sido muito usada. No começo eu fui discreto. Durante anos, eu dei conselhos e os anotei. Mas logo veio Gilles Farcet e nós fizemos o livro *Psicomagia*, que ele levou quatro anos para preparar, enquanto eu continuava trabalhando. Quando saiu na França, o livro foi um grande sucesso e logo foi traduzido para o espanhol e para o italiano. As pessoas começaram a me procurar e então eu pude fazer certas experiências. Durante um ano, eu recebi, todos os dias, duas pessoas na minha casa para trabalhar na elaboração das leis da psicomagia. Eu pensava que aquilo era uma parte da minha criatividade e que, antes de morrer, eu tinha que conseguir ensiná-la ao meu filho Cristóbal, a minha mulher Marianne e a uns tantos terapeutas. Eu continuo formando gente, mas o processo é muito lento. É preciso, pelo menos, quatro ou cinco anos de experiência e muita atividade artística.

✧ O que fundamentalmente distingue esta terapia da psicanálise é que esta última foi criada por gente que vinha da universidade e da ciência, enquanto que eu criei uma técnica que vem da arte. Eu digo que um cientista não pode ser terapeuta. A cura é obra de artistas e poetas. Se não for assim, você não consegue curar.

*Você trabalha com o corpo concreto, mas levando em conta a existência de um corpo fantasma sobre o qual você pesquisou muito.*

✧ Eu comecei estudando religiões, tantra, ioga, alquimia, o zen, medicina chinesa, a Cabala e me dei conta de que cada cultura cria uma biologia imaginária que funciona. Por exemplo, eu aprendi que o *chakra muladhara*, que fica entre o sexo e o ânus, é como uma flor de quatro pétalas que tem no centro um elefante com a tromba erguida. Num primeiro momento, eu pensei: "Eu não sinto que eu tenho alguma flor entre o pênis e o ânus". Mas quando eu fui para a Índia, resolvi montar um elefante para ver como era isso. E foi então que eu soube por que eles diziam isso sobre aquele *chakra*: quando você monta um elefante, você sente a força da natureza. O elefante anda como um giroscópio, ele não se inclina nem para a direita, nem para a esquerda, ele segue como um barco em um mar calmo. É como uma força monumental da terra que você pode sentir entre as pernas. Então eu me dei conta de que essas flores e esse elefante são metafóricos e que nós temos que compreender o sentido cultural disso: são localizações que correspondem ao corpo, mas são imaginárias.

Para muita gente que quer aprender massagem *do-in*, eu digo que não fiquem procurando meridianos míticos para pressionar o polegar. Em apenas uma hora eu ensino a empurrar o corpo inteiro da pessoa com o polegar e os pacientes se curam. Chakras e meridianos são biologias imaginárias. O corpo é um todo. Eu me interessei pela biologia imaginária porque comprovei que, quando você imagina o seu corpo, você o está criando. Castaneda tem uma biologia imaginária forte, com o ponto de aglutinação que todo mundo conhece. Isso vem do esoterismo europeu, a aura e tudo mais. Também estudei os corpos mutilados, os chamados "membros fantasmas".

*Que conselhos você daria para quem quer vencer seus medos?*

Cada caso é diferente dos outros, mas sempre digo que é preciso manifestar aquilo de uma forma psicomágica. Você precisa descobrir o que é que lhe provoca medo e fazer justamente aquilo. Se uma pessoa tem medo de morrer, faço com que ela tenha um funeral e a enterro simbolicamente. Para quem tem medo de ficar pobre eu a mando para uma outra cidade para mendigar durante um dia. Eu as coloco diante dos seus próprios limites para que elas os enfrentem.

George Groddeck disse alguma coisa da qual eu gostei muito: "Você tem medo do que deseja". Se uma pessoa tem medo de ser homossexual, eu a mando ir vestida de travesti a um bar de homossexuais. É preciso deixar que aquilo que é temido entre na sua vida de uma forma concreta.

*A medicina do futuro será alguma coisa como a Psicomagia, o teatro ou o psicoxamanismo?*

A medicina do futuro terá que integrar tudo isso, e é o que ela está fazendo desde agora. Eu tenho muitos alunos do doutor Hamer, que estão criando a biopsicogenealogia, que, para mim, é um delírio, mas que, aos poucos, está se tornando mais evidente.

E o meu amigo Jean-Claude Lapraz, médico fitoterapeuta, me encaminhou pacientes seus por algum tempo para que eu visse se eles tinham algum problema psicológico. Nós dois chegamos a um princípio comum que diz que: "Não vamos pressupor que todas as doenças sejam psicológicas, mas vamos observar o que existe de psicológico nas doenças". Nós estudamos os eventos psíquicos em sua relação com os aspectos corporais e, enquanto isso, nós dois fomos fazendo o nosso trabalho.

*Os médicos de hoje em dia... são um pouco psicoxamãs?*

Imagine! Pois se a maior parte deles vê você como um número e não têm nada para lhe dizer! A posição atual da medicina tem que ser totalmente reformulada: desde os hospitais até os hábitos. Enfermeiras e médicos não sabem tratar os doentes, eles pensam que o doente tem que ser tratado de modo cruel e impessoal e isso não funciona. Eles curam máquinas.

O fundamental na cura é que a pessoa se expresse e fale. Quando você cura alguém, você nota que acontece uma mudança na pessoa que foi ouvida. Para curar, você tem que saber quem é o paciente e em que terreno a doença e o caráter dela se desenvolveram. Para saber quem a pessoa é precisamos conhecer a sua árvore genealógica, pelo menos até os seus bisavós. Mas a medicina convencional não considera nada disso.

*O que você tem a dizer sobre o suicídio?*

Se você tem uma doença grave, incurável, o suicídio é uma opção possível. As pessoas têm o direito de acabar com as suas vidas. A vida não é o prolongamento de uma agonia. A medicina atual prolonga a dor e isso é terrível.

*Como você vê a maneira como a nossa sociedade enfrenta a morte?*

É uma monstruosidade a forma como se nasce e se morre. Isso não é jeito de se vir ao mundo, nós teríamos que recuperar o nascer e o morrer em nossas próprias casas.

## Entender a Vida

**A** vida como um todo, não é um milagre? Ela é rica. Se observar um campo com atenção, você perceberá que cada planta tem um verde diferente, cada margarida é diferente da outra. Muitos de nós conhecem a anedota do homem que fotografou os copos-de-leite e descobriu que um era diferente do outro: milhares e milhares de copos-de-leite, cada um com a sua forma. Isto é, tudo é variedade e diferença. Mas, ao mesmo tempo, tudo está em comunicação, há elos secretos que nos unem a todos. A vida é uma criação milagrosa. Toda a realidade é um tecido de fios mentais, emocionais...

*Temos que andar no mundo com leveza, na ponta dos pés, e não ver a realidade como um padecimento...*

Os passos são importantes. Todo o ser está refletido na planta dos pés, onde todas as suas terminações estão conectadas. Nós somos definidos pelos passos que damos. Os seres amados, os cães e os gatos, por exemplo, conhecem os nossos passos. Mas existe gente que vive muito fechada em sua própria mente e não percebe seus próprios passos, como se a terra fosse realmente muito suja e pudesse macular os seus pés.

Eu estava com 23 anos quando saí do Chile e, quando voltei, com 63. As ruas estavam cheias de recordações, de emoções; ali estava toda a

minha adolescência, cheia de poesia. Eu andava nas calçadas acariciando-as com as solas dos sapatos. Os atos das pessoas deveriam ser tão delicados quanto os passos que damos sobre um terreno que faz parte de nós.

*O que significa "não padecer" a realidade?*

A pessoa que não controla o seu território, não controla a sua existência. Se alguém não tem consciência, deixa-se levar, não só exteriormente, mas também pelos pensamentos que a assaltam. Ela se torna muito vulnerável a desejos e sentimentos. Por exemplo, você vive tranquilo com a sua mulher e, de repente, catástrofe, de repente você perde o controle porque se apaixonou por outra. A realidade não pode ser sofrida, nós temos que navegar nela, superar ventos e tempestades. Em meio aos golpes do mar e dos signos, temos que seguir com tranquilidade e olhar em direção ao porto para o qual estamos indo.

Em Nova Iorque, quando estava montando o meu filme *A montanha sagrada*, tive problemas de todo o tipo e molhava de suor quatro ou cinco camisetas todas as noites. Eu fui consultar um sábio chinês que me fora recomendado. Ele era poeta, um grande mestre de *tai-chi* e também médico. Assim que me viu, ele disse: "Qual é o seu objetivo na vida?". Eu fiquei calado, sem resposta. Ele prosseguiu: "Se você não me disser qual é o seu objetivo na vida, eu não tenho como curá-lo". Então eu entendi que se um barco atravessa a vida sem uma finalidade, ele não chega a porto algum. O que faz com que a vida não nos devore é a finalidade que nós temos. Quanto mais alta ela for, mais longe nos levará.

Como místico, eu não tenho mais do que uma finalidade: conhecer Deus. Não o Deus de que se fala por aí, mas essa coisa incrível que move o universo. Além disso, também me dissolve serenamente nele. Essa é a minha finalidade e, para tanto, não é preciso ser um guru, nem um iluminado, nem mais um fradeco ou coisa do tipo.

*Devemos ver a vida como um grande sonho?*

Como um sonho lúcido, não como um pesadelo. E quanto mais lúcido for um sonho, menos sonho ele é. A vida é como o fluir de um rio: pleno de felicidade, apesar do sofrimento. Eu não gosto das minhas guerras. Eu já passei por muitas: comecei pela mundial... Não sou dos que acreditam que o ser humano tem de viver angustiado.

*Mas o fato é que vivemos cheios de angústia...*

Lembre-se que Maria e Zacarias veem o anjo duas vezes, e em todas essas vezes o anjo diz para eles não terem medo. Eu estava escrevendo *Os Evangelhos de cura* e esta cena me veio à cabeça. Eu acredito que o anjo tira o nosso medo. O primeiro passo para entrar na consciência divina e cósmica é perder o medo que nos limita. Nosso corpo tem medo de ser devorado. Este é o primeiro e mais básico dos medos. Filmes como *Alien* ou *Tubarão* tocam neste ponto primitivo: ser devorado e não ter o que comer.

O medo, por outro lado, também é útil. Se as crianças não aprendessem a não se queimarem, morreriam. O medo preserva a vida, sem ele, não podemos viver, mas, por outro lado, o pânico é outra coisa. A angústia é o medo do desconhecido. Quando você não sabe do que tem medo, então a angústia o assalta. O essencial não é tanto libertar-se do medo, e sim deixar que o pânico o domine.

*Dizem que o amor cresce à medida que diminui a crítica. Como devemos agir diante dos defeitos dos outros?*

O inimigo do amor é a crítica do outro. Se alguém critica você é porque não o ama. Temos que aceitar o outro tal como ele é. Muito bem, mas criticar é uma coisa e o julgamento objetivo é outro. Julgar é ruim, mas saber o que acontece com o outro é bom. Temos que dizer para o outro: "Eu não o critico porque gosto de você, mas vejo seus limites e gostaria que você estivesse consciente deles para que possa ser mais livre". Isso não é crítica.

*É como se diz: "o que você dá, dá a si mesmo; o que não dá, tira de si mesmo..."*

O que significa que o que você faz ao mundo faz a si mesmo, e o que você não faz, é de si mesmo que está tirando. Se eu guardo o conhecimento comigo, eu o estou tirando de mim. Eu tive um mestre, um alquimista, que tinha 110 anos e se enforcou com um arame em seu quarto. Ele tinha um conhecimento enciclopédico e monumental do qual só oferecia pequenas frases... Para que lhe serviu acumular tanto conhecimento? Ele se suicidou!

O conhecimento que se recebe, tem que ser dado. Quando você dá o seu conhecimento, você se enriquece. Se você não dá amor, você o está negando a si próprio. Se eu começo a ajudar as pessoas, se eu começo a curar as pessoas, eu começo a sarar, você entende? É preciso estar doente

para ser um terapeuta. A primeira coisa a fazer para curar a si mesmo é curar os outros. O mundo é você e eu. O mundo não é nosso, ele é o que somos juntos. Eu não quero andar com os pés sujos. Por que tenho que andar por territórios contaminados ou por entre árvores que estão morrendo? O que padecemos é o que estamos fazendo a nós mesmos: se envenenamos a atmosfera, agredimos nossos pulmões. Se eu me intoxico, com nicotina ou álcool, estou contaminando o meu sangue, mas como o sangue é de todos — meu sangue não é meu — eu estou envenenando a humanidade.

Eu tenho mais esta frase: “Não quero nada para mim que não seja para os outros”.

*Você escreveu que para se transformar, a pessoa tem que dar e não pedir, o que é bem diferente.*

Você tem que dar para se transformar, mas, para se transformar, você também tem que aprender a receber. A pessoa se fecha e não admite o amor do outro, o seu carinho e a sua ajuda. O verdadeiro salto é aprender a receber, que é tão difícil quanto aprender a dar. É preciso também aprender a pedir o que se precisa: justiça é dar a si mesmo o que se merece. Por isso os evangelhos dizem: “Batei e a porta lhe será aberta”. Se eu peço uma vida longa é porque tenho direito de pedir isso. Se eu peço que seja utilizada outra energia que não a do petróleo é porque tenho o direito de pedir isso, assim como que os rios sejam limpos, que as guerras acabem ou que a riqueza não se concentre nas mãos de alguns países com o preço da miséria de outros. Eu tenho direito de pedir que as riquezas fluam por todo o planeta. Temos que aprender a pedir o que é justo, e a não pedir o que é supérfluo.

*E as pessoas que não pedem...?*

Um santo que não pede nada é um santo que vive enclausurado em si mesmo e pelo qual o mundo apenas passa... É uma decisão individual, mas é imprescindível ter para quem transmitir os conhecimentos. Agora mesmo eu mencionei o meu mestre alquimista que tinha uma sabedoria incrível e que me revelava os segredos a conta gotas. Ele tinha sido presidiário, um homem famoso... Ele tinha posto todo o seu dinheiro no banco e, por um incidente inflacionário, perdeu tudo e ficou sem ter como se manter. Foi então que ele se enforcou com um arame. Ele se enforcou por não ter comungado com os outros. Eu entrei numa crise pro-

funda quando soube disso e me perguntei sobre o fim daquele homem. Aprendi alguma coisa: a sabedoria que você não entrega, está perdida. Em reação à morte desse homem, eu comecei o meu Cabaré Místico, um lugar onde eu podia ensinar os outros tudo o que eu ia aprendendo durante a semana. Às vezes as pessoas roubavam as minhas idéias, mas isso não é importante. Tem gente que diz que fez coisas que foram inventadas por mim. Tanto faz.

Uma vez, este mesmo mestre centenário, que tinha um corpo de adolescente, me contou que tinha estudado artes marciais. “Eu também”, disse-lhe. Estávamos em Notre Dame e ele me disse: “Ataque-me”. Eu me coloquei em posição de combate e ele moveu a sua mão esquerda de uma maneira tão incrivelmente bela que enquanto eu olhava fascinado para ela, ele me deu uma grande bofetada: “A beleza é a mais perigosa das armas”, ele me advertiu. Eu demorei muito tempo para compreender isso. Ele tinha usado uma prática secreta chinesa que consiste em desenhar um gesto com a mão para distrair o inimigo. A beleza é assim: uma arma terrível.

*A arma mais poderosa do ser humano é a imaginação. De onde vem a imaginação?*

A imaginação é um jogo de construção que nós temos. Nós vamos adquirindo os materiais por diversos caminhos: palavras, emoções, desejos, necessidades, sensações, percepções. Nossa consciência racional organiza tudo isso à medida que vamos aprendendo. Mesmo com nossos processos primitivos de identidade, nós organizamos. Essas peças se acumulam no cérebro e podem ser misturadas e organizadas de diversas maneiras, como num jogo de Lego. Nesse processo, nós não contamos apenas com o que chega de fora, com o que é adquirido, mas com o que, misteriosamente, já está no nosso cérebro, no que chamamos de inconsciente. A imaginação cria estes materiais. Quando você lê, você está imaginando muito mais do que está lendo. A imaginação é uma linguagem mais rica que nossa limitada linguagem oral... A imaginação supera os limites do racional. Existe uma imaginação visual, tátil, olfativa, bucal, auditiva, emocional, sexual ou intelectual. Uma imaginação emocional que desenvolve seus sentimentos até o sublime ou o crime. Uma imaginação sexual, como a de Marquês de Sade; uma imaginação material, como a que Marx tinha, que o fazia ver o mundo através da economia. Eu chamo a imaginação de criatividade, a base da vida. Nós padecemos pela falta de imaginação, pela falta de criatividade.

*Depois de tudo isso, há alguma coisa para perdoar na vida?*

(Sorrindo) Sua pergunta é curiosa, porque denota que você vê a vida como um objeto e a si mesmo como um sujeito que está de fora e que, além do mais, julga. Nós não somos fradecos fora da vida! Para perdoar a vida nós primeiramente teríamos que perdoar a nós mesmos. E, para isso, nós teríamos que ser culpados de alguma coisa, e não somos. Não existe culpa. Nem mesmo um criminoso é culpado sozinho: todo crime individual é fruto de uma família, da sociedade e da história.

*Eu falava em termos de ressentimento em relação à vida.*

\* Nós temos que nos livrar dos ressentimentos: é um trabalho insano isso de perdoar nossas raivas e rancores. Nós estamos cheios de rancores e frustrações pelo amor não recebido. A doença é falta de amor.

*E qual é o remédio para a falta de amor?*

\* A criatividade.

*Nós podemos aprender a ser criativos?*

Certamente que sim, eu lhe darei um curso agora mesmo.

Curso intensivo de criatividade

## Introdução

Quando falo de criatividade, eu estou me referindo a uma transformação radical de nós mesmos. Se eu nunca antes quis refletir em voz alta sobre este assunto é porque o que você vai ouvir é muito estranho. Sem a imaginação, o mundo anda muito mal. Eu estou convencido de que a maior parte das doenças tem origem na falta de criatividade e de que os problemas sociais que temos no mundo se devem a esta carência. A criatividade mal compreendida provoca a guerra e os crimes.

Para trabalhar com a criatividade, temos que ser críticos com nós mesmos e com tudo o que representamos. Quando olho uma pessoa, posso ver em que estado o corpo dela está. Também posso ver as suas tensões mentais, os meandros de seu espírito. Em outros, eu percebo as dúvidas que eles têm sobre si mesmos ou a educação que foi recebida na infância como uma casca pesada, uma vez que fomos educados para a racionalidade. Outros ainda estão envolvidos o tempo todo com as coisas do passado. Quando olho, meu olhar não é crítico, e sim criativo. Se leio o tarô, eu vejo a pessoa integralmente, totalmente esquecido dos meus limites. Isto é só um exemplo de criatividade.

Eu quero explicar, de uma forma global, porque a criatividade é tão rara. A criatividade é tão estranha que com ela nós podemos chegar a Cristo, Buda, à Virgem ou Atenas. A criatividade se relaciona com a religião e também com os mitos. A vida me salvou. Por isso eu vou começar este curso contando coisas do meu passado.

Começarei dizendo que nasci num bairro operário, onde meu pai tinha uma loja e era comerciante. Eu já contei isso em um livro que se chama *A dança da realidade*. Eu vim dar num mundo muito limitado e pensei que a criatividade era a única chave que eu tinha. O certo é que eu gostava de estudar, era um bom aluno, mas me aborrecia um pouco. Meus tios eram universitários e como eu os detestava, abandonei a universidade. Então eu disse a mim mesmo: “A única chave que eu tenho para a salvar a minha vida é a imaginação”.

Mas como desenvolver a imaginação? No meu caso, não foi difícil. Eu tinha aprendido a ler aos cinco anos e passava a maior parte do tempo entre livros: contos de fadas, histórias de todo tipo... Desenvolvi a imaginação através da leitura. O imaginário formado através dos livros é sempre um imaginário intelectual, pois passa pelas palavras. Mas a imaginação é muito mais do que isto. A criatividade vai além das palavras.

Um dos grandes inimigos da criação é a moral. É preciso ser amoral para desenvolver a imaginação. A moral aprisiona o nosso mundo imaginário. Temos que ser corajosos e abandonar esta muleta.

### História do imaginário

**D**o ponto de vista histórico, o ser humano começou sua existência fechado no que ele era, dentro de si mesmo. Depois, ele se deu conta de que podia permitir a entrada de elementos que não estavam nele mesmo, e sim fora do seu corpo. Nós fomos colocados na natureza e o que acontece é que a natureza passa a ser nós mesmos! No começo, no entanto, o mundo nos parecia alheio.

Por exemplo, suponhamos que eu seja um selvagem: eu sei que o mundo não é eu, mas me dou conta de que existem árvores, vegetação, flores, ervas... Por meio da feitiçaria, um dia eu incorporo a árvore em mim. Crio um totem vegetal. Estou unido à árvore, ao totem. Quando se planta uma árvore, essa árvore é eu; quando o tronco dela é cortado, eu morro. Quando eu morro, as suas sementes são colocadas na minha boca, e delas nasce outra árvore maravilhosa. Do meu cadáver surge uma árvore e logo eu me transformo em semente. Tendo incorporado as árvores, eu começo a lavar a terra, porque me identifico com as plantas. O que está na base da minha imaginação é o mundo vegetal, e isto se transmite até os dias de hoje, pois os fitoterapeutas usam as plantas para curar. É preciso entrar no espírito das plantas, mas de maneira inversa, abrindo uma porta para que o espírito das plantas penetre em mim. Eu só me tornei criativo quando o espírito das plantas tiver entrado em mim.

O Om Mani Padme Hum, o diamante na flor de lótus fica ali no fundo do espírito das plantas. É aí onde se concentra toda a religião tibetana. O nascimento de Buda acontece na flor de lótus que brota no pântano. Toda a religião egípcia ou budista está fundada na incorporação de uma planta, pois esta flor se abre à luz do sol, expande seu perfume e se torna deus. Eu sou uma planta que nasce do lodo, que cresce em meu inconsciente; eu cresço a partir da consciência, do conhecimento, e de mim sai o Ser de Luz. A origem disso tudo é remota. Minhas portas foram abertas graças à incorporação de uma planta. Há um *koan zen* que diz: “Porta aberta ao norte, porta aberta ao sul, porta aberta a leste, porta aberta a oeste”. Essa é a resposta à existência de Buda. Só se tem acesso ao sentido disso quando se entende que há algo que se abre. Quando a pessoa ainda não foi iniciada na criatividade, ela está no caminho da busca, mas a abertura lhe custará muito. Para ser criativo, é preciso soltar-se. Assim se entra no zen, porque o marco inicial do zen é soltar as amarras, é libertação.

À medida que a humanidade progride em seu avanço, o homem deixa que o animal penetre nele. Ele absorve o animal: os insetos, as rãs, os tigres, os leões, os leopardos, as aranhas... ou seja, o totem animal. Todos os deuses nasceram do totem animal: Apolo, por exemplo, é uma rã. Em muitas culturas, é costume esculpir máscaras de animais; de leopardos, no México; de crocodilos, na África, inclusive o zodíaco é simbolizado por figuras de animais e, ainda hoje, perdura a incorporação do totem animal em nossa vida cotidiana: usamos expressões como “ser uma águia” ou “lutar como um leão”. Nós temos o animal incorporado em nós.

E é assim que, em princípio, o ser humano produz a sua criatividade: de cada coisa que incorpora, faz nascer um deus. Depois de ter incorporado o animal, o homem torna-se caçador: pode criar vacas, cordeiros... Se ele incorpora um tigre, pode caçar um tigre; se introduz um elefante, pode domar um elefante. É daí que vem o deus Ganesha na Índia, com sua cabeça de elefante. Para a cultura indiana, Maya é uma aranha que tece o universo; e esse universo é um sonho, um sonho tecido em forma de teia. Como podemos ver no tarô, o arcano oito é A Justiça, e A Justiça é uma descendente da aranha. Todo número oito descende da aranha: as oito patas, o símbolo do infinito e outras referências.

Porém, precisamos ir mais longe. O homem contempla os movimentos da lua, os movimentos do sol e, olhando as estrelas, ele incorpora os ritmos do cosmos. É daí que nasce a lei, a realeza; toda a organização da sociedade nasce da incorporação do ritmo cósmico. Por exemplo, havia um rei que, nas noites de lua cheia, dava presentes ao seu povo e era

destronado quando ela se punha. Eles acompanhavam o movimento da lua. Nós pensamos por ciclos. Ainda persiste a participação dos astros na organização da vida social. Somos regidos por um presidente, que simboliza o Sol, e por uma mulher do presidente, que simboliza a Lua. O Papa é um símbolo solar; A Papisa é um símbolo lunar. A assimilação dos ritmos cósmicos é importante para nós. A iluminação se dá em relação a esses ciclos. É como se diz: "Alcançarei a iluminação e me transformarei num sol". E nós brilhamos como o sol, quer dizer, nosso destino supremo é nos transformarmos em Sol (Amon-Ra), porque a lua reflete a luz do sol. Isso significa que, para refletir a luz do sol em sua totalidade, o eu tem que ser humilde como a lua. A nossa sociedade começou a degenerar quando atribuiu ao sol uma significação masculina. Há vestígios de uma antiga civilização na Alemanha na qual a lua era masculina e o sol feminino. Esses são restos de uma sociedade matriarcal na qual se tornar um sol era o mesmo que se tornar mulher. Hoje isso significaria tornar-se um homem, para falar de um modo inconsciente. Tudo isso não significa que devamos atribuir ao sol uma representação papal ou algo assim. No fundo o sol é uma espécie de andrógino essencial.

Já no Século das Luzes, o homem decidiu ser intelectual, puramente intelectual. E, assim, a mecânica começa a produzir os aparatos: os motores a gás, os mecanismos ou as máquinas que funcionam com energia manual, como os relógios. E o homem incorpora as máquinas. Imita o comportamento das máquinas! Ele assumiu o pensamento racional. Até hoje nós carregamos as marcas do Século das Luzes. Quando eu vou com um francês ao cinema, ouço ele dizer: "Mas isso não é lógico, não é possível". Se formos assistir *O Iluminado*, de Kubrick, quando o protagonista se tranca e depois sai com um machado, nós dizemos: "Mas isso não é possível, não é lógico, quem abriu a porta para ele?". Como para nós aquilo parece impossível, então não é aceitável. O que não é lógico não tem validade para nós! Este exemplo que eu dei traduz a máquina que foi introduzida na nossa imaginação, porque as máquinas são total e absolutamente lógicas. Elas têm uma finalidade muito clara e, portanto, o homem também tem que ter uma finalidade definida. O budismo, pelo contrário, busca a iluminação sem qualquer finalidade. Nós estamos marcados pelo racionalismo. Ser racional é bom, mas ser somente racional é uma lepra, é uma peste, uma doença. Quando, por exemplo, a sexualidade tomou o caminho da racionalidade através da religião, produziu-se uma catástrofe. Criou-se uma moral racional que se estendeu para toda a sociedade, o que a tornou profundamente destrutiva. Ao incorporar

a racionalidade ao sexo, criou-se um problema que mais tarde nos fez romper com a racionalidade.

Como reação a esta doença, surgiram Freud e os surrealistas. O surrealismo foi muito importante porque fez com que começássemos a nos identificar com os sonhos, nós recuperamos o reino dos sonhos como parte de nós mesmos. Antes disso, na Grécia, o sonho pertencia aos deuses, não era para os humanos. Mas ao incorporar o sonho, eu me tornei o que sonho.

Deu-se mais um passo. Agora, no século XXI, nós temos os computadores. Ele supõe uma mudança radical em nossa mentalidade, porque, em dez anos, nós assumimos todos os sistemas da informática. Agora uma casa pode ser vista de qualquer lugar. No seu imaginário, você sabe que pode entrar por uma janela, visitar um apartamento e sair. Podemos olhar uma pessoa com a mente, entrar em todas as suas veias e todo seu corpo para chegar a um lugar específico. Eu quero dizer que estamos começando a ter um comportamento de computador. É essa a mudança que estamos sofrendo neste momento. Processamos dados de maneira diferente. O que virá depois disso? Bem, eu fiz uma breve recapitulação do histórico do imaginário.

O que quero explicar é que, se eu olho para os meus sapatos, que são de uma época racional, eu o vejo como vegetal, eu vejo os sapatos como raízes. Como couro, o material de que é feito, posso também ver o animal. E também posso vislumbrar para onde eles me levam, os sapatos como objeto, e isso é racional. Surrealista: vejo que toda a minha infância está ali dentro! Nessa nossa época atual, os sapatos podem ser vermelhos, podem ser verdes, amarelos; posso mudar as suas cores, posso mudar as formas; há dez milhões de sapatos para eu calçar. Sou livre para sair da minha prisão mental.

#### A partir da nossa cela

Eu começo esta parte do curso com a palavra "prisão". Eu espero que ela funcione como uma chave para vocês. Esta reflexão foi muito importante para mim. Essa é a realidade em que vivo. Eis aqui uma história: eu nasci num corpo limitado e sinto-me impotente. Todos nós temos quatro elementos: o intelecto, o emocional, o sexual e o corpóreo. Vivemos no mundo das ideias, das emoções, dos desejos e das necessidades. Estes quatro elementos estão representados nas mandalas tibetanas, indígenas, hindus, na carta O Mundo do tarô, etc. É uma divisão em quatro partes, com o quinto elemento no centro. Este é o verdadeiro percurso

através de toda a história da arte da humanidade. Nós temos dragões como guardiões de cada uma dessas quatro partes. Cada torre está fortemente protegida. Lembremos a imagem dos leões que guardam a porta de um templo, ou as gárgulas de Notre Dame. Nós trazemos conosco excelentes guardiões que nos mantêm limitados e muito vigiados. Meu intelecto está trancado à chave, guardado; minhas emoções estão em um cofre; minha sexualidade e minhas necessidades, sob custódia. Tudo está protegido e são justamente estes guardiões que criamos que nos impedem de sermos criativos. É por isso que o que estou dizendo tem um quê de revolucionário, porque, para sermos criativos, temos de vencer esses guardiões e tirar as portas, mesmo que não os possamos ver e, inclusive, não os identifiquemos. Eles são como as bruxas más dos contos de fadas; eles são o ogro, o medo... São nossos carcereiros. Nós fomos constituídos pela história da humanidade, pelo desenvolvimento do planeta, pela sociedade, pelo país, pela família. Tudo isso vive em nós. Nossos vigilantes são pré-históricos. Aos poucos, eles se fizeram fortes, se encastelaram. Nós precisamos enfrentar esses guardiões, precisamos nos livrar deles. O problema é que, quando os atacamos, nós nos sentimos ameaçados, desprotegidos e o medo nos invade.

O último limite que existe para sermos criativos são os excrementos. Nós somos um corpo que expulsa matéria em decomposição. A urina, a saliva, o esperma, as menstruações... Estamos falando apenas do corpo. Uma pessoa que tem guardiões profundos em suas excreções não pode ser criativa. Na medicina *ayurvédica* existe uma escola que usa a urina com fins medicinais. Eu encontrei um curandeiro no México que usava todo tipo de excremento de animais para curar e, segundo ele, cada excremento tinha uma função medicinal diferente.

Na criatividade psicomágica, às vezes, quando as pessoas são bloqueadas, eu mando que elas pintem um quadro com seus excrementos. Esse bloqueio costuma ter origem na infância, no caso de famílias muito exigentes com a limpeza que proibiam as crianças de se sujarem ou de comerem com a mão. Eles as proibiram de serem livres.

### Sejam criativos

Se uma pessoa quer ser criativa, ela tem de praticar o seguinte exercício: colocar-se sobre uma superfície absorvente, beber um litro de água e depois fazer um desenho com o jato da urina. Seja como for, nós devemos ter em conta que, para ser criativo, o menino sujo tem que existir em nós. Não se pode impor limites a essa excreção. Eu fui amigo da pintora sur-

realista Leonora Carrington, que tinha sido companheira de Max Ernst. Eu a conheci no México. Ela me contou que também tinha sido amante de Buñuel, mas que, de repente, ele a abandonou. Então, quando menstrou, ela pegou o sangue com as mãos e lambuzou todo o apartamento com ele. Esta foi a sua reação criativa, um ato de psicomagia no qual se utiliza a menstruação como um elemento de transformação. Eu receitei muitos atos de psicomagia como este. O sangue menstrual é muito usado na magia amorosa. Os excrementos, em geral, são usados para todo tipo de encantamentos. A magia muitas vezes funciona à base de excrementos: gosma de sapo, de serpente, de aranha... Tudo aquilo que nos é pessoal, como a excreção, é usado criativamente.

Se queremos ser criativos, não podemos ter nenhum tipo de restrição sexual, como acontecia com o grande pioneiro disso tudo — o marquês de Sade. O surrealismo o adotou justamente por isso: porque ele imaginou todo tipo de relação sexual. Quando lemos *Os cento e vinte dias de Sodoma*, Sade se revela como um pesquisador científico que investigava todas as possibilidades do sexo sem limites. Isso pode ir da antropofagia ao crime sádico, ao incesto — pode chegar a tudo. Para conseguir despertar a criatividade, temos que lançar mão de uma imaginação sexual livre de toda a moral, livre de toda imagem religiosa. Temos que nos libertar. Um artista tem necessidade de imaginar as maiores aberrações. Ele tem que desenvolver mentalmente todas as possibilidades.

Quando alguém tem imaginação, mas é desequilibrado como Hitler era, pode assassinar milhões de judeus ou fazer explodir uma bomba atômica. Nos dois casos, foi ativado o lado obscuro que existe em nós.

Dentre os guardiões que nos vigiam, o superego moldado pelos nossos pais é o maior de todos e está sempre nos dizendo: "Isso se faz, isso não se faz, isso é proibido". Nós temos que dominá-lo, incorporá-lo, pulverizá-lo.

Um ser criativo também não pode ter limites emocionais. Isso significa que temos que estar conscientes de que existe o risco de matar, de trair, de ser guloso, vaidoso, avarento, colérico... Emocionalmente eu posso e devo imaginar tudo isso em mim. Posso ser um santo e, ao mesmo tempo em que sou o maior benfeitor da humanidade, posso ser também aquele que envenena as águas e elimina a vida. No meu imaginário emocional, eu tenho que romper com todos os limites e ir além.

Agora nós vamos examinar os aspectos através dos quais a criatividade e o mental se relacionam. A primeira coisa a fazer é vencer o império das palavras. Eu não consigo ser criativo se estiver imerso em palavras. Eu fiz

isso comigo mesmo: visualizei todas perversões do mundo. Eu não sou um depravado, mas a partir do momento em que tenho que criar alguma coisa, todos os elementos estão à minha disposição. Como vocês já sabem, quando consulto uma pessoa, eu não me imponho limites. Ela pode, portanto, me dizer o que está acontecendo e eu não vou me surpreender com nada. Uma das maiores barreiras para a criatividade terapêutica é a surpresa. Um terapeuta não pode ser surpreendido, ele tem que estar preparado para ouvir de tudo sem nunca se surpreender, pois já imaginou de tudo. É preciso ressaltar que a estranheza maravilhada é uma coisa bem diferente da surpresa.

Eu dizia que as palavras são a primeira das barreiras, a mais essencial das que nos aprisionam. Isso acontece porque, em geral, na nossa civilização, nós relacionamos a pessoa com tudo aquilo que ela diz: "Eu sou o que digo". Essa idéia ainda perdura apesar de que, com o surrealismo, Freud, Lacan e outros tantos, rompeu-se com a ideia de que somos o que dizemos. No entanto, passamos o dia inteiro contando coisas para nós mesmos. A amizade imbecil é aquela na qual nos encontramos para dizer "coisas", não para fazer coisas. Nós nos dizemos coisas cacarejando como galinhas num galinheiro. Nós somos educados pelas coisas que nos são ditas e não por ações. Por isso existe o refrão: "Do fazer ao falar, há muito o que caminhar". Nós passamos a vida dizendo: "Você me disse tal coisa", "Retire já o que disse". Isso é muito infantil, é o infantilismo da educação verbal, onde somente as palavras significam alguma coisa. Neste estado de coisas, a criatividade é nula: um mundo onde só existem palavras é um universo onde não pode haver criatividade. Isso de fazer das palavras o único objetivo da linguagem é pura histeria. A criatividade acontece além das palavras. Quando a essência das palavras é trabalhada pelo poeta, então elas são quebradas e se dispersam.

## Exercícios de imaginação

**D**e depois de termos visto mais ou menos teoricamente esta pequena introdução sobre a imaginação, resta a pergunta: Mas para que serve tudo isso? Será que estamos dispostos a abrir mão das velhas ideias? Esta é a nossa plataforma de trabalho.

Antes de mais nada, para sermos criativos, o que temos a considerar é o seguinte: vivemos dentro de um espaço delimitado. O intelecto está contido em nossa cabeça e, quando fechamos os olhos, mergulhamos na obscuridade. Fechar os olhos é como estar numa prisão. Cada vez que fecho os olhos, estou entrando numa masmorra. Esta impressão do espaço vem do conceito de propriedade privada. A sociedade inventou a propriedade privada, o direito ao espaço restrito que me pertence. Estamos acostumados a não ocupar muito espaço, à estreiteza. Em família, logo nos ensinam qual é o nosso lugar à mesa. Na escola, eu tenho um banco para sentar e dele não posso sair. Nós fomos educados desse modo. "Quem você pensa que é para me dizer isso?": as pessoas que dizem isso são as que não têm espaço. Elas acham que não somos nada. Pelo que parece, nós temos, então, um espaço ridículo. Não somos adultos. Ao começarmos esses exercícios, nós temos que levar em conta que ainda não somos adultos. O que temos que dizer para nós mesmos é: "Essa escuridão que vejo é o negrume do universo, de modo que, cada vez que fecho

os olhos, eu entro no espaço cósmico”. Essa é a idéia inicial! Nós temos que criá-la! Eu me sentia limitado mentalmente e então disse a mim mesmo: “O que posso fazer para ser mais inteligente ou mais perceptivo?”. Então eu fechei os olhos e imaginei uma luz e a coloquei o mais distante possível nesse universo infinito, inalcançável. Comecei por um universo retangular. Depois, eu segui adiante. Fui avançando e avançando. Cada vez mais longe, perdido no espaço. Depois eu fui para a direita, cada vez mais, até o infinito. E também à esquerda, cada vez mais longe, até não sei onde. E depois fui para trás, bem distante. Coloquei-me dentro de um universo que tinha um para frente e um para trás, uma direita e uma esquerda. Depois, eu fui para cima, cada vez mais alto, o mais alto possível, e depois para baixo, cada vez mais baixo, até o abismo profundo. Isso quer dizer que o universo é infinito para frente, para trás, para a esquerda, para a direita, para cima e para baixo. Eu tenho uma atração pelo infinito e, mentalmente, não sinto medo dele. E agora então nós podemos fazer o seguinte exercício: descruzamos os pés e os endireitamos e podemos imaginar que somos guiados por uma luz ou então que apenas seguimos em frente. Temos que fazer assim. Se, inclusive, alguém não se sentir capaz de fazer isso, tem que fazer um esforço para conseguir. Então fechamos os olhos e começamos de novo.

### Cresçam

Outro exercício: imagine que vocês estejam olhando para mim. Olhem para mim. Há um tipo de olhar matemático: à direita, à esquerda, acima, abaixo. Mas também existe um outro modo de olhar. Eu me concentro no centro de mim mesmo e, aos poucos, cresço. Todo o meu ser cresce como uma esfera. Para fazer isso direito, vocês têm que estar na posição correta. Percebam que esta é a posição da meditação. Eu cresço como uma esfera, abarco todo o planeta e, depois, todo o universo. Eu cresço, pleno do universo. Sinto que sou uma esfera que abarca todo o universo. Isso é ser um guru. Eu recebo vocês em minha esfera, vocês querem ser abraçados? Eu os abraço e é o universo inteiro que os abraça. Eu preenchi todo o espaço imaginável até o infinito. Eu digo que se vocês conseguirem, chegarão à maestria, mesmo que um Mestre completo seja algo maior do que isso.

Agora, o distante chega até mim, ele chega pela direita, pela esquerda, por baixo, por cima. A esfera chega até mim. Quando eu faço esse exercício, eu sou eu e cada um entre todos. Esse exercício resume todas as disciplinas orientais. Eu ocupo todo o universo e, em seguida, o universo vem a mim. Isso é tudo. Não é preciso meditar por vinte anos. Basta fazer

esse exercício e praticar para fazê-lo bem. É preciso sentar-se da maneira correta e pensar em toda a amplidão imaginada para que toda essa amplidão possa ser percorrida. Quando eu estou neste estado, sou invencível. Não posso ser derrotado. Sou um buda de pedra. Não posso ser vencido porque percorri todo o universo em mim. Eu posso ainda ir até o infinito. Vocês têm que chegar o mais longe possível e depois percorrer toda a distância. Isso vai fazer vocês serem completamente criativos.

O ser que eu percebo não é exatamente o ser que eu sou, porque tenho uma percepção de mim. Meus pais me disseram que eu era feio; portanto, eu me percebo como fui percebido. E às vezes eu me percebo conforme o olhar dos outros. Mas, na verdade, eu tenho uma sensação de mim. E a sensação de mim mesmo varia! Quando eu estou deprimido, toda a minha sensação corporal fica alterada pela minha depressão. Mas eu posso me perceber de diversas formas, não sou obrigado a me perceber sempre do mesmo jeito. Eu posso mudar a percepção que tenho de mim mesmo. É aí que reside a magia xamânica.

### Expandam-se

Agora daremos um passeio pelo xamanismo. O exercício anterior referia-se ao budismo. Cresço como todo o universo e depois me recolho em mim mesmo. Eu sou a montanha, mas qual montanha? O que eu sou?

Agora, vamos trabalhar com a sensação. Imaginem que vocês estão olhando para mim. Olhem para mim por algum tempo. Eu sou grande, sem limites, estou no espaço. Depois, todo esse espaço está inteiramente em mim. Grande compreensão, grande compaixão. Eu sou a realidade. Toda essa força — porque criar espaço é criar força — entra em vocês. Como foi dito em *Guerra nas Estrelas*: “Que a força esteja com você”. Eu crio a força e a força está comigo. E quando a força está dentro de alguém ela é como uma espada. É possível ativá-la através dos dez dedos da minha mão. Estou concentrado em mim mesmo, meus dedos projetam-se no infinito. Meus dedos têm uma potência incalculável. Eu fortaleço o meu coração. Neste corpo concentrado eu tenho um coração que cresce até o infinito. Já não preciso crescer como uma esfera. Uma parte de mim pode crescer. Eu me recolho em mim mesmo e meu coração abarca o mundo. Agora que minha base está sólida, meu coração volta para mim. E assim, minha sexualidade pode inundar o mundo, minha mente pode inundar o mundo, minha força pode inundar o mundo. Isso significa que posso fazer o que quiser com a sensação do meu corpo, entendem? O que vocês quiserem.

Isto é o que eu uso, por exemplo, na massagem iniciática. Se é possível abrir um coração, por que não fazê-lo com a mão? Então eu faço o corpo concentrar-se e logo ele começa a se abrir. As pessoas começam a chorar, porque sempre viveram num espaço limitado.

### Iluminem-se

Como vocês podem ver, a sensação pode ser modificada. A ideia de viver numa prisão pode ser superada. É por isso que eu posso pegar o que quiser em mim, posso tirar de mim tudo o que for pesado. E eu não admito nada que não for claridade. Agora, projetem uma parte de vocês. É preciso projetar apenas uma parte do corpo e arrancar de nós as pulgas depressivas. Quando sentirem que não podem mais, façam como o boxeador: “Não estou derrotado!”. Como um cão, expulso de mim as pulgas, expulso tudo o que me prende e farei o que tiver que ser feito, simplesmente. Os guardiões que nos afligem têm que ser expulsos. E prosseguimos. É preciso crescer como uma esfera, voltar ao nosso estado e, em seguida, quando vocês se sentirem sólidos — porque este estado dá uma sensação de grande solidez —, deixar sair qualquer parte do corpo. Sem limites! Seu corpo, seu coração, seus intestinos, o que quiserem. Fortaleçam o que quiserem.

Agora, imediatamente, vocês se iluminarão, vão sentir-se como se fossem um Buda, vão conhecer o que vocês são. Isso será benéfico. Não fiquem deprimidos, pensando que não vão conseguir fazer direito. Quando se começa a fazer, faz-se o que se pode. Em uma mão, eu pego a força, a energia, e começo a acumular toda a energia do universo. O universo inteiro vem a mim... A energia vai chegar e minha energia vai chegar... Ela já está aqui! Isso é a força. É deixar-se ir. Uma vez feito esse exercício, vocês podem acumular a força em suas mãos e comunicá-la a quem vocês quiserem, a suas obras, a vocês mesmos. É preciso imaginar que se a tem, imaginá-la aqui, criá-la aqui. Masculino, feminino, direita, esquerda, pai e mãe em colaboração, as duas mãos... como numa oração — Deus me ajude! Estou assim rezando e, quando estou assim, a energia cósmica realmente vem e se expande. Eu a crio. Sou o criador da minha energia. Nisso consiste a criatividade.

Às vezes existe em nós uma criança que foi castigada. Uma criança que está atormentada porque foi deixada em um canto. Ela foi afligida e agora está na defensiva. Essa criança recusa tudo. E essa criança que foi violentada, violenta a si mesmo, violenta o adulto, violenta a sua força, não permite que vocês sejam vocês mesmos. Chega disso! Deixemos de

lado os seus caprichos. Agora mesmo faremos com que ela cresça. Temos que fazer a criança vítima crescer, já chega desse tormento. Saio de mim mesmo e me encho de força. Sou capaz de me inundar de força. Toda a energia que chamamos de espaço vem a mim.

### Sejam antigravitacionais

Outro exercício: a pessoa não criativa obedece à força da gravidade. Sentimos a gravidade em nós. A Terra nos diz o tempo inteiro: “Você é a terra, você vai terminar em mim”. A todo momento, nós sentimos que vamos cair. Tudo conduz ao desvanecimento, à depressão e, aos poucos, vamos caindo. Não conseguimos imaginar que haja outra força capaz de fazer frente ao peso. E assim é. Se eu percebo o meu peso, eu sinto o meu peso. Mas, se começo a expulsar o peso de mim, se eu tiro todo o peso de mim, eu me sentirei leve. Eu sou capaz de controlar essa sensação. Sou criativo quando consigo lidar livremente com a minha criatividade. Eu posso tanto me sentir muito pesado quanto posso ser antigravitacional, da mesma maneira que meu corpo pode ser obscuro, mas, em contrapartida, posso estar repleto de luz. Isso é que é estar iluminado. Um ser iluminado sentirá que seu corpo não tem peso. Ele tem o peso justo e necessário que quiser, a luz que quiser: tudo isso pode ser controlado. Já não sou prisioneiro de qualquer coisa que seja, de nenhuma sensação. Posso ter o peso de milhões de quilos ou de nenhum. Eu controlo esta sensação de obscuridade e de luz, controlo a sensação de calor e de frio. Isto nos leva à ioga do Himalaia e não é preciso estar lá ou ser um iogue. Nós temos apenas que fazer isso. Lembremo-nos do *kung-fu* chinês, no qual os combates acontecem no ar. Nós podemos absorver isso, nos sentirmos tão leves quanto eles. Isso também tem a ver com a iluminação. O fato de estarmos iluminados, significa que a sombra se foi. E quando estamos na luz, podemos voltar à sombra. Nós não somos prisioneiros da luz. Se alcançamos a leveza, podemos recuperar o peso; não temos que ser prisioneiros nem mesmo da leveza.

Então vamos trabalhar. Uma vez adquirida essa sensação, é preciso acumular força e encher o corpo de força. Nesse momento, adquirimos o poder. É isso que os gurus fazem, através de todo tipo de prestidigitação. Simbolicamente, podemos traduzir isso da seguinte maneira: “Eu posso fornecer uma energia ilimitada”. Quando eles fazem isso, existe uma força infinita. O guru trabalhou isso tudo e, por isso, está do lado do imaginário, que é sem limites. As pessoas pensam que tudo isso é milagre, mas esse milagre pode ser feito por qualquer um de nós. Tudo consiste, simplesmente, em trabalhar com a sensação que temos de nós mesmos.

Eu posso mudar a todo momento de acordo com o que percebo de mim mesmo. Posso ser grande, posso ser pequeno. É a sensação de mim que varia, isso é tudo. Posso dar assim como também posso tomar. Colher a energia do mundo e pegá-la toda para mim. Tudo isso é o trabalho de ir de encontro ao infinito e voltar.

### O jogo do tempo e do espaço

O tempo não é um limite para nós. Os sufis dizem: "Perante Deus, temos que viver como se tivéssemos um minuto, diante dos homens, como se tivéssemos mil anos". Isso quer dizer que um segundo é eterno, que o importante é desenvolvê-lo.

Existe uma mulher na Índia que abraça a todos que procuram por ela e essas pessoas recebem uma iluminação incrível. Isto também pode ser conseguido se você sentar e se concentrar no espaço. Você cria uma força, uma força infinita. Fortaleçam os seus corações. Depois disso, deixem que o infinito e a eternidade entrem em vocês. Quem abraça sou eu, mas existem milhares e milhares de seres em meu espírito; milhares de mundos, milhares de gestos nos meus braços. E então todo o tempo futuro vem a mim: eu me coloco no infinito e me coloco na eternidade. A partir desse momento, nossa prisão explode.

Quando alguém procura um guru, está em busca do que ele mesmo poderia fazer: a pessoa quer que o outro faça o que ela mesma deveria fazer, porque pensa que não é capaz de fazer sozinho. Mas o guru não recebeu esse dom do céu, ele o fez, ele o criou. Ele trabalhou para conseguir isso, então consigam vocês também.

Nós não podemos ficar com a criancinha manhosa que diz: "Fizeram-me mal, me machucaram, me bateram, por isso eu não faço nada. Não tenho nada dentro de mim, não sou criativa". Chega disso! Façamos com que a criança dentro de nós cresça. Este ser é um ser milenar; eu sou milenar. Antes de mim, tudo isso existia, e depois de mim existirá muito mais. Aqui, todos os seres humanos estão separados, mas eu sou capaz de realizar a união. Quando eu me movo, todos os seres humanos se movem. É como uma corrente: este fio representa a sensação do espaço e do tempo. E todos os seres se movem, isso é o que importa. Em vez de pedir ao outro para me mover, eu preciso mover-me por mim mesmo. Isso sou eu, isso é o tempo, isso é o espaço. É uma corrente sagrada. Eu estou unido. Isso é o que se chama um ponto de tração. A partir desse ponto, tudo se move. Eu posso me considerar como um ponto de força. O que eu faço, todo mundo pode fazer. Quer dizer, é importante que eu faça isso

para que todo mundo também faça. Quando fazemos esse exercício, nós o fazemos dentro da eternidade, dentro do infinito, somos o ponto de tração da humanidade. Da humanidade passada e da humanidade futura. Todos os mortos nos acompanham, todos os não nascidos nos acompanham. Tudo isso pode parecer muito estranho, mas na verdade esse é o pensamento de Buda! Isso é o que Buda sentiu, simplesmente. Esta é a constituição do nosso cérebro. Quando nós abrimos naturalmente o cérebro, chegamos a isso.

Não são palavras, são exercícios de criatividade. Não temos que ser covardes e tampouco ter medo de entrar no que o ser humano verdadeiramente é. Somos seres com todas essas capacidades, porém, fomos limitados. Nesse momento, estamos aqui e agora. Eu. Mas não é assim! É o Todo que está aqui e agora. Em mim está toda a humanidade, eu arrasto comigo todos os homens que foram e os que serão. Vivo em meio a todo este espaço. É então quando podemos compreender este *mudra* em que a palma da nossa mão está voltada para frente: "Eu estou aqui, e faço o mundo parar". Um artista tem que pensar dessa maneira e construir sua obra colocando-se todas essas questões. ✧

### Abençoem o mundo

Outro exercício: eu estou na eternidade, sinto-me entre o futuro e o passado infinitos. Abro e fecho as minhas mãos. Eu abençoo. Quer dizer, estou na eternidade e abençoo o mundo. Isso é tudo. É preciso fazer isso porque um criador é absolutamente paranóico. Ele pensa que é Deus. E não é preciso ter medo de pensar que se é um deus ou uma deusa. Eu abençoo a todos: tenho muito para dar, sou forte, tenho tudo o que preciso para abençoar o mundo. Chega de complexos de inferioridade! Com tudo isso, vocês já detêm todos os meios que os fundadores de seitas costumam ter. Na sequência disso, eles lavam os seus cérebros para que vocês admitam que eles têm um poder que vocês não imaginam ter em vocês mesmos, mas que vocês também podem ter. Para isso, é preciso afastar toda a obscuridade, porque nós estamos cheios de teias de aranha. Para isso, temos que dar um empurrão na criança que temos dentro de nós, lavá-lo bem, limpá-lo, fazê-lo crescer. Isso porque nós temos um guardião, que é a mente, que nos faz reagir sempre da mesma maneira. Fazendo esse exercício, a pessoa transforma-se num criador. Ninguém lhe pode fazer nada, salvo matá-lo, e nem mesmo isso, porque existe uma vida eterna. Quer dizer, você é invencível. Tudo o que existe pode ser seu. Se existe um talento, eu posso ter talento. Olhem como minhas

mãos alcançam o infinito quando eu as elevo ao infinito, eu tomo a vida. Do mesmo modo que posso dar energia, eu posso tomá-la para mim. Eu posso ter toda a criatividade que quiser. Eu posso ter todo o dinheiro do mundo. Tudo o que o outro tiver. A beleza? Eu posso ter beleza. A energia? Eu posso ter energia. Tudo isso é para mim. Posso tomar e posso dar. É fácil de imaginar. É como um jogo.

Mas, pegar para nós também pode ser difícil, porque relutamos em receber. Quando nos dizem: “Quem é você para ter isso? Por que você?”, como meus pais me disseram quando fui embora do Chile para estudar com Marcel Marceau; e eu, reagindo, respondi: “Por que não?”. E eu fui embora bater à porta dele e trabalhei com ele. Mas eu desafiei a proibição. “Por que você?” — “Por que não?” — “Por que você vai fazer o que eu não fiz?” — “Por que eu quero e por que eu posso”. Isso é desafiar a proibição. E ponto. Se vocês se sentem bonitos, então assim será. Vocês serão! Vocês serão fascinantes! Vocês podem fascinar as pessoas! Mas, vocês não se veem como seres fascinantes. Vocês vêm aqui para aprender a serem fascinantes, porque vocês podem ser. As pessoas simplesmente veem vocês como vocês mesmos se veem. Se eu me considero inferior, os outros me verão assim e acreditarão que eu sou inferior. Mas se eu me vejo como um deus ou uma deusa, é desse jeito que os outros me verão! Não todo mundo, mas muitos, aqueles que for necessário.

Observemos, por exemplo, alguns desses músicos famosos. Todo mundo pensa que eles são geniais, porque, antes disso, eles se sentiram geniais. Com o passar do tempo, o mito se acaba porque os outros vão percebendo que não era bem assim. Pode funcionar durante um certo tempo, mas depois é preciso fazer um trabalho espiritual para sustentar este “sentir-se bonito”. Isso porque, depois de um certo tempo, se essa sensação se dissipa na pessoa, se ela não a incorporou de fato em si mesma, tudo se dissolve. Portanto, temos que continuar com paciência, constância, perseverança. Sem perseverança não existe criador. A criação é, antes de mais nada, força de vontade. Nossa ação criativa é uma acumulação de força e de paciência.

### Dissolvam o eu

Nós criamos o espaço. O espaço é aqui, o tempo é agora. No aqui e no agora está o eu. É preciso atacar esse eu. Nós vimos a prisão do tempo, a prisão do espaço, o cativeiro do eu. É aqui que está a parte mais difícil: fazer o eu escapar, isso é o mais difícil de tudo. Nós estamos tão identificados com este eu que nos defendemos e nos aferramos a ele, não queremos

mudar. Somos teimosos, recalcitrantes, impossíveis, somos uns monstros. Nós somos pura e simplesmente uns monstros e não abrimos mão disso. Dizemos: “Eu sou assim”.

Os romanos e os gregos diziam que o eu estava no ventre, que dali nasciam as ideias e que, depois, elas se refugiavam no cérebro. Outras civilizações colocaram o eu no peito e no nariz, nós não sabemos muito bem onde o colocar. Onde está o eu? Nós temos um eu e é muito difícil soltá-lo. Estamos agora em meio a um trabalho xamânico: a dissolução do eu. Atualmente, nós o podemos observar na moderna técnica digital chamada *morphing*, pela qual podemos animar e converter uma imagem em outra. Quer dizer, é preciso trabalhar para aceitar as mudanças do eu, o que é muito difícil. Os atores fazem isso quando vão interpretar um personagem, mas não chegam muito longe porque o ator é sempre o eu e o personagem que está sendo interpretado. Mas aqui a questão é ver o que podemos fazer para enriquecer o eu. E é muito fácil. Mas ninguém conta isso para você. Se eu abro totalmente a minha personalidade, tudo falará através de mim. Eu me transformo em você, me transformo no outro. Mas, como? De que maneira? Deixo você entrar em mim e expresso você. Nesse momento eu me transformo inteiramente num criador, porque tudo fala através de mim.

Vou lhe dar um exemplo. Aí está Cristóbal, meu filho, sentado numa cadeira de madeira. Eu me transformo nele: “Estou aqui sentado como um transmissor de luz, sabendo que vou brilhar infinitamente no tempo que, aos meus olhos, parece eterno, que a luz se fará, que estou conectado com o todo...”. A criatividade consiste em absorver o outro e expressá-lo em si mesmo. E não somente o outro, mas também as coisas. Eu me transformo em cadeira: “Estou contente porque gosto que haja alguém sentado em mim. Cumpro meu papel, porque me mantenho atento, não permito que ele se canse; graças a mim, ele está aqui. Além disso, minha madeira não está morta. Não existe nenhum caruncho em mim. Eu estou bem conservada e me mantenho forte, apesar de ser antiga. Vou durar muito. Talvez até dure mais do que ele. Ele desaparecerá e eu ainda estarei aqui. Não há por que ser descartada. Eu o sustento. Com minhas quatro pernas, sou a base material sobre a qual ele pode se sentar”.

Quando comecei a estudar pantomima, a primeira coisa que me ensinaram foi que, para fazer gestos, não era preciso fazer gestos. O princípio da pantomima é permanecer neutro. Depois disso, poderão ser feitos todos os gestos que forem necessários. Do mesmo modo, a base da imaginação é não ter imaginação, é conseguir romper com tudo o que é

imaginário. A partir daí, pode-se fazer tudo o que se quiser. Se não rompermos com o imaginário, ficaremos sempre na situação de um parasita. No nosso imaginário, há coisas que se movimentam sem cessar. É preciso deter o diálogo interno, a linguagem interna, e colocar uma ordem no caos emocional, na invasão dos desejos, na indisciplina do corpo. Temos que conseguir dominar tudo isso.

### \* Sejam um ponto

É possível fazer um exercício muito simples: a coisa mais simples em que se pode pensar é um ponto, não é? Vamos supor que temos um pincel ou um lápis e que vamos desenhar um ponto. Na verdade, nós temos que criar um ponto com todo o nosso espírito, com todo o emocional, como se abríssimos um ponto no espaço. Façam o ponto. Se conseguirmos criar o ponto, então será possível fazermos muitas coisas com ele. Mas é preciso colocar toda a concentração na criação desse ponto. Essa é a primeira coisa que se faz nos movimentos do caratê. Os que lutam caratê são pessoas que conseguem criar um ponto, um ponto de concentração mental e emocional. Então vamos criar um ponto com toda a intensidade, como se esse ponto contivesse toda a energia do universo. Um ponto de energia total. Tudo deve estar contido ali. É preciso muita força para criar um ponto. É preciso fazê-lo com todo o nosso ser. Toda a nossa concentração em um ponto, um ponto, um ponto... Isso é tudo! Pois bem, podemos fazer um belo ponto, um ponto perfeito, um ponto concentrado? Ótimo, esse é um belo esforço. Agora, vamos observar. Eu tenho o ponto aqui na minha frente. Toda a minha mente é um ponto. Estou concentrado apenas em um ponto. Tenho um ponto emocional, tenho o ponto aqui em meu peito, no sexo, em todas as partes. Posso mover o ponto, posso colocá-lo na minha boca, aqui, ali, nos meus olhos... Minha vontade é um ponto! Isso é tudo! Façam esse exercício. Trabalhem com o ponto. Concentrem-se na energia do ponto, introduzam o ponto no corpo de vocês. É como o exercício do espaço. Aqui, todas as direções se concentram em um ponto. Todos os pensamentos, todos os sentimentos, todos os desejos. Quando se aprende a fazer o ponto, é possível se fazer qualquer movimento que se queira. Seja qual for a disciplina que se queira praticar, dança, teatro, caratê, artes marciais, tudo está nesse lugar. Porque tudo não é mais do que isso: eu faço um gesto, e minha intenção está ali. Faça eu o que fizer. Tudo está concentrado, toda a minha atenção está ali, toda a minha concentração é clara, precisa. No fundo, caratê não é mais do que a criação de um ponto concreto de onde o golpe pode partir para quebrar

uma mesa. Mas, é preciso muitos anos de esforço para se conseguir criar um ponto.

### Belas Artes

Agora nós vamos cantar, mas de forma imaginária, sem a voz. Cantaremos a canção mais maravilhosa. Cantem a canção mais maravilhosa, sem som! Imaginem que vocês estão cantando com uma voz maravilhosa. Continuem. Isso é criatividade. Vocês têm que cantar como os pássaros. É assim que se aprende. Com concentração, com força, apenas façam, isso não é um teatro... Vocês podem se movimentar, avançar, não precisam ficar parados. Cantem, usem toda a intensidade de um grande cantor. Usem todo o talento de vocês para cantar. É bom, não é? É genial, vocês podem cantar tudo o que quiserem no mais completo silêncio, com a boca fechada.

Agora que conseguimos cantar, vamos criar. Façam o que puderem, eu não posso lhes dar o que vocês não fizerem. Se vocês estão cantando, façam isso profundamente, será um grande progresso para todos, porque, para o inconsciente, vocês estão cantando. O inconsciente os verá como cantores se vocês fizerem como se estivessem cantando. A mensagem chega, ele ficará satisfeito. Agora vocês sabem cantar, entendem? Agora, em minha imaginação, sou capaz de tocar piano. Vocês podem usar outros instrumentos, mas esses são mais difíceis. Começemos com o piano, com ele, podemos usar as mãos e, depois disso, vocês poderão passar para o instrumento que quiserem. Relaxem, toquem o piano invisível com paixão e tratem de imaginar o que vocês estão interpretando. O que quiserem, mas toquem piano. Esse exercício é maravilhoso. E quando vocês estiverem cansados do piano, passem para outro instrumento. Vocês alcançarão o melhor de vocês mesmos. Cheguem ao sublime com a música!

(Um pequeno parêntese. Até agora isso era como uma brincadeira de criança. As crianças brincam assim. Mas agora isso será a profissão de vocês. É preciso alcançar o sublime em vocês mesmos. Não como uma diversão. É preciso tocar, mas sentindo apenas o melhor de suas almas. Que o melhor de vocês mesmos toque. Façam uma música imensamente espiritual. Toquem isso. O que estou pedindo é a maior beleza espiritual, o sublime. Vocês são os mais belos, vocês podem seduzir a humanidade inteira com a música de vocês. Não se subestime, pelo contrário, valorizem-se. Só isso basta. Vocês começam e pronto. O concerto poderia durar o dia inteiro. Seria bom fazer esse exercício até dominá-lo bem. Aos

poucos, com a prática, as nossas capacidades criativas vão despertando, até alcançar o sublime.

### Tenham talento

Agora vou propor um exercício muito simples que vai estimular o talento de vocês. Vocês não têm talento? Pois agora terão. Não duvidem disso. Quando eu tenho potência, tenho talento. E eu tenho a potência quando tenho o direito de vida ou de morte sobre os outros. A partir desse momento, eu tenho a potência. Deus é todo poderoso porque pode matar quando quiser. E porque pode me criar quando ele quiser. E, se estou vivo é porque ele me perdoa. Logo, a capacidade de matar, de perdoar, criará o talento. É simples. Eu imagino que sou uma serpente, que tenho veneno e que diante de mim está um macaco. Estou diante do macaco, concentrado, completamente ensimesmado, e me movo, olho para ele, hipnotizo-o e o macaco faz o que eu quiser. Isso é uma ação de talento. Eu estou dizendo a mais pura verdade. Eu faço com que você olhe para mim. Eu faço com que você esteja aqui. Eu criei você. É preciso transformar-se numa serpente. Em vez de ser sempre a vítima, agora o ratinho está hipnotizando, nós passamos para o outro lado. Somos nós que hipnotizamos os outros, certo? Para isso é preciso estar relaxado e depois criar o ponto, fazê-lo subir, e depois balançar porque estamos prontos para saltar, mas não saltamos. Fazemos de conta que saltamos, mas não saltamos. É assim que se hipnotiza um macaco. Nós também não vamos mordê-lo. Apenas o hipnotizamos. Vocês têm que desenvolver essa capacidade do olhar hipnótico. Não é sedução, é muito diferente de seduzir. Com a minha concentração mental, eu tenho o outro. Trabalhem nisso. Isso é talento. Nós não estamos numa reunião de serpentes, e sim em uma confraria de sábios que são como serpentes, que se respeitam uns aos outros porque sabem que seu conhecimento é mortal.

Agora, abaixem a cabeça e deixem que a força se vá. Experimentem viajar dentro da cabeça de vocês: imaginem que seus olhos estão trinta centímetros acima do crânio e, sentindo que vocês são uma serpente, pensem que, a dois ou três dedos abaixo do umbigo, nós temos um ponto de concentração e que existe uma força que irradia a partir dali que pode entrar nos outros. No ventre. Essa é a carta do tarô O Imperador. Ele está sentado assim, a força está ali.

### Pintem

Agora faremos um exercício de aplicação da criatividade. Como temos todos os instrumentos mentais necessários, a concentração, a força, tudo

o que estudamos nesse curso, vamos imaginar que vocês tenham uma tela do tamanho que quiserem. Vocês têm um pincel que pode mudar de cor conforme vocês queiram. Vocês vão fazer um quadro, um quadro imaginário. Vocês podem pintar, podem fazer grandes manchas, podem usar as cores que mais lhes agradem. Depois, vocês se sentam junto com um grupo e, através de gestos, vocês descrevem o quadro que pintaram, certo? Então, vamos começar! Enquanto vocês pintam, podem imaginar que uma música conduz o que vocês estão pintando. Para quem quer ser criativo, criatividade! Se alguém tem potencial criativo, que continue, que siga até que surja alguma coisa. Saibam que, para o inconsciente, é como se o quadro tivesse sido pintado. Para o inconsciente, o que aconteceu na imaginação é como se tivesse acontecido na realidade. Quando alguma coisa é imaginada, o sistema nervoso faz com que as conexões nervosas correspondentes se tornem ativas. O que acontece é que as pessoas normais não se propõem a fazer coisas desse tipo, porque elas não acreditam nessa possibilidade. Na verdade, se queremos ser criativos, basta querer ser. Se eu pinto dez ou vinte quadros como estes no meu imaginário, poderei fazer um quadro real, depois eu estarei preparado para pintar. Entendem?

### Esculpam

E agora, para terminar com esta série de exercícios, temos que fazer uma escultura. A escultura é feita no espaço. Vocês podem usar qualquer material, mármore, ouro, bronze, o que vocês quiserem: Vocês criam um personagem e, se quiserem ir além, podem transformá-lo numa abstração. Pensem que escultura vocês querem fazer. Vocês são escultores. Nós vamos conseguir manipular esse espaço de forma criativa. Isso é importante, porque, se não for feita, uma dimensão ficará sem se desenvolver. Vocês têm que se mover em torno do objeto, a escultura nos obriga a abandonar o olhar fixo, nos permite desenvolver o nosso espírito, girando em torno do objeto criado. Uma vez terminado, nós o descreveremos, porque os comentários também são importantes. Antes de começar a esculpir, pensem bem sobre o material que querem usar, o material utilizado deve ser um do qual vocês gostem. Vocês também podem colorir essa escultura...

### Criem moda

Neste exercício, criaremos vestidos. Vocês podem fazer o traje individualmente ou em grupo. Se vocês o fizerem em grupo, cada um deve fazer três vestidos para os outros. Olhem bem para a outra pessoa e ob-

servem qual roupa poderia realçá-la. Não é uma crítica. Nós temos que nos atrever a imprimir força à maneira de vestir, como no carnaval. Criem vestidos imaginários. E vocês verão que, da mesma maneira que podem pintar, esculpir ou fazer música, vocês também podem criar moda. Basta ousar. Depois deste exercício, façam um desfile, vocês podem fazer isso! É uma questão de ver como o outro é. Podem trocar os vestidos, vocês podem fazer uma operação plástica na pessoa, podem colocar, tirar, vocês são senhores do aspecto do outro. Vocês são donos dele. Então, vamos começar.

### O arco íris

Vamos prosseguir com o nosso curso de criatividade com um exercício que é fundamental. O que vou fazer é contar de nove a zero para que vocês concentrem a atenção. É preciso prestar atenção. A melhor maneira de se concentrar, a mais simples, é imaginar as cores do arco íris: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. À medida que for contando, eu vou mergulhando no vermelho. Depois, imagino o vermelho transformando-se em laranja, que o laranja transforma-se em amarelo, que o amarelo vira um verde, que o verde transforma-se em azul, azul escuro e violeta. Isso serve apenas para concentrar a mente e não para pensar em palavras. Sintam as cores chegando. Nove... oito... cada vez mais concentrados. Sete... mais concentrados. Seis... mais profundo, mais profundo. Cinco... mais profundo, mais profundo. Quatro... mais profundo... Três... mais profundo, a escuta, a concentração, a receptividade. Dois... mais profundo... Agora vamos usar o inconsciente, um... vamos usar o inconsciente...

### Seu espaço

Dentro de vocês existe um espaço, o território amado. Existe um território que é de vocês. Ele pode estar ao pé de uma montanha, no campo, junto ao oceano, pode ser uma terra fértil, pode ter areia; o que for. Deixe que o território venha a vocês, imaginem o lugar ideal para vocês. O que vocês estão vendo?, o que existe ali?, sombras?, que perfume vocês sentem no ar?, há pequenos insetos?, outros animais? Seja como for, permita que ele venha. Nesse território, passeiem felizes, felizes: porque, afinal, o território terá a extensão que vocês quiserem. Pequeno, grande, cada um tem o seu. É fundamental que o inconsciente dê este território para vocês. A sua terra. O pedaço do planeta que pertence a vocês. Uma paisagem para viver. Não escolham a paisagem de outros. Não escolham a dos seus pais,

escolham aquela que lhes pertence. Peguem a alegria do território e observem como a casa vai aparecendo, o lar de vocês. É a casa ideal, onde vocês querem viver, se desenvolver, sozinhos ou não, durante toda a sua vida. Que casa vocês querem? De que tamanho ela é? É feita de quê? Como ela é? Pense qual é o espaço ideal para vocês. Sem limites. Quando essa casa ideal chegar, andem em volta dela, olhem bem para ela, entrem nela e criem tudo o que ela precisa ter: os banheiros, os quartos, a cozinha, os vasos, as colheres..., todos os objetos da casa ideal serão criados por vocês, todos os cômodos. Passeiem e criem a casa ideal, finalmente! Saiba o que de fato vocês desejam, sem reservas! Não existe limite de dinheiro, não existe nenhum impedimento, vocês não têm que ser pequenos, nem medíocres. Na criatividade de vocês, escolham o que vocês querem de verdade e depois realizem isso nas suas vidas reais. Usem o tempo para vocês... Descubram o que vocês querem fazer dentro dessa casa..., os materiais..., vocês são o Grande Arquiteto. Vocês são o arquiteto de vocês mesmos. Vocês são os seus próprios criadores... Usem todo o tempo que for preciso porque é essencial que vocês saibam qual é o território de vocês. A casa é o ego, é o verdadeiro eu de vocês. Imaginem como é que vocês vão estar vestidos dentro dessa casa. Que roupa corresponde a vocês? Que aspecto vocês têm? Na cozinha, pensem em tudo o que vocês gostam de comer. Qual é a alimentação ideal para vocês? Concentrem-se na companhia ideal. Com quem vocês querem estar? Se é que vocês querem estar com alguém. Pode haver uma sala de tarô, uma sala de cinema, uma de música, livros, animais, o que vocês quiserem. Sem reservas. Imaginem, nesta casa ideal, como é cama de vocês.

É fundamental, essencial, que esta parte do exercício seja feita direito. Vocês estão na cama, deitados, mas a vida de vocês terminou. Vocês estão mortos. Do cadáver sai o novo ser que renasce. Como vocês querem renascer? Vocês estão deitados, há um ser, há um corpo realizado, e vocês se levantam com um novo corpo. Como vocês são? Qual é o sexo de vocês? Quantos anos vocês têm? Como seria o eu ideal? Vocês precisam imaginar um eu ideal para vocês. Nós temos um eu ideal, mesmo que ele ainda esteja longe. Permitam-se imaginar como ele é. Todos esses exercícios servem para eliminar a falta de confiança, para que vocês sejam mais ricos. Se vocês têm um território, se vocês têm uma casa, se vocês têm o ser ideal, então vocês são ricos.

Agora, critiquem vocês mesmos como se fosse alguém da família. A mãe, o pai, o irmão. Falem em nome deles. Ponham-se no lugar de alguém que se oponha a vocês. Porque, se até agora vocês não imaginaram nada disso, é porque dentro de vocês existem forças que se opõem ao que vocês

imaginam. Que forças são essas? Encarnem essas forças. Por exemplo, falem como a mãe de vocês falaria. Ou o pai. E critiquem. Toda a nova medicina faz menção ao território, dizendo que as doenças se originam na perda de território. Dizem que o cérebro age como um animal que precisa do seu território. Mesmo que eu não acredite integralmente nisso, acredito, sim, que o território é uma parte muito importante. Portanto, quando nós sabemos qual é o território que nos corresponde, nós damos um grande passo para a criatividade. A casa é o desenvolvimento do nosso eu individual. Se invento a casa que quero para mim, eu me permito uma existência real. Independente dos pais. Por isso, discutir com os pais, ou criar um novo corpo para nós, é assumir a liberdade de realizar criativamente. A criatividade vem de uma liberdade interior, de uma valorização interior. Sei que tenho tudo isso dentro de mim, portanto, posso começar a agir. A imaginação trabalha com princípios muito simples.

### Libertem-se da linguagem

Este é um breve exercício de libertação da linguagem. Nós estamos acostumados a falar sempre como um ser normal. Temos muito medo da loucura. No entanto, os rios que descem através de um teto coberto de pombas serão sempre claros e escuros para que o canal de todas as delícias possa se abrir... Entendem isso? Não? Sim? É assim que nós deveríamos falar, vocês devem se permitir falar uma linguagem completamente disparatada quando querem expressar um sentimento. Temos que criar uma conversa, nos comunicar através de uma linguagem verbal, não conceitual. Estão preparados? Vocês não só podem ser Sansão, impedindo que Dalila corte o gancho de vocês, como também materializar três ou quatro contos deliciosamente açucarados em cima da mesa, certo? Isso é feito através de palavras que podem, inclusive, ser inventadas, *fia fa nara ké. Costrigun tost batché quelaramanda droie pretcho. Apende ketaka kiugala patchu! Erabutchi Kara mi.* Isso pode facilitar um pouco as coisas. Façam isso. Liberem a linguagem. Vocês vão gostar dos efeitos disso. No começo, vocês se sentirão constrangidos, porque a maior prisão que existe é a linguagem articulada, a linguagem lógica. É um exercício surrealista. Mas ele rompe com a linguagem normal para permitir uma liberdade criativa. Talvez saiam coisas de mau gosto, não faz mal. Coisas idiotas, coisas infantis. Mas, de repente, podem sair coisas belas. Experimentem fazer isso e depois passemos às técnicas de imaginação.

### Técnicas de imaginação

Os princípios da imaginação são muito simples. Alguns criadores os utilizaram à exaustão. Assim como a matemática, a imaginação tem por base quatro operações: subtração, adição, divisão e multiplicação. Essas são as quatro operações da imaginação. Em primeiro lugar vêm a subtração e a adição. Depois, a divisão e, na seqüência, a multiplicação. Em seguida, a mistura de todas elas. Com essas cinco coisas, vocês terão uma imaginação de loucos. É muito simples. No imaginário, com a subtração, tudo tem que ser reduzido até ficar pequeno. Por exemplo, você vê alguém passar com um pacote e neste pacote pode estar todo o seu povo, ou a cidade inteira onde você nasceu. Vocês podem ter uma imaginação imensa, porque algo foi diminuído. Vocês podem diminuir qualquer coisa. No meu bolso esquerdo eu posso carregar a minha mãe e no meu bolso direito, o meu pai. Eu faço com que eles diminuam e, em seguida, olho para eles. Isso acontece no filme *Querida, encolhi as crianças*, que brinca com esse tipo de coisa.

A pessoa diminui, diminui e tem que lutar contra as aranhas. Para mim, essas operações imaginativas são fáceis. E são muito utilizadas! Mas também temos os gigantes: esta seria a adição. Vocês podem aumentar uma cabaça. O exemplo típico seria a cabaça que cresce, cresce até ficar do tamanho do planeta, transformando-se ela mesma num planeta. Logo ela fica tão grande que preenche a galáxia. Dentro da cabaça, existe toda uma história, nasce toda uma humanidade. Isso é ampliar alguma coisa.

É simples. Você faz com que qualquer coisa cresça, você faz arte. Em arquitetura, você pega três caixas de cera de modelar, faz com que elas aumentem e constrói um edifício. Os arquitetos fazem isso. Isso é fazer crescer.

A imaginação tanto pode diminuir quanto aumentar. A imaginação japonesa criou as pequenas árvores anãs, os *bonsais*, há povos que diminuem cabeças e o cinema, por exemplo, fez um macaco crescer, como em *King Kong* ou *Godzilla*, ou a bomba atômica, que é uma bomba pequena que foi aumentada. Eu mesmo escrevi uma história em quadrinhos que se chama *Megalex*, sobre uma cidade que ocupa todo o planeta, se bem que eu não fui o primeiro a fazer isso.

Também se pode aumentar a força (*Superman*). Todos os super-heróis têm alguma coisa aumentada: por exemplo, Flash Gordon é mais rápido. Ou então aquele personagem que atravessa qualquer coisa com o olhar, ou aquele que escuta tudo. Isso está nos contos de fadas. Ou aquela pessoa que tem uma voz tão forte que faz cair os edifícios. Existe o homem que consegue possuir trezentas mulheres em uma só noite, etc.

Imaginem isso: um cavalo passa por uma rua e que há uma invasão. Pense que tudo está tomado pelos cavalos, que eles estão se multiplicando, como uma nova espécie de peste. Agora existem tantos cavalos que nós temos que fugir, pois estamos sendo invadidos. Neste ponto, nós temos que acrescentar um elemento: a mistura. Os cavalos tornam-se carnívoros e é preciso fugir porque eles estão devorando os seres humanos. Isto é imaginação. Quer dizer, a imaginação fez uso de uma mistura. (Mas nós estávamos falando da subtração e da adição.)

Uma pessoa fica tão fraca, tão fraca que é possível amarrá-la com fios, como se fosse uma marionete: um presidente que tem que fazer um discurso. Outro exemplo: uma pessoa perde o poder e seus ossos tornam-se líquidos como água. Nós podemos imaginar isso.

Existe um conto no qual uma menina tem os cabelos tão longos que seu namorado consegue subir pelas suas tranças. Isso seria um aumento dos cabelos. Aumentar, diminuir.

(Muitas obras de Ionesco são de uma simplicidade imensa. Em uma delas existe uma mulher que serve uma xícara de chá e depois outra, e outra, milhões de xícaras de chá. Em outra, há cogumelos que crescem e logo a casa fica repleta deles. Em outra, há um morto que cresce e cresce, ocupando todo o cenário. Em *As Cadeiras* há uma cadeira, outra cadeira, todo o cenário cheio de cadeiras. Isto quer dizer que o autor não tinha muita imaginação, porque só usava a técnica de fazer as coisas aumenta-

rem. Em todas as obras dele há alguma coisa que se multiplica. (Isso se torna uma regra!))

Outra operação da imaginação é a situação em que alguma coisa começa a faltar. Faltam alimentos, falta água. Cria-se toda uma obra sobre um planeta que não tem água. Um elemento foi isolado. Faz-se um mundo imaginário apenas isolando um elemento da natureza. Eu estou mostrando para vocês como a imaginação funciona. São fórmulas que logo vocês poderão usar no mundo de vocês ou como uma forma de criatividade. Aumento, diminuição. É possível ser feito.

Um telefonema, dez telefonemas, os telefones começam a tocar no planeta inteiro, os prédios caem e acontece uma hecatombe. Por multiplicação. Por aumento. Em seguida, vem a divisão: uma mão sai por aí sozinha e pula no seu colo... e estrangula você. E foge como se fosse uma aranha. Isto é uma divisão. Você sai caminhando pela rua e vê um par de pernas andando sem um corpo. No estudo de Jung sobre os contos das peles vermelhas, ele fala de um herói que quer possuir a filha do chefe. Então ele envia o seu falo pela água e o falo possui a moça que fica grávida. Assim, ele consegue se casar com ela.

Multiplicação. Alguns deuses hindus têm múltiplos braços. E em cada mão, um olho. Multiplicação de braços. Ganesha tem quatro braços. Há também um deus grego que tem três cabeças. Na *Odisséia*, o ciclope tem apenas um olho na testa. Isso é diminuição. No caso do terceiro olho, existe um olho a mais. Isso seria multiplicação.

Com essas quatro operações, em seguida, nós podemos fazer uma mistura. A Esfinge do Egito. Ela tem uma cabeça humana, um corpo de leão, asas de águia, um rabo de vaca. Pronto, um monstro foi construído. Há vários exemplos disso nos quadros de Bosch, que usava muito essa mistura de operações. Um centauro é uma mistura de homem e animal. Ele pega um elemento de um, um elemento de outro, e eles se juntam. É assim que os monstros são criados. Um anjo é uma mistura de um ser humano com as asas de um pássaro.

Durante muito tempo, eu desenvolvi misturas desse tipo. Eu imaginava, por exemplo, juntar uma cabeça de elefante em um corpo que era como uma nuvem e mais quatro escadas que eram como patas. Esse modo de misturar os elementos é uma possibilidade artística interessante da qual a imaginação lança mão. São técnicas que temos à nossa disposição. Observem que durante todo esse tempo nós estamos nos referindo às aplicações dessas técnicas, na arte, na publicidade. Se vocês dominarem esta técnica, podem trabalhar em qualquer agência de publicidade.

Há outra forma de imaginação, que é a imaginação do tempo. A viagem no tempo. Nesta viagem, eu posso ir para o passado. Mas o problema é que, se modificamos o passado, modificamos o presente que ele originou. Isso tem o nome de paradoxo temporal e foi extensamente explorado pela ficção científica. Esse é um de seus grandes temas. Se eu vou para o passado e mato a minha mãe, então eu não poderia ter nascido porque ela não teria me parido. A viagem ao passado é o tema central de muitos filmes. Filmes populares, como a série *De volta para o futuro*. Portanto, a imaginação joga com o tempo. Mas isso tem uma base edipiana muito forte, porque, se eu vou para o passado, posso seduzir a minha mãe e fazer dela a minha noiva, e, nesse caso, eu poderia gerar a mim mesmo com a minha mãe. Ou então eu posso seduzir o meu pai no passado. A viagem no tempo baseia-se nisso. Interferir no passado significa interferir com os nossos pais.

Depois vem a escatologia, que é a imaginação do fim do mundo. Como o mundo acaba? Pelo fogo, pela água, pela peste, pela passagem para outra dimensão. Uma grande parte da imaginação trata da questão do fim do mundo. Eu não recomendo, apesar de fazer isso muitas vezes: imagino diversos modos de morrer. Já me imaginei morrendo afogado, suicidando-me, jogando-me de um edifício, partido ao meio. Vi-me várias vezes atirando-me para a morte para me libertar um pouco de mim mesmo. Repito que não recomendo. Se isto angustia vocês, não façam. É muito duro. Principalmente imaginar a morte de entes queridos. É forte, porque sempre existe a ameaça de que um ente querido desapareça, e também porque temos medo de nós mesmos não existirmos mais.

Eu, para eliminar isso, imaginei muito. Fiz de mim mesmo um nada, que é o que acontece quando entramos na obscuridade. Comecei imaginando o negro, o negro profundo que dissolve o meu eu no vazio. Depois, o emergir numa existência de luz.

## Aplicações Terapêuticas

**A**gora nós vamos trabalhar com a sensação. Pensem em como vocês se sentem, que sensação vocês têm de si mesmos, pois nós vivemos de sensações que às vezes são um tanto angustiadas. Por isso, eu mostrarei a vocês como trabalhar essa sensação de angústia. Alguém tem uma sensação assim?

“Sinto como se eu tivesse um muro em meu peito.” Preste atenção, isso é imaginário. Como é esse muro: de pedra, de metal, de cimento? Concentre-se, tente me dizer como ele é. De ladrilhos vermelhos? Certo. Que tamanho ele tem, ele está em volta de você como um tubo, onde ele está? Imagine agora esses ladrilhos vermelhos. Imagine que são ladrilhos que estão ao seu alcance. Esse material é seu, você pode fazer o que quiser com esse material. Em primeiro lugar, defenda-se: um muro pode defender. Do que você se defende? Procure a sensação. Não é preciso pensar, você tem que tentar ver qual é a sensação. Este muro é totalmente útil. Agora medite sobre os ladrilhos vermelhos. Eles são bonitos. Pense que eles são bonitos. Imprima beleza nos ladrilhos. Cada vez mais beleza neste muro, certo? Ele é seu, pertence a você. Você pode fazer o que quiser com ele. Construa-o com qualquer coisa. Você constrói um espaço. Constrói um lugar. Imagine-o. Imagine como é esse lugar, como são esses ladrilhos. Veja um lugar acolhedor, você pode entrar lá dentro. Agora você cria uma porta. Eis aqui uma solução: nós não precisamos eliminar o muro, nós temos que abrir uma porta. Agora, imagine o muro em você, com uma

pequena porta pela qual você pode entrar e sair. Essa é uma parte de você que preserva a sua individualidade. Esse muro preserva a sua individualidade porque, neste momento, você ainda é fraco, certo? Agora, fortaleça a sua individualidade. Os ladrilhos vermelhos vão infundir força em você. Se você se fizer forte, todo o medo se dissipará. Ninguém poderá invadir você, entende? Nós temos que pegar o imaginário e incorporá-lo. Trabalhe essa sensação. Isso porque as sensações que se apresentam para nós são como símbolos, nós podemos trabalhar com elas de forma direta.

Uma pessoa me disse que sente que tem excrementos no coração e eu lhe respondi que o excremento é um adubo, que ela imagine uma terra na qual qualquer coisa pode crescer. Se a pessoa faz alguma coisa crescer, a sensação muda.

“Sinto alguma coisa sobre os ombros, alguma coisa que me esmaga.” Muito bem, você sente que está sendo esmagado. Deixe que venha. Não se defenda, certo? Mude a sensação. Pense que isso vem de dentro para fora. Modifique a si mesmo. Isso surge a partir do seu interior, você sabe o que é? São as suas asas que estão crescendo. Então, deixe que elas cresçam. Empurre! Empurre as asas que o levarão para onde você quiser. Crie suas asas e voe com elas. Vá para onde você gosta. Para o seu espaço, para o seu território, para você mesmo. Para a sua realização. É assim que se trabalha uma sensação.

“Sinto como uma bola de chumbo na região do plexo solar.” Maravilhoso. Imagine que seu corpo é um forno, o atamor alquímico. Imagine: em outra encarnação você era um alquimista. A bola de chumbo é a matéria prima que vai se transformar em ouro. Então, deixe que isso desça para que chegue até o fogo do ventre. O ventre é o fogo da Grande Obra. Trabalhe, deixe que a bola desça, em vez de se defender, deixe que ela se aqueça no fogo da sua sexualidade, certo? Aos poucos, você vai fazê-la subir de volta para onde estava, e, à medida que ela vai subindo, você vai mudando a cor dela até ela ficar dourada e chegar ao centro do seu peito. Depois, deixe-a brilhar e projetar seus raios para todos os lados. Faça com que ela suba. É assim que se faz ouro. O que você fará com esse ouro? — moedas, dinheiro. É a aceitação do dinheiro em seu peito. A negação do dinheiro transformou-se numa bola. Você tem problemas com dinheiro? Sim? Pois agora você vai ter que fabricar o seu dinheiro. Se, ao fazer a bola subir, esse peso, você se sente muito materialista, faça com que o dinheiro se transforme em amor. Ame a própria criatividade que esse dinheiro lhe dá. Com a criatividade, a sensação de angústia irá embora.

“Sinto pontadas na cabeça, como se fossem espinhos enfiados nela.” Não vamos nos perguntar o que são esses espinhos. Você simplesmente vai aceitar essa sensação sem se perguntar o porquê nem o que ela significa, porque os espinhos podem ser os pensamentos críticos que foram jogados em você na infância, coisas desse tipo. Você vai pensar que isso está saindo de sua cabeça, não que está entrando. Mas é preciso que você realmente trabalhe essa sensação. E o que sai da sua cabeça vai se transformar em rosas, porque as rosas têm espinhos. E quando você imaginar que são rosas que você tem na cabeça, imagine que os insetos vêm em busca do seu pólen. Com este pólen, eles vão polinizar outras plantas pelo mundo. Desta maneira, seu mal estar transforma-se em uma doação para o mundo. Depois disso, você poderá escrever poemas, poderá fazer o que quiser.

Nós todos precisamos acabar com esse jogo de “Olhe o que você me fez” ou “Você não me quer”. Isso é falta de criatividade. Nós não precisamos ficar presos à impressão de não sermos amados. Se eu tenho essa sensação, é justamente aí que eu preciso mudar para sentir-me amado. O que podemos fazer? Muito bem, para começar, parar de pedir. Se eu paro de pedir, então estou na situação de dar e poderei dizer: “Você não me quer, mas eu adoro você”. Ao invés de passar a vida se atormentando e atormentando o outro e sofrendo, eu direi — “Basta”, e acabou-se o problema. Eu amo você. Não vou viver como vítima a minha vida inteira. Não. Eu amo você e isso é o suficiente. Se você não me ama, o problema é seu, não meu. Aí é que está a cura. Quando se é criativo, não é preciso mais estar centrado na petição de alguma coisa, pelo contrário, nós mesmos suprimos o que falta. O que devemos fazer é colocar amor ali onde falta amor, e então nós o encontraremos. Isso porque, se você usa o outro como um espelho para a sua falta de capacidade para amar, então é porque você mesmo procurou alguém que não ama você, justamente porque você não é capaz de amar. Você é incapaz de amar, e você coloca o seu problema de não amar no outro, você projeta isso como um espelho. Ame. Se você ama, o outro também amará você, porque você vai projetar o seu amor.

Começamos amando as coisas: a arte, as pessoas, nossas obras, tudo. Vamos nos empenhar em criar e amar. Porque a outra atitude me conduz a não fazer nada, a ficar parado o tempo inteiro. A criatividade, pelo contrário, nos obriga a fazer o que deve ser feito. E o que você faz, você projeta. E se você projeta, você recebe. Tudo o que você dá ao mundo, o mundo dá para você. Tudo o que você não dá ao mundo, o mundo

não dá para você. Ao invés de dizermos a nós mesmos — “Eu quero ter talento”, devemos dizer — “Eu tenho talento. Por que eu deveria querer ter talento se eu o tenho? Eu quero ter êxito. Mas se eu tenho êxito! Tudo o que eu quero, eu tenho”. Então, eu paro de pedir e faço a minha obra. Isso é tudo! Se eu quero tocar música, eu toco. Se eu quero cantar, eu canto. Se eu quero escrever, eu escrevo. Se eu quero ganhar dinheiro, eu ganho. E ponto.

Isso porque a prisão que impede a nossa realização está em nós. Pai, mãe, não é mesmo? É a maldita proibição que nos diz: seja vítima, viva como uma vítima e transforme-se em vítima. Isso cansa o outro. Mas isso já seria tema para outro curso menos rápido.

## Apêndice

### A psicomagia: poesia aplicada ao tratamento da loucura

Martín Bakero, psicoterapeuta  
e doutor em psicopatologia  
da Universidade de Paris-VII

Os resultados clínicos e também os efeitos colaterais relevantes dos atuais métodos de controle da psicose têm-se mostrado radicalmente repressivos, desumanizantes e insatisfatórios, inclusive em alguns casos mais crônicos e agudos onde os laços entre o paciente e a realidade estão bloqueados e cujo tratamento costuma ser do tipo eletroquímico. Nós, os terapeutas da psicose, sempre nos colocamos a pergunta: qual o método a ser empregado em tais casos capaz de restaurar esses elos perdidos, sem perda da memória, da psicomotricidade e da imaginação. Assim como nos antigos locais de adivinhação em Delfos ou em Dandarã, semelhante ao que era praticado nos templos de Asclépio, no *sanitarium* de Georg Groddeck ou nos tratamentos de Alejandro de Tralles, a psicomagia coloca a razão a serviço da imaginação, reconhecendo no sintoma da loucura a indicação do caminho a seguir para a sua cura, principalmente quando lembramos que, em grego, “sintoma” significa coincidência (*symptôma*). Em vez de reprimir ou procurar eliminar os sintomas alucinatorios ou persecutórios, a psicomagia encontra na metáfora delirante um caminho de cura do inconsciente e, através de atos poéticos, conduz a pessoa a uma realização simbólica. Neste domínio, os sonhos são sempre muito importantes. Na Antiguidade, por exemplo, Asclépio, quando se manifestava, deixava uma carta como chave de leitura da doença, permitindo uma cura. Através de metáforas mágicas, Empédocles podia deter os ventos, provocar ou parar a chuva e também curar através de atos que hoje poderiam ser chamados de xamânicos.

Do mesmo modo que o sintoma de uma doença é um ensaio para a sua cura, na psicose, o delírio também pode ser visto como uma tentativa de restabelecer os laços com a realidade. A *psicomagia* criada por Jodorowsky extrai seus métodos de antigas e eficazes formas de cura relacionadas à magia, de inovadoras e modernas teorias psicológicas do inconsciente, usando as mais variadas técnicas da arte de vanguarda denominadas eventos, *happenings*, instalações, performances, etc., artes estas cujas origens remontam a séculos passados: Diógenes passeando nu com uma lâmpada por Atenas, Sócrates entrando de costas num banquete para que ninguém perceba que ele estava chegando atrasado, Empédocles caminhando com sandálias de ouro, os monges taoístas dormindo com a cabeça no chão para acumular esperma na mente e, assim, conseguirem voar, os sacerdotes da Babilônia aspergindo os fiéis com água de um jarro com a forma do seio da divina Isis. Todos esses métodos são desdobramentos livres da imaginação para conseguir habitar o mundo de uma forma poética, quer dizer, para reunir razão, imaginação e intuição.

Se falamos em magia é porque suas leis são idênticas às que regem o inconsciente, ou seja, a metonímia e a metáfora. A primeira lei é a da contiguidade, na qual a parte identifica-se com o todo; a segunda é a semelhança, na qual um elemento age sobre outro parecido. Ao criar um ato psicológico, estamos usando a linguagem do inconsciente — magia, psicanálise e poesia.

Antes do nome *psicomagia* ter sido criado, inúmeras tentativas no tratamento da loucura demonstram como ela já era benéfica há milhares de anos. Isto acontece porque, às vezes, a história é escrita de trás para frente. Foi assim que nós só pudemos identificar os precursores de Freud, tais como Nietzsche, Sócrates ou alguns filósofos estoicos, depois dele ter inventado a psicanálise, possibilitando uma leitura comparativa dessa técnica. Assim é que, ao inventar a *psicomagia*, Jodorowsky dá um nome e funda uma técnica que já conheceu muitas vitórias terapêuticas ao longo dos séculos, mas que, antes dele, não poderia ser reconhecida, pois não havia um fio condutor encadeando os eventos. A *psicomagia* vem para resgatar um domínio perdido: a colaboração estreita entre terapia e arte.

Os alienistas sempre estiveram em busca dos possíveis vasos comunicantes entre a arte e a terapia para estabelecer um método de tratamento. No século V os primeiros centros terapêuticos da psicose em Bagdá já associavam a cura à música e outras artes. Na Bíblia também podemos encontrar inúmeros exemplos de curas através de métodos que hoje poderiam ser chamados de atos de *psicomagia*: Davi curou Saul de um estado

delirante tocando a sua harpa, Jesus fez com que um cego recuperasse a visão untando-lhe os olhos com saliva e argila.

Melampo, terapeuta grego, curava a loucura das mulheres dionisíacas de Argos através de gritos rituais, danças catárticas e outros atos que ficaram registrados na história. Marcel Mauss também relata a cura de Ificlo por Melampo: Filaco, pai de Ificlo, deixa descuidadamente um punhal banhado em sangue junto do filho enquanto castra um carneiro. Ificlo foge assustado e fica estéril por causa disso. Melampo cura-o fazendo-o lambar durante dez dias a oxidação do punhal que Filaco tinha enterrado numa árvore quando viu o filho fugir. Aqui nós podemos ver como o sintoma foi provocado pela identificação de Ificlo com o carneiro castrado. Melampo é capaz de curá-lo fazendo-o incorporar o elemento temido e transformando-o em aliado. Placitus Sextus, médico latino do século IV, sustentava que um bom tratamento para a febre era preparar uma poção dissolvendo uma lasca da porta pela qual tivesse passado um eunuco. Marcelo Empírico tocava com três dedos da mão esquerda os abscessos do olho direito enquanto tossia repetindo três vezes: "As mulas não trazem criaturas ao mundo, nem a pedra produz lã; que tampouco esta doença progrida, porém, se assim o fizer, que murche". Outra prescrição oftalmológica típica do seu livro *De medicamentis empiricis* afirma: é preciso pintar de branco uma aranha de patas compridas e esmagá-la no azeite. Esta poção tem o poder de tirar os pontos brancos dos olhos quando usada com assiduidade, devendo se preparar uma boa quantidade com bastante azeite para que não se acabe antes da cura se completar.

Vários exemplos da Antiguidade atestam operações mágicas baseadas na identificação, na simpatia entre os objetos: uma gota de sangue sobre uma fórmula mágica fecha uma ferida; um desenho, representando um cachorro com as quatro patas amarradas no focinho, cura a raiva. Também existem operações mágicas coletivas, antecedentes do que Jodorowsky chama hoje de "*psicomagia social*". É o caso, por exemplo, dos amuletos públicos que existiam no Egito. Para ficar imune às picadas de serpentes ou escorpiões, erigia-se em local público a estátua de uma divindade coberta de inscrições mágicas, jogava-se água na cabeça dela, o líquido descia pelo corpo e era bebido quando chegava-lhe aos pés.

Existem inúmeros casos de cura de loucos através de atos realizados por Alexandre de Tralles, eminente médico bizantino. Ele uma vez curou um delirante que pensava que não tinha cabeça, fazendo-o colocar um chapéu de chumbo. Ele também curou um homem que não conseguia urinar porque pensava que poderia inundar o mundo inteiro, dizendo-

lhe que havia um grande incêndio nas terras que hoje são a Europa que só poderia ser apagado se alguém urinasse em cima dele. A uma paciente que pensava que tinha uma serpente dentro do estômago, o que a impedia de se alimentar, ele pediu que invocasse a serpente, dando-lhe um vomitório. Enquanto ela vomitava, ele rapidamente jogou uma cobra que fez com que a mulher acreditasse que o réptil tinha saído do seu ventre.

A sabedoria popular também conta com remédios para tratar certos tipos de complicações. Em muitos países ainda subsiste, por exemplo, o ato de fazer calcificar a fratura de um menino, fazendo-o passar por um vão previamente feito em uma árvore exatamente para esse fim.

A psicomagia traz uma ajuda fundamental e um método radical para a psicoterapia da psicose. Ela ajuda o sujeito voltar a se interessar pelo mundo e a acreditar numa relação essencial com o seu meio, graças a uma irrupção fulgurante da poesia, recuperando esse diálogo perdido depois da primeira crise psicótica, já que a loucura implica na ausência de criatividade. Os atos simbólicos fazem com que o sujeito desbloqueie seus mecanismos de defesa psicóticos e os coloque a serviço da beleza. Um ato psicológico, acompanhado de um quadro psicoterapêutico adequado, pode ajudar o sujeito a sair do seu bloqueio afetivo e de sua atividade psíquica auto-erótica, fazendo com que ele volte a perceber os outros. Em alguns casos de autismo, onde jamais houve comunicação com ninguém, certos atos realizados pelas famílias dos implicados podem fazer com que o sujeito doente comece a sair do seu fechamento, conquistando a linguagem que lhe estava interdita por algum segredo familiar que pode remontar a três gerações. Nos casos clínicos que selecionamos, podemos avaliar como os atos psicomágicos conseguiram canalizar as angústias mais primitivas, desbloquear as inibições mais profundas e conter os sintomas psicóticos mais agressivos e desestruturantes. Às vezes podemos dizer que a psicomagia agiu como uma força muito maior do que a de um eletro-choque ou de um choque de insulina. Esses são os primeiros casos de um instrumento terapêutico fundamental nos quais a palavra sozinha não surte efeito. O ato psicomágico prepara o caminho para a palavra, fazendo com que a poesia seja reintroduzida na existência do sujeito como um raio de imaginação, atravessando a névoa da desestruturação mental.

1. Uma pessoa se queixa de que não consegue dormir há vários meses, pois imagina que seu travesseiro está cheio de baratas que devoram seus pensamentos. Com esse medo, ela não consegue deitar a cabeça no travesseiro e conciliar o sono, desencadeando a angústia insuportável da desintegração psíquica. Nós lhe propusemos que arranjasse baratas de verdade

para colocar sobre o travesseiro durante a noite. Na noite seguinte, ela devia trocar as baratas reais por baratas de plástico. Na terceira noite, deitar a cabeça no travesseiro cuja fronha tivesse estampas com imagens de baratas. No quarto dia, ela deveria voltar a dormir no seu travesseiro como de costume... Depois de uma semana de interrogações, vencendo suas resistências, ela realizou o ato prescrito e, desde então, não tem mais medo e consegue conciliar o sono.

Neste ato, caminhando no sentido contrário do sintoma, mas em correspondência ao medo da consulente, fizemos com que os bichos temidos surgissem, tirando-os do imaginário para torná-los reais e, depois, aos poucos, fazendo-os desaparecerem, saindo do mundo real e retornando ao mundo imaginário.

2. Um adolescente de 14 anos foi hospitalizado em um instituto de psiquiatria. Foi diagnosticada uma esquizofrenia catatônica paranóica. Seu delírio consistia numa recusa ao crescimento. Ele arrancava a penugem que estava crescendo em seu rosto enquanto contorcia o corpo e fazia caretas estranhas diante do espelho. Ele arrancava os pelos do bigode, da barba, das axilas, do púbis, o que lhe provocava muitas dores e lhe abria feridas que sangravam. A equipe de profissionais decidiu começar um tratamento com neurolépticos (antipsicóticos) e, depois, tentou o eletro-choque, quando o primeiro procedimento mostrou-se inócuo. O novo tratamento só fez embrutecer o paciente e ele perdeu algumas faculdades cognitivas. O delírio dele era mais forte do que o tratamento da psiquiatria clássica. O adolescente participava de uma oficina de poesia. Ele sempre pegava livros emprestados, mas logo os perdia e não conseguia lembrar da impressão que tivera ao lê-los, em grande parte por efeito do eletro-choque que recebia duas ou três vezes por semana. Como ele era o mais novo do pavilhão todos (psiquiatras, psicólogos, enfermeiros, internos) preocupavam-se muito com o transtorno dele. Um dia nós lhe emprestamos o livro de Oscar Wilde *O retrato de Dorian Gray*, cuja trama trata de um indivíduo que não quer envelhecer. Dias depois de ter lido o livro, nós pedimos à família que lhe comprasse uma tela, tintas e todos os apetrechos necessários para que ele pintasse o seu autorretrato. Quando o quadro estivesse pronto, ele tinha que escrever ao pé da tela: "Eis o meu retrato que não envelhecerá... Agora eu posso crescer tranquilo". No mês seguinte, ele recebeu alta e, apesar de continuar sob controle hospitalar mensal, pode voltar ao colégio, que fora abandonado um ano antes de sua hospitalização. Ele continua pintando e já terminou os estudos.

Neste caso, podemos ver como o sujeito, através do ato psicológico, identifica-se com o personagem que não envelhece, conseguindo, através dessa ficção poética, voltar a habitar o mundo.

3. Quando estava próximo de completar cinquenta anos, um segurança de uma oficina de automóveis começou a sofrer de uma angústia atroz, acompanhada de um grande abatimento psíquico e físico que o anulava como pessoa, além de outros sintomas típicos de uma psicose cujo surto parecia iminente. A única atividade pela qual ele se interessava era brincar com arames, fabricando figurinhas. Falando com ele, nós descobrimos que essa brincadeira era a sua favorita desde quando ele era muito pequeno. Como todo mundo considerava absurda essa atividade para um homem já adulto e pai de família, a atividade lhe fora proibida. Nós lhe propusemos que retomasse aquilo e ignorasse as críticas dos outros, já que aquela era a única atividade que o mantinha interessado e envolvido com a vida. Certamente, sem isso, ele teria se suicidado ou teria sucumbido a uma crise psicótica. Nós lhe indicamos que fabricasse uma nova figura de arame todos os dias. Num primeiro momento, ele deveria dá-las de presente. A produção desses “pequenos brinquedos impossíveis” como ele mesmo os chamava, aumentou exponencialmente, e ele começou a distribuí-los entre as pessoas que frequentavam a oficina onde trabalhava. Depois de alguns meses, sua angústia foi diminuindo. Tendo em vista a sua evolução, lhe propusemos que, como forma de pagamento pelas pequenas figurinhas “impossíveis” — descrição que ele apresentava às pessoas como um desafio —, ele começasse a pedir o arame de que precisava para fabricá-las. Dessa maneira, ele entrou numa outra relação simbólica com o mundo, relação que, antes, ele mesmo e os outros pensavam que estivesse irremediavelmente perdida. Hoje ele é um homem alegre e muito sociável. Grande parte de sua angústia desapareceu.

O processo ativo de reação criativa no caso desse sujeito que, seguindo nossa indicação, começou a vender as figurinhas de arame, acabou fazendo com que ele se tornasse um artesão muito conceituado em seu meio. Dessa maneira, ele conseguiu superar as proibições do seu círculo familiar, realizando um desejo infantil que, para ele, funciona como uma espécie de ponte entre os outros e o seu mundo interior. Diante da angústia de perder para sempre o vínculo com o mundo, essa ponte pode ser reconstruída graças a essa atividade artesanal induzida por nossas indicações psicomágicas.

4. Uma jovem de 16 anos tinha perdido a audição e os exames médicos realizados não revelavam nenhuma lesão. Seus pais nos procuraram

desesperados sem saber o que fazer pela filha. Assombrados, ouvimos que o pai é pianista e a mãe uma cantora de ópera. Percebemos que a filha deles tinha escolhido a surdez por sentir-se à margem da música que os pais adoram. Quando se aproximava a data dela completar 17 anos, a família não sabia o que fazer para a ocasião. Diante da incerteza dos pais, nós lhes prescrevemos um ato: eles deveriam procurar um artesão que lhes ensinasse fazer brincos. Durante 16 dias, eles deveriam fazer aros em forma de clave de sol. No dia do aniversário da filha (17 dias depois de ter começado a fazer os aros, número equivalente aos 17 anos da filha) eles deveriam presentear-lá com os brincos, sendo que a mãe deveria usar um na orelha esquerda e o pai, outro, na orelha direita. Eles assim o fizeram e a filha ficou muito contente com o presente e veio nos visitar usando os aros como se fossem talismãs. Aos poucos ela foi recuperando a audição. Ela, inclusive, começou a comprar discos de música... e os ouve, às vezes, junto com os pais.

Neste caso, nós observamos como os pais impediam o acesso da filha ao mundo da música (reservado somente para os dois, como profissionais). Eles tinham privado a filha de participar da paixão deles e de se identificar com a sublimação dos pais: esta proibição genealógica fez com que o corpo dela respondesse com surdez. Quando os pais aceitaram o fato de que a filha acolheu a música em seus ouvidos, ela conseguiu recuperar a audição.

5. Uma paciente acredita que está sendo perseguida pelo espírito do seu ex-amante. Ela sofre uma crise e, em seu delírio, começa a elaborar uma espécie de pequenos livros feitos com os pelos de sua púbis, e mais outras coisas estranhas tais como fotos, unhas, sangue e outros elementos corporais. Diante desta situação bizarra, a família vê-se obrigada a chamar uma ambulância, e ela mesma depois relata este episódio com uma sensação de absoluta estranheza, qualificando aquele momento como “completamente delirante”. Ela teve que ser hospitalizada por uns dias. Como o fantasma voltasse a assediá-la, nós percebemos que poderíamos estar na iminência de uma crise e então tomamos medidas psicomágicas.

Nós lhe propusemos repetir o momento do delírio — controle do sintoma pela prescrição do mesmo antes do seu aparecimento. Ela deveria reproduzir a feitura dos livros e todos os rituais delirantes que tinha vivido uma vez ao dia, durante dez dias (o tempo que tinha durado o seu último acesso). Mas, desta vez, ela tinha que filmar tudo e enviar à pessoa pela qual ela pensava estar sendo perseguida.

Ela fez como lhe dissemos e, desde então, não teve mais esses medos paranóicos e, sempre que alguma coisa a inquietava, fazia filmes cujo contexto refletisse seus medos. Em vez de ser “vítima” dos seus medos, ela passou a representá-los como cenas, tornando-se, assim, ativa e responsável pelo que lhe acontece.

6. Outro caso no qual utilizamos o prolongamento da visão, a câmara, foi o de uma consulente que sofria de psicose histérica. Ela acreditava que mantinha contato com espíritos do passado que lhe contavam segredos da humanidade. Isso não a deixava viver em paz e ela ficava confusa com as vozes que ouvia. A sua árvore genealógica continha muitas pessoas que haviam fracassado em suas tentativas de serem cineastas. Essa pessoa trabalhava como estilista de moda, mas este era um trabalho que a aborrecia muito. Inconscientemente, o que ela queria era fazer filmes e conquistar uma situação de criadora de imagens em movimento. Pouco tempo depois, o estado dela agravou-se e ela começou a ter crises de pânico, desmaios, perdas de consciência, paralisia e outros sintomas que poderiam, inclusive, colocar a vida dela em risco. Diante da impossibilidade de continuar uma terapia com base na palavra, dissemos a ela que, se não comparecesse à próxima sessão com um filme que tivesse feito, nós a internaríamos e a faríamos tomar muitos medicamentos.

Na sessão seguinte ela compareceu com um belo filme sobre uma árvore num jardim, onde ela mostrava como as pessoas se aproximavam e entravam em contato com a árvore que poderia ser interpretada como uma metáfora do seu próprio estado psicológico. Desde esse dia, ela passou a filmar todas as mensagens que ela pensa receber do passado e, recentemente, até ganhou um prêmio num concurso de cinema experimental.

7. Há dez anos, um homem de 28 anos vivia em hospitais psiquiátricos. Seu diagnóstico era de esquizofrenia paranóica e seu principal sintoma eram as vozes que pensava ouvir. Para os médicos que tratavam dele, não interessava o conteúdo das vozes; contentavam-se em lhe administrar medicamentos para que as vozes desaparecessem, coisa que não conseguiam fazer. No entanto, a angústia de desintegração, os maneirismos esquizofrênicos e a mania de perseguição só faziam aumentar. Foi nessa ocasião que o conhecemos, quando ninguém no setor de psiquiatria sabia mais o que fazer com ele. Organizamos uma oficina de voz para ele e outros esquizofrênicos que também padeciam do mesmo mal. Nossa idéia era fazê-los passar da condição de meros sujeitos passivos, “pacientes” da

psicose, a seres ativos, atores inspirados de seus próprios medos. Esta pessoa escutava constantemente as vozes dos personagens de desenhos animados que tinha visto na infância. Nós lhe propusemos que, durante um ano, uma vez por dia, ele se vestisse com as roupas de quando era criança e imitasse as vozes dos seus personagens persecutórios num microfone.

Para ele não era uma questão de imitação, mas a própria encarnação desses personagens. Às vezes, ele se punha a repetir essas vozes que o ameaçavam e isso sempre era muito difícil e doloroso. Aos poucos, nós fomos identificando os diversos personagens que falavam dentro da cabeça dele e, à medida que fomos dando nomes a eles, a experiência tornava-se mais alegre e prazerosa. Depois de oito meses no hospital, ele teve alta, mas, a cada visita de controle, continuava recitando as vozes daqueles personagens para nós, expressando uma alegria e uma liberdade sem reservas. Até o momento ele não precisou mais ser hospitalizado, está casado e trabalha; sua principal distração é gravar as vozes que ele “escutava quando era criança” para mostrá-las aos amigos.

8. Uma mulher presente que está para morrer, pois alguém a persegue pela rua para envenená-la ou estrangulá-la. Ela conta que a irmã, que tinha o mesmo nome que ela, tinha morrido estrangulada quando ainda era bebê enquanto a mãe dava uma festa para os amigos. Percebendo que este episódio estava na origem dos seus medos, nós lhe propusemos o seguinte ato: ela deveria vestir-se como bebê e oferecer uma festa na qual seus pais deveriam comparecer, como na festa durante a qual sua irmã morreu. Quando todos os convidados estivessem presentes, ela deveria ler o seu atestado de óbito, pedir aos pais que retirassem dela o colar que estivesse usando naquela noite (ela sempre usa colares muito apertados em torno do pescoço), e jogá-lo no fogo da lareira. Depois disso, ela deveria lavar-se com água benta — a família era muito católica — e sair da festa vestida com outra roupa. Depois disso, ela teria que ler a sua certidão de nascimento na qual constaria um outro nome e dançar na festa junto com os convidados.

Ao realizar este ato, a pessoa não apenas se libertou dos seus medos, mas na mesma noite encontrou — com sua nova personalidade — aquele que agora é o seu marido.

9. Uma pessoa que não conseguia ter relações sexuais havia vários anos, pensava que “vozes estranhas como agulhas” penetravam nos poros de sua pele. Ela não conseguia andar de metrô nem nenhum outro transporte público porque tinha medo de que as “ondas cerebrais” das pessoas

entrassem nela, provocando-lhe dores agudas. Depois de um tempo de tratamento, sem que os sintomas melhorassem, seu pai morreu. Após alguns meses, ela se lembrou que, quando era pequena, a mãe — pessoa que até aquele dia exercia um poder absoluto sobre ela — tinha lhe dito que poderia deflorá-la, entrando nela “como uma agulha”. Depois desta lembrança, a paciente entrou num estado semi-letárgico. Depois que ela recuperou a consciência, nós lhe prescrevemos o seguinte ato: na lua cheia seguinte ela deveria fabricar um objeto de arte que contivesse diversos tipos de vagina, penetradas por agulhas. Depois, ela deveria dar aquilo para a mãe e nunca mais tornar a vê-la. Para nossa surpresa e seu bem estar, ela realizou o ato imediatamente, porque a lua cheia (que simboliza a mãe) aconteceu logo em seguida. Desenhou objetos que representavam várias vaginas, de meninas e mulheres adultas de diversas idades, sendo penetradas por agulhas de todos os tamanhos e formas — agulhas que também podiam ser vozes ou olhares. No dia seguinte ela deu aquilo para a mãe e nunca mais voltou a vê-la. Desde então, ela não teve mais problemas para usar o transporte público nem para ter relações sexuais, conhecendo, inclusive, o orgasmo.

10. Um jovem vem consultar-se conosco porque suas mãos transpiram demais e é muito difícil para ele cumprimentar as pessoas. Aquilo era um tormento na vida dele e quase o levou ao suicídio. Ele conta que seus pais o obrigavam a vestir luvas, inclusive no verão, como castigo por um roubo que ele tinha cometido na infância. Nós lhe dissemos que roubasse um par de luvas do pai e outro da mãe e que os usasse durante um mês no verão, cumprimentando as pessoas com as luvas. Também lhe indicamos que depois as queimasse, fizesse um creme com as cinzas e passasse nas mãos todas as manhãs durante um ano. Ele assim o fez e desde então não voltou mais a ter esse problema.

11. Uma paciente disse que estava “possuída por uma imagem negra, uma sombra” que a perseguia. Ela conta que a relação com a mãe é desastrosa, pois desde a infância ela ouviu dizer que é horrível e que está louca. Seu pai sempre esteve ausente. Na adolescência ela teve que ser hospitalizada por causa de manias persecutórias ou por crises psicóticas nas quais pensava ser a Virgem Maria ou estar possuída por espíritos. Os psicofármacos e os tratamentos psiquiátricos clássicos tinham conseguido apenas que os transtornos de personalidade desaparecessem, mas estes deram lugar a essa espécie de sombra negra que a perseguia, imagem que a mãe inculcara nela na infância.

Ela nos conta que a mãe usa sempre um abrigo preto. Para libertá-la

dessa influência, nós dissemos a ela que massageasse o corpo todo com uma foto da mãe, que depois se vestisse com as roupas dela, principalmente o abrigo preto, e passeasse pela manhã toda pelos lugares que a mãe costuma frequentar regularmente. Ao meio-dia (hora em que o sol, símbolo paterno, está no apogeu), ela deveria queimar essas roupas, fazer um embrulho com as cinzas e depois jogá-las no Sena, sem olhar para trás. Depois disso, ela deveria comer o seu pastel preferido e tirar umas fotos que poderiam comprovar que não havia mais nenhuma sombra junto com ela.

Desde esse momento, ela não precisou mais tomar medicamentos, pois a angústia que tinha desapareceu. Algumas semanas depois, ela deixou a casa da mãe para entrar num convento, de onde escreve regularmente para contar que está muito feliz. Eu tinha esquecido de dizer que o pastel que ela comeu depois de jogar fora as cinzas da imagem de sua mãe era um pastel que as pessoas chamam “religiosa”, em francês.

12. Um menino de oito anos que chega ao centro hospitalar infantil diurno com conflitos do tipo psicótico, se queixa porque sente uma angústia enorme relacionada ao seu corpo, em especial uma vontade incontrolável de arrancar os olhos ou de apunhalar-se, mas, acima de tudo, porque tem um pesadelo recorrente que não o deixa dormir, no qual aparece um monstro que quer devorá-lo. A única maneira que ele encontrou para se acalmar é dormir na cama junto com a mãe, mas isso perturba as relações familiares.

Através das entrevistas do menino e seus pais, ficamos sabendo que ele tinha sido vítima de abusos sexuais por parte de um meio irmão quando este estava na casa da mãe do menino, pois os pais estão divorciados. Ele sentiu como se a mãe não o protegesse, já que os abusos repetidos sempre aconteceram quando a mãe estava em casa, mesmo ela não tendo percebido.

Durante muito tempo, este meio irmão foi proibido de permanecer na mesma cidade em que o nosso consultante vivia. As angústias voltaram durante uma visita ilegal que ele fez à família, acobertado pelo pai. Comprendemos que o trauma vivido tinha aflorado e, acima de tudo, todo o sentimento de desamparo em relação aos pais.

Como durante o tratamento o menino em questão começou a manifestar um grande interesse pela botânica e pela germinação de plantas em geral, nós propusemos o seguinte ato aos pais e a ele: ele tinha que pedir ao pai que lhe desse de presente a semente de uma planta que produzisse frutos e que a mãe preparasse a terra a ser semeada num canteiro. O me-

nino tinha que fazer o monstro que o perseguia nos sonhos com massa de modelagem. Em seguida, a mãe tinha que ficar junto com o menino enquanto ele enterrava o monstro, xingando-o, e, depois disso, deveria colocar a planta sobre ele.

Logo depois do ato, as angústias desapareceram e o menino desenvolveu uma grande capacidade cognitiva. Sua excelência destacou-se em todas as disciplinas, especialmente nas ciências naturais. Ele recuperou a confiança e já não precisa dormir com a mãe. O uso da massa de modelagem permitiu que ele desse um corpo às imagens que o aterrorizavam e isso acalmou a sua angústia. A transmissão da capacidade de reprodução, por parte do pai, ao fazer a entrega da semente (os frutos representam os olhos), e o fato de enterrar o monstro perseguidor — uma representação do meio irmão que abusou dele —, fizeram com que a cólera reprimida se transformasse numa corrente criativa, despertando a curiosidade intelectual e a capacidade de criação em nosso consulente.

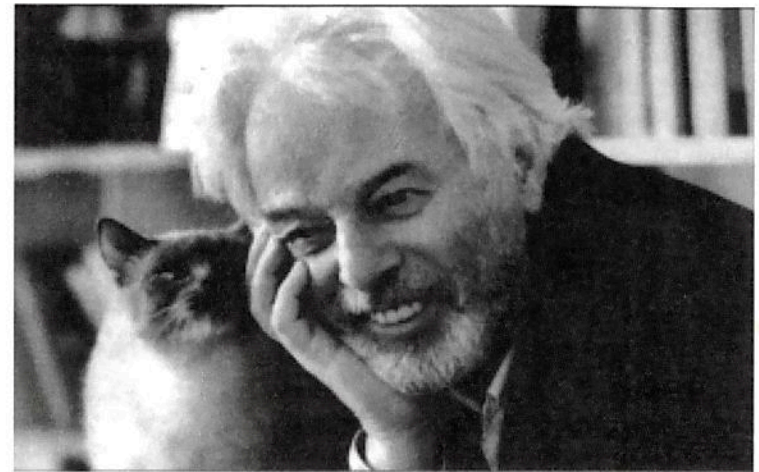
Conheci Alejandro Jodorowsky no ano de 1996, durante uma oficina sobre psicomagia e psicogenealogia que ele estava dando no Chile para psiquiatras e psicólogos. Eu o seguia e admirava fazia tempo, por causa da sua carreira fascinante como criador e artista de vanguarda. Naquela ocasião eu tinha dúvidas entre ser poeta ou terapeuta, uma vez que os dois caminhos eram igualmente importantes para mim. Eu procurava um caminho que pudesse conciliar as duas coisas. Jodorowsky tinha conseguido uma ponte entre a arte e a terapia, com toda a capacidade de invenção que isso implica. Quando chegou a minha vez na oficina, eu lhe expus o meu dilema e ele me disse: “Você já está iniciado, agora é preciso que alguém confirme isso para você”. Imediatamente ele escreveu no meu peito com o dedo o que para mim se transformou numa tatuagem indelével: “Poeta e psicoterapeuta”. Desde este momento, eu me dei conta que poderia seguir os dois caminhos sem necessidade de renunciar a nenhum dos meus desejos, como meu pai tinha feito, deixando a música para se dedicar completamente à engenharia. Se os dois caminhos eram importantes para mim, eu podia seguir os dois, que poderiam alimentar-se mutuamente.

Em seguida, ele me sugeriu: “Você já leu muitas coisas, agora tem que partir em busca de fontes vivas...”. Então eu me comprometi a trabalhar com ele. “Mas, antes, publique o seu livro de poesias”, ele me disse. Eu publiquei meu livro *Via Láctea*, que foi editado um dia antes de eu partir

para a França. Quando chegamos em Paris, eu deixei Alejandro em casa. Uns dias depois, liguei para a secretária dele e ela imediatamente me colocou em contato com ele: "Onde você está?", ele perguntou. "Aqui mesmo, na terra", eu respondi. Uns dias depois, ele leu o tarô para mim num café onde começava uma nova temporada. Tirou três cartas: O Carro, A Torre (ou *Maison Dieu*) e O Julgamento... Eu tinha nas mãos o livro *Arcano 17* de André Breton.

Desde então, aos poucos, nós fomos estabelecendo uma relação de confiança, de ensinamento, de amizade. Ele me mostrou infinitas coisas, entre as quais, o tarô e a psicomagia; eu humildemente fui somando isso tudo à minha paixão pela poesia e pela terapia da loucura. Aos poucos, eu fui aplicando as leis da psicomagia na terapia dos transtornos mentais. Um caminho que começa agora a me render seus primeiros frutos.

Martín Bakero



## SOBRE O AUTOR

Alejandro Jodorowsky nasceu no Chile no dia 7 de fevereiro de 1929. Ele viajou por todo o país com um teatro itinerante de fantoches antes de partir para a França em 1953, com 50 dólares no bolso. Em Paris, ele criou várias pantomimas para o mímico Marcel Marceau, dirigiu extravagâncias musicais e passou um tempo com os surrealistas, de quem se separou em 1962, ao fundar o movimento de contracultura Pânico com Topor e Arrabal.

Em 1965, Alejandro Jodorowsky voltou à América do Sul. No México, ele criou o movimento teatral de vanguarda desse país, e tornou-se conhecido na indústria cinematográfica. Primeiro, ele adaptou a peça do seu amigo Arrabal, *Fando & Lys*, e depois filmou *El Topo* e *A Montanha Sagrada*.

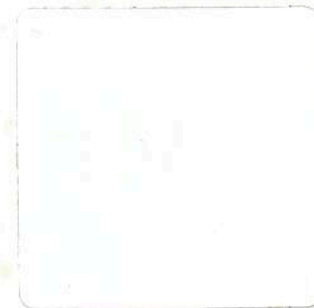
Em 1975, ele começou a trabalhar em um projeto colossal: a adaptação do romance *Duna*, de Frank Herbert, para o cinema. Ele contratou vários designers gráficos como H.R. Giger, Christopher Foss e Moebius para desenhar os *storyboards*, e ofereceu o papel de Imperador a Salvador Dali. O filme seria finalmente dirigido muito tempo depois por David Lynch.

Desse desapontamento surgiu uma nova dupla no mundo dos quadrinhos. Em 1978, Moebius e Jodorowsky concluíram seu primeiro trabalho juntos, uma fábula ilustrada: *Os Olhos do Gato*. Em 1980, os dois embarcam na posteriormente lendária série *Incal*.

par  
Un  
col  
me  
nu  
ro,  
Arc  
  
cor  
ent  
tud  
eu  
Un

Alejandro Jodorowsky se tornou um dos mais importantes autores de história em quadrinhos da Europa. Ele desfruta de um sucesso atrás do outro em colaboração com os artistas mais conhecidos da indústria. Seus romances e poemas são publicados em todo o mundo e ele também é um grande especialista em Tarô.

Jodorowsky visitou nosso país no ano passado a convite do CCBB para uma mostra de seus filmes. No ano passado foi organizada também uma mostra de suas *Fabulas Pánicas* na Estação Pinacoteca. Essas tiras foram publicadas originalmente no jornal El Heraldo de México. A temática da série já adiantava algumas características do trabalho de Jodorowsky que começamos a publicar agora, especialmente pela mistura de reflexões pessoais, psicanálise e budismo.



Psicomagia é o documento mais completo sobre a evolução da obra criativa e terapêutica de Alejandro Jodorowsky e inclui a versão completa do texto fundamental para compreender a psicomagia. O autor nos mostra o caminho que o levou a ela, desde seus primeiros atos poéticos e teatrais até seu aprendizado de como controlar o mundo onírico. Estes passos imprescindíveis, junto com o conhecimento que mestres, curandeiros e xamãs lhe transmitiram, deram origem a suas técnicas de cura conhecidas como psicomagia e psicogenealogia.

O livro inclui também uma entrevista com Jodorowsky na qual ele fala sobre a morte, o destino, as religiões, a clonagem de seres humanos, suas ideias sobre o futuro da humanidade e a necessidade de despertar nossa mente.

O volume termina com um curso com exercícios, no qual o autor nos mostra como é possível desenvolver nossa criatividade e utiliza-la para nos libertarmos de papéis e ideias pré-concebidas, e um apêndice com doze casos psiquiátricos reais cujos pacientes foram curados com atos de psicomagia.

  
DEVIR LIVRARIA

DEV333033  
ISBN: 978-85-7532-378-6



9 788575 323786